

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: TECNOLOGIA DE GESTÃO TRABALHO E
ORGANIZAÇÕES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“TEM QUE SER UM AMADOR PROFISSIONAL”. OS
SENTIDOS DO TRABALHO PARA TREINADORES DE
FUTEBOL AMADOR

DIOGO BONIN MAOSKI

CURITIBA

2018

DIOGO BONIN MAOSKI

“TEM QUE SER UM AMADOR PROFISSIONAL”. OS
SENTIDOS DO TRABALHO PARA TREINADORES DE
FUTEBOL AMADOR

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração, na linha de pesquisa Tecnologia de Gestão, Trabalho e Organizações, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti.

CURITIBA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M296e
2018
Maoski, Diogo Bonin
"Tem que ser um amador profissional" os sentidos do
trabalho para treinadores de futebol amador / Diogo
Bonin Maoski.-- 2018.
179 f.: il.; 30 cm.

Disponível também via World Wide Web.
Texto em português com resumo em inglês.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica
Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em
Administração. Área de Concentração: Organizações e
Tecnologia, Curitiba, 2018.
Bibliografia: f. 168-178.

1. Futebol - Curitiba (PR). 2. Treinadores de futebol.
3. Trabalho - Aspectos sociais. 4. Trabalho - Aspectos
psicológicos. 5. Profissionalismo nos esportes. 6.
Satisfação no trabalho. 7. Pesquisa qualitativa. 8.
Administração - Dissertações. I. Meneghetti, Francis
Kanashiro, orient. II. Universidade Tecnológica Federal
do Paraná. Programa de Pós-graduação em Administração.
III. Título.

CDD: Ed. 23 - 658

Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR
Bibliotecária: Luiza Aquemi Matsumoto CRB-9/794



TERMO DE APROVAÇÃO

“TEM QUE SER UM AMADOR PROFISSIONAL”. OS SENTIDOS DO
TRABALHO PARA TREINADORES DE FUTEBOL AMADOR.

por

Diogo Bonin Maoski

Esta dissertação foi apresentada às 10h30, dia 05 de março de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO, na Linha de Pesquisa **Tecnologia de Gestão, Trabalho e Organizações**, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

Prof. Dr. Francis Kanashiro Meneghetti
(PPGA/UTFPR)
Orientador

Prof. Dra. Andrea Poletto Oltramari
(UFRGS-RS)
Membro Externo

Prof. Dr. Renê Eugênio Seifert Jr
(PPGA/UTFPR)
Membro Interno

Prof. Dr. André Mendes Capraro
(UFPR -PR)
Membro Externo

Prof. Dr. Thiago Cavalcante Nascimento
(PPGA/UTFPR)
Coordenador do PPGA

Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA)

Avenida: Sete de Setembro, 3165
80230-901 – Curitiba – Paraná - Brasil
Fone: (41) 3310-4656
www.utfpr.edu.br

Aos meus pais, Erondi e Ruth e a minha esposa Ana Paula.

Agradecimentos

São muitos aqueles que eu gostaria de agradecer na conclusão de mais uma etapa em minha vida.

Agradeço a Deus, criador, arquiteto, divindade, universo, ou seja lá como você leitor prefere (ou não) chamá-lo. Agradeço por estar vivo e pela oportunidade de aprender.

Ao meu pai, Erondi por todo o labor e comprometimento com a nossa família.

À minha mãe, Ruth pelo amor incondicional e incentivo aos meus estudos.

À minha irmã Mayara e ao meu cunhado Gustavo, pelo carinho e preocupação com a minha felicidade.

Ao professor Francis Kanashiro Meneghetti pela paciência, orientações e “desorientações” que certamente permanecerão comigo por toda a vida.

Aos demais professores do programa de pós-graduação em Administração da UTFPR, em especial os professores Rene Eugênio Seifert Jr., Leonardo Tonon e Thiago Cavalcanti por todas as experiências, conhecimentos e bons momentos compartilhados.

À professora Andrea Poletto Oltramari e ao professor André Mendes Capraro pela disponibilidade e contribuições.

Aos amigos, em especial os de longa data, do curso de Educação Física da UFPR, do curso de Administração da PUC-PR, da primeira turma de mestrado em Administração da UTFPR e da Defensoria Pública do Estado do Paraná. E a todos aqueles e aquelas que de alguma forma torcem por mim.

Aos treinadores da Suburbana por me possibilitarem desenvolver esta pesquisa.

E por fim, um agradecimento mais que especial a minha esposa Ana Paula Bonin Maoski. A realização deste “antigo” sonho se materializou a partir do seu incentivo. Obrigado por ser a minha melhor amiga, minha companheira, confidente, professora, “coorientadora”, agente das nossas viagens, comediante... Obrigado por permanecer junto a mim mesmo em minhas maiores crises ontológicas e epistemológicas. Viver seu lado é um privilégio. Eu te amo!

"Os homens (*torcedores em geral*) sempre souberam (*ou deveriam saber*) que aquele que age (*jogador, diretor, mas, sobretudo... O treinador*) nunca sabe exatamente o que está fazendo; que sempre vem a ser "culpado" de consequências que jamais desejou ou previu; que, por mais desastrosas e imprevistas que sejam as consequências do seu ato (*Deus me livre de um rebaixamento*), jamais poderá desfazê-lo; que o processo por ele iniciado jamais termina inequivocamente num único ato ou evento (*mesmo quando acaba o campeonato*), e que seu verdadeiro significado jamais se revela ao "ator", mas somente à visão retrospectiva do historiador (*e da mídia*), que não participa da ação".
(Quando Hannah Arendt relevou a ação e eu enxerguei o treinador).

Resumo

As transformações econômicas, tecnológicas, políticas e sociais presentes no contexto contemporâneo estimulam, sob diferentes perspectivas, a análise sobre as mudanças nas formas de conceber o trabalho e o debate sobre o lugar em que este se encontra na sociedade e na vida de cada indivíduo, sobre as alterações nos sentidos atribuídos ao trabalho e a forma como ele é gerido nas organizações. Os fenômenos dos sentidos e significados do trabalho têm sido objeto de uma crescente quantidade de estudos que têm se debruçado no desenvolvimento de pesquisas que aprofundem os conhecimentos sobre as temáticas. Contudo, verifica-se uma priorização, em especial na Administração, dos estudos voltados às organizações de formato empresarial a partir de um posicionamento que atribui ao trabalho à perspectiva exclusiva de emprego. De forma semelhante, dentro do ambiente esportivo, especificamente no futebol, ainda existe predominância das pesquisas relacionadas a prática profissionalizada e espetacularizada em detrimento do futebol comunitário. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo geral identificar e analisar os sentidos atribuídos pelos treinadores a atividade realizada no campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba, popularmente conhecido como “Suburbana”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza descritivo-exploratória com a realização de observação não-participante de treinos e jogos de clubes da Suburbana nos anos de 2016 e 2017 e a realização de 12 entrevistas divididas em duas etapas, sendo a primeira de cunho exploratório onde foram entrevistados 8 treinadores e a última, inspirada no método da história oral temática, realizada com 4 treinadores que não possuíam como emprego a atividade de treinador ou qualquer outra relacionada ao ambiente do futebol. Realizamos a descrição da trajetória destes treinadores em que focamos as suas relações com o futebol amador e o ingresso na Suburbana. Em seguida, caracterizamos a atividade de treinador no contexto da competição, contemplando principalmente as condições de trabalho e a relação entre esta atividade e o emprego formal exercido pelos treinadores. Por fim, identificamos oito sentidos atribuídos a atividade de treinador de futebol amador na Suburbana: Um “lazer com responsabilidade”; a construção e manutenção de vínculos afetivos; a identificação com o “ser treinador”; a satisfação do ego e o reconhecimento social; a oportunidade criar – estímulo a “habilidade artesanal”; o devir de um sonho; capacitação e desenvolvimento; e por fim, o amor ao futebol. Tais sentidos não devem ser analisados de forma isolada, mas sim conjuntamente, haja vista que estão em menor ou maior grau interligados e que refletem os paradoxos e as contradições na realização do exercício de ser treinador de futebol amador.

Palavras-chave

Sentidos do trabalho; Futebol amador; Treinadores de futebol.

Abstract

The economic, technological, political and social transformations present in the contemporary context stimulate, from different perspectives, the analysis on the changes in the ways of conceiving the work and the debate about the place in which it is found in the society and in the life of each individual, about changes in the meanings attributed to work and how it is managed in organizations. The phenomena of the meanings of work has been the subject of a growing number of studies that several have been engaged in the development of researches that deepen the knowledge about the themes. However, there is a prioritization, especially in the Administration, of studies focused on business-format organizations from a position that assigns work to the exclusive employment perspective. Similarly, within the sporting environment, specifically in football, there is still a predominance of research related to professionalized and spectacularized practice to the detriment of community football. In this sense, the present research has as general objective to identify and analyze the meanings attributed by the coaches the activity carried out in the amateur soccer championship of the city of Curitiba, popularly known as "Suburbana". It is a qualitative research of descriptive-exploratory nature with the non-participant observation of trainings and games of the clubs of the "Suburbana" in the years 2016 and 2017 and the accomplishment of 12 interviews divided into two stages, the first being characterized as exploratory where 8 coaches were interviewed and the last, inspired by the method of thematic oral history, conducted with 4 coaches who did not have as employment the activity of coach or any other related to football. Afterwards, we describe the trajectory of these coaches in which we focus their relations with amateur football and their entrances in the "Suburbana". Next, we characterize the activity of coach in the context of the competition, contemplating mainly the conditions of work and the relation between this activity and the formal employment exercise by the coaches. Finally, we identified eight meanings attributed to amateur football coach activity in "Suburbana": A "leisure with responsibility"; the construction and maintenance of affective bonds; identification with "being a coach"; ego satisfaction and social recognition; the opportunity to create - stimulus to "craftsmanship"; the becoming of a dream; training and development; and finally, the love of football. Such meanings should not be analyzed in isolation, but rather jointly, given that they are to a lesser or greater degree interconnected and reflect the paradoxes and contradictions in performing of being the exercise of coach of amateur soccer.

Key-words

Meanings of work; Amateur soccer; soccer coach.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	PARA ALÉM DO “TRABALHO”: UMA TABELINHA ENTRE HANNAH ARENDT E ANDRÉ GORZ.....	23
2.1	HANNAH ARENDT: LABOR, TRABALHO E AÇÃO	23
2.2	ANDRÉ GORZ: CRÍTICA A SOCIEDADE DO “TRABALHO”.....	26
3	OS SENTIDOS DO TRABALHO.....	35
3.1	SENTIDOS OU SIGNIFICADOS DO TRABALHO?	35
3.2	OS ESTUDOS SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO	37
4	OS DIFERENTES TIPOS DE FUTEBOL.....	57
4.1	AS MATRIZES FUTEBOLÍSTICAS	57
4.2	FUTEBÓIS AMADORES – DA VÁRZEA AO QUASE PROFISSIONAL	63
5	O TREINADOR DE FUTEBOL.....	71
5.1	O TREINADOR ESPORTIVO	71
5.2	“SER TREINADOR” E O SUCESSO ESPORTIVO	74
5.3	RELAÇÕES DE PODER, MÍDIA E ESTRESSE NA VIDA DO TREINADOR	80
5.4	TREINADOR DE FUTEBOL – DE SELECIONADOR À CELEBRIDADE	86
6	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	91
6.1	DELIMITAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA	91
6.1.1	Etapas da Pesquisa.....	91
6.1.2	Os Sujeitos da Pesquisa	92
6.1.3	Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados	94
7	A SUBURBANA CURITIBANA.....	99
7.1	SUBURBANA: NEM PELADA, NEM VÁRZEA.....	102
7.2	DUAS SÉRIES – DIFERENTES REALIDADES	106
7.3	O SEMIPROFISSIONALISMO E A “RESERVA DE MERCADO”	108
7.4	A SUBURBANA TAMBÉM É COMUNIDADE	112
7.4.1	As Relações Afetivas Com os Clubes	115
7.4.2	As Confraternizações.....	117
8	AS TRAJETÓRIAS DO ACASO: OS TREINADORES POR OPÇÃO.....	119
8.1	ALEX	119
8.2	ÊNIO.....	121

8.3	VICTOR	122
8.4	RICARDO	123
8.5	A ATUAÇÃO DO TREINADOR NA SUBURBANA - AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E A RELAÇÃO COM O EMPREGO.....	124
9	OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA OS TREINADORES DE FUTEBOL DA SUBURBANA	131
9.1	UM “LAZER COM RESPONSABILIDADE”	131
9.2	A CONSTRUÇÃO E A MANUTENÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS.....	137
9.3	A IDENTIFICAÇÃO COM O “SER TREINADOR”	141
9.4	A SATISFAÇÃO DO EGO E O RECONHECIMENTO SOCIAL.....	145
9.5	A OPORTUNIDADE DE CRIAR – ESTÍMULO A “HABILIDADE ARTESANAL”	148
9.6	O DEVIR DE UM SONHO.....	152
9.7	CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	156
9.8	AMOR AO FUTEBOL	158
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
	REFERÊNCIAS	168
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA – 1º ETAPA.....	179

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Escalas de futebóis.....	65
Figura 2: Guia Suburbana 2016/2017 - DRAP (Do rico ao pobre).....	100
Figura 3: Álbum de figurinhas – Suburbana 2017.	100
Figura 4: Distância a ser percorrida pelo clube Urano na 1º fase da Suburbana 2014.....	112
Figura 5: Torcida no Estádio Egydio Pietrobelli – 1º jogo da final da Suburbana 2016.....	113
Figura 6: Torcida no Trieste <i>Stadium</i> - 2º jogo da final da Suburbana 2017.	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estudos dos sentidos do trabalho-emprego.	40
Quadro 2: Estudos dos sentidos para além do trabalho-emprego.....	48
Quadro 3: Estudos dos sentidos para além do trabalho-emprego e da atividade laboral.	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Publicações sobre treinadores esportivos distribuídas por tema e categoria	72
--------------------------------------------------------------------------------------------	----

ABREVIATURAS

Sigla	Significado
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
FIFA	<i>Federation Internationale de Football Association</i>
FPF	Federação Paranaense de Futebol
IB	<i>International Football Association Board</i>
LSC	Liga Suburbana de Curitiba

1 INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o contexto produtivo contemporâneo é possível observarmos que ao longo do século XX e início do século XXI intensas transformações econômicas, tecnológicas, políticas e sociais permearam o mundo do trabalho. A globalização dos mercados, a intensificação da competitividade entre países e organizações, o desenvolvimento tecnológico, sensivelmente observado nas áreas da informação, comunicação e biotecnologia, a reestruturação produtiva, a flexibilização das relações trabalhistas são alguns dos fenômenos observados a partir da década de 1970. Tais transformações têm gerado consequências importantes nas formas e contextos do trabalho, na atuação do trabalhador e nas condições de empregabilidade (ANTUNES; ALVES, 2004; ARAÚJO; SACHUK, 2007; BASTOS; PINHO; COSTA, 1995; HARVEY, 2008; TOLFO; PICCININI, 2007).

Araújo e Sachuk (2007) reforçam que o trabalho, representando um valor importante na sociedade contemporânea, se encontra no âmago das transformações geradas pela globalização da economia. Houve uma reestruturação dos setores produtivos, contribuindo para o desenvolvimento de formas mais flexibilizadas e desregulamentadas de trabalho, além da transferência em grandes escalas do trabalho manual para um trabalho mais intelectual (ANTUNES; ALVES, 2004; CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012; ROHM; LOPES, 2015).

O trabalho se constitui como categoria de análise consolidada nas Ciências Sociais, todavia, em decorrência das transformações aqui apresentadas, nas últimas décadas houve maior preocupação por parte de outras áreas do conhecimento com o tema, sendo que atualmente diversas disciplinas reivindicam a categoria como área de estudo, sendo alguns dos principais exemplos a Administração, os Estudos Organizacionais e a Psicologia Social do Trabalho (ANTUNES, 2009; ANTUNES; ALVES, 2004; KUBO; GOUVÊA, 2012). E nesse sentido, as transformações presentes no contexto contemporâneo estimulam, sob diferentes perspectivas, a análise sobre as mudanças nas formas de conceber o trabalho, sobre o lugar em que se encontra na sociedade e na vida de cada indivíduo, além da forma como ele é gerido nas organizações (ARAÚJO; SACHUK, 2007; CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012).

Kubo, Gouvêa e Mantovani (2013) demonstram ainda que no atual contexto, o trabalho traz à tona questões mais práticas que influenciam a forma como o indivíduo o percebe em sua vida, sobretudo no que tange as exigências profissionais cada vez mais intensas em relação à formação e qualificação, levando-o a buscar incessantemente os requisitos necessários para

conseguir o trabalho que deseja. Todavia, conforme apontam os autores, nem sempre há congruência entre o que o indivíduo deseja no ambiente profissional e o que de fato ele pode alcançar, gerando modificações nos sentidos atribuídos ao trabalho.

Posto isto, compreender as diferentes concepções, significados e sentidos do trabalho para os indivíduos nas organizações contemporâneas é um desafio importante, uma vez que tais construções não são obra do acaso, mas de um processo histórico relacionado a interesses econômicos, ideológicos, políticos e culturais, servindo de justificção das relações de poder, evidenciando o trabalho como categoria que assumiu formas de organização distintas no decorrer do processo civilizatório (ARAÚJO; SACHUK, 2007; DOURADO et al., 2009; SILVA et al., 2013b; SILVA; SIMÕES, 2015).

Os sentidos atribuídos ao trabalho permaneceram, ao longo da história da evolução humana, em conformidade com a época, com a cultura e com o modo de se relacionar e compreender o mundo de cada indivíduo e de que cada comunidade na qual ele estava inserido. Sendo assim, a maneira como a sociedade vê e pensa o trabalho tem se modificado ao longo do tempo, assumindo características conforme as condições vivenciadas e caracterizando os sentidos enquanto atributos históricos, concretos e singulares, constituindo-se na necessidade humana de dar significado ao seu viver e ao seu fazer (ARAÚJO; SACHUK, 2007; BORCHARDT; BIANCO, 2016; SILVA; SIMÕES, 2015).

Dessa forma, é possível observarmos que, em virtude tanto das causas quanto das consequências desta nova conjuntura contemporânea, os fenômenos dos sentidos e significados do trabalho têm sido tema de uma crescente quantidade de estudos, sobretudo nas últimas décadas. Diversas áreas do conhecimento com diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas têm se debruçado no desenvolvimento de pesquisas que aprofundem os conhecimentos acerca do assunto (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; ARAÚJO; SACHUK, 2007; BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; SILVA; SIMÕES, 2015; TOLFO; PICCININI, 2007). Entretanto, existe ainda uma priorização, em especial na Administração, dos estudos voltados às organizações de formato empresarial a partir de um posicionamento que atribui ao trabalho à perspectiva exclusiva de emprego (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; DOURADO et al., 2009).

Esta constatação vai ao encontro da crítica de André Gorz (2003) acerca da centralidade do trabalho no sentido de emprego no contexto contemporâneo. Inspirado na releitura dos gregos realizada por Hannah Arendt (2007) e em suas contribuições sobre as atividades inerentes à condição humana, André Gorz, conforme as palavras de Antunes (2005, p.23-25)

expressa “algumas das formulações mais significativas dos críticos da centralidade do trabalho”, sendo um dos autores contemporâneos que mais se envolveu na tentativa de consolidar uma proposta em defesa de um tempo “livre”.

Gorz (2003) aponta para a necessidade de diferenciarmos conceitualmente as concepções de emprego e trabalho, pois o trabalho guardaria uma riqueza que não poderia ser confundida com o emprego. Além disso, nos instiga a reivindicar a perda da centralidade do trabalho-emprego, tendo em conta que na medida em que o liberarmos, concedendo-o outro lugar em nossas vidas, abriríamos espaço para a realização de outras atividades cuja contrapartida financeira não seria condição nem necessidade (LANGER, 2004). Dessa forma, o presente estudo surge do interesse em pesquisar as possibilidades de manifestação de uma atividade que extrapole a concepção do trabalho realizado em organizações empresariais tradicionais, mediante um vínculo empregatício e com vistas a consecução de uma contrapartida financeira e material.

Nesse sentido, visualizamos no ambiente do futebol amador curitibano e na função exercida pelos treinadores um contexto propício para a exploração de tais relações, haja vista as ricas possibilidades de investigação dos sentidos atribuídos as atividades desvinculadas da concepção do emprego. Aliás, ressaltamos ainda que, embora o cenário esportivo contemporâneo possa ser analisado a partir de suas características multifacetadas e de sua ampla variedade de dimensões e significados (MARCHI JR, 2015), existe no ambiente acadêmico, assim como ocorre com os estudos do sentidos do trabalho, um monopólio exercido pelas narrativas hegemônicas e pelos modelos “oficiais”, privilegiando o futebol espetacularizado em detrimento das práticas cotidianas (DAMO, 2003; MYSKIW; STIGGER, 2014).

Dessa forma, o futebol amador¹ enquanto prática comunitária, se distancia dos padrões “mediatizados”, configurando-se, ainda assim, enquanto uma categoria heterogênea que contempla inúmeras conotações que vão desde a “pelada” e a “várzea” até a proximidade com o próprio futebol profissionalizado. Dentro desse contexto, o campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba, popularmente conhecido como “Suburbana”², se constitui enquanto uma

¹ Conforme veremos no decorrer da pesquisa, a denominação “futebol amador” diverge de “amadorismo”, sendo este último considerado um “*ethos futebolístico*” enquanto o primeiro é caracterizado por uma multiplicidade de sentidos que englobam desde o esporte de rendimento não profissional até as práticas não formais (CAMPOS, 2009).

² Campeonato de futebol amador da Capital, conforme denominação do regulamento da competição emitido pela Federação Paranaense de Futebol (FPF). Entretanto, apesar de ser denominada como uma prática amadora, verificaremos que esse termo precisa ser tensionado, uma vez que o campeonato também possui características semiprofissionais. Todavia, corroboramos com Oliveira (2013, p. 126) quando este aponta que “o caráter amador do futebol praticado na Suburbana não reside na ausência de relações monetárias entre

competição de grande tradição e destaque no cotidiano curitibano, sendo inclusive um dos grandes representantes da prática futebolística amadora brasileira (OLIVEIRA, 2013).

Dentre as inúmeras personagens integrantes da Suburbana curitibana, destacam-se os treinadores, figuras de grande importância para a construção e manutenção da competição. São indivíduos que, em sua maioria, não possuem qualquer vínculo trabalhista com os clubes e que assim como ocorre no futebol profissional, embora sem a mesma contrapartida financeira, estão sujeitos as responsabilidades consequentes de atribuições que em muito extrapolam as questões técnicas e táticas na condução das equipes e que, a despeito de atuarem em um ambiente coletivo, personalizam em si quase que exclusivamente toda sorte do resultado esportivo (COSTA et al., 2012; MARTURELLI JR.; OLIVEIRA, 2005).

Além disso, de acordo com Potrac, Jones e Armour (2002), as pesquisas sobre a atuação dos treinadores esportivos ainda são predominantemente influenciadas por uma visão que trata a atividade como uma simples sequência cognitiva de transferência de conhecimentos, em que os treinadores são instrumentalizados, desconsiderando que este processo está ligado a uma ampla gama de sentidos que envolvem os contextos sociais e culturais específicos para além do tratamento com os atletas. Do mesmo modo, os estudos sobre o treinamento esportivo ainda tendem a ser largamente desprovidos da concepção de emotividade, apresentando os treinadores e atletas como indivíduos racionais, desapaixonados e calculistas (NELSON et al., 2013; POTRAC; JONES, 2009).

Dessa forma, em decorrência de todo o exposto, mas considerando principalmente as transformações pelas quais a categoria trabalho vem sofrendo no contexto contemporâneo (ARAÚJO; SACHUK, 2007; ROHM; LOPES, 2015), as diferentes possibilidades de estudos sobre os sentidos do trabalho (BISPO; DOURADO; AMORIM, 2013; BORCHARDT; BIANCO, 2016; DOURADO et al., 2009), a inspiração na visão questionadora da centralidade do trabalho e da perspectiva de uma sociedade multiatividades (ARENDDT, 2007; GORZ, 2003), além da necessidade de pesquisas que fujam do monopólio do esporte espetacularizado (DAMO, 2003; MYSKIW; STIGGER, 2014) e que analisem o treinador e processo de treinamento esportivo para além da racionalidade técnica (NELSON et al., 2013; POTRAC; JONES; ARMOUR, 2002; POTRAC; JONES, 2009), o presente estudo possui como questão de

clubes e jogadores”, haja vista que tais relações existem “desde sempre”, ou seja, desde 1941, quando o campeonato começou a ser disputado.

pesquisa: **quais os sentidos atribuídos a atividade do treinador no campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana)?**

Dessa forma, no intuito de respondermos à pergunta problema, temos como objetivo geral: **identificar e analisar os sentidos atribuídos pelos treinadores a atividade realizada no campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana)**. Por conseguinte, para alcançarmos o objetivo geral proposto, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever o campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana) em relação as diferentes manifestações futebolísticas.
- b) Caracterizar a atividade de treinador no contexto do campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana).
- c) Investigar na trajetória de vida dos participantes as relações com o campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana) e as concepções acerca da atividade de treinador.

Considerando o futebol enquanto local de intensa disputa entre diferentes grupos (FARIA; MENEGHETTI, 2006; MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016) e que assim como os demais ambientes esportivos “traz a tendência acentuada de situações estressantes geradas no embate entre equipe técnica, atletas, administração e equipe gerencial” (MATTAR; MATTAR, 2013, p.214) o presente estudo se **justifica** a partir das possibilidades de compreensão da função de treinador de futebol amador enquanto atividade que não encontra no retorno financeiro o seu principal objetivo e que representa uma das possibilidades de manifestação do trabalho para além da perspectiva de emprego.

Especificamente em relação aos estudos sobre os sentidos do trabalho, apontamos também como contribuições a possibilidade de aprofundamento da categoria trabalho sob um viés das organizações esportivas, trazendo à baila um formato de pesquisa ainda pouco explorado. Também consideramos como justificativa teórica o foco do estudo, haja vista a escassez de pesquisas que se concentrem no contexto esportivo amador enquanto possibilidade de manifestação do trabalho. Além disso, a pesquisa poderá contribuir com o conhecimento sobre as práticas de gestão dos clubes de futebol amadores, sobre o trabalho dos treinadores de futebol, bem como na aproximação dos estudos organizacionais com a administração esportiva e com a sociologia do esporte.

No que diz respeito as contribuições práticas, sem objetivar prescrevê-las como únicas possibilidades de apropriação, observamos que esta pesquisa pode se constituir como fonte de informação para pesquisadores dos sentidos do trabalho e das organizações esportivas, assim como para treinadores de futebol, gestores esportivos, torcedores, dentre outros. É importante salientarmos que do ponto de vista prático cabe também ao presente estudo contribuir para a desmistificação do trabalho do treinador de futebol amador, haja vista ser ordinariamente negligenciado não apenas pela mídia, mas também pela academia. Além disso, se coloca como possibilidade de reflexão e questionamentos acerca das nossas atividades laborativas, do valor que damos ao emprego e das possibilidades de atuação para além das atividades consolidadas a partir de uma lógica economicamente racional e voltadas especificamente ao acúmulo de bens e ao consumo.

Já no que tange a contextualização da experiência vivida pelo pesquisador acerca do fenômeno que se deseja estudar, conforme proposto por Richardson (2012), salientamos que assim como diversas crianças brasileiras, o autor deste estudo teve no futebol uma de suas principais atividades de lazer e socialização, participando sempre que possível de equipes formadas na escola e em projetos sociais. Ao passo que se graduou em Administração e Educação Física de forma praticamente concomitante, aproximações entre as duas áreas tem-lhe despertado curiosidade e interesse.

Por fim, cabe salientarmos que além desta introdução, a presente pesquisa se estrutura a partir dos seguintes conteúdos: primeiramente buscaremos destacar as condições essenciais da existência humana (labor, trabalho e ação) de Hannah Arendt, a julgar pela sua influência na teoria de André Gorz, de quem evidenciaremos as contribuições acerca da visão questionadora da centralidade do trabalho no sentido de emprego e das possibilidades de atuação para além das atividades mercantis. Por conseguinte, no intuito de darmos suporte as análises dos sentidos atribuídos a atividade dos treinadores, apresentaremos as principais concepções e achados dos estudos nacionais sobre os sentidos do trabalho, inclusive sugerindo uma forma de classificação. No quarto capítulo abordaremos a necessidade de adotar diferentes perspectivas no tratamento do futebol, explorando ainda estudos relacionados à prática amadora em diferentes regiões brasileiras. Em seguida, a despeito da escassez de material sobre o treinador de futebol amador, apresentamos questões gerais que possam contribuir para a caracterização da atividade de treinador de futebol. Por conseguinte, apresentamos os caminhos metodológicos utilizados na realização do estudo. No capítulo sete, de posse dos dados obtidos no campo, a Suburbana será caracterizada, retratando logo em seguida as trajetórias dos protagonistas do estudo e a

contextualização da atividade de treinador em relação aos clubes e a competição. Ato contínuo, serão apresentados os sentidos atribuídos a atividade de treinador de futebol amador, encerrando por fim com as reflexões acerca desta atividade, expondo as conclusões, limitações e considerações finais da pesquisa.

2 PARA ALÉM DO “TRABALHO”: UMA TABELINHA ENTRE HANNAH ARENDT E ANDRÉ GORZ

O presente capítulo tem por objetivo apresentar o referencial teórico que inspirou a delimitação da presente pesquisa e que será utilizado para analisar os sentidos atribuídos pelos treinadores a atividade realizada no contexto do campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana). Nossa abordagem privilegiará as principais contribuições de Hannah Arendt sobre as condições essenciais da existência humana (labor, trabalho e ação) e, sobretudo, a visão questionadora de André Gorz acerca da centralidade do trabalho no sentido de emprego no contexto contemporâneo, assim como suas reflexões a respeito de uma sociedade que possibilite a dedicação em atividades que estejam desvinculadas da lógica racional econômica.

2.1 HANNAH ARENDT: LABOR, TRABALHO E AÇÃO

Hannah Arendt (2007) em sua obra “A Condição Humana” descreve as características essenciais da existência do homem na Terra, colocando-o como um ser condicionado na medida em que tudo aquilo com o que ele entra em contato passa a ser, imediatamente, uma condição de sua existência. Por meio da expressão *vita activa* a autora procura designar as três atividades humanas essenciais denominando-as de labor, trabalho e ação³. Arendt (2007) aponta que tais atividades são essenciais em virtude de corresponderem às condições básicas por meio das quais a vida foi dada ao homem na Terra.

O labor remete-se a luta pela sobrevivência física do corpo, sendo realizado visando à manutenção da vida e da sobrevivência da espécie humana. Ele está relacionado ao processo biológico do ciclo vital sendo intimamente vinculado à produção e ao consumo, haja vista que tudo o que é produzido pelo labor é destinado ao consumo imediato, razão pela qual não deixa nada para trás (ARENDDT, 2007). A condição humana do labor se materializa na atuação do *animal laborans*, que é guiado por uma necessidade biofisiológica, cíclica e infundável, de forma semelhante aos ciclos biológicos dos seres vivos que só terminam no momento da morte (NETO; SACHUK, 2011). Em relação ao contexto grego, Arendt (2007) salienta que o labor era o responsável por permitir a manifestação política, uma vez que a vida pública só era

³ Cabe salientar que alguns autores, como por exemplo, Silva (1999), questionam a tradução brasileira do livro de Hannah Arendt, sendo que para ele “labor” deveria ser traduzido por trabalho e “work” por obra. Todavia, utilizaremos para a presente pesquisa as definições apresentadas na 10ª edição da Editora Forense Universitária do ano de 2007.

possível depois de atendidas às necessidades mais urgentes da existência humana. Posto isto, o labor se apresenta com as seguintes características: é menosprezado e não glorificado, pertence ao reino das necessidades, é realizado na esfera doméstica ou privada, diferenciando-se pela sua transitoriedade e ocupando o lugar mais baixo da hierarquia de valores do ideal grego (LANGER, 2004).

O trabalho, por sua vez, é a atividade condizente ao artificialismo da existência humana que produz um mundo artificial de coisas, claramente de forma distinta de qualquer ambiente natural (ARENDDT, 2007). O trabalho, diferentemente do labor, não está contido no processo vital, sendo por meio dele que, neste caso o *homo faber*, cria coisas a partir do que extrai da natureza, modificando o ambiente natural e garantindo a durabilidade do mundo, transformando-o em um local de objetos compartilhados entre os seus semelhantes (MOISES, 2015).

Dessa forma, o homem passa da condição de *animal laborans* para *homo faber*, isto é, aquele que, a partir do trabalho, em que o resultado é objetivo e pode ser mensurado no produto, coloca-se um passo adiante do *animal laborans*. Como ser criativo e fabricante de artefatos que passam a ter valor de uso ou de troca, o *homo faber* credencia-se a permanecer no mundo não apenas como servo da natureza, mas como senhor soberano da terra (NETO; SACHUK, 2011).

Nesse sentido, um limite é ultrapassado, haja vista que o *homo faber*, interferindo e atuando sobre a natureza na fabricação de objetos, adquire a prerrogativa de criá-los, assim como destruí-los, com a segurança de que nenhuma dessas coisas são tão essenciais para a sua sobrevivência que não possa, a seu bel-prazer, mantê-las ou dispensá-las (NETO; SACHUK, 2011). “O *homo faber* é realmente amo e senhor, não apenas porque é o senhor ou se arrogou o papel de senhor de toda a natureza, mas porque é senhor de si mesmo e de seus atos”, e assim “a sós, com a sua imagem do futuro produto, o *homo faber* pode produzir livremente; e também a sós, contemplando o trabalho de suas mãos, pode destruí-lo livremente” (ARENDDT, 2007. p. 157).

Desse modo, se por um lado o labor combina necessidade e futilidade, por outro o trabalho combina permanência e liberdade. O trabalho não presta mais serviços às necessidades e aos constrangimentos materiais da subsistência e por essa razão, ele pode abster-se do nível mais rudimentar e tornar-se criação, inovação, expressão, realização de si (LANGER, 2004). Todavia, é mister ressaltar que, sobretudo a partir da revolução industrial, as coisas do mundo moderno se tornaram produtos do labor, cujo destino natural é o consumo, em detrimento dos produtos do trabalho, que se destinam ao uso (ARENDDT, 2007). Nesse sentido, em nosso

mundo, a suposta supressão do labor, enquanto esforço doloroso, na verdade se coloca como uma substituição do trabalho pelo labor, pois os produtos passaram a ser consumidos e não utilizados.

Por fim, a ação, terceira atividade da *vita activa*, é a única que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação de coisas ou da matéria, sendo a própria condição humana da pluralidade, em razão de que embora sejamos os mesmos, isto é, seres humanos, ninguém é exatamente igual a qualquer outra pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir (ARENDRT, 2007). A ação ainda possui como característica a intransferibilidade, a julgar que nenhum ser humano pode abdicar-se do discurso, e se materializa nas reflexões, ensinamentos e relações que representam atividades exercidas de forma exclusiva pelo homem (NETO; SACHUK, 2011).

Para Lafer (2007, p.345) a ação é uma das categorias fundamentais da obra de Hannah Arendt e, embora todos os demais aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, é partir dela que o homem rege o seu próprio destino manifestando a expressão da sua singularidade individual. A partir das reflexões de Bikhu Parekh, o autor⁴ aponta que no labor o homem revela suas necessidades corporais, no trabalho a sua capacidade e criatividade e na ação, ele mesmo. A ação é origem do significado da vida humana, é a “capacidade de começar algo novo que permite ao indivíduo revelar a sua identidade”.

Assim, diferentemente do que ocorre no labor, que é imposto pela necessidade, e no trabalho que é regido pela utilidade, na ação os homens mostram quem são e relevam suas identidades pessoais e singulares. A qualidade relevadora da ação se manifesta quando as pessoas estão umas com as outras e desse modo, pode ser estimulada pela presença de outros em cuja companhia almejamos estar (COSTA, 2010).

Arendt (2007) aponta que as três atividades contempladas na *vita activa* possuem íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e mortalidade. O labor garante a sobrevivência do indivíduo e da espécie; o trabalho, a partir de seus produtos, cedem permanência e conservação à futilidade da vida e ao caráter momentâneo do tempo humano; e a ação, cria a condição para a lembrança, isto é, para a história.

⁴ Celso Lafer, jurista brasileiro, escreveu o posfácio da edição da obra “A Condição Humana” utilizada no presente estudo.

2.2 ANDRÉ GORZ: CRÍTICA A SOCIEDADE DO “TRABALHO”

Para André Gorz (2003, p.22) aquilo que chamamos atualmente de “trabalho”, na realidade é uma invenção da modernidade. “A forma sob a qual o conhecemos e praticamos, aquilo que é o cerne de nossa existência, individual e social, foi uma invenção, mais tarde generalizada, do industrialismo”. Conforme aponta, o entendimento que fazemos e o lugar que lhe damos são novos, pois ele ocuparia outro lugar nas sociedades anteriores. Para construção de sua argumentação, o autor recorre as noções de trabalho nos gregos, sobretudo a partir da leitura realizada por Hannah Arendt.

De acordo com o que analisamos em Arendt (2007), os gregos estabeleceram uma hierarquia das atividades que contemplam a *vita activa* e dentro dessa hierarquia, a ação ocupava o lugar mais elevado, na medida em que o labor ocupava o lugar mais baixo. Para Gorz (2003) destacar esse aspecto é importante para compreender de forma mais clara a mutação de valores que a sociedade industrial introduziu no que diz respeito às atividades humanas (LANGER, 2004).

O labor não usufruía de nenhuma estima, pelo contrário, era visto como um castigo, degradante para a imagem de ser humano e cidadão. Nesse sentido, não podia ser fundamento do laço social, visto que as ligações sociais estavam primeiramente estruturadas em outros lugares diferentes da economia. Por outro lado, as leis, a religião, a magia e os costumes eram bases indispensáveis para a integração social, sendo constituintes de um todo no qual a organização econômica representava apenas uma parte (POLANYI, 2000 citado por LANGER, 2004).

De tal forma, ao reler os gregos, especialmente no que diz respeito as atividades humanas, Gorz (2003) afirma que aquilo que nós chamamos de “trabalho”, não é propriamente nem labor e nem trabalho. O conceito moderno de trabalho, seria resultado de uma simbiose dessas duas atividades, não se confundindo com nenhuma delas (SILVA, 1999), e contemplando como principais características a realização na esfera pública, a remuneração e a exclusão social (LANGER, 2004; SILVA, 1999).

O trabalho moderno é realizado na esfera pública: uma “diferença fundamental entre o trabalho na sociedade capitalista e o trabalho no mundo antigo: o primeiro realiza-se na esfera pública, enquanto o segundo permanece confinado à esfera privada” (GORZ, 2003, p.21). O trabalho abandona o esconderijo da esfera privada a qual era submetido no mundo antigo e passa a ser realizado no espaço público, uma vez que precisa ser demandando e reconhecido

como útil pelos outros (LANGER, 2004). Ele é uma atividade remunerada: é a característica mais importante desse novo tipo de trabalho. “É pelo trabalho remunerado (mais particularmente, pelo trabalho assalariado) que pertencemos à esfera pública, adquirimos uma existência e uma identidade sociais (isto é, uma profissão)” (GORZ, 2003, p.21).

Por fim, ele é fator de exclusão social: é voltando ao trabalho na Grécia que Gorz (2003, p.22) alerta para o fato de que o trabalho pelo qual se cria a unidade e a cidadania sociais não é redutível ao “trabalho” enquanto categoria antropológica, como necessidade da produção de subsistência mediante o “suor do rosto”. Tal trabalho, relacionado à sobrevivência, jamais foi fator de integração social, sendo antes um princípio de exclusão, haja vista que em todas as sociedades pré-modernas, aqueles e aquelas que o realizavam eram julgados como subalternos, pertencendo mais ao reino natural do que ao reino humano.

Sendo assim, a simbiose entre labor e trabalho (no sentido grego) resulta em uma atividade exercida na esfera pública, em que é definida e reconhecida pelos demais como uma atividade útil, merecendo assim um pagamento na forma de salário. Portanto, o trabalho no sentido moderno se torna o trabalho remunerado, assalariado (SILVA, 1999).

Com o advento do capitalismo industrial, o trabalho remunerado/assalariado se tornou um meio pelo qual os indivíduos adquirem existência e identidade social por consequência de uma profissão. A transformação do trabalho assalariado no mais significativo fator de integração social proporcionou a distinção da sociedade industrial de todas as suas precedentes, podendo inclusive se auto definir como uma “sociedade de trabalhadores” (GORZ, 2003, p. 21). Desse modo, conforme aponta o autor, a concepção moderna de trabalho é contemporânea ao capitalismo industrial, pois considerando que a indústria, como forma de produção, ganha destaque apenas a partir do século XVIII, torna-se possível afirmar que a produção até esse momento não estava regida, em sua totalidade, pela racionalidade econômica.

Entretanto, Langer (2004) apoiado nas ideias de Dominique Méda (1995) apresenta três mudanças de paradigma relacionadas à economia, mais especificamente ao trabalho, que se tornaram fatores decisivos na submissão de ambos à lógica da racionalidade econômica: o trabalho como medida, o trabalho como riqueza e o trabalho como mercadoria.

O trabalho como medida: após a reforma protestante e publicações como a “Riqueza das Nações” de Adam Smith, o enriquecimento deixa de ser uma forte condenação e o trabalho passa a ser visto como um importante meio para a geração de riqueza. Nesse momento, o trabalho passa a ser descrito como uma substância homogênea, idêntica e que poderia ser

infinitamente divisível, ou seja, o tempo passa a ser utilizado como medida para comparar quantidades diferentes de trabalho (LANGER, 2004).

O trabalho como riqueza: o trabalho, que passa a ser medido, progressivamente vai sendo considerado um fator de criação de riquezas. Dessa forma, o trabalho passa a ser considerado toda atividade que acrescenta valor visível e mensurável a um objeto material (LANGER, 2004). E por fim, o trabalho como mercadoria: O trabalho passa a ser objeto de troca, podendo ser comprado e vendido como uma mercadoria qualquer, gerando a possibilidade de os indivíduos negociarem seus talentos e viverem com a sua força produtiva. Nesse momento, o trabalho passa a ser considerado um esforço que pode ser mensurado, que modifica um objeto material no intuito de aumentar seu valor, e que pode ser comprado ou vendido (LANGER, 2004).

Desse modo, no mundo moderno, capitalista, as atividades econômicas passaram a ser executadas de forma pública e mediadas pelo mercado, consequência de uma racionalidade econômica do trabalho que o transformou em mercadoria, mesmo que fictícia (SILVA, 1999). É somente a partir de então que, especialmente com o advento do capitalismo manufatureiro, Gorz (2003) fala em trabalho no sentido moderno.

A racionalização econômica do trabalho não consistiu em uma simples adaptação das atividades produtivas, haja vista que foi uma revolução, uma subversão do modo de vida, dos valores, das relações sociais e com a natureza, uma “invenção” no sentido pleno. De tal forma, este tipo de atividade, algo que jamais existira antes, desfaz-se de seu sentido original, tornando-se um simples meio para “ganhar a vida”. O tempo de trabalho e o tempo de viver se desconectam e o trabalho e suas ferramentas, seus produtos, adquirem uma realidade separada do trabalhador e correspondem a decisões alheias a sua vontade (GORZ, 2003, p.30).

Dessa forma, o “operário-produtor” é substituído pelo “trabalhador-consumidor”, ou seja, aquele indivíduo que vê no consumo a principal finalidade do trabalho, pois “a satisfação em “fazer uma obra” comum e o prazer de “fazer” foram suprimidos em nome das satisfações que só o dinheiro podia comprar” (GORZ, 2003, p.30). Foi essa revolução também de costumes, consequência da racionalização econômica do trabalho, que originou para o autor o aparecimento do indivíduo alienado, primeiro do trabalho, depois do consumo e por fim das necessidades (SILVA, 1999).

Todavia, cabe salientarmos que o desenvolvimento da racionalidade econômica não ocorreu sem resistências, dado que a natureza das necessidades humanas são historicamente obstáculos a esse processo e que em situações nas quais as pessoas podiam refletir livremente

sobre a relação entre necessidades e esforços, acabavam tendendo a limitá-los espontaneamente, conforme o nível de satisfação que julgavam suficiente. Na sociedade tradicional a categoria do suficiente era central e dizer que o que bastava era quanto bastava, implicava em “dizer que nada serviria ter mais, que esse mais não seria melhor” (GORZ, 2003, p.112)⁵.

Contudo, conforme já analisado, após as transformações que levaram o trabalho a ser considerado como medida, riqueza e mercadoria, sobretudo por consequência da substituição de uma ordem religiosa tradicional por uma ordem economicamente racional, a situação mudou progressivamente, eliminando os critérios que levavam as pessoas a satisfação com aquilo que possuíam, substituindo o “isso me basta” ao “quanto mais melhor” (GORZ, 2003; LANGER, 2004; SILVA, 1999).

Dessa forma, estão listadas as condições para que o trabalho passe a vestir a roupa com a qual nos acostumamos a vê-lo, ou seja, a de emprego. Sua característica fundamental é ser uma atividade desdobrada em vista do intercâmbio mercantil e tornada necessariamente objeto de um cálculo contábil de maneira que seja realizado o mais eficazmente possível (GORZ, 2003).

O trabalho no sentido de emprego é uma atividade que se destina a se firmar no fluxo das trocas sociais, tendo a remuneração como garantia desta inserção. Todavia, o essencial deste processo é o fato deste tipo de trabalho preencher uma função “socialmente identificada e normatizada na produção e na reprodução do todo social”. E para que se preencha esta função, precisa ser identificável por competências socialmente definidas que o colocam em funcionamento a partir de procedimentos socialmente determinados.

Obriga-se, em outras palavras, a ser “um “ofício”, uma profissão, quer dizer, a colocação em prática de competências institucionalmente certificadas segundo procedimentos homologados” (GORZ, 2004, p.11). A “sociedade do trabalho” passou a reconhecer esta forma específica, o emprego, como a forma geral de trabalho, utilizando de maneira indiferenciada a sua concepção como forma de identificar inúmeras atividades, em que a noção de trabalho é utilizada de forma indiscriminada⁶ (LANGER, 2004; SILVA, 1999).

⁵ É mister ressaltarmos que não foi uma tarefa simples transformar o trabalho em uma atividade economicamente racional, uma vez que mesmo durante o capitalismo industrial esse tipo de racionalidade ainda não persuadia os trabalhadores a aderirem ao regime do trabalho diário (SILVA, 1999). Todavia, a burguesia no intuito de resolver a situação, inverteu a lógica de pagamentos e passou a realizá-los de forma cada vez menor, levando o trabalhador a ter de trabalhar muitas horas por dia durante a semana para possuir as condições de subsistência (GORZ, 2003).

⁶ Sendo esse inclusive um dos pontos de crítica de Gorz à Karl Marx, pois para ele, Marx não realizava uma correta diferenciação entre os diferentes tipos de atividades, tratando da mesma forma um operário industrial, de um compositor ou de um cientista (GORZ, 2003).

Para Gorz (2003), essa situação se mostra problemática uma vez que muitos ideólogos contemporâneos têm exacerbado a concepção indiferenciada de trabalho, colocando no mesmo plano atividades como as do policial, do biscateiro, do engraxate, do padre, do operário da indústria, do compositor, do cientista (LANGER, 2004; SILVA, 1999). “É trabalho a atividade realizada pela mulher que cuida das crianças em casa; (...) o ato de pintar um quadro; o parto realizado pela grávida... A noção de “trabalho” tornou-se onipresente. O trabalho é como ar que se respira. Tudo remete a ele e tudo dele depende” (LANGER, 2004, p.15).

Gorz (2003) não admite um entendimento de trabalho que englobe todas essas atividades, pois para ele uma concepção tão ampla levaria fatalmente ao equívoco de remunerar atividades sem fins comerciais e sujeitar todas elas à lógica do rendimento e da racionalidade econômica (SILVA, 1999). Ele prossegue afirmando que apenas o fato de uma atividade ser considerada socialmente útil não é condição suficiente para que ela possa ser considerada como trabalho e que por traz dessa confusão conceitual, é necessário resgatar uma rica realidade de atividades que não podem e nem devem ser classificadas como trabalho no sentido economicamente racional. (LANGER, 2004; SILVA, 1999).

Desse modo, o autor também aponta que, ao contrário do que é bastante difundido, “não basta que uma atividade seja empreendida em vista de sua troca mercantil (de sua remuneração) para que ela seja trabalho no sentido econômico” (GORZ, 2003, p.137). Para ele, é preciso que a atividade contemple todos os seguintes critérios: Crie valor de uso; vise à troca comercial; seja exercida na esfera pública; possua o tempo como critério de medida de produtividade. Para esclarecer melhor a delimitação do conceito, Gorz (2003) analisa diversas atividades no intuito de verificar a existência ou não das quatro condições para o trabalho economicamente racional.

Ele divide as atividades em dois grandes grupos: Atividades realizadas em vista de sua remuneração ou atividades mercantis; atividades não mercantis, cuja remuneração não é, nem pode ser, seu fim primário. No que tange as atividades mercantis, as divide em cinco subgrupos de acordo com a natureza de cada atividade: O trabalho no sentido econômico como emancipação; O trabalho de serviço; Funções, assistência, auxílios; A prostituição; Maternidade, funções maternas e mães substitutas.

Da análise dessas atividades, o autor conclui que somente o primeiro subgrupo, “Trabalho no sentido econômico como emancipação”, contempla as quatro condições necessárias para a definição de trabalho no sentido economicamente racional. De tal forma, Gorz (2003, p.151) argumenta que “todas as atividades mercantis não são “trabalho” no mesmo sentido do termo e não podem responder aos mesmos critérios de racionalidade” O autor

prossegue apontando que a operária não trabalha da mesma forma que a empregada doméstica, nem a enfermeira, a prostituta, o bombeiro, etc., trabalham no mesmo sentido que a operária. Não se concebe sociedade sem “trabalho”, porém, nem todas as sociedades e vidas são sociedades e vidas do trabalho. “O trabalho e a sociedade do trabalho não estão em crise porque não há bastante coisa a ser feita, mas porque o trabalho em um sentido muito preciso tornou-se raro e o que há para fazer pouco tem a ver com este tipo de trabalho” (GORZ, 2003, p. 151-152).

Após as definições e reflexões sobre as atividades mercantis, Gorz (2003) passa a definir as atividades não mercantis, que são divididas em dois subgrupos: “trabalho para si” e “atividades autônomas”. O trabalho para si é a “produção de valor de uso do qual somos nós mesmos os artesãos e os únicos destinatários”, enquanto que as atividades autônomas são aquelas “sem nenhuma necessidade nem utilidade, que são em si mesmas seu próprio fim” (GORZ, 2003, p. 152).

No que tange ao trabalho para si, o autor aponta que atualmente, nas sociedades industrializadas, subsiste apenas as atividades de autoconservação: lavar-se, vestir-se, limpar a casa, lavar a roupa e a louça, fazer compras, alimentar e colocar as crianças para dormir, etc. Ou seja, o trabalho para si foi limitado as “atividades penosas”. Trata-se das atividades que não são destinadas as trocas mercantis, além de possuírem um resultado volátil, consumido no momento em que é produzido, sem possibilidade de estoque, sendo necessário recomeçar a cada dia (GORZ, 2003).

O autor argumenta que o trabalho para si pode deixar de ser apenas um fardo, tornando-se em certos aspectos “uma necessidade humana e um modo de recuperar parte da crescente soberania pessoal, sob a forma de pertencimento a si na esfera privada”. Prossegue afirmando que “O trabalho para si é fundamentalmente *aquilo que temos de fazer para tomar posse de nós mesmos* e desta organização de objetos que, prolongando e refletindo a nós mesmos como existência corporal, é nosso nicho no meio do mundo sensível: nossa esfera privada” (GORZ, 2003, p.157).

Nesse sentido, cabe destacarmos que o trabalho para si não deve se limitar apenas à esfera privada do indivíduo, haja vista que trabalhar para si não significa fazer as coisas apenas para si, pois se trata de uma categoria que encontra o seu prolongamento no trabalho para nós ao mesmo tempo em que a esfera privada encontra o seu prolongamento na esfera coletiva. A

esfera privada não se restringe ao espaço reservado de cada um, mas inclusive a casa, o quintal, a rua, a vizinhança, o bairro, a cidade, etc. (GORZ, 2003)⁷.

No que diz respeito às atividades autônomas, Langer (2004) aponta que Gorz (2003) radicaliza ainda mais a independência em relação à lógica da racionalidade econômica, posto que elas não devem possuir nenhuma significação de necessidade nem ter por finalidade a troca mercantil. “Dizer que as atividades autônomas não podem ter por finalidade a troca não basta, porém, para caracterizá-las. Ainda é preciso que sejam desnecessárias: que nada mais as motive além do desejo de fazer vir ao mundo o Verdadeiro, ou o Belo, ou o Bem” (GORZ, 2003, p.167).

As atividades autônomas são realizadas como fim em si mesmas, livremente e sem necessidade, tratando-se de todas as atividades vivenciadas como aptas a nos aperfeiçoar, nos enriquecer, sendo fontes de sentido e alegria, podendo ser atividades artísticas, científicas, filosóficas, educativas, relacionais, caritativas, de ajuda mútua, de autoprodução, etc. Tais atividades necessitam de um “trabalho” no sentido de esforço, mas possuem sentido e trazem recompensas tanto pelo processo quanto pelo resultado, formando uma unidade com o tempo e com a vida (GORZ, 2003).

Desse modo, o autor aponta que uma mesma atividade como preparar o jantar ou criar os filhos, pode ser uma atividade tanto opressiva quanto prazerosa, dependendo para isso da forma como nos sentimos em sua realização, se assediados e pressionados pela falta de tempo ou se calmos e realizando-as em cooperação e na partilha voluntária com os demais, das tarefas que tais atividades exigem (GORZ, 2003). Da mesma forma, que a autoprodução e as atividades cooperativas só podem ser caracterizadas como atividades autônomas quando o necessário já está garantido, por outros meios, a todos e todas participantes. Ou seja, o desenvolvimento de uma esfera de atividades autônomas não pode ter uma importância econômica.

Assim, a partir das diferentes definições de atividades, mercantis e não mercantis, é possível observarmos que o propósito de Gorz (2003) reside em demarcar, por um lado, o conceito de trabalho no sentido de emprego (que passaremos a nominá-lo a partir de agora como trabalho-emprego), e por outro, liberar um amplo conjunto de atividades não sujeitas à lógica

⁷ Gorz (2003) ressalta a necessidade de uma arquitetura e um urbanismo voltados aos encontros, trocas e ao convívio. Cita um exemplo bem-sucedido da Escandinávia em que uma comunidade de base cria sinergia entre atividades voluntárias e serviços institucionais. Para ele, essa forma de organização, com cooperação solidária, pode ser a base da integração social e da produção de laços sociais. É partindo desse modelo, e ampliando-o, que uma reconquista por parte da sociedade e uma limitação da esfera econômica podem ser empreendidas. Todavia, para o autor, a redução do trabalho remunerado é um dos seus pressupostos fundamentais. (GORZ, 2003, p. 158-159).

da racionalidade econômica (LANGER, 2004). Busca refletir “que o verdadeiro trabalho não está no “trabalho”, mas fora dele” (GORZ, 2004, p.10).

Aliás, quando fala em fim do trabalho (GORZ, 1982, 2003, 2004) se refere mais especificamente ao subgrupo “Trabalho no sentido econômico como emancipação”, ou seja, aquele trabalho possível de ser mensurável, quantificável, comprado ou vendido em um mercado específico. “Em suma, o trabalho mercadejável, o trabalho-mercadoria, inventado e imposto pela força e com muita dificuldade pelo capitalismo manufatureiro a partir do fim do século XVIII” (GORZ, 2004, p.67).

Para o autor, em decorrência do declínio na quantidade e na qualidade desse tipo de trabalho, há uma impossibilidade efetiva do sujeito se identificar com um emprego, em virtude deste não fornecer mais garantias de estabilidade, além de surgir uma relutância crescente em se dedicar a algo que não permita o desenvolvimento da personalidade e da autonomia. Todavia, o que vivenciamos na realidade é um momento paradoxal, pois apesar de seu caráter contemporâneo de precarização, flexibilização e intermitência, o trabalho-emprego ainda é relacionado à sobrevivência e a necessidade, além de possuir resquícios de seu caráter glorificado que passou a encantar indivíduos e sociedades por meio de um “charme” do qual ainda somos prisioneiros (LANGER, 2004).

Isto posto, é importante salientarmos, apoiados em Langer (2004), que a ousadia na reflexão de André Gorz (1982, 2003, 2004) para uma nova compreensão do trabalho reside principalmente em três razões. A primeira razão trata da leitura que o autor faz da “crise” da sociedade salarial em que demonstra como a revolução tecnológica/informacional é a principal responsável pelas transformações ocorridas no final do século XX, além de apontar as diferenças dessas tecnologias para as que proporcionaram a revolução industrial. Em sua perspectiva questionadora do trabalho, a atual revolução tecnológica/informacional é maximizadora de produtividade ao mesmo tempo em que é poupadora de trabalho, e essa é a grande modificação que traz consigo o fim da sociedade do pleno emprego (LANGER, 2004).

A segunda razão está no fato de André Gorz apontar o emprego como uma invenção da modernidade, algo contemporâneo da indústria, do capitalismo industrial. Isso remete a necessidade de diferenciar conceitualmente as noções de emprego e trabalho, uma vez que para ele, o trabalho guarda uma riqueza que não pode ser confundida com o emprego e enfatizar essa distinção é crucial para a melhor compreensão da realidade. Conforme aponta, o que está em crise não é o trabalho, mas sim uma forma determinada de trabalho, aquela que foi submetida à racionalidade econômica (LANGER, 2004).

A crise do emprego e a diferenciação conceitual das concepções de trabalho e emprego criam uma vasta gama de possibilidades para se pensar uma sociedade que não esteja mais organizada, mormente, sobre o trabalho assalariado e nisso consiste a terceira razão da originalidade da obra do autor. Gorz (2003) vislumbra uma sociedade de multiatividades, com relações densas, próximas e de ajuda mútua em que haveria o desenvolvimento das potencialidades presentes em cada pessoa⁸.

Nesse sentido, André Gorz nos instiga a reivindicar a perda da centralidade do trabalho-emprego, a desencantá-lo, a colocar sobre ele um olhar diferente para que se possa pensar em uma sociedade diferente. Para o autor, desencantar este tipo de trabalho representa conceder-lhe outro lugar em nossas vidas, em nossa imaginação, em nosso pensamento, liberando espaço para outras atividades, cuja rentabilidade e remuneração não serão uma condição necessária nem uma finalidade (LANGER, 2004).

⁸ Para tal, estrutura algumas propostas ou conjunto de políticas que culminariam na possibilidade de êxodo da sociedade salarial, sendo elas: a redução de trabalho e a renda de cidadania universal e suficiente. Todavia, Gorz (2003) ressalta que tais medidas necessitam de ação conjunta, uma vez que ao serem implantadas isoladamente estariam fadadas ao fracasso (LANGER, 2004).

3 OS SENTIDOS DO TRABALHO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar diferentes perspectivas de estudos acerca dos sentidos do trabalho, demonstrando a natureza multifacetada e em permanente elaboração da temática, além de destacar algumas das possibilidades em analisá-la para além da perspectiva do trabalho-emprego e da atividade laborativa com vistas ao retorno financeiro e material. Estes estudos servirão de apoio, assim como as concepções analisadas no capítulo anterior, para a construção dos sentidos dos treinadores de futebol no contexto do campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana). Todavia, antes de adentrarmos nas pesquisas propriamente ditas, observaremos algumas questões sobre o debate acadêmico que gira em torno da utilização dos termos sentidos e significados do trabalho.

3.1 SENTIDOS OU SIGNIFICADOS DO TRABALHO?

Cabe salientarmos que no plano conceitual existe um intenso debate acerca dos termos sentido e significado, quando utilizados nos estudos do trabalho (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; TOLFO et al., 2011; TOLFO; PICCININI, 2007). Tolfo e Piccinini (2007) ao analisarem a produção acadêmica da época, apontam que uma parcela dos autores tratava sentido e significado como parte de um mesmo construto enquanto outros procuravam diferenciá-los, gerando certa dificuldade na evolução dos estudos e na definição dos conceitos. Influenciadas por Basso (1998), as autoras adotam o conceito que relaciona o significado a compreensão social do que seja trabalho ao mesmo tempo em que o sentido se explicita como a representação de uma dimensão mais pessoal.

Em consonância com tal discussão, Rosso et al. (2010) afirmam ser frequente a utilização dos termos sentido e significado de forma alternada em diversos estudos, de modo a não explicitar as diferenças entre as suas construções e as maneiras como elas se relacionam entre si, contribuindo para uma dificuldade no seu entendimento. De tal forma, os autores propõem os termos *meaning* (significado) e *meaningfulness* (sentido) para o tratamento dos conceitos, sendo o primeiro relacionado à percepção individual que sofre influência do ambiente social, enquanto que o segundo diz respeito à qualidade de algo ser significativo.

Nessa mesma direção, Tolfo et al., (2011) reforçam as conclusões de Tolfo e Piccinini (2007) e apresentam a concepção do significado enquanto uma construção estruturada de forma coletiva e que se manifesta pelo entendimento social do que é trabalho, enquanto que o sentido

seria a produção individual dependente da compreensão pessoal acerca dos significados coletivos e das experiências cotidianas.

Já Bendassolli e Gondim (2014) questionam alguns posicionamentos adotados no que diz ao plano conceitual e também metodológico argumentando que os estudos acerca da temática ora se dedicam ao significado enquanto produção coletiva e privilegiam uma abordagem quantitativa ora se dedicam ao sentido como uma produção individual privilegiando uma abordagem qualitativa. Para os autores, ambas as perspectivas são limitadas, pois não explicitam as relações entre os sentidos e os significados, tendo como consequência a existência de inúmeras pesquisas em que os sentidos são excluídos enquanto que em outras é o significado que se faz ausente ou descontextualizado. Como proposta, apresentam o conceito de “função psicológica do trabalho”, além de sugerir o desenvolvimento de estudos mistos e longitudinais no intuito de compreender melhor a dinâmica do processo de construção dos sentidos e significados.

Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012), por sua vez, não atuam especificamente na diferenciação entre sentidos e significados, mas apresentam uma aproximação entre a Administração e Psicologia no tratamento da temática quando demonstram as possíveis relações entre os sentidos do trabalho e as racionalidades instrumental e substantiva. Conforme reprisam as autoras, Kalberg (1980) ao interpretar os conceitos de racionalidade em Max Weber nos apresenta a racionalidade instrumental como aquela que orienta a ação a partir de um cálculo utilitário de consequências enquanto que a racionalidade substantiva se caracteriza por aquela orientada por valores emancipatórios como a solidariedade, liberdade e comprometimento. A partir da análise de diversas pesquisas, as autoras identificam duas concepções de sentidos atribuídos ao trabalho, o instrumental e o substantivo, que estão presentes de forma conjunta e imbricada nos contextos sociais e organizacionais e que se manifestam no direcionamento para a satisfação, autonomia e bem-estar coletivo no sentido substantivo e no cálculo utilitário e na busca de êxito econômico no sentido instrumental.

Posto isto, as recentes discussões a partir de diferentes perspectivas e autores instigam ao entendimento da permanência acerca do debate sobre as construções conceituais e as distinções entre os termos sentido e significado do trabalho. Dessa forma, cabe salientar que assim como o trabalho, as concepções a seu respeito também se modificam ao longo do tempo, além de que a própria diferenciação dos termos apresenta-se, a princípio, mais relacionada ao campo de estudo de cada pesquisador do que aos construtos em si (SILVA; SIMÕES, 2015).

Nesse ponto, é oportuno salientar que o presente estudo fará uso do termo “sentido do trabalho” e que inspirado em Dourado (2009), irá compreendê-lo enquanto uma estrutura afetiva que contempla, além do significado individual, coletivo e social do trabalho, a utilidade da tarefa executada para a organização a que se pertence, além da autorrealização, satisfação e o sentimento de aprimoramento das capacidades pessoais com liberdade e autonomia para a execução das atividades.

3.2 OS ESTUDOS SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO

Os fenômenos dos sentidos e significados do trabalho têm sido tema de uma crescente quantidade de estudos, sobretudo nas últimas décadas. Diversas áreas do conhecimento com diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas têm se debruçado no desenvolvimento de pesquisas que aprofundem os conhecimentos acerca dos construtos, sendo possível observar, inclusive, uma considerável quantidade de ensaios e pesquisas empíricas destinadas, entre outros, a apresentar o mapeamento dos estudos, bem como questionar e apresentar novas possibilidades de método e análise (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; ANTUNES, 1999; ARAÚJO; SACHUK, 2007; BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; COUTINHO, 2009; GONÇALVES; JIMENEZ, 2013; MORIN, 2001; ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; SILVA; SIMÕES, 2015; TOLFO et al., 2011; TOLFO; PICCININI, 2007).

A transversalidade do tema se reflete nos debates realizados em diferentes campos do conhecimento científico, todavia com maior destaque para os trabalhos apresentados em periódicos das áreas da Administração (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; ARAÚJO; SACHUK, 2007; MORIN, 2001; ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; SILVA; SIMÕES, 2015) e da Psicologia (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014; COUTINHO, 2009; TOLFO et al., 2011; TOLFO; PICCININI, 2007).

O estudo dos sentidos do trabalho é realizado a partir de diferentes perspectivas que vão desde a crítica à instrumental e funcionalista. Na perspectiva crítica se destacam as investigações acerca da precarização do trabalho no contexto contemporâneo e nas consequências sobre a construção e produção dos sentidos para os indivíduos, enquanto que na perspectiva instrumental, distinguem-se os estudos que priorizam o espaço organizacional analisando-o a partir de categorias profissionais e da busca pelas condições de aumento da produtividade (RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016; SILVA; SIMÕES, 2015).

Não obstante as diferentes perspectivas ontológicas e epistemológicas, bem como as próprias distinções entre os termos sentido e significado, no intuito de dialogar com Hannah

Arendt (2007) e André Gorz (1982; 2003; 2004), além de refletir sobre a localização da atividade de treinador de futebol no contexto pesquisado, propomos uma classificação dos estudos sobre os sentidos do trabalho em três diferentes grupos, de acordo o tipo de atividade/trabalho a ser analisado: Os sentidos do trabalho-emprego; os sentidos para além do trabalho-emprego e os sentidos para além do trabalho-emprego e da atividade laboral.

O primeiro grupo contempla as pesquisas realizadas em contextos do trabalho-emprego, sobretudo em organizações de formato empresarial e com categorias profissionais consolidadas; o segundo grupo se refere aos estudos realizados para além do trabalho-emprego, da lógica empresarial ou do *mainstream* nas pesquisas em Administração enquanto que o terceiro se caracteriza por reunir pesquisas realizadas com atividades que estão desvinculadas da esfera do emprego formal e da atividade laborativa de necessidade econômica e de sobrevivência.

O grupo dos estudos dos sentidos do trabalho-emprego reúne estudos que ocorrem dentro de um contexto guiado pela lógica capitalista de organizações empresariais em que os indivíduos atuam primordialmente a partir da venda de sua força de trabalho em um regime de vínculo empregatício. Contemplamos dessa forma em grande medida a vertente tradicional dos estudos sobre sentidos do trabalho, de abordagem funcionalista, a partir de uma racionalidade instrumental e com foco prioritário nas categorias profissionais (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012; BORCHARDT, 2015; RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016; SILVA; SIMÕES, 2015).

No que tange ao contexto brasileiro, Borchardt (2015) aponta que a visão tradicional dos estudos sobre os sentidos do trabalho correspondem às tentativas de encontrar as principais variáveis que influenciam o sentido que os indivíduos atribuem ao seu trabalho, inspiradas principalmente pelas pesquisas de Hackman e Oldham (1975), do grupo *Meaning of Work* MOW (1987) e de Morin (2001). Por consequência das conclusões de Hackman e Oldham (1975), do grupo *Meaning of Work* MOW (1987) e de Morin (2001), diversos estudos foram realizados sobre os sentidos e os significados do trabalho, sendo uma das possibilidades de pesquisa, a investigação das categorias profissionais. Nesse tipo de estudo, o objetivo principal geralmente é compreender de melhor forma os sentidos que os empregados dão as suas atividades, procurando formar subsídios para que as organizações possam atuar sob o comprometimento e a motivação, representando também uma forma de reorganizar os procedimentos no intuito de melhorar a qualidade de vida, mas, sobretudo a eficácia organizacional (MORIN, 2001; SILVA; SIMÕES, 2015).

A partir disso, Silva e Simões (2015) apresentam alguns estudos que tratam do fenômeno do sentido do trabalho no contexto das categorias profissionais. Inspirados nesta categorização, apresentamos uma lista, não exaustiva, dos estudos que abordam a temática dos sentidos do trabalho-emprego, sobretudo em organizações de formato empresarial⁹.

Autores	Sujeitos/Categoria/Contexto
(ARAUJO et al., 2013).	Profissionais que atuam em um Centro de Atenção Psicossocial na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.
(BARALDI; CAR, 2006).	Enfermeiros e supervisores de um projeto de formação de profissionais de enfermagem.
(BASTOS; PINHO; COSTA, 1995).	Funcionários de vinte organizações (quatro empresas públicas, sete órgãos de administração pública direta e nove empresas privadas).
(BENEVIDES et al., 2014).	Policiais militares do estado da Bahia.
(BETIOL, 2006).	Funcionários de empresa pública de serviços (uma na Região Parisiense e outra na Região Metropolitana de São Paulo).
(BOAS; MORIN, 2016).	Professores brasileiros e canadenses.
(CAMPOS; SARAIVA, 2014).	Grupo de trabalhadores que vivenciou as etapas da demissão, a volta ao mercado de trabalho e a recontração pela antiga empresa.
(CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012).	Estudantes entre 20 e 28 anos do curso de Administração de universidades privadas do estado do Rio de Janeiro.
(CODA; FONSECA, 2004).	Executivos brasileiros de diferentes organizações.
(DIAS; CRUZ, 2013).	Professores de um colégio estadual em Sergipe.
(FONSECA; SANTOS, 2007).	Enfermeiras hospitalares.
(KILIMNIK et al., 2015).	Professores de administração com regimes de trabalho diferentes em instituições privadas na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.
(KUBO; GOUVÊA, 2012; KUBO; GOUVÊA; MANTOVANI, 2013).	Profissionais dos setores público e privado.

⁹ Estudos selecionados a partir dos descritores “Sentidos do trabalho” e “Significado do trabalho” nos portais Scielo (www.scielo.org.br), Spell (www.spell.org.br) e no banco de dissertações e teses da CAPES (<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/>). Acesso entre outubro e 2016 a junho de 2017.

(LIMA et al., 2013).	Pessoas com deficiência inseridas no mercado de trabalho da região metropolitana da cidade de São Paulo.
(LOURENÇO; FERREIRA; BRITO, 2013).	Executiva de uma organização que atua na área de certificação da qualidade.
(MAURICIO; SOUZA; LISBOA, 2014).	Pessoas estomizadas participantes de um instituto de reabilitação na cidade o Rio de Janeiro ¹⁰ .
(MAZZILI; PAIXÃO, 2002).	Juízes de Direito do estado do Mato Grosso do Sul.
(NASCIMENTO et al., 2013).	Professores idosos do Ensino Superior.
(ONO; BINDER, 2001).	Profissionais de tecnologia da informação.
(PALASSI; SILVA, 2014).	Empregados públicos de uma organização na eminência do processo de privatização.
(PINTO et al., 2015).	Operários de uma fábrica de polvilho em Minas Gerais.
(RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016).	Profissionais de enfermagem do Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade de São Paulo e de um hospital privado na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.
(SILVA et al., 2013a).	Profissionais homossexuais masculinos de diferentes setores de atuação.
(SILVA et al., 2013b).	Profissionais do sexo que atuam em uma boate na região centro-oeste de Minas Gerais ¹¹ .
(SOUZA; BOEMER, 1998).	Trabalhadores de funerárias de Ribeiro Preto, estado de São Paulo.
(TEIXEIRA et al., 2014).	Estudantes das gerações X e Y da região da grande Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.
(TETTE; CARVALHO-FREITAS; OLIVEIRA, 2014).	Pessoas com deficiência inseridas no mercado de trabalho em diferentes regiões brasileiras ¹² .

Quadro 1: Estudos dos sentidos do trabalho-emprego.

Fonte: O autor.

¹⁰ Uma parcela dos participantes do estudo estava aposentada por invalidez, todavia realizava atividades laborativas no intuito de complementar a renda familiar.

¹¹ Embora exista a impossibilidade de vínculo empregatício, a atividade realizada possui as características de um emprego formal.

¹² Cabe salientar que os estudos com pessoas com deficiência apresentados, apesar de serem realizados em ambientes de emprego formal, não objetivam prioritariamente a reorganização dos processos produtivos visando eficácia organizacional, mas a compreensão da percepção dos sujeitos em relação ao trabalho realizado.

Os estudos listados possuem em comum a organização formal burocrática prioritariamente empresarial enquanto ambiente de trabalho, a predominância do vínculo empregatício entre o trabalhador e organização e a atividade laborativa como responsável pelo suprimento das necessidades financeiras e de sobrevivência, nos remetendo principalmente as concepções de labor (ARENDDT, 2007) e ao trabalho economicamente racional (GORZ, 2003).

Já no segundo grupo de pesquisas, a principal característica está na compreensão dos sentidos do trabalho para além dos empregos formais e das organizações de formato empresarial. Estes estudos foram compilados de forma a contemplar análises em cooperativas, empresas de economia de comunhão, organizações não governamentais, bem como trabalhadores que atuam, primordialmente, fora de ambientes formais de emprego como artesãos, escritores, trabalhadores das “indústrias criativas”, da cultura popular, dentre outros.

Iniciamos a descrição a partir do estudo de Dal Magro (2006) que realiza uma pesquisa visando compreender os sentidos do trabalho para indivíduos inseridos em uma cooperativa de serviços gerais localizada em Chapecó, Santa Catarina. A autora procura contribuir com o debate acerca dos “empreendimentos solidários” ao destacar a dimensão subjetiva deste tipo de organização frente ao aspecto econômico e burocrático. Entre as conclusões apresentadas, ressaltamos a constatação de que os sentidos do trabalho para os indivíduos cooperados remeteram de forma primordial à satisfação de necessidades como a garantia de meios de subsistência (alimentação, moradia, etc.) e a possibilidade de melhora nas condições de vida e consumo. Por fim, a autora reflete sobre a dissociação entre o trabalho e auto realização humana, haja vista que o trabalho não se mostra como um fim em si mesmo, mas um meio de sobrevivência e inserção social, principalmente quando relacionado ao sujeito enquanto consumidor.

Santos (2006) realiza uma pesquisa em que procura investigar os sentidos que funcionários e proprietários de duas empresas classificadas como de economia de comunhão atribuem ao trabalho que realizam. O estudo parte da premissa de que tais empreendimentos são alternativas ao modelo administrativo vigente e que há esforço na integração entre a gestão e os princípios contidos em uma base religiosa para modificação do modelo econômico corrente. A autora conclui que o trabalho é visualizado como algo essencial na vida dos sujeitos do estudo e que a econômica de comunhão favorece sentidos favoráveis quando direciona a valorização da pessoa dentro do ambiente organizacional, a autonomia concedida para a realização das tarefas e ao desenvolvimento dos relacionamentos interpessoais. Além disso, destaca que a

perspectiva do trabalho como meio de subsistência foi pouco mencionada isoladamente, estando mais ligada a algum outro aspecto pessoal ou social.

O estudo de Azambuja (2007), por sua vez, procurou compreender o sentido do trabalho autogerido para trabalhadores de Economia Solidária de cinco cooperativas do Rio Grande do Sul. O autor contrapõe a perspectiva de Paul Singer acerca da construção de sentidos do trabalho autogerido, em que mediante as diferenças nos processos biográficos de socialização dos trabalhadores analisados, identifica quatro tipos distintos de sentidos do trabalho autogerido: Político; Coletivista; Capitalista; Sobrevivência individual. O sentido político representa a possibilidade de participação em um processo de mudança da realidade social; o coletivista representa a possibilidade da promoção do bem-estar e da qualidade de vida dos membros do coletivo de trabalho; o capitalista compreende o trabalho autogerido como meio para inserção competitiva no mercado visando o lucro como um fim em si mesmo; e o sentido de sobrevivência individual representa uma saída, na falta de uma melhor, para manutenção da sobrevivência material e financeira. As diferenças entre os sentidos do trabalho autogerido são explicadas mediante seis dimensões (família, trabalho, política, sindicato, educação e religião) nas biografias de socialização dos trabalhadores (AZAMBUJA, 2007).

Já a pesquisa de Ribeiro (2007) buscou compreender o sentido do trabalho para trabalhadores remunerados e voluntários de três organizações não-governamentais sediadas em Belo Horizonte. A autora usou como referência a proposta de Morin (2001) e desenvolveu o estudo junto a três trabalhadores remunerados e a três voluntários, de três organizações diferentes, sendo uma voltada à atuação com crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade, outra que promove ações socioambientais e uma terceira relacionada a atividades de democratização dos meios de comunicação. A partir do corpus selecionado das entrevistas e das conclusões apontadas pela autora, verificamos que os participantes compreendem um trabalho que faz sentido como sendo aquele “que te sustente e que te faça feliz, um trabalho prazeroso, bem remunerado, que faz um bem, que realiza a pessoa que o executa, gratificante, um trabalho que ajuda as pessoas, que modifica alguma coisa, que faz a diferença na sociedade” (RIBEIRO, 2007, p. 71). Dessa forma, apesar de contemplar um ambiente vinculado a questões mais substantivas como o voluntariado, verifica-se que a noção de trabalho concebida pelos participantes aparenta estar relacionada à concepção de emprego, com garantias de sustento e remuneração adequadas.

O estudo de Dourado (2009), por sua vez, contribuiu para suprir uma lacuna existente até então nos estudos organizacionais quando analisou a partir do método da história oral os

sentidos atribuídos ao trabalho por uma dirigente de uma organização de cultura popular afro-brasileira, ou como denominado pela autora, em uma organização fora do enclave do mercado. A narrativa da protagonista da história aponta para possibilidades de trabalho para além do modelo empresarial, com sentidos relacionados à espiritualidade, resistência e cidadania, em que o trabalho é visualizado como uma atividade autodeterminada e externa à relação dinheiro-mercadoria e que contribui para a realização pessoal e da comunidade em torno da dirigente.

Nesse sentido, não há dúvidas de que o estudo apresentou um caso que amplia as possibilidades de trabalho para além daquelas dominantes no ambiente empresarial, baseada inclusive na presença de práticas de contestação e resistência ao modelo vigente e na proposta de novos hábitos vinculados ao trabalho que permitam a dedicação aos aspectos mais substantivos da vida como a religião, a família e a comunidade. Entretanto, verificamos que a protagonista participou, de forma temporária, em um grupo de ciranda que viajava para a realização de shows, além de ter sido contemplada no programa “Cultura Viva” do Ministério da Cultura¹³ para o desenvolvimento de dois projetos que vieram a constituir o próprio centro cultural analisado. Assim, mesmo que não possua como um sentido prioritário, as atividades realizadas pela protagonista, aparentemente, também contemplam a esfera da subsistência e da necessidade econômica.

Bendassolli e Borges-Andrade (2011) corroboram com as premissas iniciais de Dourado (2009) ao afirmar que a administração, além da psicologia e da sociologia do trabalho, atribuiu ao longo do século XX pouca atenção ao que acontecia nos domínios do trabalho para além do regime de organizações capitalistas formais e da categoria emprego e dessa forma, realizam uma pesquisa que visa analisar o significado do trabalho para profissionais das indústrias criativas do Estado de São Paulo. Os autores defendem que os trabalhadores deste setor atuam em um ambiente com maior diversidade de “gêneros produtivos” permeados em um “pré-fordismo”, uma vez que as estratégias de divisão e coordenação do trabalho, parcelamento de tarefas, hierarquia gerencial, controle rígido dos procedimentos e uso intensivo de tecnologias, característicos da sociedade industrial, nem sempre são observadas.

Contudo, esclarecem que os profissionais das indústrias criativas se constituem em um grupo formado, em média, por pessoas mais jovens que a força de trabalho geral, que detém as maiores taxas de desemprego ou de subemprego (trabalho em tempo parcial, intermitente, etc.) e que possuem uma tendência maior do que a população ativa a ter, concomitantemente, dois

¹³ O programa Cultura Viva distribui recursos a partir de convênios. Para mais: <http://www.cultura.gov.br/cidadaniaeiversidade/programas>

empregos ou mais. Bendassolli e Borges-Andrade (2011) avança a hipótese de que no caso da acumulação de dois ou mais empregos, quando o profissional escolhe livremente a dupla carreira, então o trabalho na indústria criativa pode passar a ser considerado como uma atividade secundária, ou um *hobby*, ou ainda uma carreira que poderá ser escolhida como central quando for capaz de sustentar financeiramente o sujeito.

De toda forma, tendo em vista que o estudo contempla também profissionais que atuam somente com a atividade na indústria criativa, não é possível classificá-lo como um trabalho para além do trabalho-emprego e da atividade laboral, porém, inspira a refletir sobre a atuação em atividades que possam ter um sentido desvinculado da questão financeira e material. Em relação aos resultados acerca dos significados do trabalho, os autores apontam que os fatores mais associados a um trabalho que tenha significado são: a possibilidade de aprender e se desenvolver, a utilidade social, a oportunidade de se identificar e de se exprimir, a autonomia, o respeito às questões éticas e as boas relações interpessoais.

Já o estudo de Carvalho (2011) abrangeu a discussão sobre os sentidos atribuídos ao trabalho por membros de empreendimentos marcados pelos princípios da Economia Solidária, considerados organizações que surgem no contexto de reestruturação do mundo do trabalho como alternativa de trabalho e renda e que se pautam por valores como a cooperação, ajuda mútua e tomada de decisões democráticas. Conforme aponta a autora, os discursos analisados na pesquisa demonstram que a inserção em um empreendimento relacionado aos princípios da Economia Solidária trazem benefícios que ultrapassam a relação instrumental de geração de renda, como os significados relacionados ao resgate da autoestima, sentimento de pertencimento, formação de vínculos, construção de amizades, compartilhamento de experiências, além de um maior senso de direitos e deveres e do desenvolvimento de uma conscientização política. Todavia, os discursos também apontam para um forte significado atribuído ao trabalho enquanto emprego, de vínculo entre a organização e o trabalhador, com a presença da “carteira assinada” e das garantias e proteções sociais historicamente vinculadas ao trabalho. A inexistência de tais garantias é percebida como fonte de preocupação, apreensão ou mesmo sofrimento pelos trabalhadores.

No que diz respeito ao estudo de Onuma (2011), houve uma preocupação em contribuir com as pesquisas acerca da autogestão e compreender os sentidos subjetivos do trabalho para trabalhadores de uma organização de base falimentar, autogestionária, que surgiu mediante a falência de uma empresa capitalista assumida posteriormente pelos trabalhadores. De acordo com a autora, foi possível observar que o trabalho autogestionário se mostrou capaz de

promover o surgimento de novos sentidos subjetivos a respeito do trabalho quando comparados com as experiências anteriores em empresas capitalistas, além de propiciar um aumento do conhecimento, criatividade, aprendizado, resgate da autoestima e espaço para a expressão da subjetividade dos trabalhadores. Entretanto, os resultados da pesquisa indicam sentidos distintos atribuídos ao trabalho quando comparados às categorias de trabalhadores existentes na organização (fundadores, cooperados e celetistas). Os fundadores apresentaram indícios de uma construção subjetiva mais próxima dos valores da Economia Solidária do que quando comparados aos demais cooperados e aos celetistas, o que pode ser explicado pela experiência vivenciada no processo de falência e da construção de uma nova organização.

A próxima pesquisa a ser analisada possui algumas características que poderiam ser enquadradas tanto como trabalho-emprego quanto como uma atividade para além da necessidade econômica. Trata-se do estudo de Bueno (2012), que teve como objetivo analisar as vivências de escritores literários a partir de uma perspectiva da psicodinâmica do trabalho. Mediante análise documental e realização de entrevistas com escritores literários do estado de Goiás, Bueno (2012) constatou que o sentido do trabalho de tais indivíduos possui uma singularidade em relação às demais atividades econômicas tradicionais, contudo, a busca permanente pela adequação aos novos requisitos e qualificações para se inserir em um mercado indeterminado e informal destacam sujeitos em frequente sentimento de falta, reproduzindo os ideais tradicionais da profissão.

Os escritores possuem intensa identificação com o trabalho literário, prazer pela literatura e se visualizam enquanto artistas que mobilizam ações sociais a partir da sua atuação. Entretanto, enfrentam extremas dificuldades relacionadas à questão financeira, haja vista que em muitos casos as produções são realizadas sem garantia de remuneração, sendo inclusive necessária, na maioria dos casos, a realização de outra atividade profissional que garanta o sustento econômico dos escritores e de suas famílias. Desse modo, apesar do sofrimento causado pela questão financeira, pela solidão da atividade e pela sobrecarga de trabalho (sendo comum o trabalho em até três turnos) as vivências de prazer prevalecem em relação às de sofrimento. Todavia, os escritores esperam ao menos reconhecimento simbólico do seu trabalho, em virtude de que conforme analisado, o reconhecimento financeiro é muitas vezes inexistente, sendo geralmente atrelado a patrocínios que não chegam a cobrir os custos básicos, levando alguns deles a pagarem a própria publicação e distribuição das obras (BUENO, 2012).

Destarte, a despeito das vivências de sofrimento pelas quais os escritores passam, é possível afirmar que o escritor “vive do sonho, da ilusão, da utopia, nas crenças do seu

imaginário, do fugaz que o alimenta e o satisfaz nesse mundo tão difícil de ser decodificado, que é o mundo da arte, que pode causar prazer e sofrimento para quem trabalha e para quem lê, afinal autor e leitor criam uma relação simbiótica” (BUENO, 2012, p. 332).

Em meio a tal falta de reconhecimento do escritor literário, nos chama atenção as reflexões realizadas pelo autor acerca da expectativa da sociedade em relação ao papel do escritor literário e de suas relações de trabalho: “Seu trabalho poderia ser medido por qual tipo de instrumento ou moeda? ”, “É possível definir um indicador de produtividade? ” (BUENO, 2012, p. 331). Não cabe aqui propor respostas a tais questionamentos, mas resgatar em Gorz (2003) a necessidade de refletir sobre profissões que deveriam estar dissociadas da produtividade e da relação mercantil, sendo consideradas em sua autonomia.

O estudo de Bispo, Dourado e Amorim (2013), por conseguinte, buscou explorar uma lógica distinta daquela priorizada pelo ambiente empresarial e assim, objetivou compreender o sentido do trabalho atribuído por indivíduos que atuam no âmbito do movimento *Hip Hop*. Para tanto, o fenômeno do trabalho foi analisado a partir das narrativas de dois integrantes deste movimento em relação aos *ethos* do trabalho na contemporaneidade desenvolvidos por Bendassolli (2006, 2007, 2009).

Bendassolli (2006) defende a tese da coexistência de cinco narrativas sociais acerca do trabalho em que cada uma delas origina um *ethos* diferente: moral-disciplinar; romântico-expressivo; instrumental, consumista e gerencialista. O *ethos* moral-disciplinar é centrado no dever moral, no trabalho enquanto obrigação; o romântico-expressivo realça a capacidade do trabalho em revelar a verdadeira essência humana como um fim em si mesmo; o instrumental ressalta a visão do trabalho enquanto troca mercantil, noção de emprego; o consumista é tido como meio para a maximização do prazer e minimização da frustração enquanto que o gerencialista está vinculado ao discurso gerencial do indivíduo como empresa de si mesmo em um projeto de carreira (BISPO; DOURADO; AMORIM, 2013; MARRA et al., 2013).

Bispo, Dourado e Amorim (2013) demonstram que o sentido do trabalho para os entrevistados se fundamenta, primordialmente, no *ethos* romântico-expressivo, contudo, verificam que no decorrer da vida, os indivíduos circulam em mais de um *ethos*, sendo possível observar em um dos casos a experimentação do trabalho enquanto obrigação (*ethos* moral-disciplinar), emprego (*ethos* instrumental), responsabilidade pessoal (*ethos* gerencialista) e possibilidade de consumo (*ethos* consumista), demonstrando a coexistência de diversos *ethos* e sentidos relacionados ao trabalho por um mesmo sujeito.

Por fim, as autoras salientam que algumas atividades realizadas no ambiente analisado podem ser caracterizadas como um trabalho precarizado, a julgar que não possuem contrato e direitos trabalhistas assegurados e ressaltam ainda que o *Hip Hop* não pode ser considerado totalmente livre da lógica comercial e mercadológica. Entretanto, reforçam que as atividades realizadas pelos indivíduos em um movimento social podem significar alternativas de sustento ao mesmo tempo em que também atuam como uma forma de resistência à lógica difundida pelo *mainstream*.

A pesquisa de Santos e Hennington (2013) explorou os significados atribuídos ao trabalho por assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em relação às possibilidades de manutenção e promoção da saúde. Como conclusões, os autores ressaltam que apesar de considerarem desgastante, os sem-terra atribuem ao trabalho rural realizado no assentamento os sentidos de liberdade, satisfação e autonomia, configurando-o como uma possibilidade de produção de saúde e resistência ao modelo hegemônico do agronegócio.

Por fim, a pesquisa de Carvalho (2016) analisou os processos de significação do trabalho para um grupo de trabalhadores artesanais da região da Grande Natal, Rio Grande do Norte. As conclusões do autor apontam que os artesões atribuem significado ao trabalho mediante três dimensões específicas: tradicionalidade dos processos, estruturação das atividades e relações necessárias para o seu desenvolvimento. Ainda afirma que existe uma forte tensão entre a articulação das atividades artesanais, que em origem possuem a liberdade e a autonomia enquanto pilares, com a dinâmica capitalista, haja vista que a atividade artesanal passa a se tornar mais uma forma de manutenção e sobrevivência dos trabalhadores, o que ao nosso ver, demonstra uma clara tensão entre o trabalho e o labor.

Posto isto, apresentamos a síntese das pesquisas que analisam os sentidos para além do trabalho-emprego, da organização formal de lógica empresarial.

Autores	Sujeitos/Categoria/Contexto
(DAL MAGRO, 2006).	Funcionários de uma cooperativa de serviços gerais situada em Chapecó, estado de Santa Catarina.
(SANTOS, 2006).	Funcionários e proprietários de duas empresas de Economia de Comunhão do estado de São Paulo.
(AZAMBUJA, 2007).	Trabalhadores de cinco cooperativas reconhecidas de Economia Solidária do estado do Rio Grande do Sul.

(RIBEIRO, 2007).	Três trabalhadores remunerados e três voluntários de três organizações não governamentais da cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.
(DOURADO et al., 2009).	Dirigente de uma organização de cultura popular afro-brasileira do estado de Pernambuco.
(BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011).	Indivíduos de diferentes indústrias criativas do estado de São Paulo.
(CARVALHO, 2011).	Membros de associações e cooperativas pautadas nos princípios da Economia Solidária da cidade de Fortaleza, estado do Ceará.
(BUENO, 2012).	Escritores literários da União Brasileira de Escritores do estado de Goiás.
(BISPO; DOURADO; AMORIM, 2013).	Dois indivíduos envolvidos com a cultura <i>Hip Hop</i> da cidade de Recife, estado de Pernambuco.
(SANTOS; HENNINGTON, 2013).	Assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro.
(CARVALHO, 2016).	Artesãos da região da grande Natal, estado do Rio Grande do Norte.

Quadro 2: Estudos dos sentidos para além do trabalho-emprego.

Fonte: O autor.

Ao analisamos tais estudos, percebemos que em muitos deles há uma contestação dos modelos de organização formal e oposição as condições impostas pela lógica de mercado. Contudo, as atividades realizadas pelos trabalhadores se encontram também na esfera da necessidade econômica gerando dessa forma, mesmo que em menor intensidade, sentidos relacionados à sobrevivência material, e por consequência ao labor.

Por fim, no intuito de apreender sobre os sentidos atribuídos a uma atividade realizada de forma não relacionada prioritariamente a necessidade material, sobretudo financeira, como entendemos tratar-se do caso dos treinadores do campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba, apresentamos o último grupo de estudos, que contempla pesquisas dos sentidos do trabalho para além da concepção do emprego formal e da atividade laborativa com vista ao suprimento da necessidade econômica. Tais pesquisas não possuem necessariamente como foco um trabalho realizado fora de organizações convencionais ou ainda contestadoras da lógica empresarial, todavia, correspondem a um grupo de atividades que, a princípio, estão motivadas por questões mais substantivas como a busca pelo desenvolvimento pessoal, realização, sentimento de completude, dentre outros.

O estudo de Costa (2010), por exemplo, procurou analisar os sentidos do trabalho para voluntários de uma rádio comunitária na cidade de Manaus, estado de Amazonas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, buscou compreender, a partir da realidade vivenciada pelos participantes da rádio “A Voz das Comunidades”, aspectos psicossociais que remetem às representações sociais da rádio e permeiam as relações entre o trabalho remunerado e o não remunerado em um contexto capitalista globalizado. A autora analisa a contemporânea subordinação do trabalho ao capital, gerando uma divisão social hierarquizada com predominância do “trabalho remunerado”, mormente enquanto meio de satisfação das necessidades de consumo e aponta que, a despeito desta supremacia do trabalho remunerado, é necessário destacar que outras atividades fazem parte da vida social, como as atividades sem remuneração fomentadas por concepções ideológicas, políticas, bem como por crenças e vinculações religiosas.

A partir disso, mediante um diálogo com Hannah Arendt, Costa (2010) realiza uma análise da rádio comunitária procurando apreender o significado de um trabalho não remunerado em um espaço público em que há atuação política de seus participantes visando à busca de um “distinguir-se” e de um “fazer a diferença”. As atividades da rádio foram descritas, primordialmente, a partir da visibilidade e satisfação permitidas pela prática radiofônica, algo que está além da condição profissional e mais associada ao gostar, ao prazer e ao ser útil. Além disso, a categoria “aparecer” manifesta-se nas atividades desenvolvidas, gratificando e desenvolvendo a partir das relações estabelecidas nos espaços da rádio, oportunidades de troca de experiências e compartilhamento de histórias de vida.

De tal forma, a atividade desenvolvida no contexto da rádio não é caracterizada pela autora como um “labor” ou como um trabalho, mas sim como uma “ação”, que dá sentido à realidade social e que contempla a “vida ativa” dos envolvidos. Costa (2010) prossegue apontando que o compartilhamento de um espaço comum e a ligação recíproca com o companheirismo social presumem a capacidade de se desvincular do domínio da necessidade, elaborando um domínio distinto, representado pela vida pública em que as pessoas empreendem as capacidades de falar e agir. No caso da rádio analisada, a noção “aparecimento” se mostrou não apenas como elemento motivador das atividades, mas também como uma condição provocadora de transformações, inclusive psicológicas, nas relações entre os participantes, gerando para alguns um sentimento de satisfação, em decorrência da oportunidade de se perceberem diferentes. Assim, a autora aponta que as motivações ao trabalho voluntário não se relevaram a partir de uma concepção político-ideológica de transformação social, como

inicialmente pensado, mas sim como uma busca por reconhecimento da condição de sujeito social.

Como conclusões, aponta-se para a evidente realização das atividades voluntárias dentro do “tempo livre” dos participantes, já que pela lógica capitalista a prioridade recai sobre as atividades remuneradas. Com isso, a rotina da rádio é permeada por frequentes entradas e saídas de voluntários, culminando em um contexto de funcionamento em condições de vulnerabilidade. Entretanto, paradoxalmente, é o trabalho voluntário que garante à rádio a condição de comunitária e que possibilita, por liberdade de adesão e participação, a reunião de pessoas com grandes distinções no que diz respeito à escolaridade, profissão e concepções religiosas, ou seja, particularidades heterogêneas, mas que são homogeneizadas quando, pelo veículo de comunicação, há disseminação de ideias que representam o ideal comunitário (COSTA, 2010).

Em seguida, destacamos o estudo de Viana (2008), revisitado em Viana e Machado (2011), que procurou explicitar o discurso enunciado por trabalhadores do Comupra, uma ONG de Belo Horizonte, em relação aos sentidos positivos e negativos atribuídos ao trabalho. Apesar de algumas pessoas receberem ajuda de custo da organização em certos momentos, a maioria atuava como voluntária não possuindo contrato nem percebendo valores financeiros estáveis pelo trabalho realizado. Por meio da análise das entrevistas realizadas, as autoras constataram haver predomínio do sentido positivo em relação ao negativo, principalmente em virtude de uma organização flexível do trabalho, sem ênfase na hierarquia, e que permite aos indivíduos a escolha na participação dos projetos, a organização de seus horários e tarefas, assim como a possibilidade na participação da tomada de algumas decisões. Outro fator de importância diz respeito ao caráter coletivista e comunitário das atividades, atribuindo um sentido de prazer ao permitir que as pessoas atuem em conjunto ao mesmo tempo em que preservam suas diferenças.

O sentido negativo atribuído ao trabalho possui uma relação menor com a organização em si e mais com a vivência de sofrimento relacionada às contingências de um trabalho comunitário realizado sem apoio político e com escassos recursos financeiros e materiais (VIANA; MACHADO, 2011). Nesse ponto cabe ressaltarmos que diferentemente do que veremos nos contextos encontrados em Bitencourt et al. (2011) e Borchardt e Bianco (2016) a falta de remuneração para alguns participantes do Comupra, principalmente os que estavam desempregados no momento da pesquisa, é motivo de sofrimento e modifica os sentidos atribuídos ao trabalho realizado.

Todavia, ao articular as falas dos entrevistados ao contexto em que são produzidas, verifica-se que os discursos dos trabalhadores indicam que o trabalho no Comupra é

caracterizado como um atividade que orienta a vida, auxilia no estabelecimento de novas relações com a realidade e permite a construção de vínculos entre as pessoas envolvidas, além de uma maior inserção social (VIANA; MACHADO, 2011). Por fim, as autoras apontam que o trabalho na ONG é um modo dos indivíduos fazerem algo para si mesmos, realizarem uma obra, criarem uma identidade e romperem com uma vida esvaziada de alegria e sentido.

A pesquisa de Bitencourt et al., (2011), por sua vez, objetivou analisar o sentido do trabalho para aposentados e para profissionais que estão se preparando para a aposentadoria. A partir de uma abordagem qualitativa, foram analisados três diferentes grupos: pessoas que estavam prestes a se aposentar, pessoas que estavam aposentadas até 03 anos e pessoas que estavam aposentadas há mais de 03 anos. O estudo procurou verificar como os sujeitos enfrentam a ruptura entre a atividade profissional e o processo de aposentadoria, em consequência de não haver mais trabalho, ao menos no sentido de emprego, para a identificação e a criação de laços sociais.

No que concerne ao processo de aposentadoria, os resultados apontam que grande parte dos entrevistados não pretendia continuar trabalhando, ao menos nas mesmas condições enquanto empregado, o que pode estar relacionado ao fato de que a maioria possuía condições financeiras suficientes e confortáveis após a aposentadoria. Contudo, verifica-se a necessidade da realização de outras atividades que visem reconhecimento, laços sociais ou simples ocupação do tempo livre, demonstrando que o trabalho possui uma importância que está além da remuneração (BITENCOURT et al., 2011). Por conseguinte, os autores salientam que o entrevistado com a menor renda pretendia continuar trabalhando, uma vez que se preocupava com os estudos dos filhos, caracterizando-se como uma das necessidades em se manter no trabalho remunerado ao invés de se dedicar a outras atividades. Com isso, explicita-se que o valor dos proventos da aposentadoria pode ser determinante para a manutenção ou não de um trabalho remunerado.

Ainda sobre esse aspecto, analisou-se mediante as entrevistas que o fator financeiro foi frisado em inúmeras ocasiões, ora indicando como a aposentadoria é satisfatória haja vista a possibilidade de contar com uma renda assegurada, ora para indicar que a primeira finalidade do trabalho seria o salário e que as outras complementariam o fator financeiro. Desta forma, constata-se que a ausência da necessidade financeira libertaria os sujeitos do emprego, porém, sem excluir o trabalho do cotidiano. Assim, apesar dos entrevistados realçarem a necessidade e a importância de trabalhar, seja pelo aspecto financeiro ou pelo convívio social, vários deles se mostraram aliviados por não precisarem mais exercer atividades laborativas, o que pode estar

relacionado a uma resistência as obrigadoriedades do trabalho formal, o que estimula o desejo pela proximidade da aposentadoria. E, a despeito de destacarem a possível falta que sentiriam do trabalho, se mostravam muito felizes e com grandes expectativas, salientando a existência de satisfação e “vida” fora do contexto do trabalho enquanto emprego formal (BITENCOURT et al., 2011).

Em síntese, a partir das entrevistas, os autores apresentaram um contexto em que o trabalho representa uma importante esfera para os trabalhadores, contudo, a aposentadoria é encarada com naturalidade, sendo vista de forma positiva e como um momento de “curtir a vida”, com a possibilidade de substituição dos laços sociais e reconhecimento advindos do emprego por outros afazeres e grupos sociais como, por exemplo, atividades de artesanato, trabalho voluntário ou esporte. E assim, os sujeitos não deixam de se socializar, apenas transferem a sua presença de um ambiente formal e controlado por normas para outros em que tais obrigações não imperam, ou o fazem em um grau mais reduzido. Como conclusões, aponta-se que a centralidade do trabalho e os sentidos do trabalho são construtos muito amplos e diferentes para cada indivíduo, podendo se manifestar de distintas maneiras que dependerão da organização em que a pessoa se encontra, dos colegas de trabalho, das relações construídas, da família, de fatores financeiros e, sobretudo, de acordo com a fase da vida de cada trabalhador (BITENCOURT et al., 2011).

Semelhante ao estudo anterior, Marra et al.,(2013) realizaram uma pesquisa que investiga os significados que executivos aposentados e com mais de sessenta anos atribuem ao trabalho. A despeito de analisar, sobretudo, o significado do trabalho enquanto emprego e localizado dentro de ambientes formais de atuação, destacamos o presente estudo neste tópico em decorrência das discussões sobre as atividades realizadas após o processo de aposentadoria dos participantes, quando as necessidades econômicas já estão minimamente supridas¹⁴. Baseando-se nos *ethos* de Bendassolli (2006), os autores verificam que as narrativas sociais dominantes dos entrevistados alinham-se com a centralidade do trabalho na vida das pessoas e que predominam o *ethos* romântico-expressivo do trabalho enquanto obra e revelação da essência humana e do moral-disciplinar, no qual as pessoas, independentemente da idade, teriam o dever moral de trabalhar (MARRA et al., 2013).

¹⁴ Não queremos afirmar que todos os aposentados possuem as necessidades econômicas e financeiras supridas pelos proventos recebidos. Todavia, no estudo de Marra et. al (2013) torna-se explícita a condição financeira confortável dos participantes.

Assim, a maioria dos entrevistados afirma que sem trabalho os sujeitos perdem a dignidade, contudo, pressupõe-se que tal dignidade significaria a capacidade de contribuir e gerar riquezas, demonstrando a estreita relação vivenciada entre trabalho e a produção. Todavia, também temos a valorização da existência de outros tipos de trabalho, incluindo os trabalhos voluntários, como membros de conselhos, representantes de entidades, presidentes de fundações, dentre outros. E sobre o trabalho voluntário especificamente, verifica-se tratar-se de uma forma de manutenção mínima do status e do poder associados às funções gerenciais que os participantes exerciam anteriormente.

Dessa forma, os autores concluem que o trabalho voluntário a ser realizado pelos participantes da pesquisa necessita se enquadrar em um tipo de atividade que gere reconhecimento e destaque social, para que o poder possa continuar sendo exercido mesmo após a aposentadoria da função de executivo. Esta atividade precisa de alguma forma garantir o status anteriormente sustentado, na medida em que são encaradas como uma forma de minimizar os efeitos sociais e mesmo físicos do envelhecimento, havendo por parte dos sujeitos uma associação do trabalho com saúde, dignidade, prazer, felicidade e expressão das capacidades humanas (MARRA et al., 2013).

Por fim, trazemos a pesquisa de Borchardt (2015), revisitada em (BORCHARDT; BIANCO, 2016) que buscou compreender os sentidos do trabalho voluntário para membros de uma igreja protestante luterana no sudeste brasileiro. O estudo foi realizado mediante uma abordagem qualitativa, de cunho construcionista e considerou como premissas as motivações ao trabalho voluntário, a decaída da ética protestante e as transformações sociais atribuídas ao trabalho. No que diz respeito especificamente à categoria trabalho, as autoras enfatizam que o estudo não contempla o trabalho enquanto emprego, em virtude da atividade voluntária ser realizada sem a existência de um vínculo empregatício e retorno financeiro direto.

O exercício realizado pelos envolvidos possui um caráter voltado à gestão organizacional da instituição, o que leva as autoras a realizar uma reflexão semelhante a Costa (2010) ao apontar sobre a pluralidade do trabalho voluntário, haja vista que ele não precisa estar estritamente relacionado a um contexto de caridade ou de suporte a situações de desigualdade e calamidade. Dessa forma, há uma impossibilidade de atribuição de um único motivo para a realização da atividade, tendo em conta que o comprometimento dos voluntários não está relacionado a um aspecto instrumental, mas em decorrência das ligações emocionais com a organização, com a atividade em si e com as pessoas auxiliadas. A partir da análise de outras pesquisas, as autoras apresentam o voluntariado como uma possibilidade de preenchimento das

lacunas de estima, reconhecimento e satisfação que o trabalho assalariado e submetido ao capital não consegue suprir, além de propiciar a execução de algumas atividades que não possuem espaço no cotidiano do emprego.

No que tange aos sentidos do trabalho, em consonância ao construcionismo social, aponta-se que as transformações atribuídas ao trabalho e ao próprio sentido do trabalho não são formadas apenas pelas experiências do trabalhador, mas também pelo ambiente em que ele está inserido, visto que para as autoras, os valores do grupo influenciam a condução do indivíduo. Dessa forma, a construção e compreensão dos sentidos do trabalho nunca se esgotam, tendo em conta que é justamente a pluralidade de condições das organizações e dos relacionamentos entre os indivíduos que constroem novas concepções da realidade (BORCHARDT, 2015; BORCHARDT; BIANCO, 2016).

Desse modo, realiza-se uma crítica ao estabelecimento quantitativo de variáveis ao estudo dos sentidos do trabalho, haja vista não haver possibilidade de analisá-los mediante uma abordagem objetiva e atemporal, em que são estruturadas categorias a-históricas e aplicadas em diversas situações, variando apenas o tipo de organização analisada (BORCHARDT, 2015; BORCHARDT; BIANCO, 2016). Para as autoras, as circunstâncias sociais pressupõem que a definição de algo se realinha com o passar do tempo.

Em se tratando dos aspectos metodológicos, optou-se por apreender os sentidos do trabalho mediante utilização da trajetória de vida dos pertencentes ao grupo, observando as relações com o passado, com o presente e com o futuro no intuito de apresentar a construção do sentido para cada sujeito. Além disso, em razão da atividade analisada não ser a profissão dos indivíduos, as autoras realizaram uma análise da trajetória fora do contexto da igreja, contemplando aspectos profissionais dos envolvidos como auxílio na formação da representação do trabalho voluntário religioso.

A partir das análises, foi possível observarmos que não há para os entrevistados uma diferenciação clara entre os termos trabalho e emprego, ratificando o que verificamos em André Gorz (2003). Todavia, existe uma diferenciação preponderante entre o que se entende pelos termos “trabalho”, “emprego” e “trabalho na igreja”, sendo a este último atribuído uma conotação muito mais representativa do que uma simples atividade voluntária. Também se verificou que a construção dos sentidos do trabalho voluntário pelos participantes se inicia na socialização na família, por meio dos ensinamentos e hábitos incentivados pelos pais e prossegue com os aprendizados adquiridos na igreja ao longo do tempo. Nesse sentido, a

dependência do contexto sócio-histórico-cultural se manifesta, assim como as relações com as pessoas em torno da comunidade religiosa (BORCHARDT, 2015).

Posto isto, foram diagnosticados oito sentidos do trabalho para os voluntários da instituição religiosa analisada: identificação com a ética luterana; seriedade e imagem da instituição; unidade; condições e disposição em participar; incentivo de outras pessoas; relação com a profissão; relacionamento agradável com a diretoria; e acompanhamento, suporte e reconhecimento. Ambos os sentidos estão interligados e, conforme o contexto, atuam de forma a atribuir sentido para cada sujeito. Como conclusões, as autoras apontam para a possibilidade de debates acerca dos modos de gestão das organizações religiosas em consonância com os achados dos sentidos atribuídos ao trabalho. Todavia, ratifica-se que as experiências e interação com outras pessoas moldam o indivíduo na relação com a igreja, e dessa forma os sentidos atribuídos ao trabalho possuem distinções entre as diferentes religiões ou mesmo entre uma mesma religião (BORCHARDT, 2015; BORCHARDT; BIANCO, 2016).

Posto isto, a seguir apresentamos o quadro síntese da análise dos estudos que contemplam perspectivas para além do trabalho-emprego e da atividade laboral.

Autores	Sujeitos/Categoria/Contexto
(VIANA, 2008; VIANA; MACHADO, 2011).	Trabalhadores de uma organização não governamental da cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.
(COSTA, 2010).	Voluntários de uma rádio comunitária da cidade de Manaus, estado do Amazonas.
(BITENCOURT et al., 2011).	Profissionais que estão se preparando para a aposentadoria e aposentados vinculados à Fundação de uma empresa do estado do Rio Grande do Sul.
(MARRA et al., 2013).	Ex-presidentes e ex-diretores de grandes empresas dos estados de São Paulo e Minas Gerais, aposentados e com mais de 60 anos.
(BORCHARDT, 2015; BORCHARDT; BIANCO, 2016).	Voluntários, membros de uma igreja luterana do sudeste brasileiro.

Quadro 3: Estudos dos sentidos para além do trabalho-emprego e da atividade laboral.

Fonte: O autor.

Desse modo, ressaltamos que as atividades apresentadas neste grupo se caracterizam enquanto ocupações motivadas por questões que extrapolam as limitações do trabalho-emprego e da atividade laborativa, em que o comprometimento dos envolvidos está relacionado a

ligações emocionais, a manutenção de status e poder ou mesmo ao interesse em compartilhar um espaço para relacionar-se a partir de um companheirismo social desvinculado do domínio da necessidade.

4 OS DIFERENTES TIPOS DE FUTEBOL

Assim como ocorre com o trabalho, o futebol não deve ser observado a partir de uma única possibilidade, mas ao contrário, deve ser contemplado e analisado mediante sua diversidade de organização e prática (DAMO, 2003, 2005; MYSKIW; STIGGER, 2014). Cada um dos diferentes tipos de futebol organiza seus significados, seus valores, seus símbolos e espaços, sendo que enquanto alguns são visualizados nas ruas e vielas, outros se mostram nas escolas e quadras de aluguel; se para alguns são construídos estádios de proporções grandiosas em que desfilam grandes jogadores, para outros são reservados os campos de terra e as traves sem redes (GOMES, 2013). Nesse sentido, o presente capítulo tem por objetivo apresentar diferentes perspectivas de análise do futebol, principalmente na dimensão dita amadora, que, embora também se constitua muitas vezes de forma bastante heterogênea, contribui para uma melhor compreensão do fenômeno futebolístico que se manifesta no cotidiano.

4.1 AS MATRIZES FUTEBOLÍSTICAS

Damo (2003) realiza uma crítica ao monopólio temático exercido pelo futebol profissional no ambiente acadêmico, demonstrando a necessidade de apresentar outras dimensões para além daquelas realizadas pelas narrativas hegemônicas do futebol espetacularizado. Para endossar este posicionamento, o autor se utiliza dos conceitos de campo, de configuração e de tipo-ideal, identificados em Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Max Weber, respectivamente, para conceber uma tipologia que contempla quatro modelos configuracionais em torno dos quais a diversidade futebolística é para ele melhor visualizada.

Por configurações futebolísticas, o autor compreende as possíveis segmentações de um amplo e diversificado universo unificado pelo termo futebol. As quatro configurações ou matrizes estão interconectadas, mas cada uma possui a sua especificidade. O que permite diferenciá-las não é o significado atribuído a cada prática, mas “o espaço, o tempo e a morfologia social (composição do público, redes específicas de relações e interesses, divisão social do trabalho dentro e fora do espaço-tempo de jogo e conexões diversas para além do futebol, do esporte e das práticas corporais)” (DAMO, 2003, p. 136).

Nesse sentido, as quatro configurações futebolísticas são: o futebol profissional (de espetáculo ou de alto rendimento), o futebol comunitário (futebol amador, de várzea, de bairro, de fábrica, entre outros); o futebol de bricolagem (informal, de improviso, também chamado de

fute, pelada, racha, baba, etc.) e o futebol escolar (institucional, disciplinar, etc.) (DAMO, 2003). Conforme o autor argumenta, as matrizes não possuem como intuito rivalizar com outras classificações nem servir de modelos no qual os dados empíricos são encaixados, mas sim contribuir para o entendimento da diversidade com mais profundidade. Para o autor, as fronteiras entre as diferentes configurações são porosas e devem ser pensadas de forma conexa, em razão de serem históricas, sociais e culturalmente aparentadas, tendo no “átomo futebolístico”¹⁵ o seu fator comum.

As quatro configurações apresentadas por Damo em 2003 são revisitadas em sua tese de doutoramento em 2005, quando o autor melhor desenvolve a concepção de “futebóis”, timidamente iniciada dois anos antes. Conforme declara, aquilo que é denominado como futebol abarca uma diversidade de fatores empíricos de tal forma que convém servir-se do termo futebóis, no plural (DAMO, 2005). Esta diversidade de práticas futebolísticas representa uma multiplicidade de sentidos, motivo pelo qual se deve manter cautela ao escrever sobre o tema. Afinal, sobre qual futebol estamos nos referindo? Sobre quais sistemas e significados? Desse modo, o autor defende que o termo “futebóis” não é um neologismo de ocasião uma vez que na suposta indistinção das práticas futebolísticas, situa-se uma diversidade de sentidos de tal forma que o uso do termo no plural se impõe. Sendo assim, a partir do átomo futebolístico articulam-se diferentes formas de praticar o futebol podendo ser agrupadas nas quatro matrizes (DAMO, 2005).

A matriz escolar contempla o futebol praticado nas escolas, incorporado no currículo da Educação Física como conteúdo legalmente constituído. Não deve ser confundido com o futebol praticado no recreio ou intervalos, que estaria mais relacionado a prática bricolada. Aqui, considera-se o futebol institucionalizado, que está em consonância com a classificação incorporada pela legislação esportiva vigente no que diz respeito ao esporte educacional e materializada em cada projeto político pedagógico.

A matriz bricolada caracteriza-se pelo improvisado e informalidade, por um fazer permeado de bricolagem, por um jogar-se com o que se têm, ajustando as regras às condições materiais. É o futebol do lazer, da recreação, do ócio, em que o jogo não possui determinações, seja em sua duração ou na divisão de funções e tarefas, praticamente inexistentes. As regras

¹⁵ Damo (2003) utiliza uma analogia à noção de átomo de parentesco de Levis-Strauss (1949) para criar o “átomo futebolístico”, um núcleo composto de certos atributos a partir dos quais o futebol, em que pese suas variações, seja definido como tal. Assim, o “átomo futebolístico” ou “unidade futebolística” seria composto por: a) duas equipes; b) com objetivos ou metas contrárias; c) sendo a disputa mediada por um objeto; d) que não pode ser tocado com as mãos, salvo exceções; e) um conjunto de regras.

são adaptadas e muitas vezes arbitradas pelos próprios participantes, gerando conflitos de interpretação que acabam se tornando uma das grandes características desta dimensão. O futebol de bricolagem é praticado em espaços à margem das instituições formais como as ruas, praças, terrenos não utilizados, dentre outros e possui inúmeras denominações como pelada, racha, fute, etc.

A matriz espetacularizada corresponde à configuração do espetáculo futebolístico caracterizado por algumas particularidades, dentre elas a organização centralizada, monopolista e globalizada por meio do conjunto FIFA-IB¹⁶. O futebol de espetáculo se caracteriza também pela intensa divisão social do trabalho, tanto dentro quanto fora de campo, existindo uma extensa gama de agentes que contemplam o campo desta dimensão de futebol sendo os principais os profissionais, os especialistas, os torcedores e os dirigentes.

Trata-se da configuração em que a excelência performática se torna uma exigência imposta de fora para dentro seja por meio dos interesses dos patrocinadores, dirigentes, críticos ou mesmo do público. Como consequência, há uma dedicação exclusiva e remunerada não apenas dos atletas, mas de praticamente todos os profissionais envolvidos. A matriz espetacularizada também é aquela em que a tensão e o conflito são elevados em seus níveis mais destacados, motivo pelo qual o Estado e seu aparato repressor é constantemente mobilizado para a contenção do público, bem como dos próprios profissionais (DAMO, 2005).

Nesse ponto, é mister ressaltarmos que apesar de nossa pesquisa contemplar um ambiente discursivamente classificado como amador (com manifestações de um semiprofissionalismo), corroboramos com Campos (2009) quando este afirma que é impossível compreender a prática amadora sem conhecer ao menos um panorama geral do futebol profissional. Dessa forma, não pretendemos cair em contradição assumindo a matriz espetacularizada como “modelo legítimo”, conforme muito se crítica (DAMO, 2003; MYSKIW; STIGGER, 2014), todavia, inspirados na categoria sociológica do mimetismo social¹⁷ (MARCHI JR, 2015), vemos no futebol profissional/espetacularizado uma importante fonte de

¹⁶ FIFA – *Federation Internationale de Football Association* é a entidade que supervisiona as confederações, federações e associações de futebol ao redor do mundo. IB - *International Football Association Board*, por sua vez, é a organização que regulamenta e controla as regras do futebol ou *Football Association*, (DAMO, 2005).

¹⁷ Além da reflexão apresentada por Norbert Elias (1995) do esporte como uma resposta catártica e controlada à emoção mimética das relações, riscos e tensões do cotidiano, Marchi Jr (2015) aponta que no mimetismo social encontraríamos o estabelecimento de um diálogo entre as estruturas macro e microssociais, compreendendo as relações de interdependências que se estabelecem entre os agentes e as estruturas sociais que estabelecem determinadas configurações ou lócus sociais de ação. Nesse sentido, no esporte haveria uma transferência de valores e comportamentos tanto do macro para o microssocial, quanto do micro para o macrossocial.

referências que não determina, mas certamente influencia os demais fenômenos futebolísticos, justificando assim, um aprofundamento maior em sua descrição.

Quando se pretende estudar a história do futebol no Brasil, principalmente do futebol profissional, a despeito de uma ênfase maior nos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo, uma das mais importantes referências é a obra de Caldas (1990)¹⁸. Nesta obra, o autor se propõe a descrever a trajetória do futebol no país desde a sua chegada, em 1894, até a sua profissionalização, fazendo uso de uma classificação estruturada em três grandes fases do desenvolvimento do futebol no Brasil: o amadorismo, o profissionalismo marrom e o profissionalismo (LUZ et al., 2015). Outra obra de grande destaque é a pesquisa de Proni (1998) onde é demonstrado o processo gradativo de espetacularização que este esporte sofreu a partir da instituição da profissionalização em meados de 1933. Nesse sentido, Luz *et.al* (2015) sugerem que a obra de Proni (1998) se apresenta como um complemento do modelo explicativo proposto por Caldas (1990), haja vista que há um prosseguimento da análise do futebol a partir da profissionalização, demonstrando a inserção da lógica capitalista de consumo e entretenimento do futebol enquanto espetáculo.

É importante salientarmos que não temos como objetivo realizar uma revisão historiográfica sobre o surgimento, popularização e desenvolvimento do futebol no Brasil. Além disso, é oportuno destacarmos que existem outras possibilidades de periodização, havendo inclusive no ambiente acadêmico um esforço para uma renovação da historiografia sobre o futebol, no intuito de problematizar alguns pressupostos de obras clássicas (como a de Mario Filho, Caldas e Proni) demonstrando, por exemplo, que a apropriação do esporte pelos segmentos mais desfavorecidos da população brasileira ocorreu de forma mais prematura do que o frequentemente relatado, além de apontar que o processo de semiprofissionalização do futebol brasileiro consistiu em um fenômeno sistêmico e não localizado regionalmente (CAPRARO et al., 2012; SOUZA, 2014).

Contudo, a despeito de limitar a observação do futebol mediante uma única matriz, a periodização proposta por Proni (1998) é extremamente esclarecedora no que diz respeito ao processo de mercantilização do futebol brasileiro. Para o autor, a trajetória do futebol no país pode ser sintetizada cronologicamente em sete grandes pontos: 1. O futebol foi introduzido pela elite urbana da Primeira República; 2. Foi convertido em profissionalismo à luz do repúdio das

¹⁸ Embora faça alusão à história do futebol de modo amplo, na verdade, uma leitura atenta do livro remete ao fato de que o autor apresenta com mais ênfase a história dos clubes de futebol, principalmente paulistas e cariocas (LUZ et al., 2015).

oligarquias na década de 1920; 3. Foi disciplinado pelo Estado Novo nos anos 1940; 4. Foi visto como símbolo da força e criatividade do povo brasileiro no período da industrialização pesada; 5. Foi abalado pela crise econômica dos anos 1980; 6. Emancipou-se pelas mudanças jurídicas institucionais provocadas pela promulgação da Constituição de 1988 e 7. Foi remodelado pela política neoliberal dos anos 90.

Nesse sentido, na era da globalização, assistimos a uma pressão crescente contra os controles públicos e entraves à livre concorrência em que o espetáculo esportivo deixa de ser uma atividade-fim para se tornar uma atividade-meio, integrante das estratégias de acumulação de grupos empresariais. Assim, da mesma forma que nos anos 1930 houvera uma ruptura entre os clubes que permaneciam amadores e os clubes que aderiram ao profissionalismo, o processo de reorganização do futebol brasileiro, a partir da década de 1970, ao indicar a progressiva ênfase da lógica empresarial na organização do esporte, também produziria uma nova ruptura com um direcionamento da gestão do futebol para a exploração capitalista do esporte-espetáculo (PRONI, 1998).

Dessa forma, o futebol em sua faceta espetacularizada transforma-se em um funcionalismo burocrático, em que os clubes, federações e até mesmo as torcidas são estruturadas e organizadas no intuito de orientar suas ações de maneira concatenada, a partir de uma lógica empresarial que visa à rentabilidade e o lucro (DAMO, 2005). Os jogadores são transformados em mercadorias de alto valor e comercializados como um produto gerador de grande retorno aos clubes; os torcedores passam a ser percebidos como consumidores ou clientes e são estratificados pelo poderio econômico; os estádios são transformados em palcos que oferecem estrutura de lojas e comercialização de inúmeros produtos relacionados ao clube; o jogo, antes visto apenas como uma forma de integração social, passa a ser visto como um grande ativo financeiro a ser explorado (PRONI, 2008; RODRIGUES; SILVA, 2006).

Isto posto, na década atual, temos o esporte como um dos mais importantes mercados da economia mundial, sendo que no Brasil essa indústria representa quase 2% do PIB empregando mais de 1 milhão de pessoas entre empregos diretos e indiretos. Estima-se que o futebol, enquanto uma das modalidades esportivas que mais impacta no contexto sociopolítico-cultural do país possui mais de 30,4 milhões de praticantes e aproximadamente 142,7 milhões de torcedores distribuídos entre os diversos clubes de futebol brasileiros¹⁹ (MATTAR; MATTAR, 2013).

¹⁹ Dados com base em pesquisas realizadas em 2012.

Por fim, retornando as matrizes, no que diz respeito a comunitária, temos como referência o futebol que se situa entre a matriz espetacularizada e a bricolada, estando principalmente vinculada ao tempo de lazer e a espaços mais padronizados que no futebol bricolado, mas sem a rigidez dos campos oficiais. Damo (2005) aponta que talvez o que melhor caracterize esse futebol intermediário, também denominado de “futebol de várzea”²⁰ é a presença de praticamente todos os componentes do futebol de espetáculo, diferenciando-se apenas na escala.

A divisão social do trabalho no futebol comunitário não é inexistente, mas frágil, principalmente quando observamos fora do campo. Todavia, praticamente todos os times possuem treinador, dirigente, massagista, distanciando-se dessa forma da bricolagem. Em sua delimitação, Damo (2005) aponta que o treinador do futebol de várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana e durante os jogos, os papéis dos jogadores são bem definidos e específicos, entretanto, não causando surpresas quando no decorrer das partidas as posições sejam invertidas.

Nos casos em que há participação das federações estaduais vinculadas, no limite, à FIFA-IB, prevalece a organização de competições locais (bairros ou mesmo cidades dependendo do contexto), como é o caso da Suburbana curitibana. A mídia de grande alcance acaba por ignorar a matriz comunitária ou destaca-a pelos improvisos e confusões, cabendo à mídia local, principalmente em cidades de menor porte, a tarefa de divulgá-la muito em virtude do patrocínio de pequenos empreendedores locais ou mesmo do poder público (DAMO, 2005).

Isto posto, cabe salientarmos que conforme afirma Pimenta (2009), um dos riscos assumidos por Damo em sua tipificação foi apresentar algumas conclusões das matrizes bricolada e comunitária sem investigações empíricas aprofundadas, o que culminou em algumas conclusões que carecem de relativização e questionamentos²¹. Nesse sentido abordaremos a seguir estudos que contemplam práticas futebolísticas amadoras que contribuirão para uma melhor compreensão da diversidade que caracteriza esse tipo de futebol.

²⁰ Conforme veremos adiante, o termo várzea possui conotações diferentes de acordo com cada região brasileira.

²¹ Como, por exemplo, em “o técnico de várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana” ou “não se deve causar surpresa de o centroavante, a certa altura, for jogar de goleiro; ou se um atleta que atuava na ponta-direita e fora substituído antes do intervalo, reaparecer como beque de espera nos minutos finais da partida” (DAMO, 2005, p.42).

4.2 FUTEBÓIS AMADORES – DA VÁRZEA AO QUASE PROFISSIONAL

Myskiw e Stigger (2014) reforçam que ainda existe uma demanda por pesquisas que escapem as narrativas hegemônicas dos modelos “oficiais”, “midiáticos” ou “profissionais” do esporte e atue sobre as práticas cotidianas. Especificamente tratando dos trabalhos produzidos a respeito destes outros tipos de futebol, os autores assinalam diversas análises que seriam caracterizadas por dois movimentos interpretativos: estudos que denotam os aspectos simbólicos de constituição da diversidade com que grupos-sujeitos atribuem significados distintos às práticas conforme as particularidades das configurações socioculturais (STIGGER, 1997, 2002; GONÇALVES, 2002; DAMO, 2003, 2007; MAGNANI, 2003; SILVEIRA, 2008; SILVA, 2009; PIMENTA, 2009; RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010); e estudos que exploram as trajetórias, os traçados, as redes, as tramas urbanas e a polifonia de atores implicados na formação dos times e na produção de sentidos sobre o futebol e seus espaços, representados por (BAULER; 2005; HIRATA, 2005; SPAGGIARI, 2009).

Nesse sentido, Myskiw e Stigger (2014, p. 465) demonstram que a “organização varzeana” é resultado da tensão entre dois modelos, o “mais próximo do profissional” e o “aqui é a várzea”. O modelo “mais próximo do profissional” não resultaria simplesmente em uma reprodução do futebol profissional, e sim na construção da organização fundamentada numa configuração ou num campo singular, irreduzível, que trata de refratar as pressões externas ou aquilo que não era considerado “do futebol”, sendo que este modelo estaria mais próximo do primeiro movimento interpretativo apontado pelos autores, ou seja, de um lugar particular, com normas e valores específicos.

De forma distinta, o modelo “aqui é a várzea” trata de um universo simbólico em que as imbricações com o que “não seria do futebol” deixam de figurar como heresias, tornando-se inclusive fundamentais na própria sustentação do contorno futebolístico investigado posto que as trajetórias e os dramas da vida urbana não poderiam ser ignorados. Este modelo estaria relacionado com o segundo movimento interpretativo, de construções polifônicas, marcadas pelas tramas urbanas (MYSKIW; STIGGER, 2014).

Considerando que o campeonato de futebol amador curitibano (Suburbana) se caracteriza como uma competição que se relaciona de forma mais visível com o modelo interpretativo “mais próximo do futebol profissional”, daremos ênfase a partir de agora nos principais achados de alguns estudos que se relacionam com este modelo interpretativo e que

foram desenvolvidos em diferentes regiões do país, contribuindo para um alargamento da compreensão do fenômeno futebolístico amador brasileiro.

O estudo de Gonçalves (2002), por exemplo, pesquisou o futebol amador na cidade de Juazeiro do Norte, estado do Ceará. Como principais contribuições, a autora apresenta a prática futebolista cearense como uma realidade única, mas constituída de diferenças internas, o que lhe permitiu a composição de duas categorias distintas de futebol amador: os jogos “abertos” e os jogos “fechados”. Essas categorias foram construídas no intuito de agrupar características semelhantes em torno de cada uma delas possuindo assim uma fluidez que permitiu encontrar jogos “fechados” com algumas características de jogos “abertos” e vice-versa.

Conforme definição da autora, nos jogos "abertos" não existe a prévia formação de times, sendo que os jogadores vão chegando, de vários lugares diferentes como se um encontro estivesse marcado. Há uma negociação antes do início dos jogos para verificar quem irá atuar primeiro, ficando a cargo geralmente dos jogadores mais veteranos a escolha das equipes e a condução dos jogos. Já os jogos “fechados” são organizados previamente e conduzidos geralmente por um jogador, e em menor quantidade de casos, por um ex-jogador, aficionado por futebol, que acaba sendo considerado o “dono do time”. Indiferente ao fato de jogar as partidas, o “dono do time” é o responsável por agendar os jogos, comunicar os seus jogadores dos dias e horários das partidas, prospectar patrocinadores, distribuir e recolher o uniforme, além de disponibilizar água durante os jogos e outras funções correlatas (GONÇALVES, 2002).

A classificação proposta por Gonçalves (2002) é interessante pela captura das dimensões essenciais de cada tipo de prática esportiva, como a fluidez dos jogos “abertos”, mais próximos da matriz bricolada ou do modelo “aqui é a várzea”, e as hierarquias dos jogos “fechados”, semelhantes à matriz comunitária de Damo (2003; 2005) ou do modelo “mais próximo do profissional” de Myskiw e Stigger (2014), respectivamente. Esta classificação auxiliou na realização de outros estudos, como por exemplo a pesquisa de Silva (2009), que investiga os significados construídos pelo futebol amador/de várzea na cidade do Recife a partir de sua interdependência com o futebol profissional.

No que concerne à conceituação do futebol amador, além dos conceitos de jogos “abertos” e jogos “fechados” de Gonçalves (2002), Silva (2009) utiliza como arcabouço teórico as matrizes futebolísticas de Damo (2003; 2005), propondo que o futebol amador se caracteriza pela sua prática não profissional, realizada em locais disponíveis nas cidades e com uma organização preponderantemente local. Além disso, declara que apesar da monopolização estética do futebol de espetáculo e das disputas por espaços no contexto urbano, o futebol

amador permanece existente na cidade do Recife, principalmente nas regiões em que reside a população mais pobre que acaba vendo nele uma das poucas opções de lazer.

Um dos pontos destacados da obra de Silva (2009) é sua problematização acerca do lugar como condicionante do processo de adesão e difusão do futebol, demonstrando que mesmo em menor quantidade e em diferentes configurações espaciais, os campos de futebol permanecem nas cidades. Se atualmente eles deixaram de ser o espaço principal na busca por jogadores para os times profissionais²², continuam sendo importantes locais de reunião e socialização “entre as diferentes gerações, etnias e gêneros onde o futebol não é apenas assistido, mas produzido e reproduzido como bem cultural e apropriado de forma heterogênea e complexa” (SILVA, 2009, p. 41).

A autora reconhece ainda a impossibilidade em definir o futebol amador de maneira simplista, ressaltando a grande diversidade e heterogeneidade existente nas diversas configurações coexistentes. Todavia, no intuito facilitar a compreensão e visualização de sua multiplicidade, é estruturada uma escala de futebóis em que procura agrupar tanto o sentido que direciona a prática, relacionado aos jogos “abertos” e “fechados”, quanto no que tange às diferentes formas de organização ou matrizes futebolísticas.

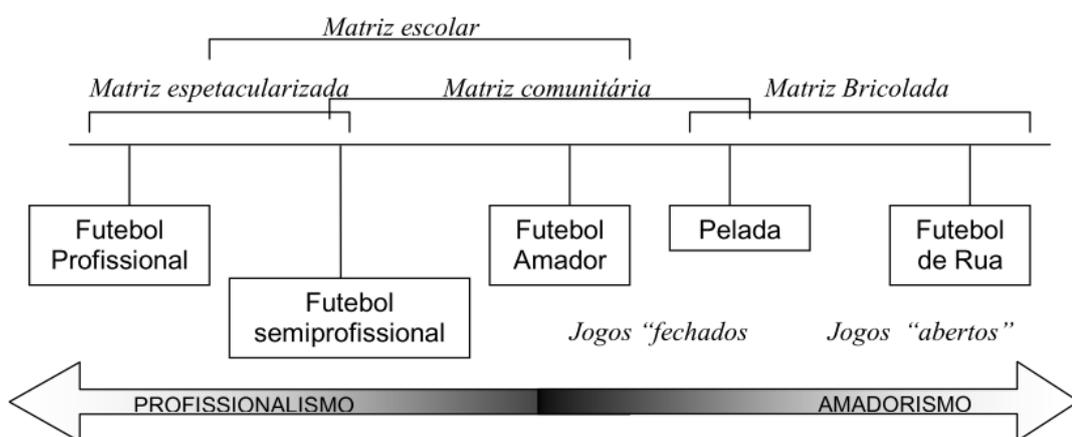


Figura 1: Escalas de futebóis.

Fonte: Silva (2009).

Dessa forma, temos em Silva (2009) como horizonte para o “Futebol amador”, uma prática de futebol intermediária entre os sentidos de amadorismo e profissionalismo, com uma

²² O atual contexto tem nas escolinhas de futebol e nas categorias de base dos próprios clubes o principal contexto de formação de jogadores. Para mais sobre o assunto ver Damo (2005) e Rodrigues (2003).

organização muitas vezes próxima da “Pelada” e outras do “Futebol profissional”, contemplando principalmente a matriz comunitária de Damo (2003; 2005) com proximidade em alguns casos aos jogos “abertos” e em outros aos jogos “fechados” de Gonçalves (2002), coexistindo em uma diversidade de “futebóis amadores”.

A autora realiza ainda uma análise das semelhanças e diferenças entre o futebol amador e o futebol profissional a partir do diálogo com os agentes envolvidos na construção do futebol amador de Recife. As semelhanças estariam voltadas principalmente para as características relacionadas à prática esportiva de forma geral como a rivalidade, a reunião de pessoas, as regras e as sensações propiciadas pelos jogos, enquanto que as diferenças estão relacionadas primordialmente a estrutura material, ao caráter e a motivação da prática.

Já na estrutura material há um distanciamento considerável entre o futebol amador e o futebol profissional, visto que o primeiro não possui o mesmo aparato do último, sofrendo com a precariedade, tendo que se adequar a partir do mínimo necessário. Em relação ao caráter da prática evidencia-se a diferença entre o lazer e o emprego, sendo que no futebol profissional existe um vínculo formal, empregatício, enquanto que no futebol amador, a despeito do vínculo entre dirigentes e jogadores, haveria um compromisso maior com a diversão, permitindo relações mais frouxas de participação e engajamento. No que diz respeito à motivação para a prática, também há uma espécie de polarização, agora entre o amor e o dinheiro, haja vista que no futebol profissional predomina o compromisso baseado em um retorno financeiro, enquanto que no futebol amador prepondera o amor pela prática como motivação primordial²³.

Outro estudo realizado sobre futebol amador Pernambucano é a pesquisa de Pimenta (2009), que inova ao analisar a prática tanto na perspectiva urbana quando na perspectiva rural do sertão nordestino. A autora aponta para a indispensabilidade da utilização das categorias de Damo (2005) no tratamento das diferentes matrizes ou futebóis, porém o faz refletindo sobre alguns pontos que merecem relativização e questionamentos, conforme já analisado anteriormente. Da mesma forma, afirma a originalidade da classificação proposta por Gonçalves (2002), bem como reflete sobre algumas limitações nesta classificação,

²³ Nesse ponto há uma reflexão interessante realizada por Silva (2009). Apesar do amor figurar como predominante na motivação para a prática do futebol amador, a autora percebe uma crescente participação da remuneração, mesmo que indireta, no futebol dos clubes amadores de Recife, criando dessa forma um ambiente em que se estrutura uma espécie de “amadorismo marrom”, uma vez que “não apenas as grades de cerveja são os interesses daqueles que buscam jogar nos clubes. Os antigos “bichos”, agrados dados aos jogadores, permanecem sob a forma de eletrodomésticos, ajuda para pagar contas de luz, entre outros” (SILVA, 2009, p. 111).

principalmente no que diz respeito à ausência das relações entre torcedores e times e entre diretores dos times e o poder público.

Assim, Pimenta (2009) opta por utilizar as nomenclaturas expostas pelos seus próprios informantes, ajustando sempre que possível às diferenças entre o meio urbano e o rural. No intuito de localizar o leitor acerca da compreensão de pelada e futebol de várzea, empreende-se em apresentar algumas definições prévias, mesmo consciente dos limites em realizar tal atividade em um estudo etnográfico. A autora argumenta que o futebol amador é uma prática esportiva amplamente difundida no país e de difícil limitação, porém, tendo em vista que sua pesquisa foi realizada em dois espaços sociais distintos (cidade/urbano e campo/rural), elabora um “tipo ideal” de futebol amador em que delimita os seus principais aspectos, dividindo-o em duas dimensões essenciais: estrutural e da prática do jogo.

No que diz respeito à dimensão estrutural verificam-se as similaridades entre o futebol amador e o futebol profissional com ênfase na incorporação de termos e modelos organizacionais. São observados times que possuem sede própria, presidente, sócios, diretores, torcidas organizadas, etc. adotando inclusive os mesmos termos do futebol profissional: fundador, diretoria, comissão técnica, patrocinadores, etc. Para a autora, essas equipes podem ser consideradas verdadeiras “maquetes” dos times profissionais, principalmente daqueles de maior destaque nacional e internacional, sendo inclusive fator comum o “batismo” dos clubes amadores com nomes semelhantes aos dos grandes clubes do futebol mundial.

De forma geral, Pimenta (2009) conclui que o futebol amador guia a sua prática pelas regras do futebol profissional, restringindo-as em alguns casos e flexibilizando-as em outros, todavia, a referência sempre é o *Football Association*. A comparação realizada entre o futebol amador urbano e o futebol amador rural demonstrou, apesar das distinções entre os espaços, a existência de uma maior quantidade de semelhanças do que diferenças, cabendo destaque apenas para distinções a respeito das torcidas, em virtude de que no contexto urbano sua presença é mais efetiva e sua atuação mais intensa.

Outra possibilidade de análise de conceituação do futebol amador é apresentada por Campos (2009), que ao pesquisar o futebol amador amazonense, constrói suas concepções mediante as matrizes futebolísticas de Damo (2003; 2005) contrapondo-as com as categorias de esporte previstas na Lei nº 9.615/1998 (educacional, de participação, de rendimento profissional e de rendimento não profissional) no intuito de propor categorias de análise baseadas em Tamburrini (2001), de quem reflete acerca das diferenças entre o futebol amador (ou aficionado) e o futebol profissional.

Uma das principais contribuições do autor é a reflexão sobre o fato do jogador amador não ser aquele que não auferir nenhuma vantagem econômica com a prática esportiva, mas sim aquele que não possui contrato formal com qualquer instituição. Dessa forma, o atleta amador pode praticar futebol apenas por prazer ou mesmo na busca de reconhecimento simbólico e mesmo remuneratório, mas sem vínculo profissional com nenhuma organização.

Campos (2009) ainda propõe a utilização dos termos futebol profissional e futebol amador, no entanto, frisa o afastamento a qualquer indício de dicotomia e justifica o uso como forma de apresentar duas lógicas que a despeito de, supostamente serem contrárias, convivem de maneira comum, às vezes de forma intensa e que inclusive podem ser complementares. De tal modo, o autor classifica o futebol profissional como integrante da categoria legal “desporto profissional”, uma vez que possui contrato de trabalho legalmente válido, realizado em uma organização e que prevê contrapartida remuneratória. Além disso, estão presentes o enquadramento na hierarquia internacional do futebol (monopólio FIFA-IB) a intensa divisão o trabalho social e o foco no desempenho.

E não menos importante, o autor apresenta sua concepção de futebol amador como “todas as formas de futebol que não são mediadas por contratos de remuneração formais, que se enquadrem na lógica profissional, com instituições esportivas, tais como clubes” (CAMPOS, 2009, p. 115). Nesse sentido, pretende contemplar desde as manifestações mais livres da matriz bricolada (prática desportiva não formal no sentido legal) até as que se aproximam mais do futebol profissional englobadas na matriz comunitária (desporto de rendimento não profissional nos termos da lei). Assim, apesar da expectativa de existência de contrato não remunerado com clubes ou de remuneração por parte de empresas, a palavra “amador” remeteria a uma prática realizada pelo propósito do amor, do prazer, sem um compromisso maior.

Nesse ponto, Campos (2009) realiza outra reflexão interessante que diz respeito da distinção entre “futebol amador” e “amadorismo”. Conforme aponta, o amadorismo em oposição ao profissionalismo não trata das relações de trabalho e de comprometimento no ambiente do futebol, mas estaria relacionado ao que ele chama de um “*ethos* futebolístico específico” que tem sua gênese e manifestação com a difusão mundial do futebol e sua implantação no Brasil. Este amadorismo estaria associado a uma concepção do esporte (e assim do futebol) como prática aristocrática de lazer em que eram valorizadas as qualidades educativas, moldadoras de caráter, de formação de coragem e virilidade, produtoras de valores e saúde (CAMPOS, 2009).

Contudo, para o autor, o futebol amador não se fundamenta necessariamente neste “*ethos* do amadorismo”, principalmente na atualidade, onde a prática amadora deixa de ser algo das grandes elites e de diferenciação social, sendo praticado em uma grande diversidade de lugares. A partir dessa multiplicidade, o futebol amador contemporiza diversos “*ethos* futebolísticos” desde a competitividade até o descompromisso, ou ainda nos termos legais, desde o esporte de rendimento não profissional até as práticas não formais passando pelo esporte de participação (CAMPOS, 2009).

Para além dos estudos do futebol amador nortista e nordestino, temos na pesquisa de Gomes (2013) uma análise da forma como os clubes de futebol amador da cidade de Belo Horizonte se organizam, quais integrantes deles participam e o entendimento desses atores em relação ao futebol amador no contexto atual. Como principais contribuições do estudo apontam-se as reflexões sobre a relação familiar dentro do futebol amador; a influência dos bares e espaços de convivência²⁴ em torno dos campos; do futebol amador como um espaço que promove o fortalecimento da relação entre as pessoas; sobre a relação do tráfico como financiador de alguns clubes e de forma mais intensa sobre as dificuldades, principalmente financeiras, enfrentadas pelos clubes de futebol amador.

Acerca deste último item, Gomes (2013) realiza uma apreciação dos aspectos relacionados às transformações do futebol amador em Belo Horizonte, realizando apontamentos sobre as principais causas dos problemas enfrentados pelos clubes amadores como a urbanização e o crescimento desordenado (que dificultam a permanência de espaços para a prática do futebol²⁵); a perda e/ou desinteresse com o clube por parte das comunidades e a diversificação das atividades de lazer relacionada a questões geracionais.

Por fim, a pesquisa de Martins (2016) apresenta uma realidade distinta das regiões norte, nordeste e centro-oeste ao realizar uma abordagem sócio histórica do campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre. Com o objetivo de compreender o desenvolvimento da cadeia de interdependências entre os participantes e a atuação destes frente às divergências nas lógicas esportivas adotadas desde o surgimento da competição, a autora destaca a importância dos campeonatos de futebol amador para diversas regiões brasileiras e aponta para um recente

²⁴ Gomes (2013) relata principalmente a existência de um comércio chamado de trailer, que é frequentado não somente por quem vai jogar, mas também por aqueles que vão assistir aos jogos do Social Olímpico Ferroviário, um dos clubes analisados pelo autor.

²⁵ Interessante ressaltar que a percepção da redução dos campos de várzea é verificada em outras capitais, como analisado na fala do treinador “Pachequinho” que no 7º Simpósio do futebol da Secretaria de Esportes da Prefeitura de Curitiba em 26/06/2017 apontou para a redução de “campos de várzea” na cidade de Curitiba.

aumento no interesse por parte dos pesquisadores em buscar compreender o futebol jogado pelas pessoas comuns, que em seu cotidiano, inserem o esporte entre as suas atividades de lazer.

No que concerne à conceituação do futebol amador²⁶, a autora utiliza principalmente as matrizes futebolísticas de Damo (2003; 2005) no intuito de demonstrar as diversidades no futebol e auxiliar a pensá-las, todavia, corrobora com Stigger (2005) quando aponta que qualquer classificação nesse sentido será incompleta. Para ela, o futebol amador é uma prática esportiva difícil de ser descrita em poucas palavras, principalmente em decorrência de sua dinâmica e pluralidade, compreendendo-a como uma prática auto-organizada e que ocorre no tempo de lazer, ainda que mantenha semelhanças com o futebol de alto rendimento.

Entre as principais contribuições destacamos a descrição das transformações atravessadas pelo campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre, contemplando uma fase de intensa “institucionalização” e um posterior “retorno à várzea”, em um exemplo de disputa entre a normatização e rigidez (presentes na matriz espetacularizada) e a flexibilização (presentes na bricolagem), demonstrando não haver, pelo menos nessa figuração, uma linearidade no que diz respeito aos rumos de organização do campeonato. Outro ponto de destaque verificado durante praticamente todo o texto é a relação de interdependência da competição com outras esferas da vida dos participantes, em que ressaltamos o impacto da violência e do tráfico de drogas modificando a estrutura do campeonato e as relações em seu entorno.

Por fim, salientamos a diversidade do futebol amador ratificada pela autora, tanto no que tange a relação com as normas seguidas pelos participantes quanto pelo significado atribuído por tais pessoas. Assim como vimos em praticamente todos os estudos nas diferentes regiões brasileiras, Martins (2016) reflete que a heterogeneidade do futebol amador é algo plenamente perceptível, sendo inclusive realidade no interior de uma única competição.

²⁶ Martins (2016) utiliza o termo Futebol de várzea, em virtude de ser a denominação mais utilizada em Porto Alegre. Todavia, compreende como substitutos os termos futebol comunitário (DAMO, 2007), futebol de bairro, amador ou pelada.

5 O TREINADOR DE FUTEBOL

Uma vez situado o leitor sobre a diversidade do futebol, faremos uma análise da figura do treinador, obviamente com especial atenção ao treinador de futebol. Em virtude da escassez de material sobre treinadores amadores em conjunto ao mimetismo verificado entre a Suburbana curitibana e o futebol profissional, traremos questões relativas ao treinador de maneira ampliada, contemplando alguns dos temas centrais das recentes publicações brasileiras, além de situar as principais atividades realizadas pelos treinadores, a construção do que é “ser treinador” e quais são as características conferidas ao sucesso esportivo. Também refletiremos acerca das relações de poder envolvidas no futebol e na atuação do treinador, a interferência da mídia, a instabilidade e o estresse da carreira e por fim as mudanças de sentidos atribuídas ao treinador ao longo dos anos que o transformou de um mero selecionador a mais uma celebridade presente no espetáculo esportivo.

5.1 O TREINADOR ESPORTIVO

No que diz respeito à pesquisa acerca do treinador esportivo em sentido amplo, Tozetto (2016) aponta que os estudos em contextos internacionais, sobretudo no idioma inglês, possuem um estágio maduro de mapeamento e análise, inclusive com diversas revisões sobre o “*coaching*” destacando-se (GILBERT; TRUDEL, 2004; JONES; HARRIS; MILES, 2009; McCULLICK, et al. 2009; CUSHION et al., 2010; VELLA; OADES; CROWE, 2010; FLETCHER; SCOTT, 2010; GILBERT; RANGEON, 2011; RANGEON; GILBERT; BRUNER, 2012; KUKLICK; GEARITY, 2015).

Em relação ao cenário brasileiro, considerado de grande riqueza, o autor realizou um mapeamento das investigações científicas acerca do tema²⁷, em que constatou uma maior abordagem qualitativa com foco nos estudos que procuram diagnosticar o que os treinadores pensam ou sentem e o que eles fazem ou deveriam fazer.

²⁷ A pesquisa foi realizada a partir de temas e categorias inspiradas em Gilbert e Trudel (2004) e o tipo de abordagem de pesquisa mediante as recomendações de Creswell (2003). O autor selecionou artigos entre os períodos de 2000 a novembro de 2015 contemplados em oito revistas com foco e escopo específico na Educação Física e Esporte editadas no Brasil, dos estratos A1, A2, B1 e B2, de acordo com a classificação do triênio (2010- 2012) de avaliação do Sistema WEBQUALIS em vigência no período de recolhimento dos dados. Os periódicos analisados foram: Motriz; Movimento; Revista da Educação Física/UEM; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Pensar a Prática; Revista Brasileira de Ciência e Movimento (TOZETTO, 2016).

Para o autor, a valorização das abordagens qualitativas revela uma preocupação com a obtenção de uma análise mais aprofundada e específica das informações, no intuito de apreender de melhor forma o que contorna a formação e a intervenção dos treinadores e que, em certa medida, está em consonância com o averiguado nas publicações internacionais, principalmente das últimas décadas. A seguir, apresentamos tabela com a distribuição dos estudos entre as categorias e temas analisados por Tozzetto (2016).

Tabela 1: Publicações sobre treinadores esportivos distribuídas por tema e categoria

TEMA (%)	CATEGORIA (%)
Pensamento (36,6)	Percepções (23,2)
	Opiniões (7,4)
	Emoções (2,4)
	Filosofia (2,4)
	Conhecimento (1,2)
Comportamento (32,9)	Estilo de liderança (12,2)
	Comportamentos (7,4)
	Estratégias (3,7)
	Comunicação (2,4)
	Estilo de treinamento (2,4)
	Estabelecimento de meta (2,4)
	Papel do treinador (1,2)
	Relação treinador-atletas (1,2)
Desenvolvimento da carreira (24,4)	Educação (9,8)
	Desenvolvimento (6,1)
	Certificação (4,9)
	Oportunidades de carreira (2,4)
	Intervenção (1,2)
Avaliação (4,9)	Ferramentas de avaliação (3,7)
	Critérios de avaliação (1,2)
Características do treinador (1,2)	Gênero (1,2)

Fonte: Tozzetto (2016).

Em relação ao tema “Pensamento”, prevalecem às categorias “percepções” e “opiniões” com interesse no estudo do “motivo pelo qual fazê-lo”, sendo prioritariamente reveladas a partir de pesquisas com treinadores de sucesso no intuito de identificar as percepções das competências e conhecimentos mais valorizados e utilizados pelos treinadores. Já em relação ao tema “Comportamento”, verifica-se a predominância dos estudos sobre liderança, também

em coerência com as pesquisas internacionais que têm investigado a área comportamental do *coaching* principalmente a partir da década de 1970 com especial destaque para a América do Norte e para a Europa (TOZETTO, 2016).

De acordo com o autor, as pesquisas internacionais estão muito relacionadas ao contexto do esporte para jovens, enquanto que no Brasil verificou-se maior destaque para o esporte de elite, principalmente relacionado ao futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Como conclusões, constata-se ainda um crescimento de publicações, sobretudo a partir de 2009 e a ressalva de que a pesquisa sobre os treinadores esportivos possui um espectro muito amplo (TOZETTO, 2016).

De modo geral, acrescentamos ser possível observar pesquisas em relação aos treinadores que contemplam desde os processos de formação; legislação profissional, aquisição de conhecimento e processos de aprendizagem; estilos de liderança, expectativas, percepção e satisfação de atletas em relação aos treinadores; comportamentos mais eficazes; relação com a mídia; construção da imagem dos treinadores, situações de ansiedade e stress, dentre outros (BETTANIM et al., 2017; COSTA et al., 2012; COSTA; SAMULSKI; COSTA, 2009; FREITAS; RIGO; SILVA, 2012; MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016; PATÚ, 2007; PURDY; POTRAC, 2014; SANTOS; LOPES; RODRIGUES, 2015; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013; THIENGO, 2011; WANG; STRAUB, 2012).

Todavia, apesar da amplitude do panorama apresentado, cabe salientar que conforme argumentam Potrac, Jones e Armour (2002), a ciência do *coaching* ainda é permeada amplamente por pesquisas que retratam o processo de treinamento como uma simples sequência cognitiva de transferência de conhecimento em que os treinadores são analisados meramente como instrumentos, desconsiderando muitas vezes que a sua atividade está ligada a uma ampla gama de outros significados que envolvem contextos sociais e culturais específicos para além do tratamento com os atletas.

Em consonância com tal apontamento, Nelson et al.(2013) afirmam que os estudos existentes sobre treinamento esportivo ainda tendem a ser largamente desprovidos da concepção de emotividade, apresentando os treinadores e atletas como indivíduos racionais, desapaixonados e calculistas. Nesse sentido, apontam o desafio de alguns estudiosos da área (CUSHION e JONES, 2006; POTRAC e JONES, 2009; PURDY, POTRAC, e JONES, 2008; PURDY e JONES, 2011) em desafiar a racionalidade técnica imbuída em grande parte da literatura, ao sugerir que o treinamento está longe de ser um processo sequencial e não problemático, caracterizando-se como uma atividade em que os treinadores utilizam de

inúmeras estratégias para conduzir aqueles ao seu redor no intuito de alcançar os objetivos traçados.

Nesse sentido, embora existam grandes disputas relacionadas ao trabalho no contexto esportivo, com especial atenção aos treinadores, Purdy e Potrac (2014) ressaltam que apesar de os pesquisadores da sociologia do trabalho considerarem cada vez mais a experiências subjetivas dos trabalhadores (BURCHELL et. al., 1999; COLLINSON, 2003; DOOGAN, 2001; KALLEBERG, 2009; SENNETT, 1998) e de haver um aumento da compreensão sociológica do “trabalho precário” e dos “trabalhadores inseguros” (KALLEBERG, 2009, p.2) nas sociedades neoliberais, pesquisas correspondentes em relação aos trabalhadores esportivos (dirigentes, treinadores, jogadores e demais funcionários) ainda são escassas. Para os autores, tal constatação pode ser considerada como surpreendente, haja vista que os trabalhadores do esporte experimentam carreiras muito curtas ou mesmo convivem constantemente com a possibilidade de falha e rejeição.

Embora alguns estudos tenham reconhecido cada vez mais a complexidade social do treinamento esportivo em uma variedade de esportes, ainda persiste uma diminuta quantidade de conhecimentos que abordam as interações que ocorrem entre os treinadores, seus contextos organizacionais, as condições de trabalho que experimentam e o impacto que essas interações podem ter em suas identidades, no local de trabalho e na trajetória de suas carreiras. Com exceção de alguns estudos (CUSHION e JONES, 2006; POTRAC e JONES; 2009; JONES, ARMOUR e POTRAC; 2004) ainda se sabe muito pouco sobre como os treinadores entendem a natureza muitas vezes ambígua e bagunçada de suas carreiras, e sobre como as suas identidades enquanto treinadores são desenvolvidas, sustentadas ou mesmo interrompidas (PURDY; POTRAC, 2014).

5.2 “SER TREINADOR” E O SUCESSO ESPORTIVO

Os treinadores operam como seres sociais dentro de um ambiente em que o processo de treinamento ou de *coaching* se liga inextricavelmente às restrições e oportunidades da interação humana. O treinador não se preocupa somente com a quantidade de conexões entre métodos, mas, sobretudo, com as conexões entre as pessoas e a vida em geral. Nesse sentido, para assimilar de maneira mais holística o processo de treinamento, a pesquisa deve concentrar o mundo social dos treinadores e como eles operam dentro de diretrizes específicas, abordando em especial as interpretações dos treinadores acerca de suas experiências e dos processos pelos

quais os significados e os conhecimentos são utilizados para orientar as suas ações (POTRAC; JONES; ARMOUR, 2002).

De tal forma, para compreender o conhecimento dos treinadores, é necessário entender de antemão seus objetivos, suas prioridades e como eles racionalizam seus comportamentos. Em síntese, é importante saber mais sobre as suas vidas, sobre a forma como a cultura do local de trabalho socializa os treinadores para que cumpram os papéis esperados, compreendendo em conjunto as influências, ora constrangedoras ora libertadoras, das dinâmicas de seus mundos ocupacionais e sociais e como tais influências são compreendidas por eles (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003).

Assim como Betti (1998) afirma que não se pode dissociar o esporte espetáculo da mídia, sugerimos não ser possível dissociar o futebol, em especial o de espetáculo, da figura do treinador. Costa (2006) argumenta que nos últimos anos houve um aumento de espaço e respeito por parte dos treinadores, apontando inclusive que os torcedores não se referem mais aos clubes apenas em função dos seus craques, como o “Santos de Pelé”, o “Botafogo de Garrincha”, o “Cruzeiro de Tostão”, mas também em razão de seus treinadores como o “São Paulo de Telê Santana”, o “Cruzeiro de Luxemburgo”, o Santos de “Leão” ou o “Grêmio de Felipão”.

No contexto internacional, tal relação ainda poderia ser atualizada com alguns casos mais recentes como o “Barcelona de Guardiola”, o “Atlético de Simeoni”, o “Leicester de Ranieri” ou o “Real Madri de Zidane”. Por outro lado, a despeito do recurso midiático da transformação do treinador em celebridade (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016; WAGG, 2006), cabe salientar que ele é a figura mais criticada e atacada quando o time não atinge os resultados esperados e que em virtude de um predominante imediatismo caracterizado no futebol brasileiro, consequência de uma passionalidade por vezes exagerada de torcedores e diretores, os treinadores tornam-se verdadeiros nômades, dificultando a criação de novos casos de identificação entre o técnico e seu clube conforme os exemplos citados anteriormente (MENEGHETTI, 2002).

O treinador possui uma função fundamental no futebol, sendo a figura centralizadora das vitórias e das derrotas e em quem são depositadas as glórias ou críticas pelos resultados. É de sua responsabilidade propiciar aos jogadores condições para a demonstração de suas qualificações técnicas, além de mediar ou mesmo evitar que as cobranças externas sejam superiores a tais capacidades (MENEGHETTI, 2002). Nesse sentido, Costa et al., (2012) argumentam que a função do treinador é muito ampla ao mesmo tempo em que é muito vulnerável, estando sujeita as intensas transformações de humor, quebras psicológicas, cansaço,

depressões, acompanhados de uma sensação de isolamento, embora, em contraparte, permeada por exaltação e heroicidade.

Assim, o papel do treinador não deve ser compreendido apenas pelo limite restrito da instrução “técnica”, haja vista que dele se espera a condução de um processo global de evolução dos atletas a seu cargo, contribuindo para a transformação e o aperfeiçoamento dos comportamentos e atitudes, sempre em prol do rendimento esportivo (COSTA et al., 2012). Conquanto, em decurso de sua função de condução, os treinadores são atrelados muitas vezes ao papel de estrategista, como quem possui ou é cobrado a possuir um conjunto vasto de competências capazes de contribuir para a obtenção de resultados, assumindo também, a depender do momento, os papéis de disciplinador, ditador, democrático, casual, versátil, psicólogo, dentre outros (MARTURELLI JR.; OLIVEIRA, 2005).

Dessa forma, o treinador pode ser compreendido a partir de sua multiplicidade de atividades, visto que sua atuação não se restringe a simples função de orientador técnico, contemplando ainda o gerenciamento de pessoas, o recrutamento de atletas, comissão técnica e equipe de apoio; a elaboração de planejamentos nas áreas técnica, tática, física e psicológica; o desenvolvimento de relações públicas; a definição de um estilo de liderança e comunicação com dirigentes, jogadores, árbitros, jornalistas; além da gestão das pressões contidas na competição e o controle da concentração e das emoções (COSTA et al., 2012; COSTA; SAMULSKI; COSTA, 2009; PINHO, 2009; SANTOS; SEQUEIRA; RODRIGUES, 2012). E sendo assim, “ser treinador” abrange um amplo conjunto de competências multifacetadas em um construto multidimensional. (PINHO, 2009).

Cabe salientar que no contexto brasileiro, é frequente a utilização dos termos “professor” “técnico” e “treinador” para se referir aos profissionais que conduzem equipes e jogadores de futebol. Todavia, a despeito de tratarmos da esfera amadora, em consonância com a legislação brasileira que regula a atuação destes trabalhadores, utilizaremos o termo treinador, ademais, esta também é a palavra que corresponde aos termos utilizados na literatura internacional, sobretudo *coach* em inglês e *entrenador* em espanhol (TALAMONI, 2013; THIENGO, 2011).

Em relação à questão legislativa, é importante salientar que existe uma disputa sobre a possibilidade de atuação dos treinadores de futebol, em decorrência de que do ponto de vista da legislação vigente, Lei nº 8.650/1993, não há obrigatoriedade do treinador possuir graduação em Educação Física, apenas indicando a sua preferência (BETTANIM et al., 2017). De acordo com os autores, existem atualmente no Congresso Nacional tramitações que procuram alterar a regulamentação da profissão a partir de perspectivas mutuamente excludentes que vão desde a

obrigatoriedade de cursos certificados pelas federações e Confederação Brasileira de Futebol (CBF) até a liberdade irrestrita de atuação como monitor ou treinador de futebol a qualquer pessoa, indiferente de prévia capacitação²⁸.

Nesta disputa temos, de modo geral, os profissionais advindos dos cursos de Educação Física de um lado, defendendo a graduação como condição, independente de posterior realização de cursos de formação de treinadores, enquanto do outro estão futebolistas e ex-futebolistas profissionais que argumentam que os cursos de Educação Física não suprem as necessidades de conhecimento e habilidades que devem ser adquiridos para a condução das equipes²⁹ (BETTANIM et al., 2017; SILVA, 2014).

Em todo caso, a despeito da questão jurídica de formação e de atuação, a função do treinador de futebol, como já frisado, compreende-se como uma atividade de elevado nível de exigência, em que a vitória é em diversos casos, o único resultado aceitável. Ganhar ou perder pode significar a permanência ou não em uma equipe e por consequência a avaliação positiva ou negativa de todo um trabalho realizado (TALAMONI, 2013).

Dessa forma, o rendimento esportivo exige do treinador de futebol, enquanto esporte coletivo, um conhecimento que está além das questões técnicas e táticas, englobando ainda aspectos psicológicos e mentais e aspectos de relacionamento social que influenciam diretamente os resultados (COSTA; SAMULSKI; COSTA, 2009). Em virtude desse escopo ampliado de atividades e de sua necessidade de estar à frente da equipe conduzindo jogadores e comissão técnica, o treinador é frequentemente relacionado à figura do líder. Parte dos autores que discutem a temática apontam que neste ambiente altamente competitivo, o sucesso da equipe é, em grande medida, verificado pela qualidade e habilidades de liderança e *coaching*

²⁸ São os seguintes projetos: Projeto de Lei do Senado nº 522/2013 que busca revogar a Lei nº 8.650/1993 ao propor a extensão dos direitos trabalhistas a todos os treinadores de qualquer modalidade desportiva coletiva, considerando o direito de ter habilitação como treinador a todos que realizarem cursos oferecidos por ligas, federações e confederações; Proposta de Lei nº 7.560/14 que pretende alterar a Lei nº 8.650/1993 ao regulamentar a atividade de treinador de futebol aos atletas de futebol que tenham comprovação de três anos consecutivos ou cinco alternados, desde que sejam certificados pelo sindicato de atletas ou pela Confederação Brasileira de Futebol e realizem curso de formação de treinadores, reconhecido pelos sindicatos da categoria e chancelado pela Federação Brasileira de Treinadores de Futebol. E o Projeto de Lei nº 7.113/2014 que por sua vez pretende alterar a Lei nº 8.650/1993 ao assegurar a liberdade para qualquer pessoa exercer a profissão de treinador ou monitor de futebol (BETTANIM et al., 2017, p. 217). Para os autores, tais projetos desprezam a formação superior e o conhecimento técnico-científico ao possibilitar que qualquer pessoa possa se tornar treinador.

²⁹ No 7º Simpósio de futebol realizado em 26/06/2017 pela Secretaria de Esportes de Curitiba com o tema “O treinador de futebol” o ex-jogador e treinador de futebol Zico argumentou que o curso de Educação Física muitas vezes não supre as necessidades do treinador e realizou uma reflexão sobre o significado de “estudar futebol” no intuito de problematizar as diferentes possibilidades de aprendizado fora do contexto da educação formal.

do treinador, fazendo com que haja um forte interesse em uma investigação mais pragmática, que contemple as abordagens mais eficazes e as experiências mais exitosas dos treinadores de sucesso (WANG; STRAUB, 2012).

Wang e Straub (2012), a partir de Pete Carrol (2010), refletem para o fato de que o sucesso de um treinador não está somente na capacidade de transmitir ensinamentos acerca de sistemas de jogos, mas também no papel vital de desenvolvimento de um relacionamento próximo com os jogadores. Em consonância com tal apontamento, Côté e Sedgwick (2003) verificaram que o desenvolvimento de um relacionamento aberto, honesto, confiável e respeitoso é considerado como essencial para um processo de treinamento eficaz.

Ao analisarem uma situação específica do contexto norte-americano³⁰ Wang e Straub (2012) apontam que a liderança do treinador envolve o papel de influenciar os atletas a partir de seu comportamento e exemplo voltando-se para uma atitude de integridade pessoal, atualização do conhecimento sobre o esporte, compreensão da natureza do jogo, além de possuir alta motivação e ética no trabalho. Tais conclusões estão em consonância com Gould et al. (1999) no que diz respeito à determinação da credibilidade, entusiasmo e conhecimento dos treinadores como pontos críticos para o sucesso com atletas de alto nível. Ademais, aponta-se que um treinador de sucesso deve se preocupar com os atletas para além do campo de futebol, uma vez que os jogadores e as jogadoras percebem quando há preocupação por parte do treinador, facilitando o desenvolvimento de uma relação de confiança que contribui para estabelecer um ambiente positivo para a equipe, tornando-se um dos elementos vitais para o sucesso esportivo.

Nesse sentido, cabe salientar que os resultados são semelhantes aos encontrados no contexto britânico por Potrac, Jones e Armour (2002) em que o treinador analisado aparentemente procura criar uma imagem idealizada (GOFFMAN, 1959) de si mesmo aos olhos dos jogadores, na medida em que o uso da instrução, demonstração, elogios e repreensão atuam na criação de um vínculo entre treinador e atletas que não se baseia apenas no respeito profissional, mas também no pessoal. Desse modo, a partir da força deste vínculo o treinador se considera cumprindo adequadamente as demandas do seu papel de treinador de alto nível.

Outro exemplo está na pesquisa de Batista, Graça e Matos (2008) que realizaram um estudo com profissionais do esporte português acerca das características relacionadas à

³⁰ A pesquisa de Wang e Straub (2012) constituiu-se no estudo do caso do treinador Anson Dorrance, o treinador mais vitorioso da NCAA (*National Collegiate Athletic Association*), entidade máxima do esporte universitário dos Estados Unidos da América.

competência em diferentes grupos. Tratando especificamente dos treinadores, destacamos a grande valorização dos componentes voltados ao desempenho e resultado como a liderança, a capacidade de lidar com os atletas e gerir o grupo, a ambição, o perfeccionismo, a autoridade e a experiência.

Já em relação ao futebol brasileiro, Gomes e Souza (2008) ressaltam que diversos saberes advindos da sociologia, gestão, marketing, pedagogia, psicologia, fisiologia, bioquímica, dentre outros formam o conjunto de conhecimentos necessários para atuação e consequente sucesso do treinador esportivo e do preparador físico no contexto contemporâneo. Contudo, apontam que os conhecimentos que devem, de fato, ser dominados de forma profunda por tais profissionais são aqueles relacionados à especificidade da preparação técnica, tática e física dos futebolistas (THIENGO, 2011).

Cabe ressaltarmos que a própria FIFA recomenda aos treinadores a “posse” de um conjunto de características relacionadas à personalidade (dedicação ao futebol, capacidade de determinar objetivos, carisma, natureza inquisitiva, autocontrole e controle do stress); as competências pessoais (inteligência esportiva, organização, questionamento); competências sociais (saber se comunicar e escutar, domínio da criação de um bom ambiente de trabalho; cooperação, capacidade de solução de conflitos); competências cognitivas (conhecimento de sistemas de jogos e táticas, conhecimentos básicos de sociologia, pedagogia, fisiologia, anatomia) e ao estilo de direção (proposição de objetivos coerentes, autoridade e coerência na composição e condução da equipe e justiça na tomada de decisões) (THIENGO, 2011).

Contudo, como já salientado, a atuação do treinador de futebol não deve ser analisada de forma linear, como se apenas o fato de possuir todos os conhecimentos, habilidades e atitudes apontados pelos estudiosos fosse o suficiente para garantir uma condição de sucesso, sendo oportuno salientarmos que o treinador precisa gerir constantemente as diferentes expectativas de uma ampla variedade de grupos, que lhe exigem quase que sempre um resultado vitorioso³¹. E considerando ainda que no futebol, assim como em todos os demais esportes, existe espaço para apenas um campeão, o trabalho do treinador é influenciado por uma grande quantidade de variáveis que estão muito além da simples capacidade técnica.

³¹ Como exemplificado em fala do ex-jogador brasileiro Alexsandro de Souza (Alex), no 7º Simpósio do futebol da Secretaria de Esportes da Prefeitura de Curitiba em 26/06/2017: “Infelizmente, equilíbrio no futebol se resume a bola entrar mais no gol adversário do que no seu”.

5.3 RELAÇÕES DE PODER, MÍDIA E ESTRESSE NA VIDA DO TREINADOR

“O treinador exitoso da atualidade deve ser praticamente um esquizofrênico controlado. É dirigente, amigo, torcedor, animador, psicólogo, instrutor e exemplo em uma só pessoa. Seus jogadores necessitam que seja seu líder; a diretoria requer que seja implacável... e todos – jogadores, diretores, torcedores, imprensa – exigem que seja um vencedor” (Keir Radnedge, colunista da revista World Soccer, conforme citado em SILVA, 2014b, p. 29).

O futebol é formado por grupos (diretoria, jogadores, comissão técnica, imprensa, torcedores, etc.) que quase sempre imaginam um mesmo fim em que os resultados levam o time à conquista de títulos dos campeonatos que participa. Entretanto, em meio a este processo, cada grupo apresenta seus próprios interesses e atua no sentido de alcançá-los: a diretoria busca a lucratividade a partir dos clubes; os jogadores a fama e o dinheiro; a imprensa o reconhecimento do público; os torcedores o sentimento da vitória e a comissão técnica, por sua vez, representada, sobretudo pela figura do treinador, busca a legitimidade de seu trabalho a partir do reconhecimento dos demais grupos de sua competência como fator indispensável ao time (FARIA; MENEGHETTI, 2006).

Acerca disso, algumas pesquisas (CUSHION e JONES, 2006; DENISON, 2007; PURDY, POTRAC e JONES, 2008) descreveram o treinamento esportivo enquanto “uma atividade conflituosa e negociada localizada dentro de limitações ocasionais próprias”³², enquanto que outras analisam o *coaching* como um empreendimento social cotidiano, impulsionado pelo poder, em que treinadores usam inúmeras estratégias para manipular o contexto e aqueles ao seu redor no intuito de alcançar os objetivos desejados (POTRAC; JONES, 2009, p.557).

Esse corpo de literatura destaca a existência de um “jogo de poderes” entre os treinadores e atletas, em detrimento da visão de poder enquanto parte de um relacionamento binário ou localizado em uma única pessoa ou lugar. Na verdade, sugere-se que o treinador, ao invés de ter uma capacidade de transformação irrestrita, exerce um controle variável e muito limitado sobre os atletas que gerencia e sobre o contexto em que atua (POTRAC; JONES, 2009).

Outro ponto a ser destacado é que parte dos estudos existentes sobre o treinamento esportivo ainda tendem a ser largamente desprovidos da concepção da emotividade, apresentando treinadores e atletas como indivíduos racionais, desapaixonados e calculistas. Todavia, essa visão é questionada em estudos onde a atividade do treinador é permeada de uma

³² “a contested and negotiated activity located within particular situational constrains” (POTRAC; JONES, 2009, p.557).

grande diversidade de emoções que variam da felicidade e do orgulho até a culpa e a raiva, compatibilizando a existência de um controle instrumental das emoções principalmente no envolvimento prologando com jogadores, funcionários e torcedores do clube e uma empatia consequente da capacidade de refletir criticamente sobre as experiências atléticas dolorosas vivenciadas no futebol (NELSON et al., 2013).

Destarte, parte-se da premissa de que a atuação do treinador e a construção dos seus relacionamentos com os demais agentes do campo esportivo devem ser analisados mediante a constatação da existência de um contexto de grande importância atribuída aos resultados, de intensa disputa de poder entre os diferentes grupos e de presença marcante dos aspectos emocionais.

A relação dos treinadores com os dirigentes, por exemplo, vislumbra-se mediante a tendência em manter no ambiente interno da organização as divergências e críticas tanto sobre o desempenho técnico do time quanto sobre a condução da gestão do clube. Tal fato nem sempre ocorre, transferindo para o ambiente público comum, sobretudo mediante entrevistas e espaços da mídia, a manifestação de insatisfação na forma de discursos do cotidiano influenciados pelos acontecimentos, geralmente recentes (MENEGETTI, 2002).

Situação semelhante ocorre em relação aos jogadores, haja vista que se, conforme a cultura futebolística afirma, eles podem derrubar treinadores, por outro lado o inverso também é verdadeiro. A oscilação entre os diferentes estilos de treinador, desde o “paizão” até o “autoritário”, atua no sentido de lhe garantir uma posição de liderança e por consequência atribuições e responsabilidades que podem gerar benefícios específicos e vínculos que fortalecem a sua posição (MENEGETTI, 2002).

Como forma de explorar a natureza do treinamento esportivo, sobretudo na relação entre treinadores e atletas, Potrac e Jones (2009) refletem a partir de conclusões empíricas de alguns estudos anteriores como em Potrac, Jones e Cushion (2006) onde os treinadores alegaram a manipulação de impressões de si mesmos para gerar o apoio e espaço necessários para realizar seus cronogramas de treinamento e Jones et al (2004) que ao entrevistarem treinadores de elite, verificaram que estes desenvolviam de forma consciente o uso de estratégias como as mentiras com boas intenções (*white lies*) e a representação (*face work*) para a projeção de circunstâncias e percepções de outros em vantagem própria.

São destacados também os estudos de d'Arripe-Longueville, Fournier e Dubois (1998) e Potrac et al. (2002) que apontam para a existência de ações planejadas pelos treinadores para proteção de sua imagem em momentos de dificuldades. Conforme argumentam os autores, tais

conclusões não têm por objetivo apresentar o treinador como alguém que se comporte de maneira imoral, mas demonstrar que suas ações refletem a compreensão de meios particulares pelos quais o poder social é exercido e que a atuação do treinador está muito além da representação não problematizada, funcionalista e “inocente” típicas em muitos estudos anteriores (POTRAC; JONES, 2009).

Acerca disso, na parte empírica de seu estudo, Potrac e Jones (2009) constaram haver uma concentração de estratégias micropolíticas usadas por um treinador de futebol britânico recém-contratado no intuito de persuadir os jogadores a “comprarem” os seus métodos e programa de treinamento. Além disso, verificou-se que apesar de parecer que os treinadores possuem um direito legítimo de serem vistos como “conhecedores” e “merecedores” de respeito tão logo são contratados, na realidade analisada foram necessários grandes esforços em ações, interações e comportamentos que culminam em um constante processo de desenvolvimento e negociação no intuito de justificar este conjunto de direitos e respeito ao treinador por parte dos dirigentes, torcedores e principalmente pelos jogadores do clube.

Já no que concerne aos torcedores, verifica-se que a relação também é mediada por interesses semelhantes e distintos, dado que o treinador age no intuito de manter a sua posição, enquanto que os torcedores pressionam em favor do rendimento. Dessa forma, em alguns casos os treinadores atuam no intuito de manter um desempenho da equipe capaz de vencer os jogos, mesmo que sejam realizadas críticas em relação à qualidade do futebol apresentado. Contudo, em sequências de maus resultados, mesmo que os motivos estejam alheios ao trabalho do treinador, verifica-se o grande poder da torcida, tendo em conta que a troca do comando técnico figura em sua memória como uma possibilidade de transformação e elevação do desempenho do time, contribuindo para a facilidade nos processos de demissão e criação de expectativas de uma nova vida a todos mediante a mudança do treinador (MENEGETTI, 2002).

Nesse contexto, ressaltamos que este imaginário de benefício na mudança, assim como diversas relações que os treinadores possuem não apenas com os torcedores, mas também com os dirigentes, jogadores, integrantes da comissão técnica e demais envolvidos, são permeadas pela intensa influência da mídia, um dos agentes com a maior capacidade de mobilização no âmbito esportivo contemporâneo.

Conforme aponta Machado (2010), os treinadores enfrentam o poder dos meios de comunicação a todo o momento, uma vez que são eles quem outorgam credibilidade, reconhecimento e prestígio, atribuindo competência ou incompetência a cada treinador. A interferência da mídia é, inclusive, umas das maiores dificuldades referenciadas pelos

treinadores da elite do futebol brasileiro no desenvolvimento de suas atividades (MARTURELLI JR.; OLIVEIRA, 2005).

O desempenho dos treinadores está entre os principais assuntos esportivos e a mídia está sempre pronta para glorificar os “heróis” ou massacrar os “vilões” ao final de cada partida. A esse respeito, SILVA et al., (2014) realizaram uma pesquisa em um site brasileiro de grande visitação durante trinta dias em que se verificou a publicação de 4.580 notícias relacionadas ao futebol com aproximadamente 21,5% dedicadas exclusivamente aos treinadores, enquanto que 3.314 notícias foram relacionadas a outros esportes, sendo apenas 1,8% dedicadas à figura do treinador, demonstrando a realidade peculiar que o treinador de futebol brasileiro enfrenta quando comparado aos outros esportes.

Para análise dos discursos midiáticos, os autores distribuíram as notícias em três macrocategorias (Treinador e relações; Perfil do treinador e Situação no cargo e capacidade profissional) e constataram que as ideias transmitidas com maior frequência no corpo de notícias analisadas foram: articulador tático/técnico; incompetente/competente; formador de opinião e disciplinador/exigente, exaltando percepções acerca das capacidades gerenciais dos treinadores, além da grande frequência de análises críticas acerca do perfil e do trabalho realizado. A grande quantidade de ideias desenvolvidas pelas notícias demonstra a complexidade existente nas relações da função de treinador, haja vista que exploram muito mais que os limites impostos pelo campo de jogo (SILVA et al., 2014).

Como conclusões, os autores refletem sobre os fenômenos da “falação esportiva” (BETTI, 1998), da urgência na criação de notícias e do *fast thinking* (BOURDIEU, 1997) argumentando que a falação objetiva buscar o entretenimento, a criação de expectativas, de heróis e vilões, enquanto que a vinculação de notícias e de informação exorbitantes dificulta ou mesmo impede o pensamento crítico e a reflexão. Por fim, ressaltam a significativa quantidade de notícias que estão orientadas para a análise crítica ou de valorização do treinador por parte da mídia sem, no entanto, haver apresentação dos devidos critérios técnicos utilizados.

Em outra pesquisa relacionada ao treinador de futebol e a mídia brasileira, Silva (2014b) analisou o conteúdo e atribuição feita pelo campo midiático, a partir do discurso televisivo, ao treinador de futebol, verificando inclusive como este pode interferir no reconhecimento social da profissão. Para tanto, foram estudados programas esportivos durante a realização do campeonato mundial de clubes da FIFA no ano de 2011, com especial atenção à final realizada entre Barcelona e Santos, treinados na época por Josep Guardiola e Muricy Ramalho, respectivamente.

A atribuição de prestígio aos treinadores se deu mediante quase que exclusivamente a partir dos resultados dos jogos, conferindo grande volatilidade a este reconhecimento e expondo a grande pré-disposição da mídia em sugerir, avaliar, criticar e atribuir valor ao treinador de futebol. Todavia, tal processo ocorreu a partir de análises pouco aprofundadas, desconsiderando implicações técnicas relacionadas ao treinamento esportivo e a alta quantidade de fatores que interferem na tomada de decisão dos treinadores (SILVA, 2014). Da mesma forma, as conclusões realizadas pelo autor apontam para o fato de haver diferenças em relação à percepção e análise da qualidade do trabalho do treinador antes e depois dos acontecimentos, favorecendo atribuições negativas nos casos em que os resultados não atendem as expectativas anteriormente estimuladas.

Enfim, seja atuando frente aos dirigentes, torcedores, jogadores ou mídia, verifica-se que, diferentemente da visão tradicionalista do treinamento esportivo, o treinador de futebol realiza uma atividade permeada por conflitos e desacordos e, nesse sentido, corrobora-se com (CUSHION; JONES, 2006; POTRAC; JONES; ARMOUR, 2002) quando estes sugerem que os treinadores, como pessoas em posições de influência, caso queiram atingir seus objetivos, precisam se envolver em ações micropolíticas estratégicas, constantemente forjando e reflorescendo alianças com diferentes partes em distintos contextos.

A esse respeito, cabe salientarmos ainda que os treinadores, por mais autonomia que pareçam possuir, estão sempre subordinados à satisfação não apenas dos dirigentes, pelos quais possuem também subordinação hierárquica, mas também dos jogadores, dos torcedores e da imprensa. Todavia, eles também agem em favor próprio e exercem o seu poder em diversas situações como, por exemplo, na forma como os jogadores negociam seus contratos, na influência do gerenciamento do clube, no fomento do imaginário dos torcedores mediante sua capacidade articulatória, no repasse de informações aos jornalistas, etc. (MENEGETTI, 2002).

Contudo, reforçamos que apesar de sua atuação e influência, no contexto brasileiro os treinadores são demasiadamente criticados, satirizados, e corriqueiramente denominados de incompetentes, despreparados e ultrapassados em suas metodologias de trabalho, sendo que, conforme já analisado, tais críticas geralmente são realizadas ou influenciadas por veículos de comunicação mediante análises questionáveis (MARTURELLI JR.; OLIVEIRA, 2005). Em um estudo realizado com treinadores de futebol profissional, os autores verificaram, por exemplo, que os treinadores enfrentam diversos problemas em suas atividades, com grande destaque para a instabilidade profissional, considerada por quase metade dos treinadores como a principal dificuldade, seguida do calendário de jogos, interferência das diretorias, da imprensa

e do relacionamento com os jogadores. Todavia, é importante frisarmos que a instabilidade dos treinadores de futebol reiteradamente é justificada pela falta de resultados positivos no comando das equipes, sendo o planejamento interrompido no intuito de que com a vinda de um novo profissional “salvador da pátria”, as pressões possam ser amenizadas e a atenção desviada até o momento em que o rendimento seja melhorado (MARTURELLI JR.; OLIVEIRA, 2005).

De tal forma, é possível vislumbrar o ambiente esportivo de rendimento como favorável ao desencadeamento de sintomas nocivos de ansiedade e estresse nos treinadores, haja vista a vivência de altas cargas de trabalho, calendário esportivo extenuante, preocupações com a situação administrativa e financeira das equipes, além da própria instabilidade na atuação profissional. Tal contexto está presente no futebol (HJALM et. al. 2007), assim como na natação (RAEDEKE, 2004), atletismo, basquetebol, voleibol (KARABATSOS et al. (2006) e demais esportes (COSTA et al., 2012).

Entretanto, apesar de ser um esporte coletivo, o treinador de futebol geralmente é o primeiro a ser responsabilizado pelo insucesso do clube. E considerando o futebol como um esporte que movimenta atualmente uma bilionária quantia em dinheiro, que influencia dezenas de outros setores e que recebe atenção da mídia em todas as suas manifestações (televisiva, digital, radiofônica, impressa, etc.), o cargo de treinador pode ser considerado como um dos mais propícios às pressões, ao estresse e à violência nas relações de trabalho do ambiente esportivo.

Em 2016, um caso envolvendo a temática despertou interesse dos veículos de comunicação. Muricy Ramalho, treinador vitorioso no futebol nacional, após diversos problemas de saúde, resolveu abandonar a carreira de treinador³³. Em um trecho da entrevista concedida a rádio Jovem Pan, o então ex-treinador afirma que “A pior função, a que dá mais estresse, é ser treinador. O cara não ganha jogo, só perde. Não fica feliz, só aliviado”. Contudo, esse não foi o primeiro episódio de destaque relacionando problemas de saúde com o tipo de trabalho executado pelos treinadores do futebol brasileiro. Outro caso que ganhou atenção do jornalismo, não apenas esportivo, foi o acidente vascular cerebral que o treinador Ricardo Gomes sofreu durante uma partida entre o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Clube de Regatas Flamengo em agosto de 2011.³⁴

³³ Reportagem: Muricy admite encerrar carreira de treinador e vê nova função no futebol. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2016/06/muricy-admite-encerrar-carreira-de-treinador-e-ve-nova-funcao-no-futebol.html>

³⁴ Reportagem: Ricardo Gomes sofre AVC hemorrágico e estado é grave. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/ricardo-gomes-sofre-avc-hemorragico-e-estado-e-grave-1>.

É oportuno salientarmos que tais situações também são passíveis de ocorrer em outras atividades. Entretanto, o que desperta interesse são as intensas transformações nos sentidos atribuídos aos treinadores de futebol nas últimas décadas (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016; WAGG, 2006) e as possíveis relações entre tais transformações e as consequências na qualidade de vida destes trabalhadores.³⁵ Por fim, salientamos que no futebol amador, apesar de uma parcela considerável dos treinadores não sofrer de forma tão intensa com as pressões pelo resultado, observa-se que outras características relacionadas ao comando técnico, como a ansiedade, o estresse e principalmente a violência podem se tornar até mais intensas quando comparadas ao futebol profissional³⁶.

5.4 TREINADOR DE FUTEBOL – DE SELECIONADOR À CELEBRIDADE

Em conjunto a relações de poder que permeiam a atuação do treinador de futebol, Mostaro; Brinati e Helal (2016) argumentam sobre a existência de constantes disputas e interações entre campos que buscam a consolidação e implantação da sua hegemonia no e a partir do contexto esportivo. Nesse sentido, em relação aos treinadores, os autores apontam que em decorrência da produção de sentidos ocasionada a partir de tais disputas, é possível visualizar e refletir a respeito de uma mudança dos valores atribuídos aos treinadores de futebol no Brasil, sobretudo vinculados à seleção brasileira, desde a chegada da modalidade no país até a sua transformação em um espetáculo esportivo.

Dentre outras manifestações, o futebol chega ao Brasil fortemente imbuído de um sentido de sofisticação e civilidade, evidenciando uma posição de relevância social para seu praticante atribuindo um status de modernidade (CALDAS, 1990; CAPRARO, 2002; SOUZA, 2014). A partir desse contexto, existe a premissa de que os primeiros treinadores de futebol exerciam uma função diferente do realizado atualmente, haja vista que parte dos jogadores eram amadores, não havia treinos antes dos jogos e o espírito do cavalheirismo e do *fair play* ainda predominava no “esporte da elite”. Dessa forma, a prática da modalidade estava mais voltada à

³⁵ Reportagem: Técnicos brasileiros de futebol vivem sob pressão e sofrem com problemas de saúde. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5072839/>

³⁶ Reportagem: Técnico de futebol amador é morto após briga em jogo, em Itumbiara, GO. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/05/tecnico-de-futebol-amador-e-morto-apos-briga-em-jogo-em-itumbiara-go.html>; Reportagem: Vereador de Boa Viagem é preso acusado de mandar matar treinador de futebol amador . Disponível em: <http://russasnews.com.br/politica/vereador-de-boa-viagem-e-preso-acusado-de-mandar-matar-treinador-de-futebol-amador/>; Reportagem: Técnico de futebol de salão é morto por ex-dirigente em hotel de Caçador. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/noticia/2015/12/tecnico-de-futebol-de-salao-e-morto-por-ex-dirigente-em-hotel-de-cacador.html>

distinção social e a competitividade ainda não atingira o patamar do futebol profissionalizado, não havendo motivos suficientes para uma grande relevância ao treinador. Posto isto, sugere-se que o significado atribuído a este condizia mais com o caráter de organizador do time, determinando quem jogaria, além de manter a disciplina e zelar pelos valores higienistas e burgueses que a prática deveria reproduzir. Desse modo, aponta-se que o controle da elite nacional naquele momento tornava propícia esta representação do treinador (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

Posteriormente, as transformações pelas quais o país atravessou, principalmente com o Estado Novo, geram consequências no futebol e também na representação do treinador. Neste período, o esporte passa a ser incorporado como uma questão essencial na edificação de identidades nos estados modernos e a preparação dos jogadores passa a ser mais evidenciada, dado que a vitória do atleta se metaforiza na vitória da nação, o que reflete em um papel mais decisivo por parte do treinador, em virtude de que é ele quem “administra” tal representação social (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

Especificamente no Brasil, a década de 1920 se apresenta como um importante momento de discussões acerca da construção da identidade nacional, com uma iminente ruptura com antigas ideologias e correntes políticas (CALDAS, 1990; PRONI, 2008). É também neste momento em que o futebol brasileiro acelera a sua caminhada rumo à profissionalização, mediante um processo amplo, difuso e sistêmico de semiprofissionalização que ocorria em diversos pontos do território nacional (CAPRARO et al., 2012).

Ocorre que neste momento de “profissionalismo marrom”, os clubes que possuíam apenas jogadores amadores e da elite social questionam a presença de jogadores oriundos das classes populares, com melhor condição física, além da própria preparação para as partidas (CALDAS, 1990; PRONI, 2008). A partir disso, o sentido atribuído aos treinadores se modifica e sua importância se divide entre os defensores da manutenção do amadorismo e os defensores do profissionalismo, sendo que para os primeiros, os treinadores eram considerados como alguém que tiraria a pureza do amadorismo ao treinar seus “comandados”, enquanto que para os últimos sua função passa a ganhar maior destaque (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

Todavia, em 1934, época da Copa do Mundo da Itália, os treinadores ainda eram vistos como “selecionadores”, verificando-se um sentido ainda pouco decisivo, a julgar que sua representação se fazia a partir de uma figura que apenas selecionava os titulares. Porém, com a efetivação da profissionalização do futebol e posteriormente com a implantação do Estado Novo, percebe-se um novo momento de modificações nos sentidos atribuídos ao treinador. A

seleção brasileira de futebol passa a ser representante do ideal de nação unificada pretendido por Getúlio Vargas, sendo a Copa do Mundo de 1938 um local propício para a construção de tal representação. Dessa forma, mediante a popularização do rádio³⁷, o governo passa a construir a propagação de uma narrativa de brasilidade e de integração do território nacional (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

A partir desta relação entre seleção e nação brasileira, os autores sugerem que o papel do treinador é remodelado, já que para administrar de forma efetiva todos os passos deste novo símbolo nacional, Vargas exerce influência política na Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para articular a escolha de um treinador que estivesse em consonância com os planos nacionalistas. Dessa forma, Adhemar Pimenta é encarregado de “comandar” esta representação nacional, estabelecendo um novo patamar para a seleção brasileira, com um estilo de trabalho “linha dura” inculcando a ideia de que os jogadores são representantes da pátria convidados para “servir a nação”, iniciando uma narrativa adotada até os dias atuais no que diz respeito à seleção brasileira, principalmente em Copas do Mundo. De acordo com as informações jornalísticas da época, Adhemar Pimenta realizou diversas modificações na rotina dos jogadores, proibindo a entrada de estranhos nos treinos, mulheres na concentração e, momentaneamente, até mesmo o jogo de cartas. Desta forma, o papel de disciplinador surge em coerência com a conjuntura de um governo ditatorial que visava na seleção brasileira à transmissão dos valores da disciplina³⁸ e da ordem.

Novamente, verifica-se uma modificação no sentido atribuído ao treinador, haja vista que se a seleção brasileira representa o país, o treinador passa a ser um agente de visibilidade e responsabilidade perante os campos que exercem influência pública, seja o esportivo ou o midiático. E assim, dentro de um contexto de Copas do Mundo, caracterizado pela metáfora do duelo entre nações, o treinador assume a incumbência de comandar a seleção de futebol, enquanto uma representação nacional, contempladora de uma coletividade que faz parte do imaginário de “ser brasileiro”. Essa representação passa a ser construída e explorada pelos meios de comunicação, acessando este imaginário e, ao seu interesse, resgatando, sedimentando

³⁷ A Copa de 1938 foi a primeira em que houve transmissão radiofônica ao vivo. Além disso, trata-se de um momento em que o aparelho passa a ser vendido a prestações, facilitando a sua aquisição (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

³⁸ Conforme aponta Meneghetti (2002) a característica da disciplina ainda é enfatizada no imaginário dos grupos em relação ao treinador no futebol contemporâneo, uma vez que a partir disso, espera-se um trabalho intenso onde a preguiça e o descaso não são tolerados.

ou adaptando o sentimento nacional de acordo com a conjuntura e as ideologias dominantes (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016). Ou seja, nesse contexto, o cargo de treinador possui uma relevância enquanto um dispositivo daquilo que se pretende enquanto modelo de seleção de futebol. A centralidade da figura do treinador, impulsionada pela mídia, subordina-se à forma como ele consegue reunir o país em torno de um espírito de equipe, fomentando um sentimento de orgulho cívico que agrupa características estimuladoras de identificação entre o torcedor e a seleção (FREITAS; RIGO; SILVA, 2012).

Dando continuidade ao percurso histórico, vislumbramos novamente as transformações ocorridas no futebol brasileiro a partir da década de 1970, quando se inicia o processo de modernização e preponderância do campo econômico sobre o esportivo, em que são visados os resultados esportivos no intuito de obtenção de lucro (PRONI, 1998). Nesse momento o treinador inicia uma nova transformação, passando a ser visto como um “gerente” da equipe, e alguns casos acumulando a função de *manager*, definindo as “compras” e “vendas” no mercado dos “pés-de-obra” (DAMO, 2005) contemplando ao sentido atribuído ao treinador a atividade de planejar, analisar o mercado e manter o “superávit” de vitórias (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

Dessa forma, no futebol globalizado, além de *manager* o treinador passa a receber outros sentidos, como os de “celebridade” e “vilão”. Para Roberto da Matta (2002), essas duas posições adquiridas pelos treinadores mostram como os produtos da Indústria Cultural são complexos e contestáveis, bastando ver que o futebol é um jogo de incertezas e que existe uma contradição na atividade exercida pelo treinador, posto que de um lado temos a faceta racional, enquanto sujeito de conhecimento técnico capaz de conduzir um time a vitória, ao mesmo tempo em que aponta para uma atividade de sorte e oportunidade. E assim, a partir da suposta tendência do brasileiro em personalizar culpados temos que “No futebol, o bode expiatório é o técnico. É ele e somente ele quem “personaliza”, cristalizando o agenciamento na sua pessoa, o time que é, a rigor, uma coletividade” (DA MATTA, 2002, p.62 como citado em MOSTARO; HELAL, 2017).

Conforme apontam os autores, a mídia, ao exercer um papel mediador, tem uma grande importância nas mudanças de sentidos atribuídos aos treinadores, fazendo com que estes se ajustem a cada novo tipo de interação. Os meios de comunicação acabam sedimentando um ideal de treinador que no contexto contemporâneo relaciona-se com as noções de produtividade, capacidade comunicativa e de engajamento emocional do grupo de jogadores e demais membros da equipe, dentre outros. Desse modo, as maiores críticas em relação à mídia neste

ambiente de esporte espetacularizado recaem sobre a situação contraditória em que vivem os treinadores, haja vista as exacerbadas projeções realizadas nas vitórias, quando seu trabalho é visto como símbolo de sucesso, e nas derrotas, quando as equipes são analisadas de maneira superficial no intuito de evidenciar uma posição de vilão e culpado (MOSTARO; BRINATI; HELAL, 2016).

Todavia, conforme aponta Wagg (2006), a explicação do desempenho das equipes mediante apenas a atuação do treinador, ignorando outros fatores, faz parte de uma lógica capitalista de resultados imediatos que serve a vários interesses distintos do ambiente esportivo, sendo que a representação atual do treinador pode ser analisada como uma consequência do contexto neoliberal com ênfase na fluidez e na volatilidade. A partir da exploração das políticas de celebridade do futebol, em que os treinadores, principalmente dos grandes centros futebolísticos, se tornam verdadeiros heróis globais, o autor argumenta que o treinador se constitui enquanto paradigma para a explicação dos resultados dos jogos de futebol. Sobretudo a partir de sua importância comercial e política, o futebol, ou melhor, a cultura futebolística cria o mito do treinador para que este sirva aos interesses de todas as partes envolvidas: administradores, donos de clubes, mídia, jogadores e aspirantes a tecnocratas.

Este paradigma é útil, pois em qualquer momento da vida de um clube importante, a justificativa para o desempenho do time poderá ser reduzida a um único fator determinante, a atuação do treinador. Todos os pormenores estruturais e demais lista de fatores, mesmo que não sejam totalmente desconsiderados, são minorados. Não que os treinadores não possuam conhecimentos técnicos especializados ou capacidades que influenciem o resultado dos jogos, todavia, no limite, não são tais competências que definem o destino do treinador. Sendo o discurso futebolístico, em suma, conduzido exclusivamente pelos resultados, quando se sente a necessidade de debates acerca das vitórias e derrotas, estes se fazem prioritariamente pelo prisma do treinador, desconsiderando muitas vezes todo o entorno. Em síntese, no contexto do futebol espetacularizado e da criação de celebridades, “os treinadores de futebol poderão traçar sua própria história, mas não escolhem as circunstâncias em que o fazem” (WAGG, 2006, p. 349).

6 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O que demarca o conhecimento científico é o método. Entretanto, a metodologia “não aparece como solução propriamente, mas como expediente de questionamento criativo, para permitir opções tanto mais seguras quanto mais consciência tiverem de sua marca aproximativa” (DEMO, 1995, p.16). Reconhecendo assim como Demo (1995) que o pesquisador tem seus ídolos, os quais mais aceita do que critica, e que ele só pode chegar à objetivação, uma vez que é humano e que se orienta também pelos seus interesses e considerando ainda os critérios de originalidade, importância e viabilidade propostos por Castro (1978), o presente capítulo tem por objetivo apresentar as principais decisões metodológicas escolhidas para a pesquisa.

6.1 DELIMITAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA

6.1.1 Etapas da Pesquisa

O presente estudo é compreendido como uma pesquisa qualitativa de natureza descritivo-exploratória. Para Sampieri, Callado e Lucio (2013), o enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes sobre os fenômenos que os rodeiam, ou seja, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Já Spink e Menegon (2013) apontam que os métodos qualitativos são mais receptivos ao entendimento dos sentidos, sobretudo por se preocuparem com a compreensão das minúcias, a despeito das generalizações a partir de uma grande abrangência.

De acordo com Richardson (2012) estudos descritivos são utilizados quando se deseja descrever sistematicamente as características de um fenômeno ou área de interesse enquanto que os estudos exploratórios são utilizados quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecer as características de um fenômeno para procurar, posteriormente, explicações das causas e consequências deste fenômeno. Dessa forma, por meio de uma abordagem qualitativa, serão definidos como planos de pesquisa a descrição e a exploração dos sentidos do trabalho atribuídos pelos treinadores da Suburbana.

Cabe salientarmos que a presente pesquisa se iniciou mediante uma análise exploratória, semelhante ao proposto por Minayo (2009), do campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba (Suburbana) e da atuação dos treinadores. Esta etapa foi estruturada a partir de observações de treinos e jogos, acompanhamento de programas esportivos, além da realização

de oito entrevistas com treinadores que já haviam atuado na competição. Desse modo, o intuito desta fase foi se aproximar da temática, buscando compreender de melhor forma como a Suburbana se constitui e quais as principais características e possibilidades de estudo no que diz respeito à atuação do treinador inserido neste contexto.

Tendo realizada esta aproximação, buscamos na pesquisa bibliográfica um aprofundamento para formação do referencial teórico condizente com as categorias de interesse, como as reflexões sobre o labor, trabalho e ação em Hannah Arendt; a visão questionadora da centralidade do trabalho e a problematização das atividades mercantis e não mercantis de André Gorz; as análises acerca dos sentidos do trabalho no contexto contemporâneo; além da caracterização dos diferentes tipos de futebol e da figura do treinador.

Após realizar esta apropriação com as principais linhas teóricas que acompanhariam o estudo, foi desenvolvida uma terceira etapa a partir do prosseguimento com a pesquisa de campo, em que realizamos a observação de treinos, jogos e bastidores da Suburbana 2017. Além da atividade de observação, foram realizadas novas entrevistas, mediante aproximação com o método da história oral temática (MEIHY, 2004, 2011) contemplando os treinadores já entrevistados na fase exploratória, porém, privilegiando aqueles que não possuíam como trabalho-emprego a atividade de treinador ou qualquer outra relacionada ao ambiente do futebol.

Por conseguinte, realizamos a descrição da trajetória destes treinadores em que focamos as suas relações com o futebol amador e o ingresso na Suburbana. Em seguida, caracterizamos a atividade de treinador no contexto da competição, contemplando principalmente as condições de trabalho e a relação entre esta atividade e o emprego formal exercido pelos treinadores. Por fim, mediante a relação entre o material coletado, com destaque para as observações e entrevistas, buscamos identificar os sentidos atribuídos a atividade de treinador de futebol amador da Suburbana, desenvolvendo concomitantemente discussões relacionadas ao referencial teórico proposto.

6.1.2 Os Sujeitos da Pesquisa

O presente estudo contemplou treinadores de futebol que já atuaram ou estavam atuando em clubes participantes da Suburbana curitibana. Contemplaram a primeira etapa do estudo oito treinadores, dos quais cinco haviam atuado na Suburbana de 2016, sendo quatro em times da Série A e um treinador em um time da Série B³⁹. Três treinadores entrevistados já haviam atuado

³⁹ Conforme veremos adiante, a Suburbana possui uma série A e uma Série B.

na Suburbana em outras temporadas e estavam, no momento das entrevistas, exercendo as atividades de treinador em clubes de outros campeonatos de futebol amador da Região Metropolitana de Curitiba.

Desse modo, salientamos tratar-se de uma amostra diversificada dentro do universo da Suburbana, haja vista termos contado com treinadores de gerações diferentes e que atuavam em clubes em condições muito distintas. Dessa forma, os dados coletados na fase exploratória permitiram o desenvolvimento de diversas reflexões tanto em relação a atividade do treinador e as condições nas quais ela está exercida, quanto sobre questões temporais que tratavam do passado e do presente da competição. No segundo momento de entrevistas, apesar de termos privilegiado os treinadores que não possuíam como trabalho-emprego funções relacionadas ao futebol, foi possível manter uma diversidade em relação aos clubes (foram entrevistados dois treinadores da Série A e dois treinadores da Série B) assim como no que diz respeito a questão geracional (dois treinadores já exerciam a função há mais de duas décadas, enquanto os outros dois atuavam há poucos anos).

Faremos uso dos termos “treinadores de profissão” e “treinadores por opção” no intuito de facilitar a diferenciação em relação a atuação na Suburbana. Os “treinadores de profissão” são aqueles que possuem trabalho-emprego diretamente relacionado ao futebol, enquanto que os “treinadores por opção” são aqueles que não possuem vínculo empregatício com qualquer tipo de organização esportiva ou que tenha relação com o futebol. Além disso, aos “treinadores por opção” entrevistados em duas oportunidades, atribuiremos o termo “protagonistas”, uma vez que se trata do grande foco da pesquisa, contemplando inclusive a descrição das trajetórias de vida e condições de atuação.

Nesse sentido, salientamos que na fase exploratória foram entrevistados três treinadores de profissão e cinco treinadores por opção, enquanto que na segunda rodada de entrevistas foram entrevistados quatro treinadores por opção. É mister destacarmos também que no intuito de evitar a identificação dos treinadores, foi solicitado aos protagonistas a escolha de um nome para utilização na descrição das trajetórias e nos demais momentos da pesquisa e dessa forma, enquanto protagonistas teremos os treinadores Alex, Ênio, Victor e Ricardo. Aos demais, definimos como identificação os nomes dos quatro últimos treinadores da seleção brasileira de futebol masculino: Adenor, Carlos, Luiz Felipe e Luiz Antônio.

6.1.3 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

A presente pesquisa contempla a utilização de dados primários e secundários. Os dados primários foram coletados por meio de observações e entrevistas, enquanto que os dados secundários foram coletados a partir de documentos, sites de conteúdo esportivo, mídia radiofônica, seminários, biografias de treinadores, dentre outros. A coleta dos dados primários foi realizada a partir de observações de treinos e partidas da Suburbana nos anos de 2016 e 2017, bem como a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas entre os meses de dezembro 2016 e outubro de 2017.

O contato com os treinadores foi realizado primeiramente pelas redes sociais em que era revelada a intenção de realizar um estudo sobre a atuação dos treinadores de futebol amador em Curitiba. Posteriormente, foi realizado um contato telefônico com cada treinador para explicar de forma mais detalhada acerca da pesquisa, informando, inclusive, que se tratava de um projeto de dissertação de mestrado em Administração na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Muitos treinadores se mostraram curiosos, haja vista que grande parte das entrevistas que concediam estava direcionada para as áreas da Educação Física e do Jornalismo. E em alguns casos, quando informávamos que se tratava de um estudo de pós-graduação em Administração, os treinadores questionavam se haveria algum contato com os gestores dos clubes. Novamente verificamos a surpresa por parte dos treinadores ao saber que a Administração poderia se interessar pela atuação do treinador de futebol amador.

No contato telefônico era informado que, naquele momento, a entrevista contemplava uma fase exploratória sobre a Suburbana e sobre a carreira do treinador, que resguardaria as identidades dos entrevistados, e que os resultados contribuiriam para a definição do foco principal da dissertação, possibilitando em alguns casos a realização de uma segunda entrevista no futuro. Foram realizados dez contatos por rede social e telefone, sendo que em apenas duas ocasiões não houve possibilidade de realização das entrevistas, sendo uma por indisponibilidade na agenda por causa de viagens de trabalho do treinador e outra por falta de interesse na participação na pesquisa.

Aos treinadores foi aberta a possibilidade de escolha do local e horário das entrevistas, contemplando inclusive os finais de semana, sendo que de tal modo, em todas as oportunidades o local foi escolhido pelo treinador e o horário alinhado de acordo com a sua disponibilidade. Dessa forma, as entrevistas ocorreram nos períodos da manhã, tarde e noite e abrangeram

diferentes espaços como clubes, escolas de futebol, *shopping centers*, escritórios e até mesmo a residência dos treinadores.

Antes de iniciarmos cada entrevista, os treinadores eram novamente informados acerca do motivo de sua realização, frisando tratar-se de uma fase exploratória para a realização de uma dissertação de mestrado em Administração. Também era ressaltado que a identidade do treinador não seria divulgada e que haveria a possibilidade de realização de uma nova entrevista em momento posterior. Com a permissão dos treinadores, as entrevistas foram gravadas em um gravador e em um aparelho telefônico. Nesse momento, tornou-se perceptível que mesmo na esfera do futebol amador, os treinadores da Suburbana se mostraram, em sua maioria, acostumados com a realização de entrevistas e com o uso de gravadores.

O roteiro das entrevistas foi estruturado no intuito de permitir abrangência nas falas dos treinadores e contemplou questões relacionadas à trajetória no futebol; aos motivos para atuação no futebol amador; as principais atividades realizadas e principais dificuldades enfrentadas; à percepção das diferenças entre o futebol profissional e o futebol amador, além do significado da atuação como treinador de futebol na vida de cada um.

Embora tenha sido utilizado o mesmo roteiro em todas as oportunidades, foi possível, em decorrência do uso da entrevista semiestruturada, aprofundar determinadas temáticas de acordo com cada oportunidade, o que enriqueceu bastante a fase exploratória. As entrevistas desta etapa tiveram em média vinte e cinco minutos de duração e totalizaram cinquenta e sete páginas de transcrição. O material coletado na fase exploratória foi determinante para a escolha da temática dos sentidos do trabalho, sendo utilizado como suporte para o segundo momento de entrevistas, em que houve aproximação com o método da história oral.

Neste segundo momento, houve novo contato pela rede social e por telefone com os treinadores selecionados, informando-os sobre a continuidade do estudo, agora com foco nos sentidos atribuídos a atividade de treinador de futebol na Suburbana. A organização e execução das entrevistas seguiram os mesmos procedimentos da fase exploratória, porém, levando em consideração aspectos mais direcionados a trajetória dos treinadores dentro da Suburbana e as suas reflexões sobre o desenvolvimento desta atividade. Nesta segunda etapa, as entrevistas tiveram em média quarenta e nove minutos de duração e totalizaram cinquenta e cinco páginas de transcrição.

No que diz respeito a história oral, conforme apontam Ichikawa e Santos (2003), trata-se e uma história do tempo presente, uma vez que retrata uma percepção do passado enquanto algo que tem sua continuidade no hoje, de qual o processo histórico não se encontra finalizado,

sendo a manifestação do passado no presente imediato das pessoas o motivo de sua existência. Meihy (2011) argumenta que a história oral é um conjunto de procedimentos que tem início com a estruturação de um projeto e que se desenrola com a definição das pessoas a serem entrevistadas, com o planejamento das gravações (respeitando as técnicas do gênero escolhido e adequado da história oral); seguido da transcrição, conferência da gravação e validação, autorização para o uso, arquivamento e sempre que possível a publicação dos resultados.

De acordo com o autor, existem três gêneros de história oral: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Na história oral de vida o sujeito é primordial, possuindo maior liberdade para dissertar, o mais livre possível, sobre a sua experiência pessoal, devendo neste caso ser fornecido espaço para que sua história possa ser encadeada de acordo com a sua vontade e condições. Na história oral temática, existe uma maior objetividade, haja vista que um assunto específico é preestabelecido e norteia a condução do projeto, buscando o esclarecimento ou opinião do colaborador acerca dele. Nesse sentido, os detalhes da vida pessoal do narrador interessam apenas na medida em que possam revelar aspectos úteis à temática central. A tradição oral, por sua vez, está focada na relação com os mitos, nas referências e visão de mundo e sobre o passado remoto, que são manifestados no folclore e nas transmissões entre gerações (MEIHY, 2004).

Posto isto, a compreensão dos sentidos do trabalho dos treinadores se desenvolveu mediante utilização da história oral temática, sem, no entanto, deixar de refletir sobre as relações entre o passado, presente e futuro na construção do sentido para cada treinador. Assim como verificado em Borchardt (2015) e Borchardt e Bianco (2016), considerando que a atividade pesquisada não corresponde à profissão de cada sujeito, analisamos também questões da trajetória fora do contexto futebolístico, englobando aspectos profissionais dos indivíduos como suporte na formação da representação do trabalho nos clubes de futebol amador de Curitiba.

Cabe salientarmos ainda que conforme apontam Jones, Armour e Potrac (2003) os métodos de história de vida ou de pesquisas narrativas são ricos em proporcionar *insights*, permitindo a exploração da realidade subjetiva de um indivíduo e dessa forma sua utilização pode ser capaz de capturar a vida de trabalho muitas vezes caótica, complexa e ambígua dos treinadores. No contexto brasileiro, destacam-se os estudos de Talamoni 2013 e Talamoni, Oliveira e Hunger (2013) que utilizaram o método da história de vida para investigar as trajetórias de treinadores de destaque no cenário do futebol brasileiro e que sugerem novas pesquisas voltadas à análise da “história de vida” de treinadores de futebol, assim como dos

demais profissionais envolvidos com o ambiente esportivo. Embora a presente pesquisa não atue sobre o alto desempenho, verificamos mediante os estudos realizados nesta seara que, a despeito das possíveis diferenças metodológicas entre a pesquisa histórica e a pesquisa narrativa, a análise da trajetória de vida dos treinadores auxilia na compreensão da construção dos sentidos atribuídos ao exercício da atividade de treinador de futebol.

Em relação a análise dos dados, primeiramente realizamos a escuta de todo o conjunto de informações coletadas com o intuito de estimular possíveis *insights*, mas sem a preocupação em realizar alguma categorização ou classificação prévia dos dados. Posteriormente, seguindo as orientações de Meihy (2004), realizamos a transcrição absoluta (ou seja, a passagem completa dos sons como eles foram captados) das entrevistas por meio da escrita das gravações. De forma concomitante, realizamos leituras e releituras do conteúdo objetivando iniciar a visualização de pontos de convergência e divergência.

Por conseguinte, realizamos a transcrição das narrativas de forma a dar coesão e maior dinâmica aos discursos. “Evocando pressupostos da tradução, a transcrição se compromete a ser um texto recriado em sua plenitude” em que há interferência direta do autor do texto, em um processo de estruturação constante, não sendo apenas as palavras que interessam, mas sim as ideias, os conceitos e as emoções que elas possuem (MEIHY, 2004, p. 184). Desse modo, o que deve vir a público é um texto trabalhado no qual a interferência do autor seja clara e direcionada para a melhoria da narrativa. Todavia, ainda em consonância com as orientações do autor, algumas palavras e expressões repetidas como “tá”, “pra”, “né”, “então” foram mantidas em medida suficiente para dar ao leitor a capacidade de sentir o tipo de narrativa ou mesmo o sotaque do entrevistado.

Em seguida, de posse das entrevistas transcritas, novas leituras foram realizadas com o objetivo de identificar a partir dos pontos de convergência, os sentidos atribuídos ao trabalho dos treinadores. Na medida em que os oito sentidos foram sendo identificados e construídos, realizamos também conexões com o restante das informações coletadas no intuito de analisá-los para além da aparência, evidenciando também os pontos de divergências e contradições. Dessa forma, não tivemos como objetivo realizar um julgamento das narrativas dos treinadores, porém em nossa interpretação não poderíamos deixar de apontar as possíveis tensões entre o observado e o relatado. Por conseguinte, no intuito de contribuir com o avanço teórico da área, debateu-se as possibilidades (ou impossibilidades) de categorização da função de treinador de futebol amador no contexto da Suburbana curitibana, além de realizar uma reflexão sobre o local em que esta atividade ocupa na vida dos protagonistas.

Por fim, cabe salientarmos que para dar maior fluidez a apresentação dos sentidos, em alguns casos foram utilizados apenas os excertos dos discursos dos treinadores. Dessa forma, salientamos que esta decisão está relacionada ao estilo da escrita, porém não desconsidera o contexto das narrativas como um todo. Assim, sempre que julgamos necessário, criamos uma nota de rodapé com o trecho completo da entrevista transcrita correspondente ao excerto utilizado. Além disso, fizemos uso do *itálico* para diferenciar os trechos de citação direta dos entrevistados com os demais elementos textuais.

7 A SUBURBANA CURITIBANA

O Campeonato Amador da Capital, mais conhecido como a Suburbana, é o principal e mais tradicional campeonato de futebol amador da cidade de Curitiba, tendo a sua origem no ano de 1941, completando ininterruptos 77 anos em 2017. O Campeonato iniciou mediante a fundação da Liga Suburbana de Curitiba (LSC) e passou a ser organizado pela Federação Paranaense de Futebol (FPF) a partir de 1947, ano em que a LSC se filiou a FPF (OLIVEIRA, 2013).

De acordo com o autor, tendo em vista a sua longevidade, a Suburbana possui uma espécie de mística no universo do futebol amador de Curitiba, porém sem a mesma visibilidade do futebol de espetáculo, sendo considerada, portanto, como um “labo B” do espaço futebolístico da capital paranaense, uma dimensão do futebol imersa na cotidianidade da população de muitos bairros da cidade, mas que é notícia apenas na contracapa dos jornais. Esta relação de capa-contracapa⁴⁰ oferece uma pertinente metáfora para se refletir acerca do lugar que a competição ocupa dentro do futebol de Curitiba e Região Metropolitana, uma vez que para muitos curitibanos ela não é digna de atenção enquanto que para outros tantos é central em seu cotidiano.

Entretanto, no decorrer de nosso estudo encontramos diversos projetos, principalmente em meios eletrônicos⁴¹, que se dedicam quase que exclusivamente ao futebol amador de Curitiba, fornecendo um rico material de pesquisa sobre os clubes e campeonatos realizados, com especial atenção à Suburbana. Prova disso é a estruturação de sites, reportagens, entrevistas e materiais gráficos sobre a competição, como o guia da Suburbana do site “Do Rico ao Pobre” e o álbum de figurinhas da Suburbana 2017 do site “Gol de Pauta”.

⁴⁰ Na capa estariam as reportagens do futebol profissional, enquanto que na contracapa estariam do futebol amador, da Suburbana.

⁴¹ Com especial atenção para: <http://www.doricoapobre.com.br/>; <https://www.goldepauta.com.br/>

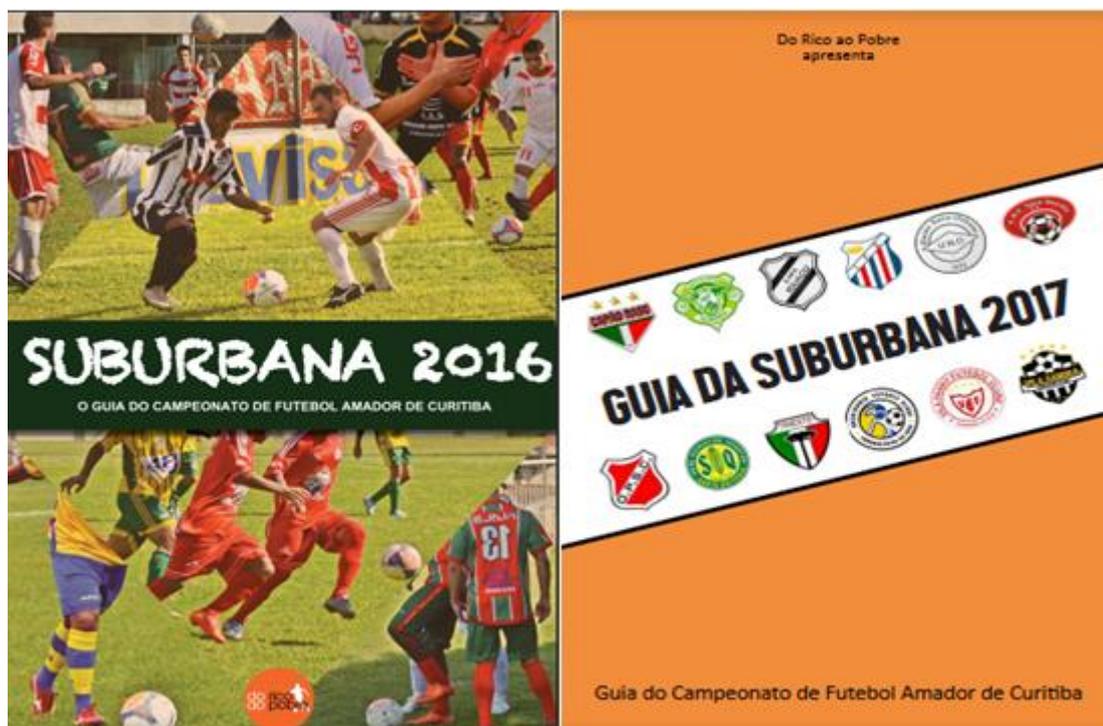


Figura 2: Guia Suburbana 2016/2017 - DRAP (Do rico ao pobre).
Fonte: DRAP (2016; 2017).



Figura 3: Álbum de figurinhas – Suburbana 2017.
Fonte: <https://www.goldepauta.com.br/>

Outro fator que contribui para a “popularidade” da Suburbana e que eleva a sua importância é a participação de equipes que representam clubes e regiões muito tradicionais da

capital paranaense. Em 2016, por exemplo, das doze equipes que disputaram o campeonato, sete possuíam mais de cinquenta anos de existência, como por exemplo, a Sociedade Operária Beneficente Esportiva Iguaçu (S.O.B.E Iguaçu), que foi fundada em 1919 e ocupa a posição de clube mais antigo em exercício no futebol amador curitibano. Ainda nesse sentido, verifica-se que diversos outros clubes são das décadas de 1930 e 1950⁴² e representam a expansão urbana da cidade de Curitiba, concebidos como espaços para sociabilidade em bairros recém-criados no contexto do desenvolvimento urbano da capital (OLIVEIRA, 2013; SOUZA, 2014).

Conforme aponta Capraro (2002) não se pode negligenciar que a introdução do futebol no Brasil também foi influenciada pelas etnias europeias imigrantes e seus descendentes. As consequências dessa introdução podem ser verificadas, mesmo que de forma indireta, na estruturação de muitos clubes participantes da Suburbana. De acordo com Souza (2014) desde o início do século XX a cidade de Curitiba já se constituía como um verdadeiro mosaico cultural em que italianos, poloneses, ucranianos, alemães, russos, franceses, austríacos e holandeses, deslocados de sua terra natal, encontraram na formação de associações, como as agremiações futebolísticas, uma estratégia para se integrar à nova realidade.

Nesse sentido, entre os tantos exemplos de clubes criados no decurso dos fluxos migratórios estão o S.O.B.E Iguaçu e o Trieste Futebol Clube, ligados à imigração italiana (CAMPOS, 2009; SOUZA, 2014). Especificamente sobre os dois, Campos (2009) ressalta que apesar de atualmente ambos não impedirem a participação de pessoas de outros bairros e descendências, ainda mantém suas construções simbólicas alicerçadas em uma referência a Itália e na representação do bairro de Santa Felicidade⁴³.

Além da relação com as etnias europeias, outros clubes possuem forte influência do movimento de migração relacionada ao êxodo rural a partir da década de 1940. Trata-se de um fluxo migratório de trabalhadores provenientes do interior do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que influenciaram na origem de clubes como o Combate Barreirinha, Vila Hauer e Urano (OLIVEIRA, 2013). Nesse sentido, de acordo com o autor, muito da posição ocupada pela Suburbana enquanto evento tradicional e de destaque no contexto do esporte amador curitibano está baseado no fato de que a disputa ocorre entre equipes que representam clubes que são referências no cotidiano de muitos moradores da capital

⁴² O Iguaçu é o clube mais antigo, fundado em 1919. Após, temos o Novo Mundo (1930), Trieste (1937), Operário Pilarzinho (1951), Vila Fanny (1952), Capão Raso (1952) e Uberlândia (1959).

⁴³ Como é possível observar no brasão do Trieste (que faz menção a bandeira da Itália) e na inscrição de um dos muros do estádio do Iguaçu: “Iguaçu, o mais querido de Santa Felicidade” (CAMPOS, 2009).

e da região metropolitana. O peso desse “clubismo”⁴⁴ que permeia a competição, também é evidenciado nas falas de jogadores, torcedores e jornalistas para quem os clubes que disputam a Suburbana “não devem nada ao futebol profissional”.

7.1 SUBURBANA: NEM PELADA, NEM VÁRZEA

Souza (2014) aponta que a criação das “ligas suburbanas” ou “ligas de várzea” (como eram tratadas pela imprensa da época) no início do século XX ocorreu em resposta as dificuldades impostas aos segmentos mais empobrecidos da população curitibana no que diz respeito a prática do futebol, como por exemplo a sua proibição nas ruas da cidade. Todavia, conforme ressalta Pimenta (2009) as denominações “pelada” e “várzea” podem possuir diferentes sentidos de acordo com cada região do país⁴⁵ e apesar de ambas estarem voltadas mais para as relações de informalidade e amizade e serem consideradas algumas vezes como sinônimos, é possível encontrar situações em que o grau de institucionalização e proximidade com o futebol profissional se torna mais elevado⁴⁶.

Já no que diz respeito ao atual contexto do futebol amador curitibano, as expressões “pelada” e “várzea” possuem características semelhantes, correspondendo a uma relação mais próxima com o improvisado e com a informalidade, usadas inclusive para denominar campeonatos organizados de maneira mais rudimentar e que contam com equipes de menor tradição e qualidade técnica do que a Suburbana. São competições que envolvem equipes temporárias, muitas vezes não filiadas à Federação Paranaense de Futebol ou mesmo ligadas a algum clube, e que são estruturadas principalmente com base em critérios mais tradicionais como a amizade ou o parentesco⁴⁷. Do ponto de vista de quem participa da Suburbana, esses são os campeonatos “mais amadores” e que podem ser considerados como pelada ou futebol de várzea (OLIVEIRA, 2013).

⁴⁴ Oliveira (2013) utiliza o termo clubismo com base nas reflexões das obras de Norbert Elias e Maurice Aymard. Trazemos aqui a definição de Damo (2007, p. 61) para quem “o vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube estabiliza um sistema complexo chamado de clubismo, tomado aqui como um sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno”.

⁴⁵ A autora arrisca-se, inclusive, a afirmar que a expressão “futebol de várzea” é nativa de São Paulo, tendo maior difusão graças aos veículos de comunicação.

⁴⁶ São exemplos o “Peladão” e o campeonato municipal de várzea de Porto Alegre. Embora utilizem os termos pelada e várzea, ambas as competições possuem, em determinadas situações, características que se afastam bastante da matriz bricolada.

⁴⁷ Alguns exemplos são o Campeonato Intermunicipal do estado do Paraná, Copa Folha de Tamandaré, Jogos comerciais, dentre outros. Geralmente são campeonatos organizados com base na faixa etária como por exemplo: “quarentinha”, “cinquentinha”, “sessentinha”, etc.

Nesse sentido, corroboramos com o autor quando este afirma que a Suburbana, por outro lado, procura se afastar das características relacionadas às práticas mais informais e, por consequência, discursos como “a Suburbana não é pelada” e “isso aqui não tem nada a ver com a várzea” são frequentes nas falas de agentes envolvidos com a prática, como jogadores, jornalistas e torcedores. Aliás, utilizar-se das expressões “pelada” e “várzea” para definir a Suburbana pode ser visto como demérito, chegando a ser um tipo de ofensa aos seus participantes.

Esta visão a respeito da organização da Suburbana e de sua aproximação com o futebol profissionalizado é legitimada pelos treinadores entrevistados em nossa pesquisa. Ênio, por exemplo, afirma que “*o futebol amador de Curitiba não deixa nada a desejar a nenhuma série A2 do campeonato profissional*”, sendo complementado por Alex, quando este aponta que embora estejamos falando de futebol amador em alguns momentos “*tem-se muito pouco de futebol amador*”. Já para Adenor, a Suburbana é um “*embrião*”, *um espelho do futebol profissional*” haja vista a sua estrutura e nível de organização.

Conforme aponta Oliveira (2013) essa aproximação com o futebol profissional, pelo qual a Suburbana se constitui, ocorre muito em virtude de um “devir” que espreita a competição, a julgar pelo fato de que o futebol profissional esteve, está ou pode vir a estar no horizonte de muitos que participam do campeonato. Nesse sentido, a matriz espetacularizada oferece um modelo para a Suburbana, materializando esta aproximação em inúmeras formas, como, por exemplo, no nível de organização do campeonato, causa de orgulho a muitos dos envolvidos em sua construção⁴⁸.

A Suburbana possuiu, desde a sua criação, distintas fórmulas de disputa e um número variável de participantes divididos entre as séries A e B, em que os clubes transitam mediante processos de acesso e rebaixamento. Outras características da organização da competição também seguem padrões muito semelhantes ao futebol profissional, como por exemplo, a realização de um arbitral para a definição das regras, o sistema de pontuação, a fórmula de disputa do campeonato, as datas das partidas, dentre outros. E considerando que a organização da competição está sob responsabilidade da Liga Suburbana de Curitiba (LSC), filiada da Federação Paranaense de Futebol (FPF), a Suburbana está, mesmo que muito indiretamente,

⁴⁸ Conforme aponta Oliveira (2013) são muitos os discursos de orgulho com a organização do campeonato, podendo ser verificados em falas como “esse é o campeonato mais organizado do Brasil” e “Amador? Só no nome”.

subordinada à FIFA, gerando assim uma interessante relação entre o local e o global, além de explicitar a extensão de poder da FIFA no gerenciamento do futebol mundial.

Uma vez inserida no contexto do aparato burocrático e normativo da FIFA, todas as equipes e, por conseguinte os jogadores, que disputam o campeonato possuem as suas atuações gerenciadas também pela entidade máxima do futebol. Na prática, as consequências dessa relação ocorrem a partir da atuação da Federação Paranaense de Futebol e se materializam no controle dos registros dos clubes, dos jogadores, inclusive das transferências⁴⁹, das arbitragens das partidas e dos espaços de realização dos jogos (OLIVEIRA, 2013).

Em relação ao controle da arbitragem, o autor ressalta o pertencimento de todos os árbitros que atuam na Suburbana ao quadro da Federação Paranaense de Futebol, sendo o campeonato visto por muitos iniciantes como uma etapa na consolidação da carreira⁵⁰. Já no que tange ao controle dos espaços, a participação na competição está condicionada ao uso de um estádio “murado” para a realização das partidas, exigência que praticamente inviabiliza a participação de quaisquer equipes que não estejam vinculadas a algum clube e que não possuam, mesmo que em condições modestas, seu estádio próprio⁵¹.

Todavia, apesar de ser um fator excludente, a realização dos jogos em estádios minimamente estruturados é compreendida como um dos diferenciais de organização da competição. Conforme aponta Adenor:

“A Suburbana é diferenciada. Você pode pesquisar os campeonatos amadores no país inteiro, aqui os times precisam ter seu próprio estádio, a arbitragem é profissional. É muito diferente. Até a Copa Kaiser em São Paulo, que é um dos maiores campeonatos amadores do país, não tem a estrutura que a gente tem. A final deles é no campo do Nacional, um time profissional, tudo bem. Mas o Iguazu não deixa nada a desejar, o Nova Orleans não deixa nada a desejar, o Novo Mundo não deixa nada a desejar, o Trieste não deixa nada a desejar... pelo contrário, acho que o Trieste é até melhor”.

Consoante ao que aponta Oliveira (2013), assistir um jogo da Suburbana não é muito diferente do que assistir a uma partida de futebol profissional, haja vista que o modelo que orienta a ação dos jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, jornalistas e até mesmo dos torcedores está muito relacionado à prática espetacularizada. Estão presentes muitos dos rituais

⁴⁹ Em uma das entrevistas da primeira etapa do estudo Adenor destacou a necessidade de registro dos jogadores no Boletim informativo Diário (BID) da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), inclusive em casos de regressão (quando um jogador profissional passa a jogar no futebol amador).

⁵⁰ Oliveira (2013) também utiliza o exemplo da final da Suburbana do ano de 2009 que foi conduzida por Heber Roberto Lopes, que havia inclusive ganho o prêmio de melhor árbitro do Campeonato Brasileiro daquele ano.

⁵¹ Em consonância com o estudo de Gomes (2013) no que diz respeito às dificuldades em manter espaços para a prática do futebol amador no contexto urbano.

visualizados em uma partida profissional, como por exemplo, o aquecimento dos jogadores, o ambiente competitivo e de busca pela vitória, a ação do radialista entrevistando os jogadores e treinadores antes da partida, a movimentação e comportamento da torcida e até mesmo as confusões e brigas entre jogadores e entre torcedores. Nesse sentido, Carlos, treinador de profissão, ressalta que de amador a Suburbana *“tem só o nome...é semiprofissional, o atleta chega, tem sua própria roupa, troca no vestiário, aquece, tem um preparador físico. E aí tem a parte técnica, que se estuda o adversário. Você passa pro atleta um semiprofissionalismo. Não é só amador, você tem um contexto”*.

E em se tratando da parte técnica e dos momentos que antecedem os jogos, outra situação que se assemelha muito ao futebol profissional e que é destacada pelos treinadores é a preleção. Trata-se de um momento em que os treinadores realizam uma conversa com a equipe principalmente no intuito de motivá-la e de ajustar os últimos detalhes antes de cada partida. Este é inclusive uma das passagens em que visualizamos as maiores manifestações de engajamento por parte dos treinadores com a atividade realizada. É na preleção que muitos deles procuram imprimir a sua própria marca, tratando-se de um verdadeiro ritual em que cada um apresenta aquilo que se espera dos jogadores, extrapolando os limites do vestiário e prosseguindo até o campo⁵².

No que se refere a partida em si, conforme observado por Pimenta (2009) no futebol amador pernambucano, verificamos que na Suburbana curitibana, a competição assume uma posição central em detrimento muitas vezes da dimensão lúdica. A dinâmica dos jogos ocorre tendo o futebol profissional como modelo, se manifestando como algo bastante distante de práticas mais despretensiosas como a pelada, em que há existência de padrões bem estabelecidos pela comissão técnica e também pela própria experiência dos jogadores, que se distribuem e se movimentam de maneira coordenada e de acordo com critérios bem estabelecidos.

Corroboramos ainda com Oliveira (2013) quando este aponta que a divisão do trabalho no contexto da Suburbana se assemelha bastante ao profissionalismo. Trata-se de um modelo

⁵² Conforme é possível observarmos no relato de Adenor: “Entra em campo igual o profissional, não faz com a mesma intensidade, mas entra... faz a preleção. Todo o treinador tem o seu ritual e eu tenho o meu. Eu vou lá, me troco e faço a minha preleção. Lá no “clube A” eu tenho um quadro enorme de preleção que é a coisa mais linda. Eu dou a minha preleção ali com os meninos sentados na minha frente. Terminou a preleção, vamos pro aquecimento, e continua o acompanhamento, porque ali você já vai vendo quem está bem e quem não está. Vai conversando, vai motivando. Volta para o vestiário, lava o cabelo, lava a mão, toma água, faz um motivacional, “aqui ó, fechou!”, faz uma oração que é importante também né...e deixa o pau torá lá em cima” (ADENOR).

híbrido, em que as equipes são orientadas por uma divisão de funções que limitam quaisquer iniciativas individuais que não estejam de acordo com as instruções repassadas pelos treinadores. Para o autor, os aspectos relacionados ao jogo em equipe e o seguimento das orientações do treinador, vinculados ao futebol profissional, reforçam na Suburbana a negação ao improvisado da bricolagem, além de elevar o poder simbólico atribuído aos treinadores da competição. Todavia, é importante ressaltarmos que as referências entre a Suburbana e o futebol de espetáculo ocorrem em uma escala reduzida, assim como ocorre em diversas outras manifestações das práticas amadoras, fazendo com o que a competição se comporte como uma maquete, uma miniatura do futebol profissional (OLIVEIRA, 2013; PIMENTA, 2009).

7.2 DUAS SÉRIES – DIFERENTES REALIDADES

Apesar de se materializar enquanto miniatura do futebol profissional, é possível observarmos na Suburbana uma grande discrepância na estrutura e na forma de organização dos clubes. Conforme analisamos, a competição está normatizada a partir de duas divisões que distribuem entre si os clubes participantes, sendo que em 2017 a primeira divisão, também chamada de Série A ou divisão especial, contemplou 12 times, enquanto que a segunda divisão ou Série B englobou 16 equipes.

Na Série A estão os principais clubes do campeonato, aqueles que possuem os melhores estádios e as melhores condições tanto no que diz respeito a estrutura física, como de pessoal. Geralmente esses clubes contam com uma comissão técnica que contempla treinador, auxiliar técnico e preparador físico, sendo que nos clubes com as melhores condições há possibilidade de contar ainda com massagistas e treinadores de goleiros. Essas equipes possuem estruturas de gestão distintas, mas geralmente contam com algum patrocinador máster que arca com o investimento necessário para manter uma comissão técnica e principalmente para formar um elenco competitivo, haja vista que conforme aponta Alex *“algumas equipes formadas aqui (na Suburbana) são mais caras que muitas equipes profissionais”*.

Contudo, a Série A não contempla apenas clubes com grandes possibilidades de investimento, restando ainda um contingente de equipes de média estrutura, assim como aquelas com características muito semelhantes aos clubes da Série B. Nesse sentido, Ricardo aponta para a presença de uma grande discrepância dentro da própria Série A, sendo possível verificar no final do campeonato equipes que possuem pouquíssimos pontos na tabela de classificação. Para ele, isso é consequência da incapacidade de competir com os grandes clubes, uma vez que *“a diferença entre os quatro primeiros e os quatros últimos clubes é gigantesca. Nós sabemos*

que os últimos não treinam e nem são remunerados. Na maioria das vezes, o time que sobe para a primeira divisão, em um ou dois anos acaba voltando para a série B outra vez". Dessa forma, assim como no futebol profissional, a diferença nas possibilidades de investimento acaba sendo condicionante e muitas vezes determinante para o resultado esportivo das equipes.

A Série B, por sua vez, pode ser caracterizada como uma competição mais homogênea quando comparada a divisão especial, permitindo uma maior uniformidade entre as equipes. Salvo algumas exceções, os clubes não possuem as mesmas condições de estrutura e de pessoal que das equipes da Série A, culminando no surgimento de diversos problemas como a falta de iluminação nos estádios (o que impede a realização de treinamentos a noite), a falta de comissão técnica (alguns clubes não possuem auxiliares e preparadores físicos) e principalmente a falta de jogadores para composição dos elencos, haja vista que em decorrência da impossibilidade de remunerar os atletas, muitas equipes não conseguem contar com um número adequado de jogadores, dificultando o desempenho sobretudo nas fases finais da competição⁵³.

Contudo, para Victor são esses clubes que ainda conseguem manter um perfil diferenciado de jogadores e treinadores, que muitas vezes participam da competição sem vislumbrar qualquer tipo de retorno financeiro. Conforme ressalta o treinador, isso ocorre na Série B em virtude de que *“os clubes praticamente entram só pra disputar, pra movimentar o bairro”*, diferentemente da Série A, em que *“a maioria dos jogadores recebe o seu caixinha e se não receber cria problema. Não tem essa de jogar por amor enquanto o outro recebe o caixinha. Entre a Série A e a Série B existem cenários bem diferentes”*. Ricardo salienta que em algumas situações o pagamento aos jogadores acaba dificultando a vida dos clubes de menor capacidade, principalmente pela *“inflação da ajuda de custo dos jogadores”*. Conforme afirma, *“alguns clubes conseguem através de patrocínio dar uma ajuda de custo maior aos jogadores, mas outros não conseguem, principalmente os clubes da Série B... até alguns clubes da Série A não conseguem”*.

Não é possível quantificarmos de forma exata os valores gastos pelos clubes com a manutenção das equipes, porém, se levarmos em consideração as informações dos treinadores, é possível observarmos o dispêndio de quantias bastante consideráveis. De acordo com Adenor *“digamos que um clube gaste 600 reais com despesas gerais e 2800 a 3000 reais com folha de pagamento. Não é por mês, é por semana... são 3000 reais por semana, em que você tem 18 a 20 jogadores mais a comissão técnica. Tem clube que gasta 6000 reais por semana”*.

⁵³ Destacamos a situação apresentada por Luiz Antônio, que em certa ocasião precisou colocar dois goleiros reservas para jogar nas posições de linha, devido à falta de jogadores no elenco.

Outra questão passível de discussões é o momento exato em que se iniciou o pagamento da ajuda de custo (ou do caixinha) aos jogadores, treinadores e demais membros da comissão. Alguns de nossos interlocutores apontam que os pagamentos provavelmente iniciaram mediante a rivalidade entre os clubes Trieste e Iguazu, que teriam resolvido remunerar atletas, além de trazê-los do futebol profissional, desenvolvendo um processo que teria se disseminado entre os clubes de maneira praticamente irreversível. Todavia, mais importante do que diagnosticar o início dessa espécie de semiprofissionalismo é compreendê-lo enquanto uma prática presente no contexto da Suburbana e que nos faz inclusive refletir sobre a sua denominação de amadora.

7.3 O SEMIPROFISSIONALISMO E A “RESERVA DE MERCADO”

As discussões sobre as questões remuneratórias indicam que estas manifestações estão presentes desde a introdução do futebol no Brasil (CALDAS, 1990; CAPRARO et al., 2012; PRONI, 1998; SOUZA, 2014), refletindo também nas diferentes práticas futebolísticas comunitárias de todo o território nacional (CAMPOS, 2009; GOMES, 2013; GONÇALVES, 2002; MARTINS, 2016; PIMENTA, 2009; SILVA, 2009). No que diz respeito a Suburbana, verificamos nos discursos dos treinadores uma consciência bastante apurada sobre a presença desta prática, inclusive com posicionamentos distintos.

Alguns treinadores são contrários a presença de remuneração na Suburbana, pois dessa forma o campeonato estaria cada vez mais próximo de um semiprofissionalismo, privilegiando em demasia ex-jogadores profissionais, por exemplo. Conforme menciona Alex *“eu não gosto desse estrelismo, a divulgação realizada quando se traz um jogador ex-profissional (...) esse dinheiro investido poderia ser usado em um clube que está com dificuldades de estrutura, por exemplo”*. Contudo, o treinador ainda aponta que a participação de ex-jogadores profissionais na Suburbana não precisa ser proibida, mas ponderada, haja vista que contratações sem planejamento geram situações em que os clubes acabam investindo grandes quantias em um determinado ano e sofrendo com as restrições orçamentárias nas temporadas seguintes, o que em alguns casos gera até mesmo a impossibilidade de participação no campeonato.

Outro ponto a ser considerado contra o semiprofissionalismo na Suburbana é que este contexto acaba gerando uma dificuldade na construção de um vínculo entre a comunidade e a equipe. Conforme aponta Ênio, a presença de pagamento na Suburbana principalmente para ex-jogadores profissionais *“está diminuindo o espaço daquele amador mesmo, daquele menino que é do bairro”*, o que acaba na visão do treinador afastando a torcida do campo, pois não

haveria um laço de amizade ou mesmo de parentesco entre os torcedores e os jogadores que estão representando o time.

Ainda sobre o semiprofissionalismo, Ênio menciona a questão do comprometimento dos jogadores com as equipes e com a competição, debate também realizado em outros estudos sobre as práticas futebolísticas amadoras brasileiras. Assim como analisado por Pimenta (2009), Ênio reclama da postura de muitos jogadores que não estariam nem *“preocupados se o time ganhou, empatou ou perdeu”*, pois conforme relata, tais jogadores *“querem saber se no final do jogo tem um envelopinho com o nome dele...se tem ali cem, duzentos, trezentos ou até quinhentos reais (...) E daí qual motivação esse cara tem? O cara já jogou em tudo quanto é time...não tem motivação nenhuma né. Mas enquanto estiverem pagando eles estarão lá”*.

Por outro lado, também temos aqueles treinadores que compreendem esse processo de semiprofissionalização como algo natural, sendo a remuneração uma característica válida e que assim como apontado por Oliveira (2013), a despeito de ser em uma escala muito menor quando comparada ao futebol profissional, ocorre *“desde sempre”*. Em se tratando deste processo de remuneração e semiprofissionalização pela qual a Suburbana estaria passando, a fala de Victor é esclarecedora ao apontar que

“o dinheiro não interfere nos anos 90 e nos dias de hoje. O dinheiro sempre esteve no amador, no futebol da Suburbana, sempre esteve. Sempre existiu caixinha, sempre existiu acerto. Isso não modificou nada. Ocorre que com o passar do tempo, com a evolução das coisas, principalmente da tecnologia, os jogadores começaram a ver o futebol de forma um pouco diferente. Hoje, por exemplo, migram muito mais atletas do profissional para o amador do que na minha época. Na minha época tinha, mas não nessa velocidade”.

Para o treinador, a presença desses ex-atletas profissionais acabam modificando as relações dentro dos clubes, haja vista que diferentemente dos jogadores amadores, eles estão acostumados a receber uma contrapartida financeira para exercer a atividade de jogador e acabam sendo incorporados na Suburbana como forma de qualificar as equipes. Nesse sentido, na medida em que existem ex-jogadores profissionais sendo remunerados, os jogadores amadores também manifestam o desejo de receberem uma contrapartida, basta ver que reprisando a fala do próprio Victor *“não tem essa de jogar por amor enquanto o outro recebe o caixinha”*.

Já no que diz respeito a remuneração dos treinadores, apesar de haver uma maior limitação no fornecimento de informações em comparação ao tratamento com os jogadores, verificamos que a maioria dos clubes da Série A acabam remunerando seus treinadores,

diferentemente do que acontece na Série B (de forma semelhante ao que ocorre com os próprios jogadores). De acordo com Victor, de modo geral das 12 equipes contempladas na Série A *“pelo menos umas oito tem treinadores que são remunerados...e nas outras pode ser até que sejam um pouco menos, mas também são. É difícil trabalhar de graça na Série A”*.

Para Ricardo, a ajuda de custo destinada aos treinadores muitas vezes permite apenas o pagamento das próprias despesas com a realização da atividade, haja vista que *“na maioria das vezes, se a pessoa deixar de ser técnico, aquele dinheiro que ela tá ganhando não vai fazer diferença, já que é usado para o gasto com combustível, com o churrasco. Ou seja, aquilo que ele ganha ele gasta no próprio futebol. Então ele fica no zero a zero”*. Para ele, com exceção dos poucos casos em que os treinadores recebem maiores contrapartidas financeiras, quando os valores *“fazem a diferença”*, aquilo que é recebido na Suburbana permite apenas aos treinadores *“fazer o que eles gostam, mas sem gastar né. Por isso que eu acredito que deveria ser remunerado, mas tem que ser uma remuneração que faça com que o cara não apenas empate, mas ganhe um pouco mais”*.

Isto posto, indiferente do posicionamento de cada treinador em relação ao semiprofissionalismo e as possibilidades de remuneração, é possível observarmos que atualmente existe um elevado trânsito de jogadores entre os campeonatos profissionais e a Suburbana, o que na visão de Oliveira (2013) contribui para uma análise da competição mediante suas relações temporais com a esfera do futebol profissional, contemplando não apenas o presente, mas também o passado e o futuro.

De acordo com o autor, em relação ao passado, temos os jogadores que já se aposentaram do futebol profissional e que observam na Suburbana uma possibilidade de estender suas atividades em um ambiente com menores índices de pressão e necessidade de habilidades corporais e futebolísticas do que no futebol profissional. Contudo, conforme observamos, para contar com esses jogadores, os clubes necessitam realizar um investimento superior ao que é destinado aos demais jogadores, o que pode elevar os valores a patamares muito próximos do futebol profissional⁵⁴.

⁵⁴ Oliveira (2013) cita um exemplo muito famoso no futebol amador de Curitiba que é o caso do clube Bairro Alto que em 2012 realizou um investimento compatível ao de clubes que disputavam a Série B do Campeonato Paranaense de Futebol. Naquele ano o Bairro Alto contou com os jogadores Alex Mineiro, Rogério Correa e Nem, ambos campeões brasileiros pelo Atlético Paranaense em 2011.

No que diz respeito à relação com o presente, temos o caso dos jogadores que disputam a Suburbana ainda no decorrer de suas carreiras enquanto atletas profissionais⁵⁵. Dessa forma, a competição assumiria um papel de “mercado de reserva”, ou como “um lugar de engorda” para o mercado profissional. Sendo assim, é frequente a situação em que um jogador disputa o campeonato paranaense de futebol profissional no início do ano e posteriormente, caso não consiga ou não deseje assinar contrato com algum outro clube para o restante da temporada, passa a disputar a Suburbana no segundo semestre. A partir disso, é estabelecida uma relação de sazonalidade entre o futebol profissional e a Suburbana, uma vez que o primeiro não sustenta sozinho as condições de emprego dos jogadores durante todo o ano, necessitando assim dos recursos do amadorismo, ou melhor, do semiprofissionalismo velado da Suburbana (OLIVEIRA, 2013).

Por fim, temos o profissionalismo como um projeto de futuro, em razão da competição também ser realizada na categoria juvenil, fornecendo momentos de evidência para jogadores que procuram oportunidades de ascensão social a partir do futebol. Há também o caso daqueles jogadores que atuam nos clubes amadores da Suburbana e nas categorias de formação dos clubes de futebol profissional concomitantemente e dos jogadores dispensados das categorias de base das equipes profissionais e que observam na Suburbana um “lugar transitório”, uma oportunidade de continuar jogando e manter o profissionalismo como um “devir possível”.

Nesse sentido, corroboramos com o argumento de Oliveira (2013) de que a Suburbana atua também como uma espécie de reserva de mercado para o futebol profissional, enquanto espaço de trabalho sazonal e informal para muitos jogadores. E sendo assim, se o amadorismo fora outrora uma denegação do profissionalismo, uma ação de distinção social, atualmente a Suburbana, se apresenta também enquanto um componente deste mesmo profissionalismo, sendo uma expressão complementar, um espaço contemplado em um quadro que age por sazonalidades.

Isto posto, cabe reafirmarmos que a Suburbana é um campeonato marcado pelo mimetismo em sua relação com o futebol profissional e em alguns momentos pelo distanciamento consciente das práticas futebolísticas mais informais, fazendo com que o campeonato se comporte como uma miniatura do futebol espetáculo, com uma organização semelhante ao “tipo ideal” de futebol amador apresentado por Pimenta (2009) tanto em sua dimensão estrutural quanto na prática do jogo. Entretanto, pensar a Suburbana somente a partir

⁵⁵ Um dos exemplos mais recentes é o jogador Leo Gago que deixou de disputar a Série B do campeonato brasileiro para atuar na equipe do Iguçu, onde posteriormente foi campeão em 2016 e 2017.

de sua similaridade com o futebol profissional é construir um quadro distorcido e limitado, que negligenciaria os seus vínculos com outras dimensões e a sua face estabelecadora de laços com a vida dos bairros, das comunidades e do cotidiano (OLIVEIRA, 2013).

7.4 A SUBURBANA TAMBÉM É COMUNIDADE

“Como nos anos anteriores, a população curitibana, cada comunidade em sua respectiva região, estará lá para apoiar o seu time de coração. Ainda que os clubes não tenham uma estrutura adequada, a força de vontade - dos torcedores, times e demais envolvidos - faz valer os campos esburacados, o chutão de bico, cada foguete e show de fumaça” (DRAP, 2016, p.3).

Em consonância ao trecho acima retirado do Guia da Suburbana 2016, Oliveira (2013) aponta que, se por um lado a Suburbana pode ser analisada a partir de sua interdependência com o futebol profissional, por outro, acompanhá-la permite a observação de um amplo aspecto de relações comunitárias. Para muitos moradores de Curitiba e Região Metropolitana a competição é uma atividade de lazer que promove um interessante trânsito de pessoas entre os bairros da cidade, conforme pode ser observado na ilustração abaixo que representa a distância percorrida pelo clube Urano no decorrer da primeira fase do campeonato de 2014.



Figura 4: Distância a ser percorrida pelo clube Urano na 1ª fase da Suburbana 2014.
Fonte: DRAP (2014).

Assim, frisamos que a Suburbana contempla clubes que também são espaços de lazer em sua região, ou seja, que para além das partidas de futebol, tais clubes oportunizam a realização de uma grande variedade de atividades comunitárias que promovem o encontro dos moradores do bairro, bem como atividades de sociabilidade como formaturas, bailes, festas, quermesses, entre outras (OLIVEIRA, 2013). É importante ressaltarmos em consonância com o autor que o cenário dentro dos estádios durante as partidas demonstra não se tratar apenas de

um jogo de futebol, haja vista ser comum a realização concomitante de outras atividades como jogos de sinuca, campeonatos de truco, acompanhamento de jogos de futebol pela televisão, etc. firmando o caráter de lazer que aproxima a Suburbana da matriz comunitária.

Outro ponto que merece nosso destaque é o fato das partidas possuírem em sua dinâmica algumas características que não são observadas no futebol profissional, como por exemplo, a disposição das torcidas, que na grande parte dos jogos, não ficam separadas. A propósito, Oliveira (2013) aponta que a própria espacialidade dos estádios, em que a maioria da torcida assiste aos jogos em pé, próxima ao alambrado, contribui para essa configuração, pois apesar de existirem torcidas diferentes, inclusive as organizadas, é comum ver os torcedores assistindo aos jogos juntos, tomando cerveja, que não é proibida como nos jogos oficiais, e comendo o pão com bife, a principal “iguaria” da competição.

Na prática o que observamos é que os próprios estádios da Suburbana materializam esse modelo híbrido no qual ela se constitui. Todos os clubes precisam possuir os seus estádios murados, mas salvo algumas exceções, a maioria deles são caracterizados por estruturas bastante limitadas quando comparados aos clubes profissionais, o que permite por outro lado, uma maior apropriação do espaço, como é possível observar na figura 5, que corresponde a uma fotografia retirada de um dos jogos da decisão do campeonato em 2016 entre as equipes S.O.B.E Iguaçú e Santa Quitéria.



Figura 5: Torcida no Estádio Egydio Pietrobelli – 1º jogo da final da Suburbana 2016.
Fonte: O autor.

Todavia, mesmo em estádios com uma infraestrutura melhor desenvolvida é possível verificar uma apropriação diferenciada por parte dos torcedores. A final do campeonato de 2017,

por exemplo, disputada entre S.O.B.E Iguaçu e Trieste Futebol Clube movimentou o bairro de Santa Felicidade. Apesar da rivalidade entre as equipes, os jogos se transformaram em verdadeiras festas, com grande presença do público, incluindo não apenas homens, mas também mulheres e crianças. Algumas pessoas levaram suas próprias cadeiras no intuito de sentar próximas ao alambrado e acompanhar melhor a partida. Até mesmo o “Papai Noel” apareceu para distribuir doces e conversar não só com as crianças, mas também com os adultos, em mais uma típica demonstração das diferenças entre a matriz comunitária e a espetacularizada.

Entretanto, apesar do clima festivo, cabe salientarmos que nos jogos decisivos as torcidas permaneceram separadas, principalmente como medida preventiva aos casos de violência que ocorreram em outros jogos da competição⁵⁶. Contudo, não era incomum encontrarmos pessoas vestidas com camisas de diferentes clubes (tanto amadores quanto profissionais), demonstrando que, salvo determinadas exceções, o convívio entre os torcedores no contexto da Suburbana curitibana é pacífico.



Figura 6: Torcida no Trieste Stadium - 2º jogo da final da Suburbana 2017.
Fonte: O autor.

Interessante frisarmos ainda que enquanto espaço comunitário, a Suburbana também é um ambiente político. No segundo jogo da final do campeonato de 2017, por exemplo, um dos três candidatos à presidência do *Coritiba football club* esteve no Trieste Stadium conversando com os torcedores sobre a partida, mas principalmente sobre as propostas da chapa que encabeçava. O candidato não estava sozinho, sendo que com ele estavam diversas outras

⁵⁶ Infelizmente, assim como ocorre no futebol profissional, na Suburbana temos casos de violência entre torcidas. No jogo entre Vila Sandra e Imperial, por exemplo, foi necessário realizar o cancelamento da partida em virtude de brigas generalizadas antes da partida. Disponível em: <http://www.doricoapobre.com.br/2017/10/imperial-x-vila-sandra-o-embate-em-que.html>

peças se vestiam inclusive uma camiseta que fazia alusão a campanha eleitoral. Supomos não se tratar de um episódio isolado, mas de uma prática comum no futebol curitibano.

7.4.1 As Relações Afetivas Com os Clubes

Uma das principais categorias que está presente nos estudos das diferentes práticas de futebol amador é a amizade (CAMPOS, 2009; GOMES, 2013; PIMENTA, 2009; SILVA, 2009). Conforme ressalta Gomes (2013) a partir do futebol amador as pessoas se encontram, convivem, criam laços e conquistam amizades. Para Silva (2009) há uma relação entre as competições e a possibilidade de conhecer novas pessoas de diferentes bairros e cidades. Em nossa pesquisa, percebemos que com a Suburbana não é diferente.

Conforme veremos adiante na construção dos sentidos atribuídos a atividade de treinador, diferentemente do que ocorre no futebol profissional, a Suburbana permite uma maior aproximação entre os envolvidos com a competição. Jogadores, treinadores, diretores, torcedores, imprensa, dentre outros, convivem de forma muito mais próxima do que nos ambientes profissionalizados, não sendo raro o treinador conhecer inclusive a família dos atletas com os quais trabalha.

Todavia, a despeito de cada clube possuir a sua especificidade, de modo geral, percebemos haver sensíveis diferenças em relação aos vínculos formados entre os jogadores/treinadores e os clubes, principalmente em decorrência da forma como questão da remuneração é tratada. Aparentemente temos na Suburbana uma espécie de condição para que jogadores e treinadores não exijam uma contrapartida financeira para a realização de suas atividades nas equipes: Isonomia. Mesmo com relações baseadas na amizade, dificilmente alguém “trabalhará” de graça ao saber que os demais recebem o seu “envelopinho”.

Nesse sentido, Alex aponta situações em que os jogadores trocam de clubes sem necessariamente se preocupar com os valores a serem pagos pela atividade, mas que ao saberem que na nova equipe algum jogador, até mesmo um amigo, está recebendo uma quantia muito maior, acaba exigindo uma “equiparação”. Dessa forma, na medida em que o clube realiza o pagamento de um atleta, acaba abrindo margem para a necessidade de pagamento de todos os demais jogadores, além da comissão técnica, haja vista que conforme questiona o treinador Ênio “*Se eu sei que os atletas ganham, eu vou trabalhar de graça?*”.

Por outro lado, para além das consequências do semiprofissionalismo presente na Suburbana, também encontramos na competição situações em que não há, ao menos nas falas

de nossos interlocutores, qualquer relação monetária que sustente as atividades do clube. São determinados contextos em que, muito pela falta de condições, as equipes se posicionam de forma a deixar claro aos atletas, comissão técnica, etc., que não haverá contrapartida financeira pela participação no campeonato. O que nos chama atenção acerca destes contextos é a forma como se constituem as relações no interior destes clubes, aparentemente de maneira muito mais próxima do que naqueles em que há a decisão pelo pagamento em dinheiro. Conforme aponta Alex, são situações em que o clube *“prefere investir no social do jogador, do atleta, para ele ficar entrosado com o clube, com os outros atletas, entre as esposas, com a família...para que sempre façam atividades entre eles, para que esses jogadores criem amizades e valorizem esse contexto isso mais do que qualquer outra situação”*.

De acordo com o treinador, se por um lado existem clubes em que os atletas não se interessam em estreitar as relações com os companheiros de equipe, evitando permanecer nos momentos de convívio, existem outros contextos em que os vínculos se constituem como algo bastante notável. Ainda em suas palavras

“É diferente a situação, há um sentimento. As vezes o atleta fica mais tranquilo, mais a vontade do que se tivesse recebendo algum valor. É difícil de acreditar nisso, mas tem... tem atleta que prefere ficar jogando sem receber, ou as vezes até fingindo que recebe, pois, muitos clubes tentam pagar, mas não conseguem (...) E aí eles preferem ficar nesse ambiente mais familiar, mais amigável né, mais valoroso. E o clube da essa base. Se for pra gastar, vamos gastar com todo mundo junto, vai todo mundo no mesmo bolo, quem tiver aqui vai comer um pedaço do bolo. É assim que funciona”

Também existem casos, conforme aponta Alex, em que os jogadores aceitam atuar de graça em um determinado clube, mas não o fazem em outro. Dessa forma, sugerimos que a contrapartida financeira seria um dos fatores que mais afetaria o tipo de relação a ser construída entre o jogador e o clube pelo qual atua. Cremos que a mesma situação ocorra com os treinadores, haja vista que conforme supõe Ênio *“se eu for num clube que eu sei que ninguém ganha e alguém me fizer um convite, eu vou tranquilo trabalhar, porque eu gosto né. Vou lá... depois do jogo vou tomar uma cervejinha, vou tomar um refrigerante, comer um pãozinho com bife, um churrasquinho, tranquilo”*. Nesse sentido, assim como os jogadores poderiam optar por permanecer em um clube pela qualidade da relação apresentada, os treinadores também poderiam exercer as suas atividades sem se preocupar com possíveis retornos materiais.

É importante frisarmos que há manifestações de amizade mesmo quando existe uma contrapartida financeira. Contudo, nossos apontamentos recaem sobre as perceptíveis diferenças entre as relações permeadas pela questão monetária daquelas em que o dinheiro não

está diretamente envolvido. Conforme apontam os treinadores, essa forma de observar a Suburbana, essa “filosofia”, depende muito de clube para clube, não podendo ser generalizada ou ainda pensada de forma isolada, sem considerar outros fatores como as relações de parentesco, amizades construídas na juventude ou mesmo questões geográficas que geram maiores possibilidades de convívio com as pessoas do bairro e apropriação do espaço dos clubes.

7.4.2 As Confraternizações

Por fim, é importante ressaltarmos uma das características mais marcantes no entorno da Suburbana curitibana, que são as confraternizações que ocorrem após os jogos. Assim como observado em outras regiões brasileiras, o futebol amador possui uma especificidade muito própria no que diz respeito a possibilidade de aproximação entre jogadores, comissão técnica, dirigentes, torcedores e simpatizantes da competição (CAMPOS, 2009; PIMENTA, 2009; SILVA, 2009). As confraternizações são um dos momentos mais esperados no decorrer do campeonato, onde há maior possibilidade de convívio, criação e estreitamento de laços.

Diferentemente do que verificamos em outras práticas futebolísticas (GONÇALVES, 2002; PIMENTA, 2009), a existência das confraternizações na Suburbana parece possuir pouca relação com o resultado dentro de campo. Obviamente que se o time mandante consegue um resultado satisfatório a possibilidade de permanência de um maior número de integrantes da equipe é mais elevada, contudo, conforme aponta Ênio as confraternizações estão presentes em praticamente todas as partidas, seja “*com vitória, com derrota ou com empate*”. Isso ocorre também pelo fato de que os locais em que elas se manifestam não são exclusivos aos participantes da competição, se estendendo aos torcedores que acompanham as partidas e até mesmo aos frequentadores dos clubes, haja vista que o espaço de realização geralmente consiste na lanchonete em que são comercializados petiscos e bebidas.

É importante ressaltarmos que, conforme veremos adiante, as confraternizações são para muitos participantes da Suburbana tão importantes quanto as próprias partidas, a julgar pelo fato de ser um momento propício para a troca de informações e aprendizados ou ainda servindo como o desfecho para qualquer tipo de discussão iniciada no desenrolar das partidas. Fazendo uso das considerações de Pimenta (2009) sobre as “resenhas” no futebol amador pernambucano, compreendemos as confraternizações na Suburbana como momento em que são estabelecidos ou reestabelecidos o compadrio, em que há o fortalecimento das relações entre as pessoas e a

manifestação da solidariedade e da amizade não somente entre os jogadores, mas também entre todo os demais envolvidos com a competição.

Em síntese, é possível verificarmos na Suburbana a materialização de um campeonato de futebol amador com grande proximidade do futebol profissional, mantendo, contudo, a presença marcante de aspectos comunitários que se manifestam nas representações dos ideais de grupos, comunidade e bairro. Nesse sentido, corroboramos com Oliveira (2013) quando este afirma que é exatamente este meio-termo que a torna tão interessante, aliás, acrescentamos afirmando que é esta singularidade que a coloca como uma das mais ricas representações das práticas futebolísticas existentes no cotidiano das ruas, dos bairros, dos sertões, das “várzeas” e dos subúrbios brasileiros.

8 AS TRAJETÓRIAS DO ACASO: OS TREINADORES POR OPÇÃO

Nesse capítulo apresentaremos uma síntese das trajetórias dos protagonistas em relação ao surgimento da atividade de treinador de futebol amador em suas vidas, mais especificamente no contexto da Suburbana. É interessante destacarmos que a atividade de treinador de futebol se apresenta na trajetória dos treinadores por opção de forma não planejada, resultado principalmente das relações de amizade, mas também de coincidências que culminaram na oportunidade de realizar esta função.

Aliás, torna-se visível nos discursos a manifestação de um desejo pela carreira de jogador de futebol profissional na infância e na juventude dos nossos protagonistas, fato que acabou não se concretizando em consequência de diferentes fatores, mas sobretudo pela falta de oportunidades e pelas dificuldades impostas pelo mercado de jogadores. Dessa forma, a atividade de treinador de futebol acaba se colocando como uma possibilidade em permanecer envolvido em um ambiente que exerce grande influência na vida de cada protagonista. Também analisaremos os principais aspectos do exercício da atividade de treinador no contexto da Suburbana, abordando as dificuldades percebidas pelos protagonistas, bem como a relação entre a atuação no futebol amador com a carreira e com o emprego fora do ambiente esportivo.

8.1 ALEX

Alex teve seu primeiro contato com a Suburbana muito cedo, ainda criança, quando acompanhava os jogos do campeonato junto de seu pai, um entusiasmado torcedor de um dos clubes da região em que residiam. Conforme recorda, chegava ao campo “no cangote” de seu pai, que mesmo de longe já analisava a partir da disposição dos torcedores se o ambiente estava propício para assistir as partidas ou se havia alguma espécie de confusão ou alvoroço que poderia impedi-los de assistir ao jogo com tranquilidade.

Em decorrência desse contexto, Alex acompanhava uma grande quantidade de jogos e aos poucos passou a conhecer os nomes de praticamente todos os jogadores, que naquela época eram residentes do bairro ou das proximidades. Nesta fase da sua vida, ainda muito pequeno para jogar, Alex sonhava em ser locutor esportivo, pois se apaixonara pela maneira como esses profissionais “enxergavam” o futebol. Assim, ficava próximo ao gramado onde montava com alguns tijolos e latinhas o seu “equipamento” de locução para brincar de narrar as partidas,

dramatizando os grandes clássicos entre os clubes da localidade. Para ele, essa lembrança representa muito da essência do futebol amador curitibano.

Na região em que Alex cresceu existiam diversos clubes de futebol amador participantes da Suburbana, sendo que na época de sua infância e adolescência um deles possuía uma estrutura mais privilegiada, elencos mais reforçados e era o considerado “o time rico da história”, frequentador da Série A da competição. Já os outros dois clubes, bem mais modestos, possuíam estruturas mais precárias que acabavam por se refletir em equipes menos qualificadas quando comparadas ao primeiro clube, deixando-os frequentemente disputando a Série B do campeonato.

Quando mais velho, por volta dos treze anos, Alex ingressa na categoria juvenil de um destes clubes mais modestos, passando posteriormente a atuar na categoria de juniores do outro clube de menor estrutura. Essas duas experiências contribuem para que ele passasse a compreender melhor o ambiente da Suburbana e como ocorriam as relações entre os clubes, os jogadores e a comunidade em si. Em certa ocasião, alguns garotos que atuavam com Alex na categoria juniores, após destacaram-se em algumas partidas, foram convidados a ingressar no clube considerado de elite. Para infelicidade dele, seu nome não estava na lista dos jogadores convidados, o que lhe frustrou bastante. Alex ainda jogou em outras equipes, até mesmo de fora da cidade de Curitiba, porém, após a suspeita de uma lesão e com a mudança de residência para outro bairro resolve desistir da carreira de jogador.

Alguns anos mais tarde, de volta ao bairro de origem, já casado e empregado, Alex passa a organizar algumas partidas com outros garotos da região, no intuito de criar uma rotina de jogos, inclusive enfrentando alguns times amadores diferentes daqueles que frequentavam a Suburbana. E é dentro deste contexto que ocorre uma situação pitoresca que acaba abrindo as portas para Alex tornar-se treinador. Um de seus amigos pede para que ele o acompanhe em uma conversa com o dono de um time amador⁵⁷ e quando Alex questiona o motivo da conversa é informado de que na realidade este senhor gostaria que o seu amigo começasse a treinar a equipe juvenil do time. Porém, como ele não se sentia confiante, solicitou que Alex o acompanhasse, uma vez que era mais velho e que poderia se expressar melhor. Mesmo relutante, Alex resolve acompanhar o seu amigo, que para sua surpresa, não aparece no local e horário combinados, deixando Alex sozinho na tarefa de conversar com o proprietário do time.

⁵⁷ Conforme aponta Alex, naquela época não existiam escolinhas de futebol e sim clubes que eram formados por jogadores do bairro e que geralmente tinham no “dono” a figura de organizador.

Nas palavras de Alex, ao saber do ocorrido o dono do time lhe disse: “Então faz o seguinte, você dirige o time”. Por já ter alguma experiência comandando os meninos do bairro, Alex não se intimida e acaba se destacando na função, sendo convidado a permanecer na equipe e dirigi-la em um campeonato que contaria inclusive com equipes profissionais de futebol como o Clube Atlético Paranaense, o Coritiba *football club* e o Paraná Clube. Nesta competição a equipe comandada por Alex alcança um ótimo rendimento, eliminando clubes importantes e chegando ao vice-campeonato.

A partir deste episódio Alex começa a atuar enquanto treinador, e com o passar dos anos iniciam-se os convites em diferentes clubes, inclusive lhe rendendo algumas experiências no futebol profissional. Em meio a tais situações, ingressa na Suburbana em meados da década de 1990, atuando desde então em diferentes clubes e bairros da cidade de Curitiba.

8.2 ÊNIO

A trajetória de Ênio enquanto treinador de futebol amador se relaciona com a sua prática enquanto jogador, pois apesar de não ter se profissionalizado, teve a oportunidade de jogar nas categorias de base de diferentes clubes de Curitiba. Todavia, devido às dificuldades em conseguir um espaço para prosseguir com a carreira de jogador, decide optar pelo emprego fora do futebol.

Nesse sentido, após o ingresso em uma atividade que lhe obrigava a viajar por todo o estado do Paraná, vislumbra no futebol apenas uma possibilidade de lazer, atuando sempre que possível enquanto estava em Curitiba. Em certo momento, recebeu um convite para jogar em um clube curitibano de relativo destaque na época, e após a conquista da segunda posição em um torneio local, passou a se tornar mais conhecido da diretoria e em consequência, a receber algumas sondagens a respeito da possibilidade em se tornar futuramente o treinador da equipe.

Para Ênio, essa ligação com a função de treinador surgiu muito em decorrência de sua postura não apenas dentro de campo, mas também com a comissão técnica e com a diretoria. Em uma primeira oportunidade ele não aceitou o convite para se tornar treinador, principalmente por não ter interesse em realizar essa função. Porém, após uma segunda investida do clube no início da década de 1990, quando alguns representantes da equipe foram até a sua residência para convidá-lo pessoalmente, aceita o convite e o desafio de se tornar treinador.

Uma vez investido na função, Ênio percebe uma afinidade com a atividade, fato que vai se comprovando na medida em que as competições foram surgindo e as experiências se

multiplicando, de forma com que ele passa a “*pegar gosto pela coisa*”. Não tardou para que ele fosse convidado a ingressar em um clube participante da Suburbana, ostentando orgulhosamente sua participação, até o momento, em mais de 20 equipes diferentes do futebol amador de Curitiba e Região Metropolitana.

Interessante ressaltarmos que durante sua trajetória no futebol amador, Ênio aponta ter recebido alguns convites de clubes profissionais de futebol. Contudo, devido à insegurança da carreira de treinador profissional, aliado ao fato dele já possuir certa estabilidade em seu emprego, decide optar por prosseguir compatibilizando a função de treinador de futebol amador com as atividades realizadas em seu emprego formal. Esta possibilidade de atuação conjunta é, inclusive, apontada por ele como um dos grandes fatores responsáveis pela sua longevidade no futebol amador curitibano.

8.3 VICTOR

Para Victor “tudo começou” ainda na época de jogador. Sua atuação no futebol amador de Curitiba inicia quando adolescente, jogando nas categorias de base de um dos clubes da Suburbana. Victor lembra que na época existia um campeonato que contemplava um clube amador e alguns clubes profissionais da capital como os extintos Esporte Clube Pinheiros e Colorado Esporte Clube, o Clube Atlético Paranaense e o Curitiba *football club*, além de alguns clubes profissionais do interior como o União Bandeirante Futebol Clube e a Sociedade Esportiva Matsubara.

Durante uma das edições deste campeonato, por sua postura de liderança e encorajamento da equipe, Victor se destaca entre seus colegas da categoria de juniores, o que lhe rende um convite para jogar pela categoria adulto, mesmo com dois anos de antecedência. Na categoria adulto, a despeito de ser mais jovem que os demais jogadores, continuou se destacando e não tardou a receber a faixa de capitão do time. Ele recorda que durante seus anos de jogador, nunca se contentou apenas em jogar, sendo muito interessado pela parte tática do jogo e como poderia fazer com que a partir dela, pudesse produzir um futebol de melhor qualidade e segurança dentro da equipe.

Victor atuou por bastante tempo como jogador da Suburbana, fazendo parte do elenco de diferentes equipes, se sagrando campeão da competição em mais de uma oportunidade, além de vencer outros importantes campeonatos amadores como a Taça Paraná e o Campeonato Sul Brasileiro de Futebol Amador. Contudo, após casar e se tornar pai, Victor reduz gradativamente sua participação enquanto jogador da categoria adulto, até o momento em que encerra a carreira.

Contudo, mesmo após encerrar sua carreira de jogador de futebol amador na categoria adulto, Victor possuía interesse em continuar jogando, agora pela categoria de veterano. Todavia, pelo fato de não possuir a idade mínima necessária, precisa aguardar alguns anos para voltar a jogar, fator determinante para o seu ingresso na função de treinador. Ocorre que em virtude da impossibilidade de atuar como enquanto jogador, Victor acaba sendo convidado para treinar o time em que atuavam diversos dos seus amigos dos tempos de Suburbana. Tratava-se de um campeonato bem organizado, homologado pela Federação Paranaense de Futebol e que inclusive era televisionado por uma emissora local. Victor aceita o convite e passa a exercer a atividade de treinador de futebol, com a qual se identifica prontamente, haja vista que conforme recorda, quando se viu pela primeira vez dentro de um vestiário, comandando a equipe, organizando, escalando, tendo o poder de decisão de colocar e tirar atletas, percebeu que aquela atividade “mexia” muito com ele.

E apesar da equipe de Victor não ser considerada favorita ao título daquela edição do campeonato, acaba sagrando-se campeã logo em sua primeira participação como treinador. Esse fato chamou atenção da diretoria do clube, que no ano seguinte lhe fez um convite para assumir a equipe adulta que participava da Suburbana. Dessa forma, Victor se firma na função de treinador, sendo interessante ressaltar ainda que durante alguns anos ele se dedicou concomitantemente a atividade de treinador da equipe adulta na Suburbana e de jogador da equipe de veteranos, demonstrando a sua forte relação com o futebol amador curitibano, no qual prossegue atuando até a realização da presente pesquisa.

8.4 RICARDO

O futebol está presente na vida de Ricardo desde a sua infância. Neto e filho de jogadores profissionais, ele tentou seguir a carreira de seus antepassados durante alguns anos no interior do estado do Paraná, mas não prosseguiu com o sonho, principalmente pelas condições precárias, sobretudo financeiras, pelas quais ele e seu irmão foram submetidos ainda muito jovens. Após a desistência da carreira de jogador profissional, Ricardo se muda para Curitiba com o seu irmão no intuito de ingressar em um emprego em uma área diferente da esportiva. Contudo, não rompe totalmente com o futebol, tendo em conta que sempre que possível, seguia jogando em alguns clubes de futebol amador de Curitiba e Região Metropolitana.

Em virtude das obrigações de seu emprego, Ricardo necessita residir por alguns anos fora de Curitiba, o que acaba lhe afastando por um tempo da prática do esporte. Entretanto, em

seu retorno ao Paraná, uma coincidência acaba abrindo as portas para que ele ingressasse na função de treinador. Em certa ocasião, Ricardo se disponibiliza para levar o seu irmão mais novo em um clube de futebol, no intuito de ele pudesse realizar um teste para atuar enquanto jogador. Tratava-se de uma equipe pela qual o próprio Ricardo já havia jogado e, ao perceber que a equipe de juniores do clube não possuía treinador, se oferece à diretoria para auxiliar nas atividades a serem realizadas e em pouco tempo acaba agradando os responsáveis pela equipe que não tardam em convidá-lo para fazer parte do time enquanto treinador da equipe de juniores.

Mesmo não estando exatamente nos planos, Ricardo aceita o convite e passa a atuar enquanto treinador. E assim como no caso dos demais protagonistas de nossa pesquisa, na medida em que os jogos foram acontecendo, ele foi adquirindo confiança e a atividade foi se enquadrando em sua rotina. A partir disso, Ricardo passa a atuar de forma constante como treinador de categorias de base em diferentes clubes de Curitiba e Região Metropolitana, inclusive determinando como objetivo pessoal ingressar em algum clube como treinador da categoria adulto.

Entretanto, em decorrência de alguns desencontros nesse processo de ingresso na categoria adulto, além da dificuldade em compatibilizar a Suburbana com a família, emprego e principalmente com os estudos, Ricardo decide por diversas vezes deixar de atuar enquanto treinador, inclusive exercendo em alguns períodos e função de dirigente. Contudo, conforme brinca, “todo ano ele volta atrás”, revogando constantemente a sua decisão de deixar a carreira de treinador, o que acaba levando-o a aceitar novos convites, sempre com o intuito de realizar um trabalho melhor que o anterior. Atualmente, com os horários de emprego e estudos melhor estruturados, pensa em se manter atuando enquanto treinador por muitos anos.

8.5 A ATUAÇÃO DO TREINADOR NA SUBURBANA - AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E A RELAÇÃO COM O EMPREGO

Se algumas características da Suburbana curitibana se aproximam bastante do futebol profissional, por outro lado, temos nas condições de trabalho dos treinadores algumas peculiaridades que se distanciam muito da matriz espetacularizada. Quando pensamos no desenvolvimento de suas atividades percebemos que, de modo geral, existe uma grande discrepância não apenas entre os clubes de futebol profissional e os clubes da Suburbana, mas também entre os grandes clubes da Série A com os demais clubes, sobretudo da Série B, participantes da competição.

As condições de trabalho dos treinadores variam muito em consequência das equipes das quais eles fazem parte. Nas equipes de melhor estrutura, os treinadores contam com a possibilidade de realizar treinamentos durante a semana em estádios iluminados e com boas condições de gramado, equipamentos e materiais. Já nas equipes mais modestas, existem dificuldades em relação a realização dos treinamentos e até mesmo no que diz respeito a materiais básicos como bolas, coletes e cones. Todavia, a principal diferença entre os clubes e que reflete diretamente no trabalho realizado pelos treinadores está relacionada a quantidade e qualidade da comissão técnica (auxiliares técnicos, preparadores físicos, treinador de goleiros, massagistas) e principalmente dos jogadores.

A rotina básica de um treinador da Suburbana, levando em consideração aqueles que podem realizar treinamentos, consiste geralmente na realização de um ou dois treinos (terças e quintas-feiras) e na condução dos jogos realizados aos sábados. Quando existem dois treinamentos, é usual realizar um treino físico nas terças-feiras, além de uma revisão do jogo anterior, reservando as quintas-feiras para a preparação da equipe para o próximo compromisso no campeonato. Os treinamentos ocorrem a noite e variam de clube para clube, geralmente iniciando no começo da noite e chegando a terminar próximo das vinte e três horas.

Quanto a infraestrutura, as principais diferenças entre os grandes clubes e os demais se manifestam principalmente na falta de iluminação adequada dos campos, o que acaba por impedir a realização de treinamentos a noite. E considerando que os jogadores da Suburbana possuem os seus respectivos empregos, também não há possibilidade em realizar os treinamentos no período da tarde, reduzindo muito a qualidade técnica do futebol apresentado. Outro fator que reflete a precariedade de muitos clubes, diz respeito às más condições dos gramados dos estádios, fruto da contínua utilização, haja vista que os clubes necessitam alugar o espaço o máximo de vezes possível para conseguir garantir uma receita mínima que possa contribuir para o desenvolvimento das atividades.

Em relação ao pessoal envolvido com os times, percebemos a dificuldade em possuir uma comissão técnica completa, principalmente nas equipes de menor expressão, sendo raros os casos em que existe uma equipe composta por auxiliar técnico, preparador físico, treinador de goleiros, etc. Equipe médica, com médicos e fisioterapeutas é uma realidade praticamente inexistente mesmo nos clubes mais abastados, sendo mais recorrente a existência de massagistas, nem sempre especialistas ou profissionais, que auxiliam quando há algum problema mais sério.

Já no que diz respeito a composição dos elencos, como já analisado em diferentes momentos, em alguns casos se torna muito evidente as diferenças entre os clubes que podem remunerar os atletas daqueles que não podem. Sendo assim, existem equipes em que a estruturação dos elencos ocorre de maneira bastante precária, dificultando inclusive a manutenção de um número mínimo de atletas durante toda a competição, não sendo raros os casos em que há necessidade dos jogadores atuarem de forma improvisada ou mesmo machucados.

Todavia, há uma questão levantada pelos treinadores e que está relacionada ao elenco e aos jogadores e que tangencia não apenas os clubes de menor expressão, mas também aqueles que possuem maiores recursos e responsáveis pela preparação física dos atletas. Trata-se da dificuldade em definir um nível ótimo de exigência nos treinamentos. Tal fato ocorre em virtude de que a maioria dos atletas não são e nem foram jogadores profissionais de futebol e, em sua maioria, possuem empregos fora do esporte, realizando as jornadas de trabalho durante o dia e reservando as noites para os treinamentos da Suburbana. Dessa forma, conforme aponta Victor, o treinador precisa ter

“o discernimento, o tato, o *“feeling”* de entender que um jogador acordou as seis horas da manhã, trabalhou pelo menos oito horas, dirigiu mais uma hora para chegar até o estádio, com fome, cansado e tem que ir para um treinamento físico, técnico, até dez e quarenta da noite. Então você precisa entender que ali é um ser humano que está cansado e que tem alguns limites em executar algumas atividades”.

Considerando que não há ingerência por parte dos treinadores na intensidade do ritmo de trabalho dos atletas em seus ambientes formais de atuação, assim como na alimentação realizada, há necessidade de ponderar a carga de trabalho a ser realizada nos treinamentos, uma vez que o contexto vivido por cada atleta afeta de forma bastante diferente o seu rendimento em campo, influenciando a forma como o treinador necessita planejar e executar as atividades. Todavia, não é só nos treinamentos que esses fatores podem influenciar a forma como os treinadores precisam atuar. Nos dias dos jogos, a alimentação também é vista como uma contingência a ser pensada, haja vista que conforme aponta Ênio *“você não tem como exigir muito do atleta. No dia do jogo eu não sei como ele se alimentou. Muitas vezes eu não posso nem falar para ter uma alimentação balanceada antes de ir pro campo, pois o cara chega em casa e o que ele tem pra comer é um ovo frito com um virado de feijão”*.

Além da questão da alimentação, há também o problema da ausência de jogadores aos sábados, posto que alguns atletas trabalham no horário dos jogos e necessitam de liberação das

empresas para conseguirem estar em campo na Suburbana. Dessa forma, os treinadores precisam possuir um plano de mudanças para a equipe, haja vista que a qualquer momento um jogador importante poderá desfaltar o time, o que acaba dificultando ainda mais a atuação dos treinadores, pois conforme ressalta Ricardo *“se o patrão pede pra segurar um jogador no emprego um pouco mais, você já o perdeu...e talvez com ele você perca todo o seu trabalho da semana, e dependendo do jogo, todo o trabalho do ano”*.

Entretanto, embora existam grandes problemas de infraestrutura e de pessoal, existe uma dificuldade enfrentada pelos treinadores da Suburbana que provavelmente, embora em graus diferentes, também se manifesta na atividade dos treinadores profissionais: trata-se do gerenciamento de pessoas. Conforme ressalta Victor, existe um plano de atuação com aproximadamente vinte e quatro jogadores, mas há necessidade de possuir uma equipe titular, caso contrário a diretoria e a torcida pressionam. Nesse sentido, nas palavras do treinador: *“como é que você faz com os outros jogadores, para que você não os perca na temporada? É mais complicado fazer a gestão de pessoas no vestiário do que lidar com a parte técnica, parte tática. A parte mais complicada é não deixar que vire panela, crítica, insatisfação”*.

Contudo, este gerenciamento de pessoas não ocorre apenas dentro do vestiário, assim como não se limita no contato com os jogadores. De acordo com os treinadores, essa atividade ocorre de maneira praticamente ininterrupta, com diferentes grupos e em diferentes contextos. Dessa forma, os níveis de relacionamento com as pessoas acabam se manifestando de formas muito distintas quando comparadas ao futebol profissional, caracterizando-se enquanto uma das principais diferenças entre a matriz espetacularizada e a prática amadora. Nesse sentido, observamos enquanto principais possibilidades de tensão as relações com:

Familiares e amigos dos jogadores: Em algumas situações, a relação entre as famílias dos jogadores com o clube é muito próxima e existe uma pressão principalmente por parte dos pais, tios e demais parentes que assistem aos jogos para que seus filhos ou sobrinhos sejam escalados e mantidos nas equipes. Não é raro observar alguém reclamando ou até mesmo insultando o treinador solicitando a entrada de algum jogador em campo. Em situações de maior proximidade, os pais muitas vezes vão diretamente até o presidente do clube exigir alguma providência. Conforme apontam os treinadores, as famílias e os amigos não tem muito conhecimento do que ocorre nos treinamentos e os reais motivos pelos quais seus filhos e/ou amigos não estejam atuando, o que pode ser produto da falta de dedicação, mal comportamento ou simplesmente melhor capacidade técnica do concorrente na posição.

Torcida: Alguns clubes possuem torcidas organizadas que acompanham o campeonato em sua totalidade e assim como ocorre no futebol profissional, a pressão pelo resultado também é presente na Suburbana. Todavia, no contexto do futebol amador há uma proximidade muito maior entre treinador e torcedor, o que pode culminar tanto no florescimento de amizades quanto em discussões após os jogos, principalmente nos momentos das confraternizações. Em uma situação específica relatada por um dos nossos protagonistas, após uma discussão mais acalorada com um torcedor, o treinador não pôde mais estacionar o seu carro dentro do estádio, até mesmo nos dias de treinamentos, com receio de que algum tipo de vandalismo acontecesse.

Em relação aos torcedores, temos ainda as possíveis tensões com as torcidas dos clubes adversários. Conforme os treinadores apontam, em decorrência de todos os jogos da Suburbana acontecerem no mesmo dia e horário, nem sempre há policiais em todos os campos, o que muitas vezes causa alguma apreensão. Nesse sentido, Ênio revela uma preocupação com a segurança, indicando aos seus jogadores para sempre tomar cuidado, principalmente quando estiverem jogando em casa, pois conforme afirma, se *“você irrita os caras, você tumultua, agita, o próprio torcedor agita lá fora...aí quando você for jogar no campo do adversário, se a barra é pesada, muitos atletas simulam contusões, o torcedor que agitou não vai”* fazendo com que, muitas vezes, o treinador seja o responsável por gerenciar as consequências de todas essas tensões.

Patrocinadores: Nos clubes de maior estrutura é comum existirem patrocinadores locais que investem quantias significativas, principalmente no pagamento de jogadores. Nesse sentido, quando um jogador de grande destaque é “contratado”, existe uma pressão muito grande para que ele seja escalado sempre que possível.

Demais treinadores: A relação entre os treinadores da Suburbana nem sempre ocorre de maneira amigável. Apesar de aparentemente predominar a existência das relações de amizade, também se verificam disputas por espaço, sendo que em diferentes momentos foi apresentada a questão dos treinadores que “rondam” os clubes durante os jogos para “se fazerem presentes”. Sem citar nomes, os treinadores entrevistados afirmam ser comum que treinadores “se ofereçam” aos presidentes assim que algum clube passa por dificuldades técnicas ou apresente baixo rendimento na competição.

Diretoria: Internamente, dentro dos clubes, os treinadores podem enfrentar problemas com os diretores. Na visão dos nossos protagonistas, alguns clubes possuem presidentes, diretores ou mesmo coordenadores que são apaixonados por futebol, mas que entendem muito pouco das “questões do campo” e “do gerenciamento do vestiário”. Dessa forma, quando há

divergência de ideias, principalmente por parte de algum diretor é notável haver um aumento na pressão pelo trabalho realizado, o que influencia diretamente a maneira como o treinador executa as suas atividades.

Jogadores: Por fim, mas não menos importante, temos a pressão exercida pelos jogadores. Além de todo o gerenciamento realizado nos vestiários e bastidores da competição, existe uma situação peculiar que trata do jogador que não é escalado e que demonstra ao treinador compreensão a respeito da opção técnica/tática. Contudo, conforme relato dos treinadores, é comum descobrir que esse mesmo jogador acaba “desabafando” com a família e como os amigos (que muitas vezes são torcedores), diretoria, etc. por meio de discursos de acusação, colocando o treinador na posição de “traíra”, uma vez que não lhe fornece oportunidades de jogar.

Além das tensões e pressões exercidas pelos diferentes grupos envolvidos com a Suburbana, os treinadores precisam mediar as relações com os seus empregadores, haja vista que enquanto treinadores por opção, os protagonistas de nossa pesquisa realizam suas atividades empregatícias em ramos dos setores secundários e terciários, bastante distintos do ambiente do futebol. Apesar de verificarmos que, de modo geral, os treinadores conseguem equilibrar as responsabilidades do emprego com a atividade exercida na Suburbana, não podemos afirmar que essa relação ocorra sem nenhum tipo conflito, pelo contrário.

Em consequência do horário de atuação nas empresas, os treinadores muitas vezes precisam realizar uma verdadeira operação logística para conseguirem estar à frente das equipes nos dias e horários dos treinamentos e dos jogos. Com isso, em algumas situações há necessidade de solicitar saídas antecipadas ou mesmo a liberação de atividades, sobretudo aquelas realizadas aos sábados e no mesmo horário das partidas. Tais negociações não aparentam serem consideradas problemas para os treinadores, todavia conforme aponta Alex, apesar de nunca ter sido cobrado, sabia que “*poderia ser prejudicado por isso em algum momento*”.

Já quando questionados acerca das diferenças entre o ambiente formal de emprego e a atuação na Suburbana, percebemos que os discursos apresentam as atividades enquanto situações distintas, embora em alguns momentos sejam tratadas enquanto complementares. O emprego é concebido enquanto atividade de sustento, provedor de bens materiais que está diretamente relacionado a ideia de profissão, enquanto que a função de treinador estaria mais relacionada a um tipo específico de *hobby*, voltado para o suprimento do lazer e da satisfação pessoal.

No que diz respeito ao emprego, os treinadores verificam que esta atividade carece de um maior senso de responsabilidade e uma mudança de postura, visto que todos envolvidos são profissionais contratados e remunerados para a realização de uma atividade específica. Dessa forma, de acordo com Alex *“é diferente no sentido (...) é diferente na tomada de decisões (...) Na empresa você tem uma outra postura, você está lidando com profissionais, todo mundo está empregado”*. Além disso, é mencionado que por mais que não haja satisfação, há uma necessidade de entrega, de rendimento, pois conforme menciona Ricardo *“você é remunerado por aquilo e a tua casa depende do que você ganha lá, então a tua família depende daquilo ali. Você tem que fazer, gostando ou não, você tem que estar ali...porque muita coisa depende daquela situação”*.

Já a atividade de treinador da Suburbana, quando comparada ao emprego, é analisada como algo mais leve e mais relacionado a um estado de despreocupação, posto que nas palavras de Ricardo *“Você está ali porque você quer. A qualquer momento você pode dizer que está indo embora, que não vai mudar nada (...) vai vir outro técnico no teu lugar e você vai chegar em casa e não vai mudar nada na tua vida”*. Dessa forma, a partir dos discursos dos treinadores poderíamos inicialmente sugerir que se trata inicialmente de uma atividade despreziosa, haja vista que conforme prossegue o nosso protagonista *“o futebol não tem o peso da obrigação, só por aí você já faz alguma coisa com mais prazer”*. Contudo, conforme veremos adiante, a atividade de treinador na Suburbana não pode ser compreendida mediante um olhar de exclusividade, mas a partir de uma multiplicidade de sentidos que ora se contradizem, ora se complementam.

9 OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA OS TREINADORES DE FUTEBOL DA SUBURBANA

Antes de mais nada, é oportuno salientarmos que a construção dos sentidos atribuídos ao trabalho realizado pelos treinadores de futebol da Suburbana se deu mediante a interpretação do autor sobre todo o material coletado, com principal atenção aos discursos contemplados nas entrevistas concedidas pelos treinadores. Dessa forma, estão presentes as limitações consequentes das opções epistemológicas e metodológicas utilizadas, além daquelas relacionadas a própria capacidade de percepção e de análise do autor.

Isto posto, nos cabe ainda salientar que os sentidos atribuídos a atividade de treinador na Suburbana possuem significativas diferenças entre os treinadores de profissão e os treinadores por opção. Se para aqueles esta função atua principalmente enquanto um complemento profissional, auxiliando ainda na aquisição de conhecimento e visibilidade, para os últimos a atividade se materializa a partir das mais diferentes manifestações que, relacionadas entre si, sofrem consequências diretas dos clubes em que os treinadores atuam, das relações de amizade construídas na competição, da influência da família, da situação no emprego formal, da condição financeira, além do próprio momento esportivo vivenciado pela equipe dirigida⁵⁸.

Dessa forma, apresentaremos a seguir os sentidos identificados mediante a triangulação dos dados e analisados a partir do quadro teórico proposto. A decisão em categorizá-los em oito diferentes sentidos possui como principal finalidade a didática, na medida em que procuramos facilitar a compreensão da atuação do treinador pelo leitor. Todavia, salientamos que os sentidos não devem ser tratados de forma isolada, haja vista que todos estão, em maior ou menor grau, interligados.

9.1 UM “LAZER COM RESPONSABILIDADE”

Durante as entrevistas, um dos sentidos atribuídos pelos treinadores por opção para a atividade desenvolvida no contexto da Suburbana é o de lazer. A atuação enquanto comandante

⁵⁸ É importante ressaltarmos que a proposta inicial era apresentar a trajetória dos cinco treinadores por opção entrevistados na fase exploratória do estudo. Entretanto, um dos treinadores mostrou desinteresse na participação da segunda rodada de entrevistas. Não temos condições de afirmar quais os motivos levaram o treinador a não querer mais participar da pesquisa, porém supomos que o nível de desempenho da equipe no momento do convite se mostrou como fator determinante, além de influenciar na concepção da Suburbana e da atividade de treinador pelos demais entrevistados.

de uma equipe se apresenta como “*um hobby, uma distração*”, algo que os treinadores podem “*tirar proveito*”, utilizando-o como um “*antistresse*”, como um “*escape do cotidiano*” que se acumula no decorrer da semana⁵⁹.

Essa concepção da atuação de treinador como lazer é bastante explorada pelos protagonistas, principalmente quando concebida enquanto uma atividade para além do emprego, realizada fora dos limites formais da atuação profissional. Todavia, no desenvolvimento das narrativas, quando estimulados a discorrer sobre a rotina de atividades e os seus desmembramentos, os treinadores passam a expor um contexto contemplado por características que embora não neguem este sentido de lazer, ao menos permitem uma reflexão sobre as contradições relacionadas a sua concepção.

A despeito das inúmeras correntes e possibilidades de leitura acerca do lazer, em uma clássica definição proposta por Dumazedier (1976, p.94) temos um conjunto de atividades, de ocupações, às quais cada indivíduo pode “entregar-se de livre vontade, seja para repousar, divertir-se, recrear-se ou ainda, para desenvolver uma informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”. Em sentido semelhante Gorz (2003, p.17) aponta que o lazer apresenta uma racionalidade inversa à das atividades econômicas, correspondendo ao tempo de festa, da atividade gratuita, que não deve possuir outra finalidade além dela própria e que não deve ser meio para nenhum outro fim.

Todavia, ao analisarmos os discursos dos treinadores, verificamos que a função exercida no contexto da Suburbana não ocorre de forma totalmente desinteressada ou completamente a margem das categorias da racionalidade instrumental presentes nas atividades mercantis. E ainda que os treinadores afirmem que as funções realizadas correspondam a um hobby, o desenvolvimento do exercício da atividade de técnico aponta para uma tarefa executada com forte presença dos domínios da responsabilidade e da obrigação, aproximando-se em alguns momentos mais de um *ethos* moral-disciplinar do trabalho-emprego (BENDASSOLI, 2006) do que de uma atividade voltada ao lúdico. Desta forma, temos uma atividade dita de lazer, que

⁵⁹ Como podemos ver nos seguintes trechos das entrevistas: “*Então é o que gosto de fazer hoje, assim, o meu momento de lazer é esse. Tem gente que gosta de pescar, tem gente que gosta de jogar bola, o meu hobby hoje é ser treinador*”(…) “*E o futebol amador se encaixa aí. Hoje o meu único hobby, o meu único lazer, que eu me dedico 100% é o futebol amador*” (ADENOR); “*Eu costumo dizer o seguinte, que para mim é um hobby, uma distração, é ...um antistresse, é um escape do cotidiano. É pra dar esse escape do profissional que as vezes você carrega a semana inteira*” (ALEX); “*Hoje, eu coloco, quando eu tô trabalhando, eu o coloco como lazer. Eu tiro proveito disso, eu tiro proveito, eu gosto dessa adrenalina de ser treinador, de tá comandando, ir pro campo*” (VICTOR).

“se faz porque se gosta” e que contraditoriamente, apesar de ser realizada em um contexto de obrigação e responsabilidade, permite a retirada do “*stress do dia a dia, do trabalho, da faculdade*”⁶⁰ e assim por diante.

Percebemos tratar-se de uma categoria que recebe tratamento diferenciado, pois conforme aponta Ricardo “*não é como sair no domingo e ir para o parque ou ir pescar. Você sabe que no meio do caminho se chover, você volta para casa e beleza né. Futebol não, futebol é responsabilidade*”. E esta responsabilidade traz entre outras obrigações a da presença, haja vista que se um jogador faltar um jogo, o treinador pode substituí-lo por outro, agora se um treinador faltar um jogo “*você não pode buscar outro no vestiário, no banco de reservas*”. Assim, a responsabilidade na função de treinador é uma característica colocada em destaque e percebida pelos treinadores por opção como algo que independe do contexto, seja de futebol amador ou de futebol profissional. Ainda conforme Ricardo, é preciso “*estar em campo*”, ter “*a mesma responsabilidade do futebol profissional*”, “*por mais que lá seja uma profissão e o futebol amador seja um lazer*”⁶¹.

Esta dedicação despreendida pelos treinadores à Suburbana não se restringe apenas ao comando do time nos dias dos jogos e dos treinamentos, se estendendo ao relacionamento com a diretoria, com os atletas e, dependendo da estrutura do clube em que o treinador está atuando, até mesmo com as questões gerenciais e administrativas. Desse modo, é corriqueiro notar nas narrativas que tal comprometimento pode, em diversas ocasiões, afetar as demais dimensões da vida, posto que todo esse envolvimento exige um grande dispêndio de tempo.

Conforme ressalta Adenor, “*quem vive esse mundo, querendo ou não querendo, vive 24 horas do dia*”. E é corroborando com tal afirmação que Ricardo aponta de forma descontraída em meios a risos que “*todo o tempo que eu tenho disponível pro futebol é vivido intensamente...e o tempo que eu não tenho disponível eu também vivo o futebol*”. Dessa forma, é importante frisar que tal dedicação não decorre apenas em virtude da responsabilidade imputada à tarefa, mas também do prazer pela sua realização, que faz com que o interesse dos

⁶⁰ “Então a responsabilidade do técnico, seja em qualquer lugar, no amador, no profissional, é muito grande, mas eu gosto de fazer isso aqui, é o meu lazer, é onde eu tiro o meu stress do dia a dia, do trabalho, da faculdade” (RICARDO).

⁶¹ “Então, como técnico de futebol, eu nunca faltei um jogo. A responsabilidade, a mesma responsabilidade que você tem no futebol profissional, tem que ter no futebol amador também, por mais que lá seja uma profissão e para nós seja um lazer” (RICARDO).

treinadores extrapole os finais de semana em um ciclo onde “*acabando um jogo, o treinador já está pensando no outro*”⁶².

E por ser considerado um importante alicerce na condução do time, além de todo o imaginário em torno da função de treinador de futebol, verificamos que quando “*as coisas não estão indo bem no comando, na gestão do grupo*” existe uma cobrança não apenas do próprio treinador, mas também da diretoria, da torcida e da imprensa. Assim, temos uma cobrança externa e uma preocupação por parte do treinador com o rendimento das funções exercidas, o que nas palavras de Alex “*tira o sono*”, sendo outro fator de influência na vida particular e social dos treinadores⁶³.

Interessante ressaltarmos que a vivência dos treinadores e a preocupação com as atividades inerentes ao clube são potencializadas pela tecnologia. Uma das grandes mudanças dos últimos anos apontadas pelos nossos protagonistas é a facilidade e a velocidade da comunicação, o que culmina em uma barreira para a desvinculação com o futebol, não apenas por parte do treinador, mas por todas as pessoas envolvidas com os clubes. E é curiosamente este contexto de alta exposição combinado com a preocupação com o desempenho que cria os subsídios necessários para o surgimento de uma nova contradição, que é o trabalho-emprego se tornar o “*escape do futebol*”.

“Às vezes o trabalho acaba sendo o escape do futebol... porque o futebol, pra quem é treinador, pra quem é diretor, pra quem é da comissão técnica, os envolvidos, os representantes, os organizadores... ele é madraço sabe... ele é madraço. Porque toma muito tempo né. É diário o negócio, você não consegue ficar dois dias sem tocar, pra esquecer do futebol. Não vai... Hoje principalmente com as redes sociais, ao abrir a tua conta, já tem alguém perguntando, respondendo, trazendo um problema, trazendo uma solução” (ALEX).

Além da pressão e cobrança vivenciadas, uma das principais consequências da exigência de tempo dispendido à Suburbana evidenciada pelos treinadores é a necessidade de compreensão da família. A atuação direta aos sábados e a depender do clube, nas terças e

⁶² “*Quando eu faço, eu penso na situação que vai acontecer, eu penso a semana inteira, acabou o jogo eu já tô pensando no outro né*” (RICARDO).

⁶³ “*Mas eu como treinador sou um alicerce técnico, então se as coisas não estão indo bem no comando, na gestão do grupo, você acaba se cobrando e aí tem uma imprensa aqui fora que vai te cobrar e você vai ter que dar a resposta, você não vai fugir do repórter né... Vai ter sempre que se explicar. E isso as vezes realmente tira o sono.... Deixa muito mais preocupado que o seu trabalho de dia, isso é inegável, isso as vezes influencia na tua vida particular, na vida social, isso é inegável. Não vou dizer que são só flores, negativo... A gente tenta florir o máximo possível, mas não é. Eu acredito que os outros treinadores falaram a mesma coisa, porque a pressão existe, seja no Corinthians, no Coritiba, no Barcelona ou no clube do futebol amador. A pressão é a mesma, o desconforto é o mesmo, ele existe. Não tem como negar isso*” (ALEX).

quintas-feiras, consuma em ausência em diferentes momentos do convívio familiar, gerando a necessidade de uma negociação entre cada treinador e sua respectiva família, no intuito de prosseguir exercendo a função de comandante. Todavia, notamos que em alguns casos essa negociação não ocorre sem que a família reforce que a atividade de treinador exercida na Suburbana não deveria exigir um engajamento tão grande, haja vista tratar-se de um lazer e não de uma profissão⁶⁴.

E a partir desta depreciação da atividade de treinador, é oportuno destacarmos que a dedicação em uma dimensão da vida diversa da família, parece ser melhor aceita quando está relacionada ao universo profissional. Isso nos permite refletir mediante o caso dos treinadores por opção que em uma “sociedade do trabalho”, o envolvimento prolongado em uma atividade dita de lazer, aparentemente com menor predominância de uma lógica racional econômica, passa a ser questionada na medida em que disputa espaço com as outras dimensões da vida.

Nesse sentido, Langer (2004) aponta que uma das maneiras mais sutis de provocar a adesão ao trabalho assalariado é justamente a desvalorização das atividades não remuneradas, conforme André Gorz ressalta em diferentes momentos. “Digno de consideração é apenas o trabalho feito em troca de um salário. Assim, não é por acaso que paira uma névoa de depreciação sobre as atividades não remuneradas, mas igualmente importantes quando vistas sob outra perspectiva” (LANGER, 2004, p. 24).

Assim, é mister frisarmos que é em decorrência desta centralidade do trabalho-emprego em detrimento das outras atividades que André Gorz defende as propostas da redução do tempo deste tipo de trabalho (o trabalho assalariado) e da existência de uma renda de cidadania, universal e suficiente. Desta forma, cada indivíduo estaria liberado para organizar a sua vida não somente a partir de sua profissão, mas também mediante outras atividades cuja rentabilidade e remuneração não seriam condições nem a finalidade.

Retornando ao sentido do lazer apontado por nossos protagonistas, outra questão passível de debate são as compreensões adotadas pelos treinadores acerca dos termos lazer e trabalho, uma vez que é possível observarmos que em diversos momentos os termos se apresentam com significados semelhantes, misturando-se no desenvolvimento dos discursos de maneira que a atividade de treinador seja enquadrada ora em uma categoria, ora em outra.

⁶⁴ “... tanto que eu gosto do futebol, lógico que as vezes ele atrapalha, porque os finais de semana que a gente podia estar saindo com a família eu falo “Eu tenho responsabilidade, eu tenho que estar no campo (...)” Aí a minha mulher falou “Não, você falou que não ia, que não queria mais. É o teu lazer, você se envolve demais, não é a tua profissão” (RICARDO).

Esse é o caso, por exemplo, do trecho em que Victor afirma: *“eu já fiquei alguns anos sem trabalhar, sem ser treinador, e tive um lazer adequado em minha vida. Hoje, quando eu tô trabalhando, eu o coloco como lazer. Eu tiro proveito disso, eu gosto dessa adrenalina de ser treinador, de tá no comando, de ir pro campo”*. Esse tratamento do lazer e do trabalho em um plano semelhante fica ainda mais evidente na fala de Ricardo, para quem a atuação no futebol amador é *“um lazer com certeza, mas com toda responsabilidade do mundo, como se tivesse trabalhando, como se fosse um trabalho normal. Por mais que não seja remunerado, eu encaro como um trabalho”*.

Dessa forma, se manifesta não apenas o uso indiscriminado da noção de trabalho, tão criticado por André Gorz, como também a própria dificuldade enfrentada por nossos protagonistas em delimitar a atividade de treinador de futebol em suas vidas, considerando que ela se materializa muitas vezes enquanto uma atividade híbrida, fronteira, como um “outro” tipo de lazer, que possui uma carga de responsabilidade e que a depender das contingências poderia vir a se tornar no futuro um trabalho no sentido de emprego.

Victor, por exemplo, analisa que quando ficou alguns anos sem trabalhar (sem ser treinador), manteve um lazer adequado (subtendemos um outro tipo de lazer, para além do futebol). Todavia, logo em seguida, ao mencionar o seu retorno à Suburbana, afirma que quando está trabalhando (sendo treinador), coloca esta atividade enquanto um lazer. Porém, há uma mudança de sentido, haja vista que este lazer de agora (ser treinador) difere daquele de outrora, quando não se está exercendo funções no futebol amador.

Já no discurso de Ricardo, percebemos uma preocupação em apresentar a atividade enquanto lazer, porém relacionando-a quase que instantaneamente a um senso de dedicação e comprometimento, feita com *“toda a responsabilidade do mundo”*, características tipicamente exigidas em uma organização formal burocrata e que justificaria um tratamento enquanto trabalho no sentido de emprego. Tal perspectiva é verificada em outros treinadores⁶⁵ e nos leva a refletir sobre a possibilidade da utilização do discurso como uma forma de manifestar a existência de uma postura de responsabilidade que justificasse um futuro convite de um clube profissional, algo que mesmo de forma remota, se mantém no horizonte dos treinadores, como veremos mais adiante no sentido do “devir de um sonho”.

Além disso, é importante ressaltarmos que a função exercida no futebol amador possibilita aos treinadores a manifestação de questões mais substantivas, como a construção de

⁶⁵ Como no caso de Ênio que em certo momento da entrevista afirma que está no futebol amador *“mais por amor à profissão”* e que pra ter destaque *“é preciso ser um amador - profissional”*.

vínculos e a manutenção das amizades, o que nos leva a sugerir, inspirados em Gorz (2003, p. 157), que em certas atividades a distinção entre a labuta, a troca afetiva e o lúdico torna-se um empreendimento complexo, senão quase impossível.

Isto posto, destacamos que para os nossos protagonistas, treinadores por opção, há um entendimento de que um dos sentidos atribuídos a atividade de treinador pode ser definido enquanto lazer. Porém, trata-se de uma forma distinta de lazer, que difere do lazer desprezioso e que em muitos momentos se relaciona com características muito próximas daquelas vivenciadas no ambiente formal do emprego e das atividades mercantis. Assim, embora não se possa negar que para os treinadores a tarefa de ser “comandante” se apresenta como um hobby ou mesmo como um escape do cotidiano, sua exigência carrega consigo o paradoxo de ser um “outro” tipo de lazer, um “lazer com responsabilidade”.

9.2 A CONSTRUÇÃO E A MANUTENÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS

De acordo com o que observamos nas trajetórias dos treinadores, os relacionamentos com os amigos foram determinantes para o ingresso no futebol amador, bem como na própria Suburbana. A possibilidade de preservar as amizades, estreitar relações ou mesmo conhecer novas pessoas é colocada como um dos mais importantes motivos pelos quais os treinadores se mantêm atuando no futebol amador curitibano. Conforme mencionam, trata-se de um tempo e espaço de “*congraçamento das comunidades, das pessoas*” em que se é possível “*estar perto dos amigos*”, competindo contra eles e junto com eles, na medida em que se realiza uma atividade com apreço⁶⁶.

Para alguns treinadores, essas amizades foram construídas na juventude, ainda no momento em que se atuava como jogador de futebol amador. A participação em diferentes clubes e competições, até mesmo fora do contexto da Suburbana, ampliou o número de pessoas com as quais os treinadores, ainda jogadores, conviviam, em uma verdadeira peregrinação pela cidade de Curitiba e Região Metropolitana.

“ E eu fui pegando amor, pra mim não tinha um sábado sem tá num campo de futebol amador. Aí como você disputa os campeonatos, você vai conhecendo a cidade, você vai conhecendo os teus adversários. E aí fui fazendo amizades e essas amizades saíram

⁶⁶ Conforme é possível observar nos seguintes trechos: “*o que é bom do futebol amador é o congraçamento das comunidades, das pessoas (...). Mas o que me enche os olhos ainda é isso, é a congregação das pessoas, a amizade*” (ALEX); “*o que me motiva é poder estar perto dos meus amigos e poder mexer com uma coisa que a gente gosta, todo mundo gosta um pouquinho de futebol né*” (ADENOR); “*eu gosto muito de rever os amigos, das antigas. Isso me atrai. Eu gosto de vê-los, competir contra eles e junto com eles*” (VICTOR).

do clube, elas foram entrando em outros clubes. Foi ficando uma amizade ampla, complexa” (VICTOR).

Dessa forma, parte das amizades construídas na época de jogador, são carregadas para o momento presente, na atuação como treinador. Além disso, observamos que a experiência no comando das equipes possibilita, muito em virtude da necessidade de formação dos elencos, um aumento na rede de contatos dos treinadores. Alex, por exemplo, menciona que chegou a ter uma agenda com mais de seis mil contatos, que com o passar do tempo foi “enxugada” para cerca de dois mil, *“para você ter uma ideia de quantas pessoas eu conhecia e que eram envolvidas com o futebol”*. Porém, conforme aponta o próprio treinador, tal convivência não fica restrita apenas as pessoas diretamente envolvidas com os clubes como os jogadores e dirigentes, mas se expande para outros grupos como os torcedores, as famílias dos jogadores, a imprensa local, pesquisadores, etc.

Para Ricardo, o próprio ambiente do futebol amador permite essa maior convivência social, uma vez que *“ele faz com que você tenha relação com todos os setores, você fica mais perto, mais próximo das pessoas, faz muito mais amizades, você tem contato com outras equipes”*, sendo inclusive esta grande proximidade uma das características que mais diferenciam a Suburbana do futebol espetacularizado. Ainda de acordo com o treinador, *“você tem um contato maior, você está mais próximo dos jogadores, você conhece os problemas de cada um (...) eu acho que essa convivência, com todo mundo mais próximo, faz com que o futebol amador tenha um gostinho a mais”*.

Interessante salientarmos que esse tratamento dado a Suburbana não ocorre somente pelos treinadores por opção, mas também por aqueles que tem no futebol o seu emprego. Conforme aponta Carlos *“Eu acho que o futebol amador faz muito bem isso, acho que muda um pouco o ciclo, o profissional é muito vicioso, o amador não. O amador é mais raiz, família, criança, base.... É diferente”*. Nessa mesma toada, Luiz Felipe ratifica que no futebol amador existe uma liberdade maior, uma aproximação, pois *“você está dando treino e quando acaba sempre chega um torcedor e fala: pô professor, por que o fulano não tá jogando? Aí você tem que conversar, explicar, coisa que no futebol profissional não tem a menor chance de acontecer”*. Para ele, esse maior contato *“é um espetáculo. Você faz amizades no bairro em que você treina o time”*, discurso que é corroborado por Luiz Antônio, para quem a amizade é *“o principal fator”* de diferenciação da Suburbana.

Tais narrativas vão ao encontro do que vimos nos estudos sobre as práticas futebolísticas amadoras nas diferentes regiões brasileiras (CAMPOS, 2009; GOMES, 2013; PIMENTA, 2009;

SILVA, 2009). Assim, o futebol amador, mesmo quando influenciado pela contrapartida financeira ou demais características de semiprofissionalismo, permite, em graus diferentes a depender do caso, a convivência e a criação de laços, movimentando as comunidades e representando, na visão de Silva (2009), ao mesmo tempo um “celeiro” de craques e de amizades.

A partir deste contexto, é possível colocarmos em debate a questão da racionalidade no ambiente da Suburbana. A maior propensão no aparecimento das amizades e dos vínculos afetivos sugerem que nos clubes do futebol amador curitibano, em especial naqueles em que não há qualquer tipo de contraprestação financeira, existe uma supremacia da racionalidade substantiva. Todavia, é importante frisarmos, corroborando com Weber (1994), que raramente existirá ações orientadas exclusivamente por um tipo de racionalidade, sendo mais provável observar, no entanto, uma relação de predominância entre elas (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012). É justamente o que compreendemos ocorrer em grande parte dos clubes contemplados na Suburbana, ou seja, a manifestação imbricada de ambos os tipos de racionalidade, porém com a predominância da racionalidade substantiva, orientada por valores, em detrimento da racionalidade instrumental, orientada por um cálculo utilitário de consequências e que caracteriza o trabalho-emprego no contexto contemporâneo.

Ainda sobre a amizade e a construção de vínculos, um dos principais fatores a serem considerados na Suburbana são as confraternizações. Conforme vimos anteriormente, são esses momentos que permitem a maior oportunidade de aproximação entre os envolvidos, ou conforme menciona Ricardo, o “*contato direto com as pessoas*”. Trata-se de uma situação que também diverge muito do futebol profissional, haja vista que de acordo com o treinador “*lá*” terminado a partida “*você vai para a sua casa e a torcida vai para a dela*”, ao passo que no futebol amador “*acabou o jogo, você tá no mesmo recinto da torcida, da diretoria, do adversário, dos teus jogadores, da imprensa, dos que cobrem. Estão todos no mesmo lugar conversando sobre o que aconteceu no jogo (...) E isso é o mais legal, é o convívio com as pessoas*⁶⁷”.

⁶⁷ “*Eu gosto da Suburbana porque você tem o contato direto com as pessoas. No profissional acaba o jogo você vai para a sua casa e a torcida vai para a dela. A diretoria, como quando eu convivi lá, você quase não tem acesso. Ela só aparece no escritório pra assinar alguma coisa, fora disso nada. No amador acabou o jogo, você tá no mesmo recinto da torcida, da diretoria, do adversário, dos teus jogadores, da imprensa, dos que cobrem. Estão todos no mesmo lugar conversando sobre o que aconteceu no jogo. E na maioria das vezes, quase 99% das vezes, não acontece nenhum problema. E isso é o mais legal, é o convívio com as pessoas.*” (RICARDO).

A propósito, participar dos momentos de convivência após os jogos é considerado de suma importância para os nossos protagonistas, pois são nessas ocasiões em que se verificam as principais trocas de conhecimentos e experiências no futebol amador, sendo quase tão importantes quanto o próprio jogo. A esse respeito, Ricardo revela: *“Olha, se eu for para o futebol, para acabar o jogo e ir embora, então eu não vou. Porque o que a gente aprende depois, as experiências que a gente troca depois dos jogos, tanto com jogadores, dirigentes, torcedores (...) as conversas, as amizades que ficam é o que contam mais”*.

A importância desta convivência, consequência das relações sociais promovidas pela Suburbana, na vida dos treinadores, pode ainda ser melhor exemplificada pela reflexão realizada por Alex. Para ele

“você não pode atribuir a isso nenhum valor financeiro, nada. Independente do clube em que você estiver, o maior valor é o social, de estar envolvido com outras pessoas, com os amigos, ampliar o número de pessoas que você conhece, que você convive, ter ambiente para novas amizades (...). Eu sou um cara que vivo da sociedade, eu acho que as pessoas precisam conversar mais, se encontrar mais, se reunir mais. Apesar de conhecermos muita gente nas redes sociais, a gente sabe que é um vazio danado né (...) Então, eu sempre prezo pelo social, eu acho que os encontros sociais na minha vida aconteceram muito por causa do futebol, o futebol me trouxe muitas amizades boas (...) Então, o fator mais importante que eu carrego hoje, é a socialização em geral”.

Contudo, apesar da Suburbana se apresentar como ambiente propensão a manifestação de uma maior convivência, não se deve romantizá-la a ponto de afirmar que esse contexto seja provido de total coesão ou mesmo com a inexistência de conflitos, pelo contrário. Em virtude sobretudo desta proximidade, principalmente após os jogos, é que se manifestam as famigeradas *“cornetagens”* e *“trairagens”*, que de acordo com os treinadores, embora em menor intensidade quando comparadas ao profissional, também existem no amador.

Nas palavras de Ênio, quando um time não vai bem no campeonato, os treinadores que não estão atuando em nenhum outro clube acabam utilizando as confraternizações para conversar com os jogadores, torcedores e dirigentes no intuito de conseguir uma *“boquinha”*, mesmo que seja necessário *“trabalhar de graça”* ou até mesmo *“trazer um patrocínio”*⁶⁸. Para ele, esse é um dos pontos mais difíceis do futebol amador, já que *“as vezes é pior no pós-jogo você aguentar trinta torcedores do que estar num estádio com cem mil. Porque a cornetagem,*

⁶⁸ *“No profissional terminou o jogo, os atletas vão tudo embora, o técnico vai pra casa. E no amador não, no amador quando termina o jogo, existe a confraternização após jogo. Churrasquinho, cervejinha e tal... e muitas vezes esse treinador que tá desempregado, que trabalha de graça, encosta nos jogadores, alguns são amigos... “Porra! Me arruma uma boquinha, fala com o presidente que eu venho de graça. Até trago um patrocínio se for preciso” E aí tá o lado da trairagem que eu falei pra você” (ÊNIO).*

a traiçagem é na tua frente, depois do jogo ali...o cara bate nas tuas costas e em questão de segundos tá falando mal de você". Contudo, é importante relativizar tal revelação, haja vista que de acordo com o próprio Ênio, apesar de tais disputas por espaço serem uma realidade nos clubes, é possível diagnosticar que no futebol amador curitibano ainda existe *"mais lealdade do que traiçagem"*.

Isto posto, em síntese, percebemos que o ambiente da Suburbana pode ser compreendido na visão dos treinadores como um local propício para o convívio e para o florescimento das amizades, o que é potencializado pelo próprio desenvolvimento das atividades de treinador. Essa manifestação se materializa em diversas oportunidades, seja na composição de elencos, na realização dos treinamentos, no contato com diretoria, jogadores, torcedores, arbitragem, mídia, dentre outros. Assim, aos treinadores é permitido aprofundar os seus relacionamentos com grupos distintos e diversificados, manifestando o sentido da construção e manutenção de vínculos afetivos, além do compartilhamento de vivências e experiências.

9.3 A IDENTIFICAÇÃO COM O "SER TREINADOR"

Como visto no sentido da construção e manutenção de vínculos, os treinadores valorizam muito a oportunidade de estarem envolvidos com outras pessoas, ampliar a rede de relacionamentos e frequentar um ambiente em que possam florescer novas amizades. Para além da convivência, compreendemos nos discursos dos protagonistas um marcante sentido de reconhecimento social e identificação com a atividade de treinador.

Nesse contexto, resgatando a fala de Alex, verificamos que para ele *"o maior significado é o social, sempre"*, pois não se pode *"atribuir um valor financeiro"*, uma vez que independentemente do clube e contexto, o maior valor é o de estar envolvido com amigos e ser reconhecido pelas pessoas. Conforme prossegue *"É gratificante você sair daqui, de um bairro, e ir para outro lugar completamente diferente e ser reconhecido, trocar ideias, trocar palavras e ter assunto para conversar"*.

Interessante ressaltarmos que este reconhecimento propicia uma espécie de apropriação geográfica dos treinadores no espaço de Curitiba e Região Metropolitana. Este "trânsito livre" se evidencia principalmente nos momentos em que surgem convites para que os treinadores possam exercer a atividade em diferentes bairros e equipes da cidade, o que é considerado motivo de alegria, de acordo com o que revela Ênio: *"imagina se eu não me sinto realizado, recebendo convites como eu recebi e ir treinar lá do outro lado da cidade (...) Eu recebi convite praticamente em Curitiba toda (...). Então no amador hoje, como treinador, eu me sinto*

realizado". E na medida em que os protagonistas passaram a exercer a função em clubes de bairros diferentes daqueles de suas origens, perceberam o início de uma associação com a função de treinador, conforme desvela Alex: *"Como eu sou do bairro, eu tenho amizade com jogadores, familiares e até com torcedores do clube A, como eu tive no clube B (...), quando eu saí do clube B e fui para o clube C, aí eu virei treinador, eu cheguei no bairro como treinador. Então, me respeitam como treinador, não como morador do bairro"*.

E cabe salientarmos que durante a trajetória no futebol amador, ao passo que os treinadores iniciam as suas atividades e se adaptam a rotina dos clubes e do campeonato, vão *"pegando gosto"* pela função de técnico, muito em razão de perceberem nela uma possibilidade de estar em uma posição de destaque, haja vista que eles são os mentores, os comandantes, e que ocupam um espaço de evidência em um projeto de importância não somente para o time, mas para o clube e por vezes para o bairro⁶⁹. E dessa forma, na medida em que atuam, os treinadores passam a ser identificados e também a se identificar com esta função.

Tal identificação com a função de treinador gera inclusive uma *"pressão"* pela comunidade do futebol para que os treinadores prossigam atuando, como é possível verificamos no relato de Alex, que em determinado ano decidira não ocupar mais este cargo, ficando mais nos bastidores do campeonato. Conforme aponta, seu intuito era *"sossegar, ficar em casa, não esquentar a cabeça"*, porém, esse período sabático se tornou muito difícil de se concretizar, a julgar que conforme lembra: *"mas aí vinham as mensagens, os encontros na rua, os sms, as ligações: "Daí, que time você tá? Vai atuar ou não vai? (...) vamos lá professor, eu tô voltando"*. Dessa forma, mesmo que houvesse uma intenção de se distanciar um pouco da atividade, Alex ressalta que *"pelos outros, você acabava se dedicando e voltando para o futebol"*.

No decurso deste processo de identificação com a atividade exercida, verificamos ainda que há o desenvolvimento concomitante de um outro processo, que trata da construção de uma imagem e aquisição de algumas características que fazem com que os treinadores possam ser associados com o seu exercício, refletindo em diferentes aspectos que vão desde a maneira como se portar e se comunicar, de estruturar os treinamentos, até a questões mais sutis como a forma de se vestir. Em relação a comunicação, ressaltamos a fala de Ricardo, para quem o treinador se torna uma figura pública e que deve se manifestar de forma coerente com tal

⁶⁹ *"E eu fui pegando gosto, fui descobrindo a maneira de gerenciar o vestiário, a maneira que tinha que ter um plano tático (...) E o lado de estar na evidência e ainda poder participar de um processo de importância dentro de um clube, você ser o mentor, você ser o treinador, o comandante, comandar uma grande agremiação, uma sociedade em um bairro. Então isso atrai muito né cara, você estar à frente desse projeto"* (VICTOR).

posição: *“Nós como técnicos, querendo ou não, somos figuras públicas, por mais que seja um lazer, nós damos entrevistas, nós temos que dar satisfação a torcida, a diretoria, até em casa tem que dar satisfação, porque você é cobrado em todos os lugares”*.

Quanto aos treinamentos, verificamos uma preocupação por parte dos treinadores em transmitir uma mensagem de que eles estão atentos e reproduzindo aquilo que acontece no futebol profissional. Conforme Adenor menciona, *“Se você for num treino do amador, você vai ver que ele é praticamente um treino do profissional. Se você comparar com o que o Bayern de Munique faz num treino (...) eu duvido que você não encontre pelo menos uns dois, três exercícios no futebol amador”*. Já Victor, ressalta que para se manter atuando no futebol amador o treinador precisa convencer, uma vez que *“hoje não pode só dar camisa e ficar tirando e colocando jogador, o treinador tem que ter uma preleção forte, contundente, com conteúdo e que convença o atleta, porque eles conversam muito entre si e se você não tiver essa capacitação, eles reclamam”*.

Já no que diz respeito a maneira de se portar e mesmo de se vestir, constatamos a preocupação em relacionar um estilo de roupa com a própria atitude de comando, a partir de claras referências com o futebol profissional. Existem aqueles treinadores que preferem ir para o campo com o agasalho ou uniforme do clube, assim como temos aqueles que vão aos jogos vestindo um traje social, com direito até a paletó⁷⁰ em ampla alusão aos diferentes estilos de treinadores possíveis de serem observados na matriz espetacularizada.

Dessa forma, semelhante a proposição realizada por Rodrigues (2003) em relação a incorporação de estruturas, estratégias e modelos de agir por parte dos jogadores em seu processo de formação, sugerimos que os treinadores da Suburbana passam a construir uma realidade condizente com a função exercida, manifestando a construção de um determinado *habitus*⁷¹ que se materializa mediante a reprodução nos modos de condução das equipes, do comportamento frente aos jogadores, da comunicação com os diferentes grupos e até mesmo no modo enquanto se vestir.

⁷⁰ Conforme exemplifica Adenor: *“Eu gosto de me vestir assim, de ir pro jogo com o uniforme do clube. Tem treinador que bota terno, tem treinador que vai de social, eu não, eu gosto de ir com o uniforme do clube, entendeu?”*.

⁷¹ *Habitus* no sentido atribuído por Pierre Bourdieu. “*Habitus* designa as capacidades inventivas e criativas dos agentes sociais. Significa as disposições carregadas pelos atores nas suas trajetórias de vida, nos corpos, sendo também as estruturas estruturantes, incorporadas pelos agentes em cada campo da vida social. É a capacidade do indivíduo para atuar como agente da estrutura social, como criador e não apenas simples reprodutor das estruturadas dadas (BOURDIEU, 1996, p. 203-311 como citado em RODRIGUES, 2003, p. 65).

Outro pronto significativo de reconhecimento e identificação com a função de treinador é a sua capacidade de extensão, não se limitando apenas àqueles que mantêm um contato mais direto com os clubes e com a Suburbana, mas se expandindo para outros grupos fora do ambiente do futebol, conforme exemplifica o relato de Ricardo

“A função de treinador, ela é notada em todos os lugares onde eu tô. No trabalho, as pessoas me conhecem pelo que eu faço no futebol. Então, quando o meu gerente vem me perguntar alguma coisa, na maioria das vezes ele não vem me perguntar sobre o meu trabalho do dia a dia, ele vem me perguntar como foi o final de semana, como foram os jogos (...). Na minha casa, na maioria dos lugares, a pergunta é sempre ligada ao futebol. Porque o futebol fica mais evidente na minha vida do que as outras coisas”.

Desta forma, a partir de narrativas como a de Ricardo, percebemos que apesar do emprego ainda ser o grande gerador de identidade social (GORZ, 2003), é possível verificarmos na atividade de treinador, algo que está para além do vínculo empregatício e da atividade laboral, uma identificação e reconhecimento que chega por diversas vezes a ser mais marcantes do que na própria carreira fora do ambiente esportivo. Assim, em consonância com o autor, apontamos que a medida em que se estendem as possibilidades de tempo disponível fora do emprego, é possível estruturá-lo com base em outras referências, nas quais os indivíduos possam se desenvolver de outras maneiras, adquirindo capacidades para condução de um outro tipo de vida. E a partir do exemplo dos treinadores, refletimos que em determinadas configurações sociais, o local do emprego pode deixar de ser o único espaço de socialização e a única fonte de identidade social e que o domínio do não-emprego pode deixar de ser apenas o domínio do privado e do consumo (GORZ, 2003, p. 95).

Todavia, é importante mencionarmos que a identificação e associação por parte dos protagonistas com a atividade de treinador de futebol pode causar algumas confusões de interpretação, principalmente por quem não está familiarizado com o ambiente da Suburbana. Como exemplo temos a situação ocorrida com Alex, em uma conversa com um colega de emprego sobre a crise econômica e como isso poderia afetar a empresa em que eles trabalhavam: *“Até esses dias me falaram “Ah, mas ainda bem que você tem outra renda por fora” Eu falei “que outra renda? ” E meu colega respondeu “Não, é que você é treinador...” Falei: pois é, não é bem assim...”*. Ou seja, a identificação com a função de treinador faz com que ela seja percebida em determinadas situações como uma carreira profissional paralela, um complemento, atribuindo-a características que estão mais próximas dos treinadores de profissão do que dos treinadores por opção.

Nesse sentido, em suma, compreendemos que o contexto de atuação na Suburbana contribui para a construção de processo associativo do indivíduo com a função de treinador. Esta identificação é aceita e reproduzida pelos treinadores, na medida em que procuram construir uma imagem e adquirir um *habitus* que possa legitimar a sua manutenção no exercício do comando das equipes. Desta forma, assim como observamos nos estudos sobre os sentidos do trabalho-emprego (ONO; BINDER, 2001); em atividades para além do emprego formal (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; BUENO, 2012; DOURADO et al., 2009) e nas atividades para além do trabalho-emprego e da atividade laboral (BORCHARDT; BIANCO, 2016; COSTA, 2010; MARRA et al., 2013) um dos sentidos atribuídos a realização da atividade de treinador na Suburbana é o reconhecimento pela função exercida e a identificação com o contexto e com as atividades desenvolvidas.

9.4 A SATISFAÇÃO DO EGO E O RECONHECIMENTO SOCIAL

Nos sentidos anteriores, analisamos que os vínculos afetivos, o reconhecimento social e a identificação com o “ofício” de treinador são motivos de satisfação por parte dos nossos protagonistas. Há um sentimento de prazer e bem-estar ao se envolver com a prática do futebol e serem associados a função, de acordo com o que releva a fala de Alex: *“Porque eu vou em qualquer lugar do futebol amador, as pessoas me conhecem né, e eu me sinto bem, por estar fazendo parte e tendo a importância que é dada hoje principalmente no futebol amador”*. Ou ainda conforme Ricardo quando ressalta que *“você sair do jogo e a torcida vim te cumprimentar, torcedores, diretores, todo mundo que está ali. Os próprios jogadores falarem “ótimo trabalho”. Isso é muito gratificante, isso paga qualquer coisa, pelo menos pra mim”*.

Contudo, para além disso, localizamos um sentido que se distancia de questões mais substantivas, aproximando-se de uma satisfação individual relacionada ao ego. De antemão, cabe salientarmos que não trataremos do conceito de ego na perspectiva da consciência do indivíduo da psicologia conforme proposto por Sigmund Freud, mas sim do significado vulgar atribuído pelo senso comum ao termo e que corresponde a uma admiração exagerada por si mesmo, associada ao orgulho, a vaidade e a uma busca pelo prazer.

A relação entre a satisfação individual e a atividade de treinador decorre de algumas características que concedem destaque aos seus ocupantes. É o que vemos, por exemplo, ao reprisarmos a fala de Victor, para quem a função de treinador permite *“estar na evidência e ainda poder participar de um processo de importância dentro de um clube, você ser o mentor, você ser o treinador, o comandante, comandar uma grande agremiação, uma sociedade em um*

bairro”. Todavia, a associação com o ego pode ser melhor visualizada no discurso de Ênio, que ao ser questionado sobre os motivos que lhe mantem atuando no futebol amador curitibano, revela “*talvez o meu ego né, a minha satisfação, de você dirigir um time, de você treinar um time na semana e você obter os resultados no final da semana. Você ver que o seu trabalho surtiu efeito né*”.

Esta satisfação com a atividade se mostra ainda mais destacada na medida em que as equipes executam nos jogos aquilo que foi planejado nos treinamentos, conforme relata Ricardo: “*quando chega domingo e acontece aquilo que a gente planejou, é uma satisfação muito grande, você chegar em casa e contar para tua família, para os teus amigos, que aquilo que você planejou deu resultado*”. De forma semelhante prossegue Ênio, retomando a questão do ego quando releva que “*para mim, sempre satisfaz o meu ego né. Por exemplo, eu procuro transmitir para os atletas um pouco do que eu sei né. E eu fico feliz quando eu vejo que surte efeitos positivos*”. Assim, quando a execução do planejamento gera um resultado positivo, a satisfação é potencializada, pois para os treinadores “*chegar em casa depois do jogo, ou na segunda-feira chegar na empresa, na faculdade, em qualquer lugar e dizer...ganhamos o jogo! Isso traz uma felicidade muito grande. Isso é muito gratificante*” (RICARDO).

E nos casos em que os resultados positivos passam a ser predominantes, verificamos um aumento no destaque concedido aos treinadores, principalmente em decorrência da atuação da imprensa local, o que acaba por reforçar esse sentimento de orgulho e satisfação. Conforme confessa Adenor, após as vitórias é comum uma movimentação em torno do treinador, momento em que “*todo mundo fica dando parabéns e a imprensa falando. E isso é engraçado, porque mexe muito com o ego da pessoa*”. E apesar da exposição não ser tão grande quanto a do futebol profissional, Ricardo lembra que “*a pouca (exposição) que a gente tem, já é motivo para sair no jornal, sair uma foto, uma reportagem, falarem no rádio... e você escutar o seu nome no rádio é muito bom*”.

A propósito, cabe salientarmos que durante o período da pesquisa de campo, verificamos em mais de uma oportunidade a realização de entrevistas e a participação dos treinadores em programas esportivos não apenas das mídias mais alternativas relacionadas as redes sociais, mas também na imprensa tradicional, como o rádio e a televisão. Nesse contexto, novamente verificamos na Suburbana sua condição de miniatura do futebol profissional (OLIVEIRA, 2013; PIMENTA, 2009), haja vista que se no futebol espetacularizado dos grandes centros futebolísticos os treinadores se tornaram verdadeiros heróis globais (WAGG,

2006), na Suburbana eles também acabam por exercer um papel simbólico muito importante, atuando enquanto representantes e divulgadores da competição.

A exposição do treinador da Suburbana, mesmo que para públicos bem específicos e que estão localizados na cidade de Curitiba e Região Metropolitana, pode ser considerada como um dos principais atrativos para o desempenho da função e umas das possíveis causas da existência de treinadores-financiadores, ou seja, aqueles que buscam patrocinadores ou que investem o próprio capital na estruturação dos times. É mister ressaltarmos o surgimento de referências acerca dessa situação em diversos momentos das narrativas dos nossos protagonistas, sendo que em uma destas oportunidades, Ênio é enfático em afirmar que a presença de treinadores que investem “*dinheiro do próprio bolso*” para financiar a atividade de treinador ocorre por

“Tesão! Isso se chama tesão de querer treinar time... Porque eu conheço alguns, não vou citar nomes (...) eles se oferecem, ligam para o presidente antes de começar o campeonato e já dizem “olha, eu vou levar aí dois patrocínios e ainda vou pagar três, quatro atletas”. Então é a vontade né, é o tesão de estar em atividade. Seria uma vaidade, uma vaidade dele né. A maioria é isso... é o que eu chego à conclusão”.

É oportuno destacarmos que conforme veremos nos sentidos do “Devir de um sonho” e do “Amor ao futebol”, existem outros motivos que levam alguns treinadores a realizar esse tipo de investimento nas equipes, como o vínculo afetivo com o bairro e com o clube e a possibilidade de utilização da Suburbana como forma de ser “visto” pela comunidade esportiva, na busca de oportunidades no futebol profissional. Em todo caso, a narrativa de Ênio é esclarecedora em apontar a existência de uma “vaidade” que motiva os treinadores a estarem envolvidos neste ambiente, mesmo que seja necessário realizar algum tipo de financiamento por conta própria.

Entretanto, essa configuração não ocorre sem culminar em algumas consequências, como por exemplo, a resistência com os treinadores-financiadores por parte dos demais envolvidos na Suburbana, principalmente no que diz respeito a sua legitimidade e a crítica ao valor concedido ao dinheiro no contexto da competição. Conforme exemplifica Luiz Felipe, recordando de uma situação vivenciada em um clube da Suburbana, quando era auxiliar de um treinador com uma favorável situação financeira: “*Quando ele chegou, falaram que ele não tinha história no futebol. Então ele respondeu “Não. Mas eu dou dois mil por mês”. E assim ele assumiu a vaga bancando o time e o coitado do outro treinador que estava lá, que estudava pra caramba, foi mandado embora*”. Nesse sentido, conforme ressalta Alex, o treinador-

financiador não precisa ser “*tecnicamente bom ou viável para função*”, bastando que ele tenha o “*poder financeiro*” e a disponibilidade de arcar com o custo para se manter na posição.

Assim, em decorrência da possibilidade de aporte financeiro, alguns clubes acabam aceitando a “oferta” e abrindo espaço para que os treinadores-financiadores possam assumir o comando das equipes, desde que haja uma contrapartida, geralmente realizada a partir do reforço dos elencos. Contudo, a vontade de exercer a função faz com que alguns treinadores, além de realizar aportes financeiros, se sujeitem a ocupar este espaço de maneira incompleta, haja vista que conforme revela Ênio: “*as vezes não é nem ele quem escala o time, as vezes quem escala é o diretor, que bota a escalação no bolso do colete, no bolso do paletó*”.

Deste modo, sugerimos que a existência da satisfação pessoal relacionada ao ego, pode ser percebida nos diferentes contextos dos treinadores, porém, com maior destaque aos casos em que os treinadores não recebem qualquer tipo de contraprestação financeira para estarem atuando e principalmente naquelas oportunidades em que os treinadores se comportam como verdadeiros patrocinadores e investidores dos clubes, mesmo que precisem se sujeitar a exercer a função quase que de forma simbólica.

Por fim, sinalizamos que tal sentido aproxima-se da dimensão individual proposta por Morin, Tonelli e Pilopas (2007) em que há uma busca de prazer, da mesma forma que contempla a presença de algumas características da racionalidade instrumental (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012) a considerar que de forma deliberada ou não deliberada, existe a busca por status, destaque social e poder, características que estão bastante presentes nas atividades mercantis, assim como em determinadas atividades voluntárias (MARRA et al., 2013).

9.5 A OPORTUNIDADE DE CRIAR – ESTÍMULO A “HABILIDADE ARTESANAL”

Apesar da Suburbana estar contemplada em uma estrutura organizacional complexa e burocratizada, controlada regionalmente pela Federação Paranaense de Futebol, verificamos a existência de um sentido de criação atribuído a atividade de treinador que, inclusive, contribui muito para a satisfação pessoal dos protagonistas. Trata-se de um sentido que está diretamente relacionado a oportunidade de tomar decisões e realizar escolhas tanto sobre o planejamento, quanto a respeito da execução das diferentes tarefas a serem realizadas.

Tão logo assumem o posto, os treinadores vislumbram um ambiente em que, salvo determinadas exceções, eles são as autoridades que possuem praticamente o monopólio na tomada de decisão e que podem agir de acordo com suas respectivas visões sobre o futebol e sobre a melhor forma de conduzir a equipe. Assim, as possibilidades de manifestação são

amplas, e de acordo com Victor estão principalmente relacionadas ao ato de comandar, escalar, ter o “*poder de decisão pra tirar, colocar, organizar a equipe*”⁷².

Além da ordenação do time em si, é possível verificarmos no decorrer das narrativas, menções sobre outras atividades em que o treinador pode e necessita criar “*a partir da sua cabeça*”, sendo as mais frequentes os momentos em que houve a estruturação de times “*do zero*”, quando são exigidas principalmente as capacidades de relacionamento, haja vista ser necessário convencer os atletas a competir, mesmo que não seja possível a realização de uma contrapartida financeira. Além disso, a criação se materializa também em outras tarefas que vão desde a escolha do esquema tático e disposição dos jogadores, sistema de jogo, formato dos treinamentos, jogadas ensaiadas, etc.

A possibilidade de se expressar a partir da realização dessas atividades está atrelada a um sentimento de satisfação que, a exemplo do que vimos no sentido anterior, se manifesta de forma mais perceptível principalmente quando os resultados positivos são preponderantes. Apesar do desempenho da equipe nem sempre caracterizar todo o comprometimento do treinador, é por meio dos resultados dentro de campo, e principalmente pelas vitórias, que o processo de criação é mais facilmente evidenciado. A esse respeito, Ênio menciona

“Por exemplo, eu treinei uma jogada né. Uma jogada de falta. Eu treinei, **eu criei**. E de repente durante o jogo o efeito foi positivo. Pra mim aquilo ali é muito gratificante, me satisfaz e eu vejo o meu trabalho reconhecido. Eu acho que todo o treinador é assim... Porque quem tá de fora fala “pô, que jogada hein” e aí o jogador fala depois do jogo “essa foi uma jogada que treinamos com o professor e surtiu efeito, não foi uma jogada por acaso”. Então ali você sente ser reconhecido e faz ter motivação para tá trabalhando no dia a dia” (ÊNIO).

Assim, de acordo com Ênio, o reconhecimento pela criação é um dos motivos que o levam a continuar “trabalhando”, ou seja, exercendo a atividade de treinador. Dessa forma, o fluxo entre oportunidade de criação, reconhecimento e motivação para o prosseguimento da atividade na Suburbana nos fornece condições de refletir sobre a função de treinador a partir das proposições de Richard Sennett (2013) acerca do trabalho artífice.

Discípulo de Hannah Arendt, Sennett (2013) debate entre outras questões, sobre como o impulso para a realização de um bom trabalho pode conferir às pessoas um sentimento de vocação. Desse modo, os treinadores, ao terem a possibilidade de criar e serem reconhecidos a

⁷² Conforme aponta Victor “*quando eu me vi a primeira vez dentro de um vestiário, e percebi que eu tinha que comandar, que eu tinha que escalar, que eu tinha o poder de decisão pra tirar, colocar, organizar a equipe...eu gostei daquilo, aquilo mexeu muito comigo*”.

partir da sua criação, passam a se envolver com a atividade de modo a procurar realizá-la cada vez com maior afinco e dedicação, no que ao nosso ver, constitui um ambiente de estímulo ao desenvolvimento de uma “habilidade artesanal”. Para o autor, a habilidade artesanal é um impulso humano básico e permanente, em que há o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo e que abrange um aspecto muito mais amplo que o trabalho derivado das habilidades manuais. Trata-se de uma das características do artífice, concebido enquanto representação de uma categoria mais abrangente que a do artesão e que simboliza em cada um de nós, o desejo de realizar bem um trabalho, concretamente, pelo prazer da coisa benfeita.

É nesse contexto que reprisamos por exemplo as falas de Adenor e Ricardo, quando estes demonstram o grande envolvimento e dedicação com a Suburbana e com a função de treinador⁷³. Além deles, destacamos a fala de Ênio, que ao mencionar o cuidado e comprometimento com a atividade de treinador, ressalta: *“É um trabalho que eu gosto de fazer, gosto mesmo, faço aquilo com prazer, não faço assim por fazer. Tanto é que eu não vejo a hora de chegar o sábado para poder me apresentar, ter o meu papo com a rapaziada, a minha preleção antes do jogo, faço por gostar, gosto do que faço”*.

Assim, sugerimos que os treinadores, ao se dedicarem em sua atividade e procurarem fazê-la com esmero estabelecem a relação proposta por Sennett (2013) entre as habilidades do artífice e a esfera do desejo, em que há uma permanente busca pela qualidade, um querer fazer bem o seu trabalho. Além disso, vemos no caso dos treinadores por opção, protagonistas deste estudo, a existência da “condição humana especial” do engajamento, que para o autor é o principal fator que delimita o artífice, seja ele um carpinteiro ou um regente de uma orquestra.

Ao considerarmos a trajetória dos treinadores e as reflexões realizadas nos sentidos anteriores, em que são presentes as questões sobre a responsabilidade atribuída a atividade e ao lugar que ela ocupa na vida de cada um, percebemos na presença do engajamento a condição que direciona os treinadores a procurarem atingir um resultado que lhes agrade. Assim, *“não basta ser um curioso”* é preciso se aplicar na forma como a função é realizada, sendo que o

⁷³ Sobre a responsabilidade, Ricardo aponta: *“Então, como técnico de futebol, eu nunca faltei um jogo. A responsabilidade, a mesma responsabilidade que você tem no futebol profissional, tem que ter no futebol amador também, por mais que lá seja uma profissão e para nós seja um lazer”*. Sobre a dedicação Adenor ressalta que *“quem vive esse mundo, querendo ou não querendo, vive 24 horas do dia”*. Trecho corroborado por Ricardo que afirma que *“todo o tempo que eu tenho disponível pro futebol é vivido intensamente...e o tempo que eu não tenho disponível eu também vivo o futebol”*.

treinador “*tem que estar sempre estudando*”, “*se atualizando*”, para não ser apenas “*um entregador de camisas*”⁷⁴.

Dessa forma, mediante o estímulo ao desenvolvimento de uma “habilidade artesanal” e a presença da condição humana especial que é o engajamento, os treinadores indiretamente direcionam esforços para atingir o que Sennett (2013) define como dimensão pericial. Apesar de não termos condições de afirmar que os treinadores protagonistas possuem essa capacidade que lhes garantam maestria, refletimos assim como fez Bendassolli (2006) em relação ao *ethos* romântico-expressivo do trabalho, que a atividade de treinador na Suburbana contempla uma “ética do artesão” em que se procura manifestar uma essência a partir do domínio de uma obra.

Outro ponto a ser considerado sobre a relação do trabalho artífice e da atividade de treinador na Suburbana é a atitude frente as dificuldades. Embora alguns clubes da competição, principalmente da série B, sofram com as más condições de trabalho e com a falta de jogadores para composição de elencos, percebemos que os treinadores⁷⁵, assim como o bom artífice, também atribuem um “valor positivo à contingência e as limitações” (SENNETT, 2013, p 291). Há, de modo geral, maior presença de uma resiliência que culmina na busca por alternativas para a resolução dos problemas presentes no futebol amador do que uma resignação com as condições apresentadas.

Contudo, nossas reflexões acerca da atividade de treinador mediante a teoria de Sennett (2013) carecem de algumas considerações, principalmente pelo fato de que conforme aponta o próprio autor, a habilidade artesanal que caracteriza o artífice se baseia em uma aptidão desenvolvida em alto grau e a partir de ampla experiência. Nesse sentido, é importante ressaltarmos que os protagonistas do estudo foram escolhidos, sobretudo, em decorrência da ausência de um vínculo empregatício com as organizações da Suburbana e que justamente por isso, possuem limites de tempo e energia, o que dificulta, senão impossibilita, a intensa e extensa dedicação que o fazer com maestria do trabalho artífice exige.

⁷⁴ “*O técnico no futebol amador, ele tem que...já diz o nome, ele tem que ser um conhecedor de futebol né, não pode ser um curioso. Se for um curioso, você vai ser um entregador de camisa. Você tem que ter personalidade, você tem que tá sempre se atualizando, você tem que ser um amador profissional né. Então, para você atingir os seus objetivos você tem que tá sempre estudando*” (ÊNIO). Importante ressaltar que, de modo geral, o processo de “entregar camisas” está relacionado a escolha dos jogadores que farão parte do time titular e dos reservas. Nesse contexto, Ênio aponta que se o treinador não for um conhecedor ficará limitado apenas a esse processo mecânico de escolher jogadores, de entregar camisas.

⁷⁵ Como por exemplo no trecho em que Carlos ressalta: “*por ser amador, uma estrutura menor, uma estrutura pequena, temos uma dificuldade muito grande. Mas isso nos motiva. Será que se nos derem tudo, a gente vai conseguir fazer? Então, a gente consegue fazer com pouco, consegue tirar o máximo do cara com pouco, tendo pouco*”.

Também se mostra necessário apontarmos que as atividades realizadas pelo treinador não são completamente desprovidas de rigidez e desvinculadas de uma hierarquia organizacional. Cada treinador precisa prestar contas a uma diretoria, além dos demais grupos já analisados. Dessa forma, apesar da maior possibilidade de criação que a atividade garante quando comparada a um ofício realizado em uma empresa, não nos parece razoável afirmar que o treinador pode manifestar toda a sua vontade sem quaisquer tipos de limitação.

Logo, nossa reflexão atua antes de mais nada sobre as amplas, mas não ilimitadas, possibilidades de criação que a atividade de treinador no futebol amador curitibano apresentam. Tal criação, quando sucedida de um reconhecimento social e uma identificação com a atividade realizada, servem como um estímulo ao desenvolvimento de uma habilidade artesanal, que combinada ao engajamento característico dos treinadores, faz com que a eles possa ser atribuída a imagem de um artífice à beira do gramado.

9.6 O DEVIR DE UM SONHO

Um dos grandes sonhos de infância e juventude dos treinadores protagonistas do presente estudo, conforme observamos nas trajetórias de vida, estava relacionado a carreira de jogador de futebol. Victor e Ênio, por exemplo, jogaram muitos anos em clubes do futebol amador curitibano; Ricardo, chegou a se profissionalizar, mas desistiu da carreira em virtude das dificuldades financeiras. Até mesmo Alex, que na sua infância manifestara a vontade de ser locutor esportivo, apresentou em diversos momentos o desejo de se tornar um atleta. A carreira de treinador de futebol, por outro lado, não era algo previamente planejado e surgiu mais por obra do acaso do que por um plano, uma vez que o principal interesse era se manter próximo dos amigos e do ambiente esportivo.

Contudo, após o início da atividade de treinador, a relação com o futebol começa a se modificar e os interesses a se expandirem, haja vista que conforme exemplifica Adenor “*se eu pudesse voltar no tempo, eu queria ser jogador profissional, não sendo jogador profissional eu queria ser treinador profissional, mas claro, aquele treinador bem-sucedido*”. Dessa forma, há manutenção de um sonho relacionado ao futebol profissional, porém deslocando-o da função de jogador para a de treinador. Esse deslocamento pode ser melhor visualizado na fala de Ricardo, quando revela que: “*Hoje eu não gostaria de ser jogador, eu queria ser no começo, quando era pequeno né..., mas hoje, me chamam pra jogar e eu não vou, não quero, não gosto de jogar. Eu gosto de instruir, de estar ali do lado, olhando, trabalhando, estudando*”.

Desse modo, verificamos que a função de treinador se apresenta enquanto um meio e um substituto, que permite não apenas atuar no ambiente esportivo, como também manter vivo o sonho em participar do futebol profissionalizado, visto que conforme confessa Ênio: *“pra mim seria uma realização né, porque se eu falar pra você que eu nunca sonhei em ser um técnico profissional, eu estaria te mentindo. Sempre sonhei. Eu sempre sonhei um dia receber um convite, uma oportunidade”*.

Assim, da mesma forma como observado nas relações dos jogadores com a Suburbana (OLIVEIRA, 2013), o futebol profissional esteve ou ainda está no horizonte dos treinadores. Entretanto, este desejo é tratado sempre com muita prudência, haja vista os treinadores do futebol amador são conscientes a respeito das restrições em transitar de um ambiente para o outro, bem como das dificuldades vivenciadas pelos treinadores profissionais de futebol no desenrolar de suas carreiras (MARTURELLI JR.; OLIVEIRA, 2005).

Dessa forma, cabe apontarmos que há um consenso entre os protagonistas em relação as poucas oportunidades dadas aos treinadores amadores no contexto do futebol profissional. Acerca desse ponto, Victor afirma que em todos os seus anos de vivência no futebol, seja jogando ou comandando, ele ainda não presenciou alguma situação em que um treinador tenha saído do futebol amador e se mantido com êxito no futebol profissional. Para ele, esse processo de transição ainda não se concretizou, todavia, salienta que *“uma hora há de acontecer”*, dado que *“já tem gente capacitada para isso”*⁷⁶.

Nesse sentido, relembremos que dentre as possíveis dificuldades para a transição dos treinadores amadores para o ambiente profissional, temos as disputas legislativas com relação as prerrogativas para o exercício da profissão e que visam inclusive propor a obrigatoriedade da formação em Educação Física ou da realização de cursos organizados pelas federações estaduais e pela Confederação Brasileira de Futebol (BETTANIM et al., 2017). Para além das questões legislativas, percebemos que há uma espécie de estigma com a própria denominação “amador”, o que aparentemente estaria relacionado a uma carência de características, competências e experiências necessárias que os impediriam de realizar uma transição direta entre o futebol amador e o futebol profissional. Assim, mesmo que houvesse um improvável convite de um clube com relativo destaque no cenário profissional, os treinadores, muito

⁷⁶ *“Olha, eu não me lembro em todos esses anos que eu estou no futebol, um treinador sair do amador e ir pro profissional, jogador sim... jogador sim. A hora que um clube profissional abrir uma porta para alguns treinadores amadores, vai motivar muito mais. Essa transição não existiu ainda, mas uma hora há de acontecer. Já tem gente capacitada pra isso”* (VICTOR).

provavelmente, precisariam conviver com elevados níveis de desconfiança e pressão, conforme sugere Ênio: *“se saísse no rádio e no jornal amanhã: Ênio assume o Paraná Clube. Porra, os caras já iam dizer “Meu Deus, o cara é do amador, esse clube tá louco, essa diretoria tá louca”*.

Entretanto, torna-se importante ressaltarmos também que, contrariando os prognósticos apresentados, tanto Alex⁷⁷ quanto o próprio Ênio, relevaram durante o desenrolar das entrevistas que já chegaram a receber convites para assumir o cargo de treinador em equipes do futebol profissional. Porém, em ambos os casos, os treinadores optaram por não se arriscar na carreira de treinador, principalmente em virtude da relativa estabilidade que gozavam em seus respectivos empregos no momento em que ocorreram os convites. Conforme lembra Ênio *“Eu não tinha como largar o meu emprego para arriscar, porque essa carreira de treinador é aquilo, você perdeu dois, três jogos, vem a cobrança e você vai embora né”*. Dessa forma, os treinadores decidiram optar pelo prosseguimento em suas carreiras convencionais, deixando para o futebol o espaço destinado a uma atividade paralela e que poderia ser realizada de forma concomitante com o emprego formal.

Assim, temos um contexto semelhante ao que Bendassolli e Borges-Andrade (2011) encontraram na atuação dos profissionais da indústria criativa na cidade de São Paulo, haja vista que no caso da Suburbana também há um sentido de dupla carreira entre o emprego convencional e a atividade de treinador. Ao emprego, é destinada a função de provedor, responsável por suprir a demanda do “pai de família”, enquanto que ao treinador é concedida uma posição secundária, de *hobby*, ou ainda como uma possibilidade de carreira profissional que poderá ser escolhida quando for capaz de prover o sustento financeiro e material, momento em que enfim o sonho de *“viver do futebol”*⁷⁸ puder se tornar realidade.

Desse modo, verificamos inclusive que os treinadores mais jovens possuem uma espécie de plano para que a função de treinador deixe de ser uma atividade secundária e passe um dia a

⁷⁷ *“No passado eu tive algumas oportunidades de sair para fora do país, dirigir um time na Itália, na segunda divisão da Itália. Mas acabei optando por ficar, pois como eu já era casado, como eu já tinha filhos, eu optei por ficar em Curitiba. Eu estava trabalhando em uma boa empresa, aí acabei não arriscando, que nem a galera faz. Vou lá, três meses, beleza...ou não dá certo, volto, aí perco tudo... Não fui mais por termos de segurança, acabei ficando”* (ALEX). Em outro trecho Ênio relembra: *“quando eu estava trabalhando na empresa A, recebi um convite, abriu uma porta..., mas daí uma pessoa falou pra mim: você vai arriscar? Tu vai lá.... Vai largar a tua empresa, em que você tá registrado, e vai lá pra perder dois jogos e te mandarem embora? ”*.

⁷⁸ *“Eu viveria do futebol, com certeza, e todo mundo no meu emprego sabe, que me conhece pelo que eu faço no futebol. Então eu viveria do futebol, trabalharia no futebol, sem problema nenhum. Mas hoje, não tenho essa opção. Se mais para frente eu tiver, eu largaria o emprego com certeza, pra trabalhar no futebol. Não sendo só de técnico, mas como auxiliar ou com outro cargo que me fornecesse condições de sustentar a minha família e de fazer o que eu gosto. Mas hoje, infelizmente não tem isso, então hoje o futebol é o meu lazer e eu tenho o meu trabalho”* (RICARDO).

se tornar uma profissão. Este planejamento consiste principalmente em galgar espaço em equipes cada vez maiores e mais estruturadas dentro da própria Suburbana⁷⁹, não apenas como forma de qualificar os resultados, mas também no intuito de aumentar as redes de relacionamento que possam auxiliar na “abertura das portas” necessárias. Em alguns casos, também se manifesta a preocupação com a realização de cursos e aperfeiçoamentos que possam subsidiar ou mesmo legitimar o recebimento de alguma proposta, seja no futebol profissional ou em algum grande clube do próprio futebol amador⁸⁰.

Já entre os treinadores mais experientes, há uma certa distinção no tratamento com a matriz espetacularizada. Alex, por exemplo, afirma que a aspiração pelo profissional é algo remoto, uma vez que acredita não possuir mais idade suficiente, além de estar “*um pouco cansado*”. Por outro lado, Ênio ainda vislumbra essa possibilidade: “*eu ainda acredito que de repente, pra Deus tudo é possível né. Não tem idade, não tem nada*”. Porém, o treinador salienta saber que uma oportunidade provavelmente se apresentaria em clubes com condições bastante modestas: “*Claro que eu também sou consciente. Eu não sou nem um bobo aqui, nem um louco para falar que eu vou treinar o Corinthians, o São Paulo, o Santos, o Internacional, o Cruzeiro (...) Eu digo o seguinte, uma oportunidade em um clube de menor expressão, pra eu poder mostrar o meu trabalho*”.

De toda forma, independente da questão geracional, verificamos que o futebol profissional esteve, está ou ainda poderá surgir no horizonte daqueles que realizam a atividade de treinador no contexto da Suburbana. Trata-se de um dever, de um possível tornar-se que caminha com os treinadores no decorrer de suas jornadas no futebol amador curitibano, revelando muitas vezes uma espécie de idealização daquilo que não aconteceu. Entretanto, caso as oportunidades no futebol profissional não surjam e esse cenário não se modifique, nos parece muito tranquilo afirmar que os treinadores seguirão comandando as equipes de futebol amador enquanto tiverem oportunidade, pois como sintetiza Ricardo: “*Se um dia eu conquistar uma chance no profissional, de viver do futebol, vai ser a realização de um sonho. Mas caso isso*

⁷⁹ “*Eu penso que dentro do amador hoje, você tem que brigar pra ser o melhor treinador, oscilando, um ano você tá na frente, um ano em segundo, um ano tá em terceiro, mas não baixa disso, tem que estar entre os três treinadores top*”. (VICTOR).

⁸⁰ “*Eu ainda sou novo para ser técnico de futebol, tem pessoas aí já há vinte, trinta anos, e trabalhando no futebol e eu tô há poucos anos. Então eu ainda me vejo, mais para frente, focando um pouco mais no estudo, no aperfeiçoamento, pra conquistar uma vaga no futebol profissional. Daí sim, desenvolver, seguir o sonho né*” (RICARDO).

não aconteça, o futebol amador não perde nada... Seja em emoção ou em vontade que a gente deixa lá dentro também”.

9.7 CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Quando pensamos na relação entre a atividade de treinador da Suburbana e o emprego fora da competição, percebemos algumas diferenças entre os treinadores de profissão e os treinadores por opção. Para os treinadores de profissão, a participação na competição é analisada como uma complementação profissional, enquanto uma forma do treinador demonstrar o seu trabalho e com isso garantir um retorno de imagem, conhecimento ou contatos que possa auxiliá-lo em suas demais atividades dentro do futebol⁸¹. Além disso, da mesma forma como acontece com os treinadores amadores, alguns treinadores de profissão também observam a Suburbana como uma espécie de caminho que poderá ser seguido para chegar no futebol profissional.

Os treinadores por opção, por outro lado, não possuem atividades laborativas relacionadas diretamente ao futebol, não sendo possível atribuir a atividade de treinador uma complementação profissional propriamente dita. Entretanto, apesar de a conceberem principalmente enquanto um lazer (com responsabilidade), criam também um sentido de desenvolvimento pessoal, uma espécie de capacitação que pode ser utilizada em diferentes dimensões da vida, com especial ênfase na família e no emprego. Conforme pensa Victor, *“o futebol é uma escola, quem tiver ali dentro aprende a ser focado, aprende a correr atrás dos objetivos, aprende a ser mais determinado, porque o tempo todo tem cobranças, tem objetivos”*. Para ele, haveria um benefício de capacitação em participar de ambientes de prática futebolística como a Suburbana, pois *“sem que você vá percebendo”* o conhecimento, as habilidades e o aprendizado, vão sendo *“migrados”* para outros domínios da vida, auxiliando na resolução dos problemas do dia a dia.

⁸¹ Conforme é possível observar nas falas de Carlos: *“É um complemento da minha profissão. Eu dou aula de futebol, sou formador de atletas, formo atletas para o profissional, formo jogadores e é um complemento. Se eu não tivesse essa base toda como jogador e agora como treinador eu não seria treinador da Suburbana”*; Luiz Felipe *“Pra mim, significa a minha base, onde eu consegui entender como funciona o mundo do futebol em uma escala bem menor, óbvio (...). Então, o meu trabalho ali serviu, foi fundamental pra tudo”* e Luiz Antônio: *“eu acho que o trabalho que eu consegui desenvolver como treinador de futebol, abriu muitas portas pra mim, abriu portas pra eu poder abrir a minha escola, minha própria escola, abriu portas pra eu poder trabalhar como coordenador de futebol”*.

Nesse sentido, o treinador alerta que *“é muito diferente lidar com uma pessoa que não tem esse ciclo de vivência em uma comunidade aberta como é o futebol”* e prossegue apontando como o esporte influenciou o seu comportamento e sua vida

“O futebol, se ele não tivesse na minha vida, eu era um cara... frustrado. Eu seria um cara muito ruim de lidar. Porque o futebol, ele me deixa mais equilibrado. E as lições que eu tiro do futebol, fazer gestão dentro de um vestiário com vinte e cinco jogadores, só onze podendo jogar e você não perder nenhum deles.... Isso você traz pra fora, você aplica na tua família, como lidar com filhos, como lidar com esposa, parentes. Quando você vai pra dentro do trabalho, também, você aplica no teu trabalho, em como lidar com as pessoas... porque tem interesses diferentes, você fica mais flexível, você fica mais cascuado”.

Assim, verificamos um processo de instrumentalização da atividade de treinador, de forma a observá-la não como algo que possui um fim em si mesma, mas também como uma atividade que poderá ser utilizada como um meio para outros propósitos. Dessa forma, no desenvolvimento da função de treinador, materializa-se uma transferência de critérios próprios da esfera heterônoma (relacionada as atividades especializadas e funcionais), para a esfera autônoma (do tempo e espaço de realização da liberdade), manifestando-se assim um exemplo da “colonização do mundo-da-vida pela razão instrumental” na visão de Habermas ou a “instrumentalização das atividades gratuitas pela racionalidade econômica” conforme posicionamento de André Gorz (MIGUEL, 2006, p. 101).

Especificamente no que diz respeito as relações com o emprego, verificamos que tal instrumentalização se apresenta destacadamente vinculada ao desenvolvimento das habilidades de liderança, em consonância com o que observamos nos estudos sobre o processo de treinamento esportivo (COSTA; SAMULSKI; COSTA, 2010; TOZETTO, 2016; WANG; STRAUB, 2012). Acerca disso, Ricardo frisa que dentro do futebol amador ele responde a uma diretoria e a uma torcida, atuando como líder de aproximadamente 40 pessoas, incluindo jogadores e comissão técnica, as quais precisa instruir para que realizem exatamente o que está em sua cabeça.⁸²

Outra habilidade desenvolvida na Suburbana e que é *“levada para dentro da empresa”* está vinculada a capacidade de relacionamento e comunicação, dado que no futebol são constantes as trocas de informações, além da necessidade de “dar satisfação” para diferentes grupos de interesse. Nesse sentido, Ricardo prossegue apontando que para ele, quando se trata

⁸² “Eu sou líder de trinta jogadores, eu tenho uma comissão técnica, respondo a uma diretoria, a uma torcida, então são praticamente quarenta pessoas, as quais eu lidero e que tem que fazer exatamente o que está na minha cabeça” (RICARDO).

de comunicação e relacionamentos, os ambientes do futebol amador e da empresa não são muito distintos, haja vista que no futebol “*o cliente interno é a diretoria, e os clientes externos são a imprensa, a torcida, os adversários*” e que por conta disso, o treinador necessita “*trabalhar com todas as pessoas, clientes internos e externos*”. Assim, conforme frisa, a atuação na Suburbana facilitaria a execução das atividades nos demais contextos vivenciados pelos treinadores, gerando, inclusive “*um ganho gigantesco na empresa, pois você chega com uma experiência de liderança, você transcende, aprende a trabalhar com todos os distintos tipos de pessoas*”.

Dessa forma, consideramos que a atuação do treinador no futebol amador, pode ser também de interesse para as empresas, pois a Suburbana seria um ambiente de capacitação gratuita em que a única contrapartida por parte das organizações seriam as liberações das atividades realizadas nos horários dos treinamentos e das partidas. Sendo assim, o treinador por opção estaria, inclusive, agindo de acordo com o novo perfil profissional requisitados pelas empresas (ROHM; LOPES, 2015) em que a iniciativa pela capacitação e pelo aperfeiçoamento são responsabilidades do próprio trabalhador.

Por outro lado, é importante ressaltarmos que assim como visto no sentido do lazer, os treinadores muitas vezes são pressionados, sobretudo pela família, por dedicar-se de forma tão intensa na função exercida na Suburbana. Dessa forma, sugerimos que a instrumentalização desta função também atua como forma de justificar a participação na competição, em razão de que se a família e a empresa se beneficiarem, mesmo que de forma indireta, com o desenvolvimento das habilidades de relacionamento, comunicação e liderança, haverá maiores subsídios para que os treinadores possam legitimar o prosseguimento de suas atividades no futebol amador curitibano.

9.8 AMOR AO FUTEBOL

Embora também existam características permeadas por um cálculo utilitário de consequências, uma racionalidade instrumental, na ação dos treinadores de futebol da Suburbana, verificamos que a maioria dos sentidos diagnosticados estão relacionados a questões mais afetivas, em que o vínculo com as pessoas se mostra bastante evidente. Porém, há um sentido que extrapola a própria questão da racionalidade, estando mais sujeito a presença da emoção, tratando especificamente do amor pelo futebol. Todos os treinadores entrevistados, de profissão ou por opção, manifestaram em diferentes momentos o amor pelo futebol e sua

importância na trajetória de vida cada um, sendo, muitas vezes, este amor pelo esporte o motivo que mantém os treinadores, mesmo em condições adversas, envolvidos e atuantes na Suburbana.

Foi possível verificar que este sentimento começou a ser construído muito tempo antes do ingresso na Suburbana, em franca relação com a infância, com a família ou com os amigos. Como exemplo trazemos o caso de Ricardo, que possui um histórico familiar relacionado a prática profissionalizada, e que mesmo não seguindo a carreira de jogador, atribui ao “*amor pelo futebol*” a principal razão pela sua decisão em permanecer envolvido com o esporte⁸³. Para o treinador, a Suburbana se apresenta como uma oportunidade de manifestação deste sentimento, haja vista que “*o futebol de lazer acaba sendo uma válvula de escape para viver esse amor ao futebol*”, suprimindo uma possível falta que o futebol profissional ainda representa.

No que diz respeito a infância, momento em que os treinadores acabaram tendo as suas primeiras experiências com a modalidade, é possível verificar a grande influência da questão cultural, principalmente em um país como o Brasil onde o futebol é extremamente popular. De acordo com Adenor “*querendo ou não querendo, quando se é criança, praticamente todo mundo ganhou uma bola, todo mundo jogou futebol. Sendo bom ou ruim, gostando ou não gostando, alguém brincou com uma bola um dia*”. Essa relação de proximidade seguiu com os treinadores durante a juventude, época em que puderam jogar e estreitar os laços afetivos, culminando, como no caso do próprio Adenor, na vontade em permanecer no ambiente esportivo e por consequência, no ingresso no futebol amador. Para ele, é este mesmo amor pelo futebol que não lhe permite atualmente sair da Suburbana⁸⁴. Ainda em relação a infância e a juventude, existe também uma iniciativa de resgate histórico, em não deixar que as memórias do futebol amador curitibano, e, por conseguinte da Suburbana, acabem se extinguindo. Alex reconhece se tratar de uma questão relacionada mais ao caráter emocional da prática, em que há um intuito de manter o futebol amador ativo, a despeito de todas as dificuldades, diferenças e precariedades⁸⁵.

É também o sentimento pelo futebol, na visão de Victor, o responsável pela intensa dedicação, inclusive financeira, por parte de alguns treinadores da Suburbana, sobretudo na Série B da competição, local em que os laços afetivos desvinculados de contrapartida financeira

⁸³ Conforme lembra: “*Meu avô foi jogador de futebol, meu pai foi jogador de futebol, eu tentei, a minha carreira não foi feliz, mas eu decidi estar dentro do futebol. Então o amor pelo futebol é a primeira razão de tudo*” (RICARDO).

⁸⁴ “*Sei que muita gente joga a Suburbana e para, mas eu não consigo, eu amo o futebol e me motivo com isso*” (ADENOR).

⁸⁵ “*É mais emocional mesmo sabe, de manter o futebol amador...com todas as dificuldades, suas nuances, suas diferenças*” (ALEX).

são mais visíveis. Conforme relata “na *Série B* tem treinadores que acabam colocando dinheiro né, pagam lanche, pagam cerveja, ajudam na gasolina. Eles acabam se transformando em um diretor também. Porque eles pegam amor pelo clube e querem ajudá-lo, querem movimentá-lo. Isso é muito gratificante, é muito legal”. Dessa forma, reforçamos novamente que o investimento no futebol amador não estaria relacionado exclusivamente a uma questão de vaidade, na tentativa de ocupar um cargo de destaque dentro do futebol, mas também em decorrência do vínculo emocional com o clube, com os envolvidos e com o próprio esporte.

É importante destacarmos ainda que o amor pelo futebol pode ser manifestado em outros espaços e de outras maneiras, até mesmo dentro do futebol profissional. Todavia, a emoção destinada para a Suburbana parece estar menos condicionada a busca por um retorno do que na prática profissionalizada, haja vista que conforme menciona Ênio “*eu sinto que existe no amador mais honestidade do que no profissional (...) no futebol profissional eu não vejo assim tanto amor, eu acho que no amador existe amor, e no profissional... uma paixão repentina*”.

Desse modo, percebemos no contexto da atividade de treinador da Suburbana a presença não apenas da racionalidade, mas também da afetividade, o que nos faz corroborar com Nelson et. al (2013) quando propormos que os treinadores protagonistas deste estudo estão longe de serem indivíduos predominantemente racionais, desapaixonados e calculistas, conforme corriqueira representação realizada em muitos estudos acerca do treinamento esportivo. Aliás, existe uma grande quantidade de emoções que permeiam a realização da atividade de treinador no contexto da prática amadora analisada, englobando desde a apreensão e a preocupação, até a satisfação, a felicidade e o afeto. E assim, fazendo uso das reflexões de Victor, destacamos a complexa combinação de sentimentos, que juntos, sintetizam o amor concedido ao futebol: “*Essa comunidade do futebol, aquilo lá pra mim, é muito importante. É demais! Se eu não tiver isso na minha vida, não adianta trabalhar, não adianta cuidar de família, cuidar de um monte de outras coisas. Se não tiver isso aí, a minha vida não tá completa*”.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu do interesse em compreender as possibilidades de manifestação de uma atividade realizada para além da concepção do trabalho no sentido de emprego, em organizações empresariais tradicionais e com vistas a contrapartida financeira e material. Nesse sentido, vislumbramos no ambiente do futebol amador e na função exercida pelos treinadores um contexto propício para a exploração de tais relações, haja vista que partimos da premissa de que a atividade de treinador, quando realizada de forma desvinculada de retorno financeiro, apresentava a predominância da racionalidade substantiva em detrimento da instrumental ao mesmo tempo em que contemplava ainda a necessidade de comprometimento, responsabilidade e dispêndio de tempo para sua realização. Além disso, a percebíamos inicialmente enquanto uma atividade observada como de grande pressão, uma vez que os resultados negativos dentro de campo poderiam causar constrangimentos e adversidades aos treinadores, inclusive os impedindo de continuar exercendo a função.

Dessa forma, definimos como principal objetivo a compreensão dos sentidos atribuídos a atividade do treinador no campeonato de futebol amador de Curitiba, mais conhecido como a Suburbana. Procuramos observar também a compatibilidade com as demais dimensões da vida dos participantes, verificando possíveis tensões com a família e com a carreira profissional fora do futebol. Desse modo, cremos ter propiciado reflexões que puderam contribuir com as discussões acerca das diferentes manifestações do trabalho na contemporaneidade, sobretudo daquelas que extrapolam a concepção do emprego, além de colocarmos luz sobre uma configuração ainda muito pouco explorada que é o futebol do cotidiano, representado pelas pessoas comuns.

Todavia, ressaltamos que no decorrer de nossa pesquisa de campo, ao caracterizar a Suburbana, podemos confirmar algumas de nossas premissas (como a necessidade de comprometimento e responsabilidade por parte dos treinadores) ao mesmo tempo em que refutamos outras (possíveis dificuldades em conseguir informações acerca da existência de remuneração aos jogadores e treinadores), na medida em que compreendemos se tratar de uma competição em que o termo “amador” precisa ser constantemente tensionado. A forma de organização da competição, a partir de um controle burocrático realizado pela Federação Paranaense de Futebol, a organização dos clubes, a presença de contrapartida financeira, além de outras características, materializa um mimetismo entre o futebol da Suburbana e a matriz

espetacularizada que nos impossibilita afirmar que todas ou ainda que a maioria das atividades realizadas em seu entorno estão desvinculadas de uma instrumentalidade de lógica econômica.

No que diz respeito as relações mercantis, podemos desvelar a partir dos discursos dos nossos protagonistas que a presença de remuneração ocorre há muito tempo, contemplando o pagamento do “caixinha” ou da “ajuda de custo” não somente aos jogadores, mas também para alguns treinadores e demais membros de comissão técnica, principalmente nos clubes da Série A. Entretanto, de acordo com o debate realizado, verificamos que o uso do termo futebol amador não exclui totalmente a percepção de um retorno financeiro ou material, estando mais relacionado a inexistência de um vínculo empregatício entre jogadores/comissão técnica e os clubes participantes.

Apuramos ainda que, concomitantemente as relações semiprofissionais, a Suburbana se constitui enquanto um ambiente que também procura se distanciar em certos momentos do futebol profissionalizado e burocratizado, manifestando inúmeras características que remontam o futebol do cotidiano, atravessado pela aproximação de seus participantes, contribuindo para o convívio e para a amizade. A atual forma de organização de alguns clubes, que inclusive já estiveram fortemente baseados em questões geográficas e de cunho étnico que limitavam a participação e sentimento de pertença, permite um contato mais direto entre jogadores, comissão técnica, imprensa, torcedores e simpatizantes, estimulando o florescimento de vínculos que extrapolam questões geográficas, de origem ou mesmo sociais.

Já no tocante a trajetória dos treinadores protagonistas, podemos perceber que, diferentemente do que prevíamos inicialmente, o ingresso enquanto treinadores na Suburbana não ocorreu de forma previamente planejada, mas sim em virtude de diferentes coincidências promovidas principalmente pelas relações construídas na época em que os treinadores ainda atuavam como jogadores da própria competição ou em outros espaços de prática do futebol. Assim, percebemos que o exercício da atividade de treinador está, muitas vezes, mais relacionado à vontade em permanecer envolvido com o ambiente esportivo do que propriamente uma decisão consciente de realizar uma atividade alternativa ao trabalho-emprego. No entanto, chamamos atenção ao fato de que os protagonistas, mesmo com a possibilidade de continuar atuando enquanto jogadores das categorias de veteranos, optam pela atividade de treinador na Suburbana, escolha que pode estar relacionada tanto a importância da competição quanto a própria identificação com a atividade de treinador.

Em relação as condições de atuação dos treinadores na Suburbana, tão logo iniciamos a fase exploratória, foi possível confirmar a discrepância que, de modo geral, existe entre o

futebol de espetáculo e o futebol amador. Porém, nos chamou atenção o fato de existirem alguns clubes que possuem estrutura física e financeira compatíveis com clubes do futebol profissionalizado, criando inclusive grandes níveis de desigualdade dentro do próprio campeonato. Nos grandes clubes da Série A, por exemplo, temos a existência de diretores, patrocinadores, além da contratação de ex-jogadores profissionais, comissão técnica, inclusive com a realização contínua de pagamentos. Por outro lado, nos clubes mais modestos, as equipes sofrem com inúmeras dificuldades que vão desde a falta de iluminação nos estádios (o que impede a realização de treinamentos) até a impossibilidade de contar com um elenco completo para participação nos jogos.

Especificamente em relação as condições de remuneração, verificamos que nos clubes de melhor estrutura, sobretudo os considerados grandes da Série A, é comum a realização de uma contrapartida financeira que está geralmente atrelada a quantidade de jogos a serem realizados pelas equipes. Já no contexto dos clubes mais humildes, principalmente na Série B, a existência de um retorno monetário é mais rara, mesmo para atletas, sendo em alguns casos inexistente.

Nesse sentido, uma das principais conclusões relacionadas ao semiprofissionalismo da Suburbana curitibana diz respeito ao fato de que a exigência de remuneração por parte dos jogadores e treinadores está diretamente relacionada aos objetivos e decisões organizacionais de cada equipe. Ou seja, quando um clube é reconhecido por sua boa estrutura e por possuir como filosofia a realização de pagamentos, dificilmente os jogadores e os treinadores (mesmo os por opção) aceitarão exercer as suas atividades sem qualquer tipo de contraprestação financeira. Por outro lado, quando um clube mais modesto decide não contratar ex-jogadores profissionais e manifesta a impossibilidade em realizar qualquer tipo de pagamento, haverá maiores chances em atrair jogadores e treinadores que aceitem “trabalhar de graça”, principalmente caso possuam algum vínculo afetivo, ou a expectativa de criá-lo, com as pessoas do bairro ou do clube pelo qual pretendem atuar.

É importante ressaltarmos que indiferente ao recebimento de contrapartida financeira, a grande parte dos treinadores da Suburbana sofrem, em menor ou maior grau, com a precariedade das condições de trabalho do futebol amador quando comparado aos grandes clubes do futebol profissional. Entretanto, é digno de destaque que uma das principais dificuldades apontadas por nossos protagonistas no desenvolvimento de suas atividades não está relacionada a questão de infraestrutura, mas sim ao gerenciamento das pessoas. Constatamos que assim como futebol profissional, os treinadores da Suburbana necessitam

gerir uma ampla variedade de relacionamentos, porém, diferentemente da prática espetacularizada, os níveis de proximidade são muito maiores, contemplando o contato direto não apenas com os envolvidos na competição, mas também com outros grupos de interesse como os familiares dos jogadores, torcedores que residem próximo aos clubes e aos treinadores, dentre outros.

Dessa forma, a proximidade entre treinadores e demais envolvidos, potencializada pelas mídias sociais, ora é percebida enquanto uma virtude da Suburbana, estimulando o convívio e a amizade, ora é compreendida enquanto uma adversidade, haja vista que o treinador, especialmente se residir próximo ao clube, terá dificuldades em se desvincular do futebol, sofrendo com uma ininterrupta associação com a função de treinador.

É interessante frisarmos que esta espécie de paradoxo, relacionada a questão da proximidade estimulada pela Suburbana, não é a única que constatamos no contexto que caracteriza os clubes, a competição e a atividade do treinador. Na medida em que fomos identificando e analisando os sentidos atribuídos ao seu trabalho, constatamos que muitos deles se materializavam enquanto antíteses de outros já identificados ou ainda por identificar. Assim, ao adentrarmos propriamente neste processo de construção ou ainda de interpretação de sentidos, verificamos não ser possível atribuímos razões únicas que contemplassem todo o leque de motivos que levam os treinadores a realizarem esta atividade, tratando-se na verdade de uma dialética entre diferentes razões que culminam, contraditoriamente, em uma função em que há necessidade de ser “um amador profissional”.

Ser treinador na Suburbana é ser possuidor de uma rica possibilidade de lazer, mas que traz contraditoriamente consigo um fardo de comprometimento e responsabilidade. Ao mesmo tempo em que oportuniza a manifestação da amizade e do vínculo afetivo, possibilita o atendimento ao ego e a vaidade, sendo ambos sentidos potencializados pelo reconhecimento e pela identificação social. A capacitação e o desenvolvimento pessoal adquiridos pela atividade tanto podem servir a anseios gerencialistas e instrumentais como estímulo à criação e ao aperfeiçoamento de uma habilidade artesanal. E por fim, a presença na Suburbana pode ainda servir tanto como meio que possibilite a escolha por uma nova carreira profissional quanto oportunidade para a manifestação de todo o afeto direcionado as pessoas e as lembranças que se resumem na palavra futebol.

Isto posto, embora termos empreendido esforços em uma pesquisa que trata dos “sentidos do trabalho”, cremos que uma vez concluída esta etapa, nos parece oportuno realizar alguns apontamentos sobre a localização da atividade do treinador de futebol amador em

relação ao referencial proposto. Conforme verificamos no decorrer da construção dos sentidos, restou claro haver para os próprios protagonistas uma dificuldade em delimitar exatamente qual o espaço que ela ocupa na vida de cada um. Sendo assim, não temos a pretensão de enquadrá-la de forma estanque, o que por si só contradiria toda a proposta de construção dos sentidos, contudo, cremos ser possível realizar algumas reflexões sobre outras possibilidades de interpretação.

Ao pensarmos na função de treinador de futebol amador enquanto uma atividade realizada na esfera pública, mediante contato direto com as demais pessoas, em que há utilização contínua do discurso, somos remetidos às reflexões sobre as atividades que contemplam a condição humana para Hannah Arendt. De acordo com o que observamos, a ação é atividade exercida de forma exclusiva pelo homem na produção de uma realidade diferente do labor e do trabalho, manifestando a sua singularidade individual e se materializando em suas relações, ensinamentos e reflexões. É por meio da ação que os homens podem distinguir-se, manifestar-se uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto seres humanos. Tal manifestação prescinde de iniciativa da qual nenhum homem pode abster-se sem deixar de ser humano, não sendo imposta pela necessidade, como labor, nem regida pela utilidade como o trabalho. Ela nunca pode ser condicionada, mas sim estimulada, principalmente pela presença dos outros cuja companhia almejamos estar (ARENDR, 2007).

Dessa forma, a luz de Hannah Arendt, nos parece claro que a atividade de treinador se encontra bastante distante dos domínios do labor e menos distante da esfera do trabalho, tendo na condição humana da ação os seus principais rompantes de manifestação. Nesse sentido, acreditamos que os treinadores, na medida em que se articulam a partir do discurso, negociando com diferentes grupos, estruturando equipes, treinamentos, preleções e respostas a imprensa e aos torcedores, estão também se apresentando, criando fatos, eventos e dessa forma, suas próprias realidades enquanto treinadores. A iniciativa em ingressar no ambiente futebolístico e lá permanecer atuando, os distinguem e os identificam, mediante o exercício de uma atividade que revela de forma bastante ativa suas próprias identidades pessoais e suas singularidades em meio ao coletivo.

Do mesmo modo, quando pensamos a função do treinador de futebol amador a partir das categorias de André Gorz (2003) percebemos sua incompatibilidade com as atividades mercantis, haja vista não possuir o tempo enquanto critério de medida de produtividade, não criar necessariamente um valor de uso e, principalmente, por não ser realizada exclusivamente com um interesse na troca comercial. Sendo assim, não podemos considerá-la trabalho no

sentido econômico, assim como não podemos pensá-la enquanto uma atividade de “função, assistência e auxílio”, embora carregue consigo características de uma relação pedagógica.

Em contrapartida, admitimos haver uma maior aproximação com as atividades não mercantis, sem, no entanto, nos preocuparmos em localizá-la enquanto trabalho para si ou como atividade autônoma. Aliás, nem poderíamos, pois, a função de treinador não se caracteriza por uma autoprodução de resultado completamente volátil, tampouco é totalmente independente da lógica da racionalidade econômica desprovida de uma finalidade ou interesse.

De toda forma, do trabalho para si temos a possibilidade de prolongamento no trabalho para nós, quando o bairro exerce a concepção de esfera privada, além de não ser um processo passível de estocagem, necessitando de um novo recomeço a cada dia. E no que concerne as atividades autônomas, temos a presença de uma atividade realizada (também) com o intuito de ser fonte de alegria, mediante recompensas relacionadas não somente ao resultado, mas na realização do processo por inteiro.

Entretanto, apesar de nosso esforço reflexivo, cremos que mais importante que localizar (ou melhor, não localizar) a atividade de treinador de futebol amador, é ponderarmos como esta função se relaciona com as demais esferas da vida dos nossos protagonistas. Embora carregue consigo alguns sentidos instrumentais, verificamos que a função de treinador de futebol amador reflete muito mais que o interesse por um retorno econômico ou simbólico, tratando-se também de uma alternativa com a qual cada indivíduo pode deslocar, mesmo que momentaneamente, a centralidade do trabalho-emprego. Ainda que alguns treinadores sejam questionados pelo nível de envolvimento com a competição, verificamos o apreço em manifestar questões mais substantivas da vida como a amizade, o companheirismo, o sentimento de pertencimento e o compartilhamento de experiências, características quase sempre negligenciadas nas atividades de vínculo empregatício realizadas em organizações capitalistas tradicionais.

É a partir desses achados que ao pensarmos nos discursos dos treinadores por opção corroboramos em consonância com Gorz (2003, p. 103) que o dinheiro e o consumo têm apenas uma frágil relação com aquilo que faz as pessoas felizes como a autonomia, a autoestima, a família, a ausência de conflitos no trabalho e a amizade. “Dito de outro modo, a qualidade depende da intensidade das trocas afetivas e culturais, das relações fundadas na amizade, no amor, na fraternidade, na ajuda mútua, e não da intensidade das relações mercantis”.

Todavia, antes de concluirmos, resta-nos apontar também que para além dos quatro limites não excludentes de todas as pesquisas científicas: sujeito pesquisador; realidade

investigada; base teórica e metodológica; instrumentos utilizados (FARIA, 2004, p. 34-35 como citado em MENEGHETTI, 2009), o presente estudo possui como principais limitações:

- a) Apesar de abranger uma amostra considerável de treinadores no universo da Suburbana, o número reduzido de participantes pode ter limitado as possibilidades de manifestação dos sentidos.
- b) Embora tenha havido convites para acompanhamento dos treinadores nos vestiários e bancos de reserva durante os jogos, tal empreendimento não foi possível devido ao receio de que os demais treinadores criassem uma resistência ao vincular o pesquisador a algum clube em específico.
- c) Os sentidos relevados pelos treinadores estão diretamente relacionados ao momento vivido pela equipe na competição. Dessa forma, a realização das entrevistas em épocas distintas, mesmo que próximas, podem ter sofrido com a influência do resultado adquirido na última competição (entrevistas realizadas em 2016) e nos últimos jogos (entrevistas realizadas em 2017).
- d) Apesar da impossibilidade de neutralidade na pesquisa social, o receio em “romantizar” a Suburbana curitibana e a atividade do treinador podem ter influenciado as análises realizadas em distintas direções.

Por fim, cremos que ao encerrarmos esta pesquisa se faz necessário ressaltarmos que em tempos de ênfase do gerencialismo e da busca por reformas, em que predominam os discursos pelo crescimento ininterrupto e pela eficiência irrestrita, vemos com preocupação a redução nas possibilidades em nos dedicarmos às atividades que estejam para além do trabalho-emprego e com objetivos que superem a lógica da racionalidade econômica. Dessa forma, nos parece ser cada vez mais necessário repercutirmos sobre quais os tipos de trabalho queremos ter e reproduzir, quais as relações preferimos estimular e por fim, qual o futuro queremos construir. Isto posto, fazendo uso uma última vez das reflexões de André Gorz (2003, p.177) convidamos o leitor a realizar um exercício imaginativo, meditando sobre as possíveis transformações pelas quais as nossas sociedades passariam caso “a criatividade, a convivialidade, a beleza, o lúdico” vencessem “os valores da eficiência e da rentabilidade ligados ao trabalho”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. P. C. DE; TOLFO, S. DA R.; DELLAGNELO, E. H. L. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 2, p. 200–216, abr. 2012.

ANTUNES, R. **OS SENTIDOS DO TRABALHO Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2.ed. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, v. 25, n. 87, p. 335–351, 2004.

ARAUJO, M. T. et al. O significado do trabalho para os profissionais de um serviço substitutivo de saúde mental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, n. 3, p. 664–670, jun. 2013.

ARAÚJO, R. R. DE; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP, São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 53–66, 2007.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AZAMBUJA, L. R. **Os sentidos do trabalho autogerido: um estudo a partir dos trabalhadores de cooperativas de Economia Solidária**. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BARALDI, S.; CAR, M. R. O sentido do trabalho em um projeto de formação de profissionais de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 40, n. 4, p. 555–562, 2006.

BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. Significado Do Trabalho Um Estudo Entre Trabalhadores Inseridos Em Organizações Formais. **RAE- Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 6, p. 20–29, 1995.

BATISTA, P. M.; GRAÇA, A.; MATOS, Z. Termos e características associadas à competência . Estudo comparativo de profissionais do desporto que exercem a sua actividade profissional em diferentes contextos de prática desportiva. **Rev Port Cien Desp**, v. 8, n. 3, p. 377–395, 2008.

BENDASSOLLI, P. F. **Os ethos do trabalho. Sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. 2006. 257 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 2, p. 143–159, abr. 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32, n. 1, p. 131–147, 13 jan. 2014.

BENEVIDES, T. M. et al. Sentidos Do Trabalho Para Os Policiais Militares Do Estado Da Bahia : Uma Primeira. **Revista Gestão & Conexões**, v. 3, n. 2, p. 181–197, 2014.

BETIOL, M. I. S. “Os Sentidos Do Trabalho” em Duas Visões: Região Metropolitana de São Paulo e Região Parisiense. EnANPAD. **Anais...Salvador/BA**: 2006

BETTANIM, M. R. et al. Atividade de treinador de futebol no Brasil: ofício ou profissão? **R. bras. Ci. e Mov**, v. 25, n. 1, p. 212–219, 2017.

BETTI, M. **A Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BISPO, D. DE A.; DOURADO, D. C. P.; AMORIM, M. F. DA C. L. Possibilidades de dar sentido ao trabalho além do difundido pela lógica do Mainstream: um estudo com indivíduos que atuam no âmbito do movimento Hip Hop. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 67, p. 717–731, dez. 2013.

BITENCOURT, B. M. et al. Para além do tempo de emprego: o sentido do trabalho no processo de aposentadoria. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 30–57, 19 dez. 2011.

BOAS, A. A. V.; MORIN, E. M. Sentido do trabalho e fatores de qualidade de vida no trabalho: A percepção de professores brasileiros e canadenses. **Revista Alcance**, v. 23, n. 3, p. 272–292, 2016.

BORCHARDT, P. **Os sentidos do trabalho voluntário: Um estudo com membros de uma instituição luterana**. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

BORCHARDT, P.; BIANCO, M. DE F. Meanings of volunteer work: a study with members of a lutheran institution. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 5, p. 61–84, out. 2016.

BUENO, M. “A arte de escrever, com a palavra o Escritor”. **As vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho: Uma abordagem psicodinâmica**. 2012. 366 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

CALDAS, W. **O pontapé inicial: Memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMPOS, F. R. G. **Uma geografia do futebol amador: Espaços de representação do futebol amazonense a partir do “Peladão”**. 2009. 366 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CAMPOS, M. DE; SARAIVA, L. A. S. O trabalho, suas representações e sentidos: Da demissão à recontração de trabalhadores. **Revista Economia & Gestão**, v. 14, p. 31–56, 2014.

CAPRARO, A. M. **FOOTBALL, UMA PRÁTICA ELITISTA E CIVILIZADORA - investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

CAPRARO, A. M. et al. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. **Revista de Historia Regional**, v. 17, n. 2, p. 534–555, 2012.

CARVALHO, C. DE F. N. **Subjetividade, solidariedade e trabalho: A construção dos sentidos do trabalho no contexto da Economia Solidária**. 2011. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Humanidades, Universidade do Ceará, Fortaleza, 2011.

CARVALHO, D. S. DE. **Atividade artesanal e o processo de significação do trabalho**. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Univerisdade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

CAVAZOTTE, F. D. S. C. N.; LEMOS, A. H. D. C.; VIANA, M. D. D. A. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, p. 162–180, mar. 2012.

CODA, R.; FONSECA, G. F. Em busca do significado do trabalho: Relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestao de Negocios**, v. 6, n. 14, p. 7–18, 2004.

COSTA, F. L. P. **Os sentidos do trabalho: As representações sociais em uma rádio comunitária**. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

COSTA, I.; SAMULSKI, D. M.; COSTA, V. T. DA. a Liderança Dos Treinadores Da Primeira Divisão Do Futebol Brasileiro. **Revista Mackenzie de Educacao Fisica e Esporte**, v. 9, n. 2, p. 63–71, 2010.

COSTA, V. T. et al. Comparação dos níveis de estresse, recuperação e burnout em treinadores de futsal e futebol brasileiros através do RESTQ- COACH Comparison of stress, recovery and burnout levels in futsal and soccer Brazilian coaches through RESTQ-COACH. **Revista Motricidade**, v. 8, n. S2, p. 937–945, 2012.

COSTA, I. T. DA. **Análise do perfil de liderança de treinadores do campeonato brasileiro Série A/2005**. 2006. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COSTA, I. T. DA; SAMULSKI, D. M.; COSTA, V. T. DA. Perfil de liderança dos treinadores de futebol das categorias de base do futebol brasileiro. **Rev. bras. Educ. Fis. Esporte**, v. 23, n. 3, p. 185–194, 2009.

CÔTÉ, J.; SEDGWICK, W. A. Effective behaviors of expert rowing coaches : A qualitative investigation of Canadian athletes and coaches. **International Sports Journal**, v. 7, n. 1, p.

62–77, 2003.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 189, 1 dez. 2009.

CUSHION, C.; JONES, R. L. Power , Discourse , and Symbolic Violence in Professional Youth Soccer : The Case of Albion Football Club Power , Discourse , and Symbolic Violence in Professional Youth Soccer : The Case of Albion Football Club. **Sociology of sport journal**, v. 23, n. 2, p. 142–161, 2006.

DAL MAGRO, M. L. P. **Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em “Empreendimentos solidários”**. 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Fisologia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 2, n. 9, p. 129–156, 2003.

DAMO, A. S. **DO DOM À PROFISSÃO: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1995.

DIAS, A. F.; CRUZ, M. H. S. As Representações dos sentidos e significados atribuídos ao trabalho docente na perspectiva de gênero Alfrancio Ferreira Dias. **Ambivalências**, v. 1, n. 2, p. 104–128, 2013.

DOURADO, D. P. et al. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 2, p. 349–367, jun. 2009.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARIA, J. H. DE; MENEGHETTI, F. K. Imaginário e poder: A Dinâmica dos grupos ligados a uma organização de futebol. **Gestão.Org**, v. 4, n. 3, p. 20–37, 2006.

FONSECA, C. M. B. M.; SANTOS, M. L. DOS. Tecnologias da informação e cuidado hospitalar: reflexões sobre o sentido do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 3, p. 699–708, 2007.

FREITAS, G. DA S.; RIGO, L. C.; SILVA, M. R. S. DA. A nova “Era Dunga”: o treinador como um dispositivo. **Motriz**, v. 18, n. 1, p. 9–21, 2012.

GOMES, L. R. **Entre campos e cantos: para uma sociologia do futebol amador**. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GONÇALVES, A. M. A. **Futebol amador: Campo emergente de Sociabilidade**. 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Regional do Cariri, Universidade

Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

GONÇALVES, R. M. DE P.; JIMENEZ, S. V. Relações antagônicas entre sentido e significado do trabalho no capital: uma análise na perspectiva ontológica. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 685–694, 2013.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GORZ, A. **Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.

GORZ, A. **Misérias do Presente, Riqueza do Possível**. São Paulo: Annablume, 2004.

GOULD, D. et al. Factors Affecting Olympic Performance : Perceptions of Athletes and Coaches from More and Less Successful Teams. **The Sport Psychologist**, v. 13, p. 371–394, 1999.

HARVEY, D. **CONDIÇÃO PÓS-MODERNA. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 17^o ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. DOS. **Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional**. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. **Anais...**Atibaia: 2003

JONES, R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. Constructing Expert Knowledge: A Case Study of a Top-level Professional Soccer Coach. **Sport, Education and Society**, v. 8, n. 2, p. 213–229, 2003.

KALLEBERG, A. L. Precarious Work , Insecure Workers : Employment Relations in Transition Employment Relations in Transition. **American Sociological Review**, v. 74, n. February, p. 1–22, 2009.

KILIMNIK, Z. M. et al. O significado do trabalho: um estudo com professores de administração em uma universidade. **Revista Lugares de Educação**, v. 5, n. 11, p. 3–27, 2015.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. **Revista de Administração**, v. 47^o, n. 4, p. 540–554, 2012.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A.; MANTOVANI, D. M. N. Dimensões do significado do trabalho e suas relações. **Pretexto**, v. 14, n. 3, p. 28–49, 2013.

LANGER, A. Pelo Êxodo da Sociedade Salarial. A evolução do conceito de Trabalho em André Gorz. **Cadernos IHU (UNISINOS)**, v. 2, n. 5, p. 1–62, 2004.

LIMA, M. P. DE et al. O Sentido do Trabalho para Pessoas com Deficiência. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 2, p. 42–68, 2013.

LOURENÇO, C. D. DA S.; FERREIRA, P. A.; BRITO, M. J. O Significado do Trabalho para Uma Executiva: A Dicotomia Prazer e Sofrimento. **Revista Organizações em Contexto**, v. 9,

n. 17, p. 247–279, 30 jun. 2013.

LUZ, D. C. DA et al. Do amadorismo ao futebol-espetáculo: uma reflexão acerca dos clubes de futebol brasileiros. **The Journal Of The Latin American Sociocultural Studies Of Sport**, v. 5, n. 1, p. 34–45, 2015.

MARCHI JR, W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um modelo analítico. **The Journal of the Latin American Sociocultural Studies of Sport**, v. 5, n. 1, p. 46–67, 2015.

MARRA, A. V. et al. Significado do trabalho e envelhecimento. **Revista Administração em Diálogo**, v. 15, n. 2, p. 103–128, 2013.

MARTINS, M. G. **Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre: uma abordagem sócio-histórica (1993-2014)**. 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARTURELLI JR., M.; OLIVEIRA, A. L. DE. **Treinadores de futebol de alto nível: as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, Tecnologia e Civilização. **Anais...**Ponta Grossa: 2005

MATTAR, M. F.; MATTAR, F. N. **Gestão de Negócios Esportivos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MAURICIO, V. C.; SOUZA, N. V. D. DE O.; LISBOA, T. M. L. O Sentido Do Trabalho Para O Ser Estomizado. **Texto Contexto Enferm, Florianópolis**, v. 23, n. 3, p. 656–664, 2014.

MAZZILI, C. P.; PAIXÃO, R. DA. Análise Do Significado Do Trabalho Dos Juizes Em Mato Grosso Do. **REAd – Edição**, v. 25, n. 1, p. 1–23, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5 ed. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEIHY, J. C. S. B. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. 1. ed. São Paulo: CONTEXTO, 2011.

MENEGHETTI, F. K. **Imaginário e poder: A dinâmica dos grupos ligados a uma organização de futebol**. 2002. 346 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

MENEGHETTI, F. K. **Trabalho e Educação em Maurício Tragtenberg**. 2009. 141 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MIGUEL, L. F. Utopias do pós-socialismo: esboços e projetos de reorganização radical da sociedade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 61, jun. 2006.

MINAYO, M. C. DE S. O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

- MOISES, C. P. Especial Hannah Arendt. **Revista Cult**, p. 11–15, dez. 2015.
- MORIN, E. Os Sentidos Do Trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8–19, 2001.
- MOSTARO, F. F. R.; BRINATI, F. Â.; HELAL, R. G. De “selecionador” a “celebridade”, de “disciplinador” a “vilão”: reflexões sobre as representações do treinador em diferentes contextos. **Revista Eptic**, v. 18, n. 1, p. 69–83, 2016.
- MOSTARO, F. F. R.; HELAL, R. Preparação x Improviso: Reflexões sobre a Representação do Técnico e do Jogador Brasileiro na Imprensa Nacional. **Revista Latino-americana de Jornalismo2**, v. 4, n. 1, p. 224–240, 2017.
- MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 445–469, 2014.
- NASCIMENTO, R. P. et al. “Trabalhar é Manter-se Vivo”: Envelhecimento e Sentido do Trabalho para Docentes do Ensino Superior. **Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 8, n. 3, p. 37–54, 2013.
- NELSON, L. et al. Thinking , Feeling , Acting : The Case of a Semi-Professional Soccer Coach. **Sociology of Sport Journal**, v. 30, p. 467–486, 2013.
- NETO, A. L. DA C.; SACHUK, M. I. Múltiplas visões sobre as atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas por detentos na penitenciária estadual de Maringá. **Gestão & Regionakidade**, v. 27, n. 79, 2011.
- OLIVEIRA, A. DE P. ENTRE A VÁRZEA E O PROFISSIONAL : SOBRE UM CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR. **Espaço Plural**, v. 29, p. 114–139, 2013.
- ONO, M.; BINDER, M. P. **Os Sentidos do Trabalho: Estudo com Profissionais de TI que atuam por Projetos na grande São Paulo**. XXXIV Encontro da ANPAD. **Anais...São Paulo**: 2001
- ONUMA, F. M. S. **Sentidos subjetivos do trabalho em uma organização autogestionária de base falimentar**. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011.
- PALASSI, M. P.; SILVA, A. L. DA. A Dinâmica do Significado do Trabalho na Iminência de uma Privatização. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 38, p. 47, 14 abr. 2014.
- PATÚ, R. P. **“Comportamento do Estresse em Treinadores de Futebol Profissional”**. 2007. 68 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- PIMENTA, R. D. **Desvendando o Jogo : O futebol amador e a pelada na cidade e no sertão**. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- PINHO, N. **O treinador de excelência no futebol: elementos para uma cartografia**

multidimensional: um estudo centrado na perspectiva de jornalistas desportivos e treinadores de futebol. 2009. 78 f. Monografia (Graduação) - Curso superior da faculdade de Desporto. Universidade do Porto, Porto 2009.

PINTO, L. B. et al. Sentidos Do Trabalho - Um Estudo Exploratório Com Trabalhadores Do Polvilho Em Minas Gerais. **Pretexto**, v. 16, n. 4, p. 65–81, 2015.

POTRAC, P.; JONES, R.; ARMOUR, K. “It’s All About Getting Respect’: The Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. **Sport, Education and Society**, v. 7, n. 2, p. 183–202, 2002.

POTRAC, P.; JONES, R. L. Micropolitical Workings in Semi-Professional Football. **Sociology of Sport Journal**, v. 26, p. 557–577, 2009.

PRONI, M. W. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa.** 1998. 270 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

PRONI, M. W. A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, v. 3, n. 9, 2008.

PURDY, L. G.; POTRAC, P. Am I just not good enough? The creation, development and questioning of a high performance coaching identity. **Sport, Education and Society**, v. 21, n. 5, p. 778–795, 3 jul. 2014.

RIBEIRO, A. M. V. **O sentido do trabalho para trabalhadores de organizações não-governamentais.** 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2007.

RICHARDSON, R. J. **PESQUISA SOCIAL: Métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RODRIGUES, A. L.; BARRICHELLO, A.; MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: Um estudo multimétodos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 192–208, abr. 2016.

RODRIGUES, F. X. F. R. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002).** 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. DE F. C. CLIENTES OU TORCEDORES: A EMPRESARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL. **Alcance**, v. 13, n. 2, p. 167–184, 2006.

ROHM, R. H. D.; LOPES, N. F. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 2, p. 332–345, jun. 2015.

ROSSO, B. D.; DEKAS, K. H.; WRZESNIEWSKI, A. On the meaning of work: A theoretical integration and review. **Research in Organizational Behavior**, v. 30, n. C, p. 91–127, 2010.

SAMPIERI, R. .; CALLADO, C. .; LUCIO, M. D. P. . **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, F. J. L. DOS S.; SEQUEIRA, P. J. R. M.; RODRIGUES, J. DE J. F. A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, v. 18, n. 2, p. 262–272, 2012.

SANTOS, F.; LOPES, H.; RODRIGUES, J. Expectativa e Percepção do Treinador de Futebol Sobre o Comportamento dos Atletas. **Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto**, v. 1, n. 6, p. 46–53, 2015.

SANTOS, H. B. DOS. **O Sentido do Trabalho na Economia de Comunhão**. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2006.

SANTOS, J. C. B. DOS; HENNINGTON, É. A. Aqui ninguém domina ninguém: sentidos do trabalho e produção de saúde para trabalhadores de assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 8, p. 1595–1604, ago. 2013.

SENNETT, R. **O Artífice**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, A. et al. Sentido do Trabalho e Diversidade : um Estudo com Homossexuais Masculinos. **Revista ADM.MADE**, v. 17, n. 2, p. 85–105, 2013a.

SILVA, J. L. F. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependências com o futebol profissional**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, K. A. T. et al. Ser Prostituta: o Sentido do Trabalho Moralmente Inaceitável. **Gestão.org**, v. 11, n. 2, p. 215–246, 2013b.

SILVA, J. P. DA. O “adeus ao proletariado” de Gorz, vinte anos depois. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 48, p. 161–174, dez. 1999.

SILVA, M. P. DA; SIMÕES, J. M. O estudo do sentido do trabalho: contribuições e desafios para as organizações contemporâneas. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, v. 13, n. 3, 2015.

SILVA, R. N. B. DA. **Mídia esportiva e a profissão de treinador de futebol. Estudo de caso sobre o Mundial de Clubes da FIFA**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

SILVA, R. N. B. DA et al. Futebol e a construção da imagem de treinadores pela mídia: um estudo a partir das notícias de um site de grande visitação na web. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 3, p. 648–655, 2014.

SOUZA, J. U. **O jogo das tensões: Clubes de imigrantes italianos no processo de popularização do futebol em Curitiba (1914-1933)**. 2014. 260 f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOUZA, K. C. C. DE; BOEMER, M. R. O significado do trabalho em funerárias sob a

perspectiva do trabalhador. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 27–52, jul. 1998.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M. A Pesquisa como Prática Discursiva. In: **PRÁTICAS DISCURSIVAS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO COTIDIANO. Aproximações teóricas e metodológicas. Edição virtual**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TALAMONI, G. A. **A trajetória de treinadores de futebol campeões brasileiros: Análise das implicações da formação na atuação profissional**. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. DA S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 19, n. 1, p. 73–93, 2013.

TEIXEIRA, A. P. P. et al. O Sentido do Trabalho: Uma análise à Luz Das Gerações X e Y. **Diálogo**, v. 25, p. 25–37, 2014.

TETTE, R. P. G.; CARVALHO-FREITAS, M. N. DE; OLIVEIRA, M. S. DE. Relações entre significado do trabalho e percepção de suporte para pessoas com deficiência em organizações brasileiras. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 19, n. 3, p. 217–226, set. 2014.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. 2011 [s.n] Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

TOLFO, S. DA R. et al. Sentidos y significados del trabajo: un análisis con base en diferentes perspectivas teórico-epistemológicas en Psicología. **Universitas Psychologica**, v. 10, n. 1, p. 175–188, 2011.

TOLFO, S. DA R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. spe, p. 39–46, 2007.

TOZETTO, A. V. B. **Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol: perspectivas de aprendizagem ao longo da vida**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VIANA, E. A. DE S. **Sentido do trabalho: Discurso dos trabalhadores de uma organização do terceiro setor em Belo Horizonte**. 2009. 179 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Administração, Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2008.

VIANA, E. A. DE S.; MACHADO, M. N. DA M. Sentido do Trabalho no Discurso dos Trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 46–55, 2011.

WAGG, S. «Anjos de todos nós?» Os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de

celebridade. **Analise Social**, v. 41, n. 179, p. 347–369, 2006.

WANG, J.; STRAUB, W. F. An Investigation into the Coaching Approach of a Successful World Class Soccer Coach: Anson Dorrance. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 7, n. 3, p. 467–468, 2012.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DA ENTREVISTA – 1º ETAPA

1. Conte um pouco sobre a sua trajetória e as suas experiências como treinador de futebol amador.
2. Por que você está no futebol amador?
3. Quais dificuldades você enfrenta em suas atividades?
4. O que mais te atrai no futebol amador?
5. Compare o futebol amador com o profissional.
6. Como é a sua relação e a do clube com a comunidade?
7. O que o seu trabalho como treinador de futebol amador significa para você e para a sua vida?
8. Quais são seus objetivos? Como você se imagina no futebol?